

**UNIVERSIDADE FEDERAL DE SERGIPE  
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM HISTÓRIA  
MESTRADO EM HISTÓRIA**

**TAYLANA LIS DE ARAÚJO PEREIRA**

**A ASTROLOGIA EM PORTUGAL NO SÉCULO XVI: O Caso do  
Astrólogo Cristão-Novo Manuel Rodrigues no Tribunal do Santo Ofício da  
Inquisição**

**SÃO CRISTÓVÃO/SE**

**2021**

**TAYLANA LIS DE ARAÚJO PEREIRA**

**A ASTROLOGIA EM PORTUGAL NO SÉCULO XVI: O Caso do  
Astrólogo Cristão-Novo Manuel Rodrigues no Tribunal do Santo Ofício da  
Inquisição**

Dissertação apresentada à banca examinadora da  
Universidade de Federal de Sergipe, como requisito  
para obtenção do título de Mestre em História pelo  
Programa de Pós-Graduação em História

**Orientador:** Prof. Dr. Marcos Silva

**Linha de Pesquisa:** Cultura, Memória e Identidade

**SÃO CRISTÓVÃO/SE**

**2021**

**FICHA CATALOGRÁFICA ELABORADA PELA BIBLIOTECA CENTRAL  
UNIVERSIDADE FEDERAL DE SERGIPE**

P455a Pereira, Taylana Lis de Araújo  
A astrologia em Portugal n século XVI : o caso do astrólogo cristão-  
novo Manuel Rodrigues no Tribunal do Santo Ofício da Inquisição /  
Taylana Lis de Araújo Pereira ; orientador Marcos Silva. – São Cristóvão,  
SE, 2021.  
185 f.

Dissertação (mestrado em História) – Universidade Federal de  
Sergipe, 2021.

1. História. 2. Astrologia esotérica. 3. Cristãos-novos – Portugal. I.  
Silva, Marcos, orient. II. Título.

CDU 94(469)

**TAYLANA LIS DE ARAÚJO PEREIRA**

**A ASTROLOGIA EM PORTUGAL NO SÉCULO XVI: O Caso do  
Astrólogo Cristão-Novo Manuel Rodrigues no Tribunal do Santo Ofício da  
Inquisição**

Dissertação apresentada à banca examinadora da Universidade de Federal de Sergipe, como requisito para obtenção do título de Mestre em História.

Aprovada em: / /2021

**COMISSÃO JULGADORA**

Prof. Dr. Marcos Silva  
Orientador  
Universidade Federal de Sergipe

Prof. Dr. Antonio Lindvaldo Sousa  
Membro  
Universidade Federal de Sergipe

Prof. Dr. Nilton Melo Almeida  
Membro  
Universidade Nova de Lisboa

## **AGRADECIMENTOS**

Agradeço

à Universidade Federal de Sergipe, minha trajetória acadêmica desde a graduação em Licenciatura em História;

à CAPES, a bolsa de estudo;

a toda equipe do PROHIS, especialmente aos professores Thiago Lenine, Edna Maria Matos, Claudefranklin Monteiro e Carlos Malaquias, as ideias e os conhecimentos construídos em sala de aula, imprescindíveis para a produção desta dissertação;

a meu orientador, Marcos Silva, a presença estimulante em minha vida acadêmica e a crença na potencialidade do meu trabalho.

aos membros da banca de minha qualificação de mestrado (Antonio Lindvaldo Sousa e Nilton Melo Almeida), os conselhos e as dicas muito úteis na realização deste trabalho.

a meus colegas de classe, especialmente Johnatas Santos, a solicitude e a paciência nas conversas e nos tira dúvidas;

a minha mãe, Janeide, a minha irmã e a meu pai, o apoio incondicional e o encorajamento;

a meu namorado, o companheirismo incansável.

*Gosto de histórias. De contar histórias, de  
resgatar as falas de pessoas desconhecidas.*

Natalie Zemon Davis

*Olhem para as estrelas e aprendam com elas.*

Albert Einstein

## RESUMO

É crescente o número de estudos e trabalhos sobre a importância e a contribuição dos judeus sefarditas dos cristãos-novos, seus descendentes, na propagação de práticas místicas e esotéricas na Península Ibérica durante as Idades Média e Moderna (especialmente nos séculos XVI e XVII). Influenciados pelo segundo capítulo da tradição mística judaica, conhecido como *Kabbalah*, desenvolvida no século XII, na esteira das Cruzadas, muitos judeus se dedicaram à astrologia. Já os cristãos-novos, seus descendentes, deram continuidade a essas práticas místicas e esotéricas na Península Ibérica, alguns influenciados por seus antepassados, outros como resposta a sua difícil história e também como forma de resistência aos dogmas do catolicismo. O processo inquisitorial nº 7544 da Torre do Tombo, vinculado ao astrólogo e cristão-novo Manuel Rodrigues, reanima ainda mais essas hipóteses e afirmações a respeito do papel que os cristãos-novos desempenharam na expansão das práticas místicas e esotéricas, especialmente em Portugal. A partir de caso específico, este trabalho analisa a importância da astrologia em Portugal, no século XVI, assim como as razões das demandas populares em buscar consultas astrológicas com o réu. O recorte espaço-temporal cobre especificamente o território de Lisboa nos anos de 1583 e 1584. Acusado de praticar astrologia judiciária e de possuir livros proibidos pelo Concílio Tridentino, Manuel Rodrigues, foi preso quando a censura inquisitorial enrijecia suas regras e engrossava seus catálogos com obras consideradas heréticas e proibidas. Durante o quase um ano de seu processo, o réu conseguiu escandalizar os inquisidores com suas confissões sobre práticas e crenças astrológicas, e o teor herético das obras que estavam em sua posse, incluindo pinturas, consideradas “desonestas”, apreendidas em sua residência. Dessa forma, partindo da perspectiva do método indiciário e da micro-história, procurou-se detectar as particularidades e as vivências desse sujeito, cuja cosmovisão foi objeto de perseguição da Inquisição Portuguesa. Logo, o foco é partir da redução de escala e analisar a trajetória desse indivíduo, o significado e o sentido que ele atribuía à astrologia, seu cotidiano e suas estratégias utilizadas para minimizar o impacto das retaliações de uma instituição marcada pela intolerância e pelos estigmas sociais.

**Palavras-chave:** Cristãos-novos. Astrologia. Censura inquisitorial.

## ABSTRACT

There is a growing number of studies and works on the importance and contribution of sephardic Jews and new christians, their descendants, in the propagation of mystical and esoteric practices in the Iberian Peninsula during the Middle and Modern Ages (especially in the 16th and 17th centuries). Influenced by the second chapter of the jewish mystical tradition, known as Kabbalah, developed in the 12th century in the wake of the Crusades, many Jews devoted themselves to astrology. New christians, on the other hand, some influenced by their ancestors, while others in response to their difficult history and resistance to the dogmas of catholicism, continued these mystical and esoteric practices developed in the Iberian Peninsula. The inquisitorial process No. 7544 of Torre do Tombo, belonging to the astrologer and new christian Manuel Rodrigues, revives even more these hypotheses and affirmations about the role that new christians had in the expansion of mystical and esoteric practices, especially in Portugal. Based on a specific case, this work analyzes the importance of astrology in Portugal, in the 16th century, as well as the reasons of popular demands in seeking astrological consultations with the defendant. The space-time cut specifically covers the territory of Lisbon in the years 1583 and 1584. Accused of practicing judicial astrology and having books prohibited by the Tridentine Council, Manuel Rodrigues, was arrested when the inquisitorial censorship increasingly stiffened its rules and enlarged its catalogs with works considered heretical and forbidden. For almost a year of his lawsuit, the defendant got to scandalize the inquisitors with his confessions about his astrological practices and beliefs, and the heretical content of the works in his possession, including paintings, considered “dishonest”, that were seized at his residence. Starting from the perspective of the indiciary method and micro-history, this text tries to detect the particularities and experiences of this agent, whose worldview was the subject of persecution by the Portuguese Inquisition. Therefore, the focus here is to start from the reduction of scale and analyze the trajectory of this individual, the meaning and the sense that he attributed to astrology, his daily life and his strategies used to minimize the impact of the retaliations of an institution marked by intolerance and by social stigmas.

**Keywords:** New Christians. Astrology. Inquisitorial censorship.

## **LISTA DE SIGLAS E ABREVIATURAS**

ANTT - Arquivo Nacional da Torre do Tombo

NÃ - Não

Q - Que

/ROIZ - Rodrigues

TSO - Tribunal do Santo Ofício

XPÃO - Cristão

XPÃO NOVO - Cristão-novo

## SUMÁRIO

<b>1 INTRODUÇÃO</b> .....	12
<b>2 RENASCIMENTO E ASTROLOGIA NO SÉCULO XVI</b> .....	25
<b>2.1 Breves considerações sobre o Renascimento europeu</b> .....	25
<b>2.2 A astrologia na Península Ibérica e a astrologia judiciária</b> .....	29
2.2.1 Astrologia e medicina na tradição judaica medieval .....	32
2.2.2 A astrologia na mentalidade renascentista .....	35
<b>2.3 Judeus, cristãos-novos e a astrologia em Portugal no século XVI</b> .....	36
2.3.1 Importância dos judeus na expansão da astrologia em Portugal .....	39
<b>2.4 Inquisição Portuguesa no século XVI e a condição dos cristãos-novos</b> .....	46
<b>2.5 Censura Inquisitorial em Portugal no século XVI</b> .....	52
<b>3 O CASO ESPECIAL DO ASTRÓLOGO MANUEL RODRIGUES</b> .....	59
<b>3.1 O processo inquisitorial n.º 7544</b> .....	59
<b>3.2 Início das investigações contra o astrólogo Manuel Rodrigues</b> .....	62
<b>3.3 Cotidiano de Manuel Rodrigues</b> .....	74
<b>3.4 O pensamento dos inquisidores sobre astrologia judiciária</b> .....	86
<b>3.5 Rol de livros Manuel Rodrigues: análise e parecer</b> .....	88
<b>3.6 Parecer sobre o rol de livros: breves considerações</b> .....	91
<b>3.7 Segunda audiência</b> .....	94
3.7.1 Inquirição sobre livros proibidos .....	103
3.7.2 Mandado de prisão de Manuel Rodrigues.....	104
3.7.3 Pedido de Manuel Roiz: mesa para confissão das culpas.....	107
3.7.4 Cofrinho de Manuel Roiz:exame de achados.....	110
<b>3.8 Quarta audiência</b> .....	115
<b>3.9 Seus clientes testemunham</b> .....	117
<b>3.10 Penúltima e última audiências</b> .....	129
<b>3.11 Auto de fé de Manuel Rodrigues</b> .....	132
3.11.1 Acórdão do Santo Ofício de Lisboa.....	133
3.11.2 Abjuração de levi.....	134
3.11.3 Pormenores da sentença de Manuel Rodrigues .....	135
3.11.4 Segunda censura do frei dominicano .....	136
<b>3.12 Novas denúncias contra Manuel Rodrigues</b> .....	138
<b>4 A COSMOVISÃO DE MANUEL RODRIGUES</b> .....	143
<b>3.1 O pensamento mágico</b> .....	148
<b>CONSIDERAÇÕES FINAIS</b> .....	153

<b>REFERÊNCIAS</b> .....	157
<b>ANEXOS</b> .....	168

## 1 INTRODUÇÃO

“Alguns nascem com *mazal* e ventura outros com hérnia e quebradura”. “O *mazal* da feia, a formosa o deseja”. “Diós bendito aumente mi *mazal*”. Esses provérbios quinhentistas ligados ao termo *mazal* - palavra de origem hebraica que significa sorte, constelação ou destino - estavam presentes na Península Ibérica e elucidam muito bem a crença no poder das estrelas e na capacidade que elas tinham de intervir na vida terrena. “Olhar para o céu em busca de sinais que esclarecessem o que se passava na Terra foi algo partilhado entre os ibéricos dos séculos XIII, XIV e XV” (ALMEIDA, 2015, p. 9-168).

Voltando ao tema central da pesquisa, no dia primeiro de outubro de 1583 ocorreu a prisão do astrólogo e cristão-novo<sup>1</sup> Manuel Rodrigues, natural da Ilha da Madeira, acusado pelo Tribunal do Santo Ofício de Lisboa de praticar astrologia judiciária<sup>2</sup> e de possuir livros proibidos pelo Concílio Tridentino. A fonte inquisitorial, o principal suporte do nosso trabalho, mostra que cada vez mais os processos inquisitoriais ajudam o historiador a recuperar aspectos do cotidiano, leis e costumes que vigoravam em determinada época, bem como das relações estabelecidas entre os indivíduos. Os processos inquisitoriais não só permitem iluminar e reconstruir o cotidiano, a religiosidade e as crenças dos homens que viveram no século XVI, como também mostram as constantes e permanentes ameaças que as pessoas recebiam do Tribunal do Santo Ofício Português.

Quando se pensa no homem do século XVI, muitas vezes ele é percebido como indivíduo com poucas escolhas, vida parada e identidade pouco fluída em vez de pensá-lo como ser instável, com identidade fluída e heterogênea. A história de Manuel Rodrigues mostra homem urbano, morador da cidade portuária de Lisboa e portador de múltiplas vivências, fruto em grande parte das interações dos portugueses com outras culturas e outras civilizações.

O foco e central da pesquisa desta Dissertação é reconstruir parte da vida, da história e da trajetória do astrólogo e ex-mercador Manuel Rodrigues, abrangendo sua visão de mundo, as relações com os seus livros e seus clientes e suas vivências e experiências durante a permanência em Lisboa, onde foi encarcerado no Tribunal do Santo Ofício, depois de inquisidores tomarem conhecimento de suas práticas astrológicas e de seu gosto por livros

---

<sup>1</sup> Segundo Elias Lipiner, em sua obra *Terror e linguagem, um dicionário da santa inquisição*, o cristão-novo era um judeu batizado ou descendente deste, em oposição ao cristão-velho que era considerado cristão autêntico, genuíno e nativo.

<sup>2</sup> Astrologia divinatória, ou, como diziam os Árabes, a ‘ciência (ou arte) dos desígnios das estrelas’, ou ‘ciência dos desígnios’ (em latim *scientia iudiciorum stellarum, onde astrologia iudiciaria ou astronomia iudiciorum*). (GARIN, 1987, p. 19).

proibidos, considerados heréticos pela Inquisição, mas essenciais para aqueles que desejavam exercer o ofício de astrólogo na Europa no século XVI. No total ele possuía conjunto de 27 livros (com temas científicos e astrológicos) de valor inestimável, proibidos e perseguidos pela Inquisição. A prisão de Manuel Rodrigues não foi por acaso e leva a uma série de desdobramentos.

A história dinâmica desse indivíduo é exemplo paradigmático do papel notável que os cristãos-novos desempenharam não só no comércio, mas também nas práticas científicas e nos saberes ocultos presentes na sociedade portuguesa do século XVI. Seus livros sugerem personalidade interessante e o ofício de astrólogo também sugere homem de ciência, que conseguiu se destacar em sociedade marcada pela exclusão social, na qual os judeus e seus descendentes eram odiados e estigmatizados pela xenofobia e intransigência do Antigo Regime.

Ao que tudo indica, ele não era homem de grandes posses, mas era personagem culto e inteligente, e logo se percebe que essa inteligência oferecia oportunidades e compensava o preconceito social que ele supostamente sofria por ser cristão-novo, posto que esse grupo social estava sujeito aos estatutos de pureza de sangue. Além da astrologia, ele se interessava pelo estudo de: matemática, da astronomia, da magia natural, da cosmografia, da fisiognomia e da medicina, já que produzia boticas. Esforçado e interessado em aprender ciências, ele também era homem comunicativo e dedicado aos negócios, conseguindo se destacar na sociedade e ficar conhecido como o astrólogo. Como aponta Lea Olsan (2003), os médicos (mesmo com títulos profissionais ou credenciais acadêmicas) utilizavam remédios medicinais feitos de ervas, além de receitar encantos, orações, amuletos e feitiços caso seus remédios falhassem. Isso ocasionou que livros médicos fossem censurados pela Inquisição, como foi o caso dos livros do Dr. João Rodrigues, vulgarmente conhecido como Amato Lusitano, notável médico português de ascendência judaica, que viveu no século XVI.

A história da astrologia não é assunto muito debatido nos *campi* universitários, especialmente na graduação em História. É ainda tema muito pouco pesquisado, especialmente a história da astrologia em Portugal, apesar de essa prática ter exercido função importante e ter sido “parte integrante da cultura científica europeia no século XVI” (BOTELHO, 2001, p. 1). A circulação de obras, a elaboração de prognósticos, o trabalho dos astrólogos mostram muito bem o interesse e o revival pela astrologia na sociedade portuguesa do século XVI.

Entende-se astrologia como doutrina que estabelece a existência de relação entre os movimentos celestes e os acontecimentos na Terra. Essa prática envolve concepção animista

do universo, que compartilha a ideia de que o universo é vitalizado e de que os astros possuem essência divina e espírito astral, cujo movimento no céu é capaz de influenciar os acontecimentos na Terra<sup>3</sup>.

A astrologia judiciária praticada por Manuel Rodrigues, da qual se trata neste trabalho, era conjunto de práticas astrológicas presentes na Idade Média e no Renascimento.

A astrologia judiciária,

inversamente à astrologia natural, que tinha por objeto os fenômenos astronômicos comuns, dedicava-se à previsão dos sucessos históricos futuros, de acordo com a posições e movimentos dos corpos celestes, na suposição de que o curso dos astros tem influência no destino da humanidade, por tratar-se de categorias que estão em relação entre si (LIPINER, 1987, p. 49).

A astrologia judiciária era dividida em quatro categorias:

as *previsões gerais*, que se atinham às predições dos acontecimentos celestes (eclipses, conjunções de planetas, questões meteorológicas), e assumindo o lugar antes destinado à astronomia; as *natividades*, estudo das condições celestes na data do nascimento das pessoas, permitindo a elaboração de horóscopos dos quais derivam os genotípicos; as *eleições*, ou determinação dos dias e momentos favoráveis para certas decisões; e as *questões horárias*, assunto que despertava maiores controvérsias, que parece ter evoluído a partir da contribuição dos astrólogos árabes, e conferia ao astrólogo o poder de resolver qualquer questão, desde que conhecesse o momento astrológico exato em que a situação acontecera (HERMANN, 1998, p. 211-212).

Assentado principalmente na cultura árabe-judaica, o conhecimento e as práticas astrológicas de Manuel Rodrigues, que envolviam principalmente o sistema de interrogações (questões horárias), denotam que ele foi herdeiro de longa tradição e de processo cumulativo que ganhou força com a chegada dos muçulmanos à Península Ibérica, permitindo que árabes, cristãos e judeus, especialmente entre o século X e primeira metade do século XII, efetivassem trocas culturais, dando novos contornos e novos impulsos aos estudos dos astros na Península Ibérica. Os livros de Manuel Rodrigues demonstram que foi justamente nesse local que ele teve acesso a saber, consolidado e passado por gerações, que incluía não somente obras árabes, gregas e de influência judaica, mas também de autores de outros lugares da Europa, como por exemplo, o *Tratado da Esfera* de Sacrobosco. Muitas dessas obras foram debatidas, traduzidas, manuscritas e acabaram por ser impressas no século XVI.

---

<sup>3</sup> A astrologia é prática que existe há milênios, nas mais variadas formas e em diversas sociedades, tanto nas ocidentais como nas orientais. Essa prática pode ser definida como a arte divinatória, pois estabelece que existe relação entre os movimentos celestes e os acontecimentos na Terra, ‘possuindo um sistema de classificações que lhe permite atribuir determinados significados a cada um desses movimentos, além de um conjunto de técnicas que estabelecem os procedimentos adequados para interpretá-los’ (VILHENA, 1990, p. 15).

No final do século XV, a intolerância religiosa aumentou de maneira dramática nos países ibéricos e as conversões forçadas se alastraram por todo o território da Península. Para que não fossem massacrados nem expulsos da *Sefarad*<sup>4</sup>, um dos principais centros do mundo judaico, muitos judeus se converteram ao cristianismo. Com essas conversões, muitos *anusim*<sup>5</sup> passaram a rivalizar com os cristãos-velhos, assumindo novas posições e se transformando em seus concorrentes. Como bem se sabe, essas conversões não livravam os antigos judeus das desconfianças e intolerâncias, pelo contrário, em muitos aspectos elas foram reforçadas já que os conversos e seus descendentes passaram a ser vistos como falsos cristãos - acusados de se converterem ao cristianismo apenas para avançar em suas próprias ambições e assumir o controle do país (Scheindlin, 2003). Além do mais, muitos judeus optaram por manter um “judaísmo secreto”, habitualmente denominado criptojudaísmo, no qual os criptojudeus praticavam secretamente a religião dos seus antepassados, cujo *locus* privilegiado era o interior de seus lares.

Esse clima de desconfiança estimulou o estabelecimento de Tribunal da Inquisição, primeiro na Espanha (1478) e em seguida em Portugal (1536). Com a estigmatização da minoria judaica, a produção cultural e intelectual ligada a esse povo passou a ser monitorada e controlada cada vez mais pelos eclesiásticos, nisso incluídas obras que tratavam de astrologia.

Esses ares de desconfiança e animosidade serão um dos principais estímulos para que vários religiosos ibéricos preocupem-se em regrar certas práticas e certos saberes que estavam associados aos árabes e hebreus, como era o caso da astrologia. Desse modo, [...] ao tratarem da astrologia, os escritos desses homens de Igreja assumem um certo tom inquisitorial, determinando principalmente aquilo que, nesse saber, é lícito e o que é ilícito para a vida do cristão (ALMEIDA, 2015, p.14).

No século XVI, tanto em Portugal quanto na Espanha, a astrologia judiciária era tida como supersticiosa, sendo objeto de perseguições, controle e críticas por parte do Santo Ofício.

---

<sup>4</sup> Sefarad é o nome hebraico da Península Ibérica. O termo sefaradí, ou sefardita, ou sefaradita, se refere aos descendentes dos judeus originários da Península Ibérica. “Restavam poucas opções: deixar a Ibéria não foi tarefa fácil nem mesmo desejada por muitos, seja pelas dificuldades de deslocamento ou pelas raízes milenares e laços de vida que mantinham na região” (BISPO; SILVA, 2015, p. 12).

<sup>5</sup> Entre os judeus, esses recentes convertidos ao cristianismo, ou mesmo seus descendentes mais remotos, eram conhecidos pelo nome de *Anusim* — os "Forçados", que tinham adotado a religião dominante sob coação. A população geral, por outro lado, usou uma variedade de termos para descrevê-los. Eles eram chamados de conversos, termo que poderia ser aplicado apropriadamente apenas aos próprios convertidos. Mais estritamente, eles foram denominados cristãos-novos (*nuevos christianos*) para distingui-los da população em geral de ‘cristãos velhos’. Satiricamente, às vezes eles eram denominados de *Alboraycos*, de *al-Burak*, o maravilhoso corcel de Maomé, que não era nem cavalo nem mula, nem macho nem fêmea, muito parecido com as pessoas a quem o nome foi aplicado, que não eram nem judeus nem cristãos (ROTH, 2001, p. 27, tradução nossa).

O catálogo de livros proibidos no Reino de Portugal de 1581 proibia livros de magia, feitiçaria, adivinhação e tratados de astrologia judiciária. Tomando por referência o processo inquisitorial de Manuel Rodrigues, os inquisidores acreditavam que a astrologia deveria ser perseguida por atacar o livre alvedrio e que a astrologia judiciária provinha de pacto com o demônio, devendo seus praticantes ser punidos e castigados.

Nascido por volta de 1528, na Ilha da Madeira, Reino de Portugal, Manuel Rodrigues tinha ancestralidade judaica. Seus antepassados foram vítimas do edito de expulsão de 1496 e dos massacres das conversões forçadas que aconteceram em outubro de 1497, em que muitos judeus de Portugal foram convertidos ao cristianismo à força.

O sobrenome Roiz<sup>6</sup>, que aparece em sua assinatura no corpo do processo inquisitorial, é algo muito familiar nos debates historiográficos a respeito da trajetória, da identidade e das atividades persecutórias da Inquisição contra os cristãos-novos.

Em sua residência na Rua da Graça, em Lisboa, ao lado da calçada do Jogo da Péla, eram vistos homens e mulheres que habitualmente frequentavam sua residência para tratar de negócios, inclusive astrologia judiciária. Numa época em que os vizinhos espreitavam com olhos inquisidores o cotidiano do outro ao longo do dia, o movimento na casa de Manuel Rodrigues não passava despercebido.

Suas práticas, mesmo realizadas no recesso de seu lar, a portas fechadas, chegaram ao conhecimento do Tribunal do Santo Ofício de Lisboa, graças à rede complexa de delações e investigações que o Tribunal do Santo Ofício operava no cotidiano das pessoas no século XVI. Ousado, o astrólogo objeto de análise neste estudo optou por exercer seu ofício publicamente, mesmo sabendo da censura literária e do sistema repressivo da época. Praticar astrologia judiciária era mecanismo de resistência e transgressão contra estrutura hegemônica, que procurava controlar corpos, mentes e almas que se desviassem da ortodoxia católica.

Como destacaram Novinsky et al. (2015), a resistência e a oposição dos cristãos-novos se manifestaram em série de cenários que iam desde a insatisfação religiosa até a formação de redes clandestinas organizadas em diversos países da Europa, que procuravam prestar apoio e ajudar cristãos-novos.

---

<sup>6</sup> "Roiz", abreviatura de Rodrigues. Segundo Anita Novinsky (2012), muitos cristãos-novos adotaram sobrenomes usados pelos cristãos-velhos tanto para confundir como para fugir das pressões da Inquisição. Como bem pontua a autora, os arquivos da Inquisição são fundamentais para identificar os *anussim*. Dos 1.819 sobrenomes encontrados nos processos inquisitoriais, só no século XVIII, a autora constatou que os sobrenomes mais comuns dos detidos eram Rodrigues (citado 137 vezes), Nunes (120), Henriques (68), Mendes (66), Correia (51), Lopes (51), Costa, (49), Cardoso (48), Silva (47) e Fonseca (33). Esses sobrenomes são comuns e muito utilizados também pelos cristãos-velhos. Em 1497, como bem destaca Lina Gorenstein Ferreira da Silva(2001), durante a conversão forçada em Portugal, muitos judeus adultos que foram batizados à força tiveram que abandonar seus nomes judaicos para adotar nomes cristãos, acrescentando, assim, nomes dos cristãos-velhos que os haviam batizado, de conhecidos ou mesmo nome de famílias nobres.

Os tribunais inquisitórios foram, certamente, os maiores órgãos punitivos e repressivos da Igreja Católica. Por meio deles, ela operava e exercia seu controle e domínio sobre aqueles que se distanciassem de suas normas.

Diante das práticas astrológicas de Manuel Rodrigues, os inquisidores e o promotor solicitaram a João Vaz, cavaleiro e familiar<sup>7</sup> do Santo Ofício, que fosse à Rua da Graça, em Lisboa, prender Manuel Rodrigues e o entregar a Antônio Luís, alcaide dos cárceres do Tribunal do Santo Ofício.

Manuel Rodrigues, que doze anos antes havia sido chamado pelo Vigário Geral do arcebispado de Lisboa, João Lucena<sup>8</sup>, para ser examinado por suas artes astrológicas, acabou sendo chamado pelos inquisidores para prestar esclarecimentos a respeito dessas práticas.

Se João Lucena fora leniente relativamente às práticas astrológicas de Manuel Rodrigues, os inquisidores atuaram de forma bem mais radical. No século XVI, em Portugal, muitas matérias, até então pertencentes à tutela episcopal - como os tratados de superstições e os livros de artes mágicas - passaram a pertencer ao campo da censura inquisitorial.

Manuel Rodrigues enxergava a astrologia com outro olhar: o olhar de saber científico que mesclava temas mágicos, cálculos, conhecimentos esotéricos e empíricos. Assim, o sentido que ele dava e atribuía à astrologia se manifestava de outra forma. Muitos cientistas no século XVI acreditavam que, ao praticar astrologia, estavam fazendo ciência. Além do mais, o homem do Renascimento, em sua maioria, não via clara distinção entre astrologia e astronomia, pois não se exigia; e para ser astrólogo era necessário dominar a astronomia, elaborar cálculos e conhecer os segredos dos céus. Nesse momento histórico seria anacrônico considerar a astrologia pseudociência ou doutrina esotérica qualquer, em razão de constituir conhecimento levado a sério, principalmente por intelectuais e príncipes da época<sup>9</sup>.

<sup>7</sup> De acordo com o historiador Ronaldo Vainfas, no prefácio da obra de Daniela Buono Calainho, *Agentes da Fé/Famíliares da Inquisição Portuguesa no Brasil Colonial*, a Inquisição, assim como toda instituição repressiva, carecia de seu corpo de policiais. “Os familiares eram funcionários da Inquisição Portuguesa que acompanhavam os réus nas procissões dos condenados, infiltravam-se nos cárceres, atuavam como médicos nas prisões e, sobretudo, prendiam os suspeitos, sequestrando-lhes os bens. De acordo com o historiador não era fácil tornar-se agente da Inquisição. Era preciso ter ‘pureza de sangue’, fama de bons costumes e dinheiro para custear diligências minuciosíssimas”.

<sup>8</sup> ANTT. Processo 7544, [fl. 72]. Nessa página, os inquisidores perguntaram se o réu já havia sido examinado pelo Santo Ofício “per estas cousas ou por outras alguas contra nossa Santa fé cathólica ou se foi preso ou algum parente seu, disse que nao mas Q houvera perto de doze annos Q o vigario geral desta cidade Jº de lucena o mandou chamar e examinar sobre a arte de astrologia Judiciaria”. No processo inquisitorial também consta carta de João Lucena enviada ao TSO, confirmando que havia examinado Manuel Rodrigues.

<sup>9</sup> “É agora bem conhecido que a astrologia não era considerada pseudo ou ciência oculta durante a Renascença ou no início do período moderno, principalmente porque essa definição foi construída como diametral oposto de outra entidade (ciência moderna) que ainda não existia. Portanto, o uso desses termos para referir à astrologia durante o século XVII é claramente anacrônico. No entanto, também é erro presumir que, na época, não havia diferença alguma entre astrologia e astronomia. Ptolomeu, a maior autoridade na ciência das estrelas durante o período Antigo, distinguia claramente entre astrologia (*Quadripartitum*) e astronomia (*Almagesto*), embora

Suas viagens, os lugares em que esteve, suas antigas práticas comerciais, sua trajetória e seu contato com cultura erudita insinuam desconsiderá-lo como sujeito excepcional. Com investigação mais profunda e análise mais geral, percebe-se que suas leituras e seus métodos de atuação não eram estranhos ou incomuns – na verdade eram aspectos que já circulavam na sociedade lusitana - e que suas práticas astrológicas, sob influência da astrologia árabe, já estavam assentadas na cultura da Península Ibérica desde os tempos medievais.

Manuel Rodrigues não era sujeito incomum ou excepcional, já que a figura do astrólogo era presente nas sociedades europeias do século XVI, nem também era sujeito estatisticamente frequente, já que era minoria da população que se destacava no ofício de astrólogo, sobretudo em Portugal. Assim, ele se encaixa na designação de sujeito excepcional-normal<sup>10</sup>.

Apesar da importância que a imprensa teve na popularização da astrologia (principalmente com a divulgação de almanaques no século XVI), apenas pequena parcela da população dominava o ofício de astrólogo, uma vez que exigia conhecimentos mais elaborados e profundos, além de elevado nível de alfabetização, fato raro, uma vez que a maior parte da população era iletrada e, mesmo aqueles que sabiam ler e escrever, o faziam muitas vezes com dificuldade.

É também necessário considerar que a profissão de mercador exercida por Manuel Rodrigues pertencia ao grupo de profissões que apresentavam elevadíssimos índices de alfabetização, o que certamente contribuiu para sua especialidade no ofício de astrólogo. Além de mercador ele também participou de navegações, algo que possibilitou o contato com os marinheiros e com a navegação astronômica.

Conforme Thomas Keith (2003), em *Religion and the Decline of Magic: Studies in Popular Beliefs in Sixteenth*, durante a Idade Média a astrologia era mais limitada aos círculos da corte ou aos séquitos dos grandes, mas, com a invenção da imprensa, acabou se disseminando pelo povo e atingindo público significativamente mais vasto. Graças aos almanaques, por exemplo, essa difusão foi maior.

---

usasse o termo astrologia para se referir a ambas. O problema reside precisamente nesse fato: enquanto nós hoje em dia usamos uma terminologia estável para diferenciar a astrologia da astronomia, a diferença entre os termos latinos astronomia e astrologia (e suas variações vernáculas) era muito instável e muitas vezes eram intercambiáveis durante o início do período moderno. Qualquer um deles poderia ser usado para se referir a uma ciência geral das estrelas, que incluía os dois campos do conhecimento: o estudo do movimento dos corpos celestes e o estudo de sua influência na Terra. Isso significa que o uso do termo astrologia não implica necessariamente que estamos lidando com astrologia no sentido que a entendemos hoje. Da mesma forma, a astrologia poderia ser encontrada em textos que tratam da astronomia” (AVALOS, 2007, p. 24, tradução nossa).

<sup>10</sup> Termo cunhado por Edoardo Grendi. (CARDOZO, 2011).

Aos olhos dos seus conterrâneos, ele era homem que exercia trabalho importante e solucionava problemas que pareciam sem solução. Baseando-se nas estrelas, adivinhava objetos perdidos e furtados, além de descobrir a localização de animais e de pessoas desaparecidas, atendendo assim às necessidades concretas de sua comunidade por meio da astrologia. Ele também tirava nascimentos, prognosticava e observava aparições de cometas.

Por ser homem letrado, ele despertava suspeitas e desconfianças naqueles que enxergavam os admiradores das ciências como pessoas extravagantes e potencialmente inclinadas às práticas heréticas.

Para Thorndike (1905), a tendência de acreditar no maravilhoso era tão intensa que muitos homens cultos e letrados eram frequentemente retratados pela tradição subsequente e pelos mexericos da época como poderosos necromantes. E essa mentalidade também era compartilhada por homens instruídos.

O letrado não é apenas o suspeito de delírios e loucuras. Desconfia-se da sua familiaridade com os demônios da leitura, pela facilidade com que se fazem dissidentes, cismáticos, hereges enredados em fábulas, que tem o condão de irritar sempre os donos da verdade de todos os tempos. Por isso queimar livros, apreender edições, constituem até hoje, mesmo em países vaidosos de seus títulos democráticos, providência julgada altamente saudável (OMEGNA, 1969, p.77).

Por isso, muitos astrólogos, por terem a capacidade de prever o futuro por meio dos astros, eram rotulados como magos, hereges e poderosos necromantes com pactos demoníacos.

A documentação sobre Manuel Rodrigues lança luz sobre suposta biblioteca clandestina, cujo conhecimento completo, certamente, não chegou até nós nem ao TSO. Dos 27 livros aprendidos pelo TSO, a maioria era considerada herética e proibida pelo Concílio Tridentino. Conforme testemunhas que aparecem no corpo do processo inquisitorial, Manuel Rodrigues lia livros de astrologia, em seguida escrevia suas regras e anotações em papel. Provavelmente, esses livros de astrologia eram tabelas astronômicas que permitiam que ele olhasse o signo ascendente no momento em que os seus clientes faziam as perguntas e as posições dos planetas.

Essas informações sugerem que o inquirido era leitor mais livre, já que os impressos permitiam que os leitores pudessem escrever enquanto liam, diferentemente dos leitores de rolo da Antiguidade que necessitavam segurar os rolos com as duas mãos para que pudessem desenrolá-los, sendo necessário, caso quisessem escrever, fechar o rolo, tornando inviável a leitura (CHARTIER, 1998).

Há de se considerar, ainda, que a prática da leitura solitária permitia formar concepção de mundo e oferecia gama de interpretações etc. A leitura silenciosa marca mudança capital, pois ela

instaura uma relação com o escrito que pode ser mais livre, mais secreta, totalmente interior. Ela permite uma leitura rápida e ágil, que não é desencaminhada nem pelas complexidades da organização da página, nem pelas múltiplas relações estabelecidas entre o discurso e as glosas, as citações e os comentários, os textos e os índices (CAVALLO e CHARTIER, 1998, p. 28).

Os livros de Manuel Rodrigues eram impressos<sup>11</sup>, algo que sugere que, apesar da censura, do caráter opressivo e das constantes ameaças inquisitoriais contra aqueles que carregavam obras heréticas, a Inquisição não tinha total controle da circulação e da venda clandestina de livros e do gosto de seus leitores.

Lisboa, no final do século XVI, era um dos principais centros mercantis do mundo, a capital político-administrativa do reino, com grande porto e população bastante diversificada, de onde e para onde confluíam os mais diversos tipos de mercadorias. Navios carregados de produtos, inclusive livros, chegavam a Lisboa e dela partiam por seu porto comercial, no rio Tejo. Assim, a capital se tornava ponto estratégico para aqueles que mareavam e para aqueles que cruzavam o continente. Por suas ruas estreitas, irregulares e tortuosas transitavam pessoas das mais diversas nações e dos mais diversos estratos sociais. Nelas encontravam-se mendigos rotos, encarquilhados, e até fidalgos vestidos de seda, judeus estrangeiros, cristãos-novos, cristãos-velhos, flamengos, mouros, italianos, castelhanos, escravos árabes e africanos dos mais diversos grupos étnicos, ciganos etc. Algumas ruas transbordavam de entalhadores, boticários, joalheiros, donos de bazares e lojas de panos, ourives, cinzeladores, fabricantes de vasos, artistas da prata, de bronze e de ouro, bem como de banqueiros. Em Lisboa havia pessoas dos mais diversos tratos, mercadorias de todo tipo entravam e saíam. A cidade contava com mais de cem mil habitantes, devido, sobretudo, ao fluxo imigratório intenso. Algumas ruas, como a Rua Nova dos Mercadores, com os seus belos e admiráveis edifícios, abrigavam diversos inquilinos. (CARNEIRO, 2011; LOWE, 2017; MARTINS, 2010).

O movimento da Contrarreforma e a reação contra a impressão gráfica fez com que a Igreja passasse a monitorar a leitura, as ideias e os livros que circulavam nos países católicos. Estes últimos, por exemplo, eram vistos, no final do século XVI, como algo nocivo por suas ideias perigosas.

---

<sup>11</sup> Há que considerar também o tamanho e peso dos livros.

Como observou um inquisidor no final do século XVI: ‘A verdade é que nada dissemina e distribui melhor a [doutrina dos hereges] do que os livros, que, como mestres silenciosos, falam constantemente; eles ensinam todo o tempo e em todos os lugares [...] o adversário e inimigo típico da fé católica sempre confiou nesse meio eficiente e nocivo’ [...]. Em uma atmosfera assim, os livros eram tão condenáveis quanto as pessoas, e eram queimados em público nos autos de fé junto com os hereges. Em 1579, o inquisidor-geral de Portugal ordenou que fossem incinerados até que não restassem nem as cinzas (GREEN, 2011, p. 300-301).

Com aplicação do método indiciário, de análise qualitativa e particularizada, assentada na micro-história<sup>12</sup> proposta por Carlo Ginzburg, e tendo como referência material o processo inquisitorial disponível no *site* da Torre do Tombo - cuja fonte é inédita e rica em detalhes – buscou-se escavar universo mental de Manuel Rodrigues, sua bagagem cultural, sua cosmovisão e sua importância na propagação e conservação do saber ligado aos segredos do céu, por meio dos livros e das práticas investigadas pelo TSO. Objetiva-se resgatar figuras anônimas, que se destacaram por seu conhecimento e por suas histórias, mas quem devido à falta de notoriedade, não obtiveram registro nos documentos da História oficial.

O processo, apesar de não ser longo, é rico em detalhes e informações. É possível captar o pensamento, as leituras, as discussões, os sentimentos e as vivências de Manuel Rodrigues. Podem-se também vislumbrar os interesses das vozes distintas que vão aparecendo no desenrolar do processo. Com isso, o trabalho ajuda a comprovar, mais uma vez, que os arquivos de repressão, com suas espionagens e vigilâncias, ajudam pesquisadores a obter muitos dados e informações sobre os sujeitos que, de outra forma, não teriam chegado até os tempos atuais.

Para fins de análise, esta dissertação está dividida em três capítulos. No primeiro capítulo (*Renascimento e Astrologia no Século XVI*), faz-se macroanálise do século XVI, destacando principalmente Portugal. Nesse capítulo situa-se Manuel Rodrigues no contexto histórico, político e cultural; discutem-se aspectos fundamentais da astrologia do século XVI; examina-se a importância dos judeus e dos cristãos-novos na propagação da prática da astrologia em Portugal; e se abordam aspectos importantes da Inquisição Portuguesa e as transformações que estavam acontecendo em Portugal no século XVI, os contrastes, as

---

<sup>12</sup> A micro-história é um campo da Nova História Cultural, que, como suporte teórico e metodológico, dá relevância às vozes de grupos sociais que foram silenciados e que não dispõem de estruturas importantes de poder, valorizando assim as diversidades culturais e os fenômenos singulares. Ligada ao paradigma indiciário, ela recupera e analisa dados que foram muitas vezes negligenciados pelos historiadores, ou que jamais teriam tido importância no interior das macronarrativas. Esse gênero historiográfico permite também que se analise a cosmovisão dos desviantes, das minorias sociais e dos excluídos da sociedade e da comunicabilidade entre as culturas das classes dominantes e as culturas das classes subalternas. Ela permite reconstruir a experiência de vida dos indivíduos provenientes das camadas populares, fundamentando-se especialmente em fontes jurídicas.

instabilidades sociais, a implantação da Inquisição Portuguesa em 1536, as disputas étnico-religiosas, e o aumento das pressões internas e externas sobre a população de origem judaica (cristãos-novos), acusada de cultivar a antiga religião no segredo dos seus lares.

O segundo capítulo (*O Caso Especial do Astrólogo Manuel Rodrigues*) contém mais detalhes e informações a respeito da vida e trajetória do astrólogo, além de detalhes importantes do processo inquisitorial e a atuação do Tribunal do Santo Ofício de Lisboa no combate às práticas astrológicas. Nele se considera o “olhar” do inquisidor sobre a astrologia judiciária, por ele vista como prática herética e demoníaca; avaliam-se as estratégias utilizadas pelo personagem para minimizar as retaliações de uma instituição marcada pela intolerância e pelos estigmas sociais; e se propõe construir narrativa baseada nos autos e discursos do processo inquisitorial. Muitas passagens desse capítulo estão adaptadas ao português moderno, sem, contudo, abrir mão do português do século XVI em algumas passagens. Optou-se por manter nesse capítulo a grafia de algumas palavras como constam no processo inquisitorial: cousa (coisa), pera (para), estrologia (astrologia), polo (pelo) etc.

No terceiro capítulo (*A Cosmovisão de Manuel Rodrigues*), constrói-se a visão do astrólogo inquirido, tomando por base seus mais significativos livros, suas vivências e suas técnicas astrológicas.

A fonte inquisitorial utilizada neste trabalho é primária, disponível digitalizada no *site* da Torre do Tombo. Esse registro inquisitorial foi produzido pelo Tribunal do Santo Ofício de Lisboa, entre 25/08/1583 a 25/06/1584, escrito pelos notários Jorge Martins e João Campello, cuja função era registrar os interrogatórios dos inquisidores Diogo de Sousa e de Bartolomeu da Fonseca. O material possui 62 fls. (cada folha possui frente e verso, totalizando 124 folhas digitalizadas).

Em relação aos procedimentos metodológicos, trabalhou-se com fontes primárias e secundárias (pesquisas bibliográficas), haja vista que a história não se faz com mera enunciação de dados.

A abordagem se fundamenta na Nova História Cultural<sup>13</sup>, que enfatiza a importância do significado na ação social, valorizando as singularidades dos objetos, as apropriações individuais, e ajudando a compreender como um indivíduo ou uma comunidade processa e

---

<sup>13</sup> A categoria da Nova História Cultural entrou no léxico comum dos historiadores em 1989, quando Lynn Hunt publicou uma obra com esse título que reunia oito ensaios, no qual diferentes modelos de fazer história foram abordados. A nova história cultural trabalha com temas que envolvem inúmeras representações, discursos, práticas sociais, linguagens, propondo, assim, maneira inédita de compreender as relações entre as formas simbólicas e o mundo social. Ela envolve a proximidade dos historiadores com as novas disciplinas vizinhas, em que os historiadores passam a priorizar os significados simbólicos, as condutas individuais e os ritos coletivos em seus estudos. (CHARTIER, 2005).

interpreta, em função de sua própria cultura, as ideias, as crenças, os textos e os livros que circulam em sua sociedade (CHARTIER, 2009).

No curso da aplicação do método indiciário, deu-se ênfase aos mínimos e mais negligenciáveis detalhes e às particularidades e aos elementos pouco notados ou despercebidos do processo inquisitorial, permitindo chegar-se a conclusões mais abrangentes e à reconstrução de casos individuais.

O processo inquisitorial, apesar de ser pouco extenso, é complexo, por apresentar aspectos da circularidade cultural e por poder ser compreendido como mecanismo de trocas culturais que os diferentes estratos sociais estabelecem entre si (no caso da astrologia, muitas obras que foram produzidas nas cortes e nas universidades acabaram circulando entre os estratos sociais mais baixas a partir do século XVI). Encontram-se no processo inquisitorial elementos da circulação cultural que envolve o processo de propagação de elementos culturais de um lugar ou de uma região mais vasta a outra, assim como os processos das sedimentações culturais, em que os elementos antigos ou de outra cultura se manifestam de forma mais ou menos intensa, revelando, assim, o vigor de sua permanência. O trabalho com micro-história

tem sempre se centralizado na busca de uma descrição mais realista do comportamento humano, empregando um modelo de ação e conflito do comportamento do homem no mundo que reconhece sua – relativa – liberdade além, mas não fora, das limitações dos sistemas normativos prescritivos e opressivos. Assim, toda ação social é vista como o resultado de uma constante negociação, manipulação, escolhas e decisões do indivíduo, diante de uma realidade normativa que, embora difusa, não obstante oferece muitas possibilidades de interpretações e liberdades pessoais (BURKE, 1992, p 135).

Um dos problemas surgidos durante a pesquisa foi o de trabalhar com processos inquisitoriais para fins de análise da cultura popular. Sabe-se que muitos desses documentos só foram registrados porque as autoridades da Igreja e do Estado estavam tentando eliminar as crenças heterodoxas. “A maior parte do que sabemos sobre as rebeliões, heresias e feitiçarias da cultura popular moderna foi porque os rebeldes, hereges e bruxas foram levados a julgamentos e interrogados” (BURKE, 1989, p. 92). Assim, é possível haver distorções nos registros, visto que os inquisidores não estavam interessados em determinar o que significavam as rebeliões, heresias ou sátiras para os acusados.

Outro problema enfrentado é que muitas vezes as confissões dos processos inquisitoriais não eram espontâneas, habitualmente, “eram resultantes de uma situação em que um inquisidor, geralmente um frade, homem culto, está frente ao acusado, enquanto um escrivão anota o que está sendo dito” (BURKE, 1989, p. 100).

Ironicamente, a presença desses inquisidores, mesmo sendo infeliz e crucial para os acusados que eram trazidos até eles, permitiu que muitas crenças e práticas fossem registradas e anotadas, possibilitando novas compreensões a respeito da cultura popular moderna. “Abrir os processos inquisitoriais dos nossos personagens significa poder revelar a mentalidade do homem comum dos séculos XVI e XVII desvelando seus costumes, crenças e angústias” (PIERONI, 1998, p. 121). Os inquisidores não demonstraram interesse ao longo do processo em reconhecer o significado simbólico que as práticas astrológicas representavam para Manuel Rodrigues, nem demonstraram interesse em reconhecer os anos de estudo e dedicação que o réu precisou levar para que pudesse adquirir habilidades em práticas astrológicas, como também não procuraram saber o pecúlio gasto pelo réu na aquisição de livros para a sua formação de astrólogo. O único intuito dos inquisidores era descobrir se o réu tinha trato com o demônio, eliminar suas crenças e obrigá-lo a se reconciliar com a Santa Madre Igreja Católica.

O processo vinculado a Manuel Rodrigues mostra que o uso da astrologia para fins divinatórios já era proibido e perseguido pela Inquisição Portuguesa antes mesmo de ser proibida oficialmente pelo Papa Sisto V, através da Bula *Coeli et Terrae Creator*, publicada em 1586.

Este trabalho é importante para o conjunto de pesquisas desenvolvidas pelo GPDAS (Grupo de Pesquisa Diáspora Atlântica dos Sefarditas), que vem desenvolvendo importantes trabalhos no âmbito das relações dos cristãos-novos com as práticas científicas, econômicas, místicas e herméticas (astrologia, magia, quiromancia, cabala), inseridas no contexto social da cultura popular portuguesa moderna.

## 2 RENASCIMENTO E ASTROLOGIA NO SÉCULO XVI

### 2.1 Breves considerações sobre o Renascimento europeu

*Se eu tivesse a possibilidade de corrigir a periodização dos programas escolares, a vítima seria o século XVI. Minha convicção é que esse século não marca, como se crê, uma ruptura nem um despertar da modernidade.*

Jacques Le Goff

Neste primeiro capítulo, para facilitar a compreensão do segundo, faz-se abordagem geral sobre o século XVI, para situar Manuel Rodrigues em seu contexto histórico e revelar o emaranhado jogo social que banhava o cotidiano do personagem; mostra-se a conjuntura político-social da época e como os discursos eclesiásticos e reais encontraram ressonância no tecido social de Lisboa, revelando disputas sociais e tensões de poder; e se evidencia que a astrologia estava presente em outros lugares da Europa, além de Portugal, o que implica ter a Península Ibérica influenciado com suas produções astrológicas, mas ter também sofrido influência.

Sabe-se que o século XVI pertence ao período do Renascimento, situado entre meados do século XIV e final do século XVI, o que permite considerar Manoel Rodrigues homem do Renascimento.

Segundo Macías (2016), a Idade Média experimentou três tipos de Renascimento cultural: o chamado “Renascimento Carolíngio” dos séculos VIII e IX; o Renascimento do século XII e XIII, que se manifestou na Península Ibérica com o estudo dos astros, e o Renascimento do século XV. Este último se manifestou com maior intensidade nas cidades-estados italianas, de onde se propagou depois por toda a Europa, inclusive Portugal, através da imprensa e da circulação de obras artísticas. Todos esses renascimentos tiveram importância na produção de textos astrológicos.

Durante muito tempo a compreensão do Renascimento foi marcada pela *interpretação geral burckhardtiana*, baseada em *A Cultura do Renascimento na Itália (1867)*, em que a arte e a literatura ocupam lugar de destaque, constituindo-se em essência do Renascimento. Na análise de Burckhardt, o Renascimento representou ruptura com as estruturas medievais e nascimento de novo homem, que rompeu com os valores medievais.

É possível visualizar a influência *burckhardtiana* na interpretação desse período em vários estudos historiográficos e em muitos livros didáticos. Entretanto, vários historiadores se posicionaram contra essa imagem triunfalista do Renascimento diante da Idade Média. “Essa descrição de uma Renascença que tudo fez foi colocada à prova, principalmente, na

primeira metade do século XX nas várias formas de escritas da história” (PEREIRA, 2013, p. 10).

Burckhardt considera a astrologia antiga superstição qualquer que acompanhou o homem do Renascimento e que a Antiguidade foi o fator responsável por essa influência perigosa. Ele também encara a astrologia como superstição, aspecto triste na vida daquela época, pois as pessoas dominadas por paixões se deixavam levar por essa arte. Mas, apesar da crítica, ele revela dados importantes sobre a astrologia.

Não só os príncipes, mas cidades livres tinham seus astrólogos regulares, e as universidades, a partir do século XIV até o século XVI, nomearam professores dessa pseudociência, que lecionavam lado a lado com os astrônomos. Os papas comumente não faziam segredo de suas consultas estelares, embora Pio II, que também desprezava a magia, os augúrios e a interpretação de sonhos, seja uma honrosa exceção. Até mesmo Leão X parece ter pensado que a florescente situação da astrologia era um crédito para seu pontificado, e Paulo III jamais reuniu um consistório sem que os astrólogos lhe fixassem a hora (BURCKHARDT, 1991, p. 313-314).

Um dos críticos do pensamento geral burckhardtiano foi Lucien Febvre. Sua obra *O Problema da Incredulidade no Século XVI (A Religião de Rabelais)* é importante para compreender o século XVI. Além de cofundador da Escola dos Annales e crítico da história *évènementielle* (factual), foi especialista do século XVI, e, como aponta Henri Berr no prefácio dessa obra, é justamente nesse século que ele “alcança o seu voo de historiador e ninguém conhece melhor a história do século XVI do que Lucien Febvre, já que esse foi seu ponto de partida e continuou a ser o domínio de sua predileção”.

Febvre retrata os problemas dos anacronismos quando se utilizam palavras como ateísmo ou fé racional relativamente ao século XVI<sup>14</sup>. Centra então sua investigação em Rabelais, para tentar compreender e captar o universo mental daqueles homens do século XVI: sua maneira de sentir, de pensar, de falar etc. Apesar da impossibilidade de identificar as coordenadas mentais<sup>15</sup> de toda uma era com base de investigação a vida de um indivíduo, a obra foi importante por ter trazido novas dimensões a respeito do século XVI. E, como ele deixa claro, sua obra não era é homenagem a Rabelais, mas sim aprofundado estudo sobre a inexistência da incredulidade no XVI.

---

<sup>14</sup> Febvre faz crítica a Abel Lefranc por ele taxar aos textos de François Rabelais (1483-1553) como adeptos da “fé racionalista”. Como aponta Lucien Febvre nenhum historiador está imune ao perigo de cometer o temido anacronismo, tanto que muitos estudiosos fazem representações do passado tomando como base os objetos, costumes e valores de sua própria época. A Renascença não esteve imune a essas fabricações e representações. Com isso, pode-se notar que a ideia de uma Renascença ligada ao progresso nada mais foi do que uma introjeção dos valores do século XIX nesse período histórico. Contudo, é preciso evitar ao máximo o temido anacronismo.

<sup>15</sup> Como salienta Carlo Ginzburg em “O queijo e os vermes”.

Em primeiro lugar, Rabelais deixou em seus escritos páginas inteiras consagradas aos problemas que mais dividem seus contemporâneos. Problemas da alma e de sua imortalidade, da ressurreição e da outra vida. Problemas do milagre, da onipotência do Criador, das resistências da ordem natural às livres vontades da divindade (FEBRVE, 2009, p.45).

Nessa obra, Febvre também relata debates pontuais sobre a astrologia, em que mostra o quanto as pessoas do século XVI compartilhavam as crenças astrológicas, apesar de Rabelais ser crítico da astrologia e rejeitar os fazedores de horóscopos e profecias, tomando como base as sagradas escrituras.

E, assim, não tentar surpreender ‘o decreto invariável de Deus todo-poderoso que tudo criou e dispôs segundo seu sagrado arbítrio’: eis o fundamento religioso da célebre prescrição de Gargântua a Pantagruel: ‘Da astronomia, conhece todos os cânones; deixa a astrologia divinatória e a arte de Lullius como abuso e vaidade’; eis igualmente, para citar um texto pessoal, o da incredulidade professada pelo próprio Rabelais quando envia de Roma, em 30 de dezembro de 1536, ao bispo de Maillezais um livro de Prognósticos intitulado *De eversione Europae*: ‘De minha parte’, declara ele, ‘não dou crédito algum a isso’ (p. 224).

E, ainda segundo Febvre (2009), havia debates no século XVI em torno da astrologia judiciária e de outras questões ocultistas.

Havia, por volta de 1530, certo número de questões cuja solução interessava apaixonadamente aos contemporâneos. Não se dissertava sobre elas apenas nas escolas, ao pé das cátedras dos doutores célebres. No final da prédica ou nas livres conversas depois de beber, os bons burgueses as discutiam de bom grado (p.239).

“Lucien Febvre, pai da história das sensibilidades e das mentalidades, mostrou que, no século XVI, nada parecia impossível aos homens, fadados a acreditarem: a descrença não fazia parte do universo mental do homem de então” (SOUZA, 1995, p. 7).

Historiador que também oferece novas dimensões aos estudos renascentistas é Garin<sup>16</sup>, *O Homem Renascentista* (1991). No capítulo V, *O filósofo e o mago*, o autor pontua que durante o Renascimento as sociedades começaram a passar por uma série de crises e transformações que permitiram novo olhar sobre o mundo, novos questionamentos e o surgimento de novas profissões e valorização maior da vida ativa. Para o autor o movimento renascentista não representou a era da racionalização, como era pensado. Durante o período renascentista as pessoas não só continuaram devotadas a suas crenças religiosas (algo que é muito bem exemplificado nas pinturas), como também passaram a valorizar cada vez mais a

<sup>16</sup> Em sua obra são enfocadas vivências políticas, religiosas, socioeconômicas e culturais do homem do Renascimento. Em parceria com outros historiadores, os nove capítulos dessa obra retratam as principais figuras que uma literatura consagrada fixou como típicas do Renascimento: o príncipe, o *condottiere*, o cardeal, o cortesão, o filósofo e o mago, o mercador e o banqueiro, o artista, a mulher renascentista, viajantes e indígenas.

filosofia oculta e os estudos místicos, desconstruindo, desse modo, o ideal de racionalidade. O autor também destaca que no campo dessas novas ideias ocorreu busca maior pelos filósofos antigos, como Platão e Plotino, mas também o interesse pela astrologia e pelos estudos cabalísticos fazia parte da ciência renascentista. O filósofo<sup>17</sup> do Renascimento valorizava os filósofos antigos, mas também era rebelde, avesso a qualquer pretensão hegemônica, podia ser investigador inquieto ou experimentador de todos os domínios da realidade. “Pode parecer estranho fazer do filósofo – mas trata-se de um filósofo que se veste de mago e de astrólogo, e talvez de homem de ciência – um tipo humano característico do Renascimento, ou melhor, renascido precisamente no Renascimento” (GARIN, 1991, p. 123). Fica evidente que a astrologia era conhecimento valorizado pelos filósofos do Renascimento.

Bignotto (2006, p. 250) esclarece que, na época de Giordano Bruno (1548-1600), coincidente com o tempo de Manuel Rodrigues, “o interesse por magia, pela astrologia, por alquimia, e muitos saberes desse tipo, eram comum na renascença e fazia parte da vida de muitas cortes, assim como do campo de interesses de muitos intelectuais”. O período foi marcado também “por uma mistura de filosofias, nem sempre concordantes, com saberes supostamente oriundos de velhas tradições e descobertas científicas que ganhavam corpo envoltas em linguagem muitas vezes confusa e incompreensível” (p. 251).

Nessa época, os conhecimentos se encontravam entrelaçados, e no pensamento renascentista não havia delimitação clara e específica entre ciência e superstição, já que essas duas categorias se entrelaçavam.

Os homens do Renascimento nem sempre foram capazes de distinguir entre ciência e superstição. Em seus escritos, a magia douta que se alimentava com as recordações da doutrina neoplatônica estava unida às descobertas das ciências naturais em uma mescla de Cabala Judaica, superstições orientais, vestígios de paganismo, pendaterias escolares, segredos alquímicos, etc. A interpretação simbólica da natureza – essa espécie de panteísmo naturalista – os movia a esquadrihar a matéria dos mistérios ocultos e atribuições e confundir astrologia e astronomia, alquimia e química, distinção que só a partir do século XVIII os científicos serão capazes de estabelecer (PÉREZ, 2010, p. 9-10, tradução nossa).

Perez (2010) também notou que no Renascimento os textos básicos ligados ao ocultismo (com suas práticas da magia e da alquimia) seguem as mesmas regras da Idade

---

<sup>17</sup> Pico della Mirandola, assim como Ficino, interessou-se pelo Hermetismo, acrescentando o misticismo da cabala hebraica em suas obras. Outro filósofo de destaque foi Heinrich Cornelius Agrippa von Nottesheim, médico e mago que costumava se encontrar com eruditos e organizar sociedades mais ou menos secretas. Exerceram sobre ele grande influência a magia de Pico, o hermetismo de Ficino e a cabala de Reuchlin. Sua principal obra foi o *De occulta philosophia*, que aborda elementos de magia (Garin, 1991).

Média, tentando dar ao homem conhecimento que lhe permite intervir na ordem da natureza. Ele cita o caso de

Pomponazzi (1462-1526), uma das grandes figuras do aristotelismo de Pádua, não hesitou em aduzir a autoridade de Santo Tomás quando, em seu livro *De incantationibus*, explicava que o poder da palavra nos encantamentos ou nos talismãs vinha da força da imaginação, levada pelos espíritos; o demônio não tinha nada a ver com o assunto, são causas naturais as que produzem efeitos também naturais. [...]. Antes, Marsilio Ficino (1433-1499), mestre do neoplatonismo, já havia desenvolvido uma teoria racional da magia fundada nos poderes dos espíritos, ou seja, dos espíritos planetários; Ademais, Ficino defendia o paganismo antigo tratando de explicar que não consistia em uma espécie de idolatria, mas que era uma forma de magia natural, fundada no conhecimento das forças ocultas (*ibid.*, p. 9).

A astrologia do Renascimento utilizava de muitos autores árabes medievais em seus textos básicos, como bem atestam os livros de Manuel Rodrigues, que citavam e sorviam de fontes arábicas: Omar, Zael Ismaelita, Messahalalah e Alcabitius.

## 2.2 A astrologia na Península Ibérica e a astrologia judiciária

A astrologia é prática milenar presente nas mais diversas culturas e civilizações antigas, sem que se saiba exatamente onde ela surgiu, já que são antigas a observação dos céus na elaboração de presságios e a crença no poder dos astros em influenciar a vida terrena.

Contudo, a astrologia como corpo sistemático de conhecimento (produto da associação de ideias gregas e crenças das antigas civilizações mesopotâmicas) surgiu no Egito, durante o período helenístico, e foi posteriormente incorporada por três civilizações do mundo medieval: Bizâncio, Islã e o oeste latino (CAREY, 2010; VILHENA, 1990).

Mais do que método de adivinhação, a astrologia, durante a Idade Média e no Renascimento, reivindicava estudar e divulgar a lei universal da natureza com base nas estrelas.

Resumidamente, é que, durante o longo período de desenvolvimento científico antes de Sir Isaac Newton promulgar a lei universal da gravitação, geralmente havia sido reconhecida e aceita outra e diferente lei natural universal, que ele suprimiu. E essa lei natural universal era astrológica<sup>18</sup>. (THORNDIKE, 1955, p. 273, tradução nossa).

<sup>18</sup>THORNDIKE, Lynn. The True Place of Astrology in the History of Science, p. 273-278. Disponível em <<https://www.jstor.org/stable/226346?seq=1>>. Acesso em 1º de mar. de 2021.

Apesar do fortalecimento da astrologia nas mãos dos gregos através das influências filosóficas da época, encontradas, por exemplo, nos textos clássicos de Manilius e Ptolomeu<sup>19</sup>, foi justamente no século XII, sob influência dos árabes, que a astrologia ganhou posição de destaque no seio da vida intelectual da Europa.

Ao contrário da astrologia ptolomaica, matematizada, a astrologia árabe trabalhava mais com questões psíquicas.

Escreve Ibn Khaldun: ‘Ptolomeu falou apenas de nascimentos e conjunções, influenciados, segundo ele, pelos astros e pelas posições das esferas no mundo dos elementos. Os astrólogos posteriores, pelo contrário, falaram das ‘interrogações’ (*interrogationes*) que dizem respeito à descoberta do inconsciente: os movimentos do inconsciente deveriam atribuir-se às funções astrais e às regras que os governam [...]’. Como se viu, e o sublinhava Ibn Khaldun, todo este emaranhado psicológico era estranho ao matematismo da astrologia divinatória de Ptolomeu (GARIN, 1987, p. 54;57).

Wedel (1920, p. 53-54, tradução nossa) também faz considerações a respeito de dois sistemas importantes (o de interrogações e o de eleições), preteridos por Ptolomeu, mas muito utilizados pelos árabes em seus tratados científicos.

O *Tetrabiblos* de Ptolomeu tinha-se confinado quase exclusivamente à astrologia judicial - a predição do futuro de acordo com a configuração das estrelas no nascimento. [...]. O sistema de interrogações como o próprio nome implica, consistia em uma série de regras por meio das quais o astrólogo respondia a perguntas sobre a descoberta de um ladrão, um tesouro perdido, a confiabilidade de um amigo ou a fortuna de uma futura noiva. O sistema de eleições, por outro lado, determinava o momento propício para a realização de qualquer ato da vida diária. As regras deste sistema, também, foram elaboradas em grande detalhe, até o ponto de nomear o momento adequado para o corte das unhas, a escrita de uma carta ou o embarque de um navio.

A abordagem do sistema de interrogações é importante porque era ele que Manuel Rodrigues mais praticava. Embora também tirasse nascimentos, seus clientes tinham maior predileção pelo sistema de interrogações, conforme consta do processo inquisitorial.

Almeida (2015) salienta que o século XII e XIII representou renascer do interesse pelos corpos celestes com a multiplicação dos tratados sobre o tema. No *scriptorium* do rei D. Afonso X, por exemplo, ocorreu a compilação de diversos textos que tratavam da astrologia.

Esta falta de manuais que afetou o Ocidente cristão na Alta Idade Média começou a ser suprida sobretudo a partir dos séculos XII e XIII, coincidindo com um dos três grandes renascimentos que a Idade Média presenciou, graças ao contato entre muçulmanos, hebreus e cristãos fundamentalmente

---

<sup>19</sup> Como aponta Wedel (1920), a astrologia encontrou na Grécia solo preparado para sua recepção. Recebeu influência do pitagorismo com seus números místicos, incorporou os quatro elementos de Empédocles, além de receber novas influências posteriores: como o sistema filosófico de Platão.

no solo da Península Ibérica, em particular Toledo, fruto do qual se produziu autêntica torrente de traduções do árabe e do hebraico para o latim e, posteriormente, também para as línguas vulgares (MACÍAS, 2016 p. 464, tradução nossa).

A Escola de Tradutores de Toledo, também conhecida como a “Escola de Toledo”, foi um dos principais centros intelectuais da Europa e o mais importante da Península Ibérica nos séculos XII e XIII. Essa escola, além de ter sido responsável pela difusão do pensamento e do patrimônio cultural árabe<sup>20</sup>, cuidou também da tradução, recuperação e difusão do pensamento científico e filosófico dos autores da Antiguidade, especialmente Aristóteles e Ptolomeu. Entre as inúmeras traduções, vale destacar sua contribuição para a tradução de tratados de astronomia, astrologia, magia, alquimia, além da produção de tábuas astronômicas. Esses influxos provenientes da Escola de Toledo foram-se difundindo paulatinamente pelo mundo ibérico (OLIVEIRA, 1999; VÉLEZ LEÓN, 2017).

Desde o início houve na Espanha um intenso intercâmbio entre as religiões, fomentado de maneira sistemática não apenas pelos soberanos muçulmanos. Judeus e convertidos ocuparam uma posição chave, pois o seu poliglotismo os tornava tradutores de primeira linha. [...]. Contudo, exatamente esses períodos de tolerância religiosa – como sob Afonso X de Castela – foram culturalmente muito produtivos. Em al-Andalus deparamo-nos, assim com um rico debate sobre astrologia no qual tomaram parte renomados adeptos e críticos da ciência dos astros (STUCKRAD, 2007, p. 190-191).

No *Libro Conplido en los Iudizios de las Estrellas*, do árabe Aly Aben Ragel, por exemplo, foi traduzida para a língua vulgar pelo judeu Yehudá Mosé ha-Kohén, trabalho iniciado por volta de 1254 por ordem de Afonso X. Em sua corte Yehudá Mosé-ha-Kohén colaborou com outras traduções e se tornou um dos mais destacados tradutores para o espanhol.

Los judíos son también responsables del género de obras que vemos redactarse en lengua vulgar. Son obras bíblicas, morales, didácticas, jurídicas, astronómicas y astrológicas, en tanto que faltan las de carácter teológico y filosófico, tan representativas de la baja Edad Media cristiana. La perspectiva del judío, interesado en moral, leyes, astrologia y ciencia aplicada más que en matemáticas y filosofía, unida a la dirección de pensamiento del Rey Sabio — al que no preocupó lo más mínimo el

---

<sup>20</sup> Elementos da cultura judaica também estiveram presentes no patrimônio cultural dos árabes. Por exemplo, o judeu persa, Mashallah, nascido por volta de 740 da EC e morto em 815, que produziu inúmeras obras de astrologia em árabe, teve suas obras traduzidas para o hebraico, para o latim e posteriormente para outras línguas vulgares, quando estas chegaram à Europa ocidental, no século XII. Muitos judeus cabalistas medievais da Península Ibérica também se dedicaram aos conhecimentos astrológicos e foram importantes na expansão da astrologia, como Solomon Ibn Gabirol (Málaga, c. 1021 - Valência, c. 1058), Abraão Ibn Ezra (falecido por volta de 1167) Abraham ben Samuel Abulafia (supostamente morto em 1291) etc. Além do que, em Portugal os mais importantes e famosos astrólogos eram de origem judaica: Abraão Zacuto (astrólogo pessoal do Rei D. Manuel de Portugal), Abraão Guedelha, José Vizinho, Ayres Vaz, mestre Rodrigo entre outros mais. Logo se percebe que há um fio condutor entre esse interesse pela astrologia e a cabala prática.

problema "teórico" de la realidad de las cosas, sino lo "humano", lo que el hombre ha sido históricamente, lo que debe ser moral y jurídicamente, lo que las estrellas hacen que sea—, es la base de la obra alfonsí<sup>21</sup> (CASTRO, 1948, p. 482 apud RAGEL, 1954, p.41).

Outra obra compilada na corte do rei Alfonso X foi o *Sefer Raziel*, Livro dos Mistérios, coletânea de receitas mágicas que abordam temas sobre: o amor, a medicina, prosperidade, derrota dos inimigos etc., em que se encontram elementos da magia natural e da magia cerimonial. “Nesse sagrado livro está o conhecimento dos anjos que regem as estações, os signos do zodíaco, todos os luminares, bem como os anjos que regem cada mês. Também os nomes das invocações de cada estação e os anjos que regem nas quatro estações do ano” (Yair Alon, 2020, p. 31).

Essa magia astral presente na cabala mostra a influência do hermetismo no contexto da Renascença afonsina em Castela. Como bem apontam Moshe Idel *et.al* (2015), no decorrer da segunda metade do século XIII, o hermetismo renasce nos círculos cabalísticos, em que os pensadores judeus integraram elementos herméticos provenientes de fontes árabes. Isso foi possível graças ao dinamismo do judaísmo e à abertura da cabala a toda espécie de influências.

Sob a luz da cabala e do hermetismo, os judeus aprofundaram os conhecimentos astrológicos desenvolvidos na Península Ibérica. Muitos conversos no século XV e XVI com tendências criptocabalísticas<sup>22</sup> deram continuidade aos estudos e conhecimentos esotéricos desenvolvidos e conservados pelos judeus sefarditas. Não é improvável que o gosto de Manuel Rodrigues pela astrologia venha dessa influência criptocabalística compartilhada pelos cristãos-novos.

### 2.2.1 Astrologia e medicina na tradição judaica medieval

De acordo com *Manasseh ben Israel*, citado por Joshua Trachtenberg<sup>23</sup> (2004, p. 249, tradução nossa), em todos os períodos existiram grandes astrólogos entre o povo judeu, e principalmente nas terras da Espanha. Foi no sul da Europa que a astrologia produziu seus principais expoentes e praticantes judeus. Tanto nas cortes quanto entre leigos e eclesiásticos, as pessoas se gabavam de seu astrólogo judeu.

<sup>21</sup> Estas informações estão contidas na obra *El Libro Complido en los Iudizios de las Estrellas*. Dentro do livro, a numeração da página desta citação se encontra em algarismo romano(XLI). Vide CASTRO, Américo, *España en su Historia, Cristianos, moros y judíos*, Buenos Aires, 1948. Ragel, Ali Aben, *Libro complido en los iudizios de las estrellas*, intr. y ed. Gerold Hilty, Madrid, Real Academia Española, 1954.

<sup>22</sup> Presença-oculta da cabala judaica (termo de Caesar Malta Sobreira, 2015).

<sup>23</sup> Vide sua obra *Jewish Magic and Superstition: A Study in Folk Religion*, no capítulo *Astrology*, p. 249.

Durante a Idade Média houve acalorados debates entre os judeus sobre o papel determinante das estrelas na vida dos homens, e um dos maiores críticos da astrologia foi Maimônides. Contudo, entre os judeus era geralmente aceito que cada homem tinha sua estrela no céu (que era complementar a seu anjo representante) e que a posição desta no momento do nascimento determinava aspectos gerais da vida humana.

Particularmente na Idade Média e durante o Renascimento, magia, astrologia e medicina eram práticas intrínsecas. A astrologia estava incorporada na medicina, já que eles compartilhavam a crença de que os astros influenciavam o funcionamento do corpo. Segundo Barkai (1993), os judeus tiveram papel primordial na difusão da medicina pela Europa e muitos médicos judeus foram responsáveis por disseminar a medicina alternativa, que tinha por base a astrologia.

Astrologia foi considerada na Idade Média não apenas como uma profissão acadêmica, mas também foi nas escolas de medicina um estudo obrigatório para os estudantes de medicina. O médico medieval devia consultar as estrelas e ter em conta a situação do zodíaco durante todo o processo de tratamento: diagnóstico da doença, o exame do enfermo, a decisão do tipo de tratamento, a escolha das matérias para preparar os medicamentos e definir o tempo de tratamento adequado, seja por meio de medicamentos ou sangramento (BARKAI, 1993, p. 487, tradução nossa).

Na Idade Média a correlação de microcosmo e macrocosmo era algo presente. Esse antigo sistema filosófico estabelece analogia entre o ser humano (o microcosmo ou o pequeno universo) e o cosmo. Nessa concepção, o homem é comparado ao universo e existe analogia entre as leis do micro e do macro, no qual se chega a postular correspondência exata entre as partes do universo e as do homem; esta última ideia é intimamente ligada à astrologia. Assim, notam-se também correspondências entre os eventos macrocosmos e o destino humano individual. Logo, o próprio homem representava a chave do enigma cosmológico<sup>24</sup>.

As ideias da astrologia na Europa medieval estavam muito distantes dos horóscopos dos signos estelares de hoje. Embora alguns astrólogos medievais fossem considerados mágicos, muitos eram estudiosos altamente respeitados. Os astrólogos acreditavam que os movimentos das estrelas influenciavam numerosos acontecimentos na Terra, desde o clima e o crescimento das plantações até a personalidade dos bebês recém-nascidos e o funcionamento interno do corpo humano.

Os estudos antigos da astrologia foram traduzidos do árabe para o latim nos séculos XII e XIII e logo se tornaram parte da prática médica diária na Europa. Os médicos

---

<sup>24</sup> ALLERS, RUDOLF. "MICROCOSMUS: From Anaximandros to Paracelsus." *Traditio*, vol. 2, 1944, pp. 319–407. JSTOR, [www.jstor.org/stable/27830052](http://www.jstor.org/stable/27830052). Accessed 27 May 2021.

combinaram a medicina galênica (herdada do fisiologista grego Galeno - 129-216 DC) com estudos cuidadosos das estrelas. No final dos anos 1500, os médicos de toda a Europa eram obrigados por lei a calcular a posição da lua antes de realizar procedimentos médicos complicados, como cirurgia ou sangramento.

Especificamente, pensa-se que os signos do zodíaco governem os distintos membros e órgãos do corpo. Sabemos graças a diversas fontes que Nahmánides usava um talismã astrológico, uma espécie de medalhão de ouro com uma a imagem de um leão gravado, para tratar doenças renais. Curiosamente, a medicina astrológica – incluindo o talismã do leão– foi um recurso conhecido e aceito entre médicos eruditos cristãos muito prestigiados vinculados à Escola de Medicina de Montpellier, como Arnau de Vilanova (1238-1311). (CABALLERO, 2011, p. 85).

De acordo com Mora (2006), a medicina era prática habitual entre os judeus na Espanha da Idade Média. Muitos de seus descendentes (os neoconvertos) deram continuidade a essa tradição, destacando-se nos séculos XVI e XVII. Para a autora, o ponto fraco da astrologia eram justamente as previsões com base nas estrelas, que não só contrariavam o livre-arbítrio como também colidiam com a teologia, considerada pela ortodoxia cristã a suprema ciência.

Delito de que comumente se acusava aos médicos processados dessa época era praticar astrologia. Embora atualmente separemos os conhecimentos teóricos sobre os astros (astronomia) da aplicação dessa ciência ao prognóstico dos eventos (astrologia), no século XVII elas eram inseparáveis. A única distinção possível no século XVII era estabelecida entre astrologia permitida, admitida como verdadeira ciência, e a ‘astrologia judiciária’, próxima à magia e considerada supersticiosa por fazer prognósticos deterministas que anulavam a liberdade do homem e o acaso dos eventos naturais. Essa distinção aparentemente clara era muito difícil de definir na prática (MORA, 2006, p. 79, tradução nossa).

Essa autora analisou casos de médicos que foram processados pela Inquisição Espanhola no século XVII por praticar astrologia judiciária. Em seus estudos, ela observou que o quadrado astrológico também servia para prever a evolução das enfermidades. O modo de levantar figura para prognosticar o curso de uma enfermidade era exatamente o mesmo que para conhecer a vida de uma pessoa a partir do seu nascimento. Analisando o caso do médico Juan Muñoz, ela observou que a astrologia utilizada pelos médicos partiam do mesmo princípio que as adivinhações de furto, que tinha como base a influência das estrelas no ser humano.

### 2.2.2 A astrologia na mentalidade renascentista

Outro papel da astrologia no Renascimento era oferecer respostas aos medos e às inquietações que as pessoas tinham a respeito do futuro.

Refletindo sobre o medo no Ocidente, Jean Delumeau (2009) destaca que ele estava por toda parte: as pessoas tinham medo do mar, dos mortos, da fome, da peste, dos vizinhos, de Satã e seus agentes (o judeu, a mulher, o muçulmano), da feitiçaria, dos sinais do céu etc. É uma época em que o universo era preconcebido como animado e governado por forças espirituais, em que os conhecimentos das leis físicas da natureza eram quase inexistentes, qualquer evento celestial ou qualquer alteração ou perturbação no firmamento do universo era encarada pelas populações como sinais de infortúnio ou mau presságio, e quase sempre os prodígios terrestres e celestes eram associados a acontecimento futuro. Delumeau destaca alguns fenômenos celestiais incomuns que despertavam terror nas pessoas (eclipses, arco-íris, cometas e meteoros). Segundo esse autor, os cometas eram os mais temidos e causavam medos coletivos, entre eles se destacaram os que atormentaram as populações em 1527, 1577, 1604, 1618. Outro tipo de medo, que trazia preocupações, inquietações e incertezas às pessoas, era o futuro, carregado de ameaças e de armadilhas. A necessidade de interrogar e interpretar certos sinais era forma de se precaver e de conhecer o futuro com antecedência. “A ‘adivinhação’, em seu sentido mais amplo, era – e é ainda para aqueles que a praticam – uma reação de medo diante do amanhã. Na civilização de outrora, o amanhã era mais objeto de temor do que de esperança” (p. 108).

A crença no poder das estrelas aumentou na cultura dirigente depois do século XIII. O retorno progressivo à Antiguidade e à magia helenística, a tradução por Ficino dos escritos herméticos, a difusão do Picatrix, a recolocação em circulação das obras do astrólogo Firmicus Maternus – essas poucas indicações escolhidas entre muitas outras – provocaram um interesse novo pelas potências astrais, um interesse que a imprensa decuplicou. Entrou também em linha de conta a crise da Igreja a partir do Grande Cisma. ‘A contestação das estruturas eclesásticas e os conflitos doutrinários criaram uma dúvida, uma insegurança e um vazio de que se aproveitou o novo impulso da astrologia’ (*ibid.*, p. 115).

O termo "astrologia judiciária", objeto da acusação de Manuel Rodrigues, expressava conotação negativa, na medida em que era utilizado principalmente pela Igreja Católica, para referir conjunto de práticas astrológicas consideradas ilícitas e heréticas e que se contrapunham à astrologia natural, tida como aceitável. Com o funcionamento das inquisições ibéricas, a astrologia vinculada às predições ficou totalmente proibida, embora se permitisse o

uso da astrologia para auxiliar nas questões de valores práticos e de valor instrumental para a vida terrena, como navegação, agricultura e metrologia.

Já no século XV, especialmente no reinado de D. Duarte, as críticas por parte dos religiosos em relação à astrologia judiciária, tida como supersticiosa, herética e demoníaca, se acentuou, atingindo seu ápice na Contrarreforma, em que a Igreja Católica e as inquisições ibéricas não pouparam esforços para identificar e punir obras e autores que praticavam e compartilhavam essa prática.

### 2.3 Judeus, cristãos-novos e a astrologia em Portugal no século XVI

O Renascimento português, que teve início em meados do século XV e se estendeu até o final do século XVI, foi movimento cultural com características particulares, em que influências étnicas, filosóficas e literárias modernas, medievais e clássicas estavam imbricadas.

Desde os primórdios do tempo moderno, Portugal manifestou-se como uma das nações que mais cedo deu forma a um Estado, síntese de um rei e de um reino, com instituições, território, cultura e autonomia econômica, perfilando-se no areópago das nações cristãs como constante aliada do papado, reconhecendo a matriz cristã e latina da sua tradição histórica, caldeada com as várias culturas e etnias que enriqueceram o seu convívio em tempos medievais (sueva, goda, hebraica, muçulmana) (BARATA, 2000, p. 108).

Segundo Capello (1994), a cultura popular portuguesa também abrangia tradições hermético-esotéricas que envolviam disciplinas como a cabala, quiromancia, astrologia, geomancia, necromancia, além de estudos neoplatônicos. Desde o século XV diversas tradições hermético esotéricas estavam implantadas em Portugal. D. Duarte, em *Leal Conselheiro*, fornece amostra significativa a esse respeito:

Considerando nas desvairadas maneiras por que se dá fé e crença às profecias, visões, sonhos, adivinhação, virtudes das palavras, pedras e ervas, sinais dos céus e que se fazem na terra: em pessoas, e animais, e terremotos, graças especiais que deus outorga que hajam algumas pessoas; e astrologia, nigromancia, geomancia e outras ciências semelhantes, artes, experiências e subtilezas; de modo de fazer prestidigitação por subtileza das mãos ou natural maneira não usual, e outros modos por força da natureza<sup>25</sup> [...].

O próprio monarca Dom Manuel I (1495-1521) se interessava pela astrologia, tanto que a esfera armilar (instrumento astronômico que materializa a concepção dos cosmos e é indispensável à navegação.) foi utilizado como emblema real e trazia inúmeras conotações

<sup>25</sup> Leal Conselheiro. Parte do capítulo XXXVII *Das Superstições e Crendices*. Disponível em <<http://www.alvarenga.net/lealconselheiro.pdf>>. Acesso em 9 de abr. de 2021.

hermenêuticas e diversos significados culturais, um deles a inclinação do rei pela astrologia. (Godinho, 2016).

Segundo o historiador português Damião Góis (2010), Dom Manuel era inclinado a letras e letrados e sabia muito bem a língua latina.

Foi muito dado à Astrologia judiciaria, em tanto que no partir das naos pera ha India, ou no tempo que has speraua, mandaua tirar juizos per hũ grande Astrologo Portugues, morador em Lisboa, per nome Diogo Mêdez Vezinho, natural de Couilhã, dalcunha ho coxo, porque ho era daleijam, e depois deste falecer cõ Thomas de Torres seu physico, homẽ mui experto, assi na Astrologia, quomo em outras sciências, mas posto que desse credito à astrologia, nunca ho deu a agouros, mas antes foi muĩ imigo delles, e lhe pesaua de saber que era alguem dado a isto<sup>26</sup>.

Nas ordenações Manuelinas (1512), Livro 5 Tit.33: *Dos feiticeiros, e das vigalias que se fazem nas Igrejas*, encontram-se inúmeras práticas de adivinhação proibidas e castigadas com penas de açoite público e degredo. Contudo, a legislação portuguesa fazia ressalva aos astrólogos:

E estas mesmas penas auerá qualquer pessoa que disser algua cousa do que he por viir, mostrando, e dando a entender que lhe foi reuelado por Deos, ou por alguu Santo, ou em visam, ou em sonho, ou por qualquer outra maneira; e esto segundo a diferença, e qualidade das pessoas: conuem asaber, d'açoutes, e dous mil reaes no piam, e de semelhante sorte; e no vassalo, e di pera cima, de dous anos de degredo, e quatro mil reaes. Pero esto nom auerá luguar nos Astrologos; que por sciencia, e arte de Astrologia, vendo primeiro as nascenças da pessoa, disserem algua cousa segundo seu juizo, e regra da dita sciencia<sup>27</sup>.

Por essa exceção na legislação portuguesa, nota-se que o monarca protegia e favorecia o trabalho dos astrólogos. A astrologia, como marca cultural, estava impressa na monarquia portuguesa, tanto que sua importância é observada nos empreendimentos marítimos e nas questões de ordem política.

Nos séculos XV e XVI, as viagens de descobrimento e colonização alteraram os aspectos culturais, econômicos e sociais lá existentes e permitiu o contato com outras culturas, possibilitando intercâmbio com novos mundos e nova hibridização cultural.

Desde cedo, o contato com o mar e o desejo de explorar cada vez mais terras longínquas fez com que os portugueses valorizassem técnicas mais empíricas e voltadas para a exploração marítima. Com isso, eles se valeram das técnicas e dos conhecimentos desenvolvidos por navegadores, cartógrafos e geógrafos estrangeiros.

<sup>26</sup> GÓIS, Damião de. Crónica do Felicíssimo Rei D. Manuel (pp. 963-964). Edições Vercial. Kindle Edition.

<sup>27</sup> Ordenações manuelinas. <http://www1.ci.uc.pt/ihiti/proj/manuelinas/15p94.htm> (p. 94-95).

De acordo com Capello (1994), durante as expansões marítimas existia a necessidade de assegurar especialistas para a orientação das viagens de descobrimento, disso resultou ampla participação do ofício de astrólogo nessas expedições, já que eles entendiam a maneira de conduzir a navegação segundo as estrelas e o polo. Muitos astrólogos que atuavam nas cortes, por dominarem técnicas de astronomia, foram convocados a participar e a auxiliar nas grandes navegações.

«Ora manifesto é, diz, um século depois, Pedro Nunes, que estes descobrimentos de costas, ilhas e terras firmes não se fizeram indo a acertar: mas partiam os nossos mareantes mui ensinados e providos de instrumentos e regras de astrologia e geografia, que são as coisas de que os cosmógrafos não de andar apercebidos. Levavam cartas mui particularmente rumadas, e não já as que os antigos usavam, que não tinham mais figurados que doze ventos, e navegavam sem agulha». A bússola, o astrolábio e o quadrante já guiavam as expedições marítimas enviadas anualmente de Sagres pelo infante, a sondar o Oceano, ou a descer a costa para o Sul. Porto Santo, a Madeira e os Açores foram por esta forma arrancados às trevas do mar. (MARTINS, 2010, p. 77-78).

Além do mais, os portugueses se valeram também das técnicas astronômicas, matemáticas e de instrumentos de orientação desenvolvidos, difundidos e aperfeiçoados pelos judeus e árabes da Península Ibérica. A balestilha, também conhecida como bengala de Jacob<sup>28</sup>, foi instrumento náutico bastante utilizado na época dos descobrimentos, pois seu segmento deslizante ao longo de uma haste, com o olho do observador em linha reta em relação ao astro observado, permitia calcular alturas. Ela também era utilizada pelos astrólogos na observação dos astros.

De acordo com Barbosa (2011), a astrologia renascentista se configurava em saber híbrido, que entrelaçava misticismo e experimentalismo, fazendo seu caráter prático e místico coincidir.

A astrologia renascentista, principalmente em sua dimensão operacional, apresentou uma junção entre esoterismo e experimentalismo, fornecendo cálculos, métodos e técnicas que auxiliaram na criação de uma ciência que permitiu aos portugueses a navegação oceânica. Com essa ciência, Portugal ganhou uma posição de destaque no período moderno, promovendo o pioneirismo de uma expansão marítima e comercial de promoção mundial. Assim, os ‘descobrimientos’ mantiveram também penumbra de astrologia, uma vez que o aspecto objetivo e aplicável engendrado na arte astrológica foi fundamental para o desenvolvimento da arte de marear portuguesa. (*ibid.*, p. 10).

---

<sup>28</sup> Instrumentos atribuídos a Jacob Ben Machir Ibn Tibbon (Prophatius) e Levi Ben Gerson (Gersónides).

Segundo Amorim (2012), durante a expansão do Império Árabe<sup>29</sup>, muitos astrólogos eram astrônomos, que, para fazerem seus mapas astrológicos, precisavam dominar a mecânica celeste e a trigonometria esférica, além de manusear tabelas e instrumentos astronômicos (que no futuro se tornariam instrumentos náuticos). Os métodos eram similares e muitos não consideravam a astrologia superstição, mas ciência.

Elias Lipiner, em *Gaspar da Gama: um converso na Frota de Cabral*, aponta a história marítima de Portugal dos séculos XV e XVI e registra papéis fundamentais que os judeus ou pessoas de origem judaica desempenharam durante as grandes navegações. Essas figuras científicas do judaísmo se destacaram como cosmógrafos, cartógrafos, matemáticos, astrônomos e astrólogos. Houve também aquelas figuras de menor projeção que se destacaram atuando como andarilhos, colaboradores, tradutores, viajantes políglotas, intérpretes, artesãos e mercadores. O autor trata do caso de Gaspar da Gama, mercador e explorador de origem judaica que atuou como intérprete na frota de Pedro Álvares Cabral.

### 2.3.1 Importância dos judeus na expansão da astrologia em Portugal

Os judeus ocuparam lugares de destaques na administração portuguesa, muitos deles atuaram como fiscais ou arrecadadores da Coroa, tendo em vista que a cultura judaica desde cedo os coloca em contato com o comércio e, por consequência, com a lida das finanças, visto que os judeus estiveram sempre ligados ao comércio transnacional. Impelidos à educação desde muito cedo, eram conhecedores de outras línguas e dominavam diversos ofícios artesanais, atuando como sapateiros, ourives, ferreiros, pescadores, alfaiates, tintureiros, para além de desempenharem atividades relativas à medicina e terem vastos conhecimentos dos astros e dos cosmos, pois na tradição judaica<sup>30</sup> a astrologia e a astronomia fazem parte da prática permanente (Tavares, 1984, apud, SOUSA, 2019)<sup>31</sup>.

<sup>29</sup> O termo árabe se refere às pessoas de qualquer etnia ou religião que falavam, escreviam ou liam árabe.

<sup>30</sup> O interesse dos judeus pela astrologia desde os períodos medievais vem da própria mística judaica. A cabala que se formou na Espanha na esteira das Cruzadas no final do século XIII, cujo significado perpassa o sentido literal da Torá, tem se mostrado cada vez mais a pedra angular do judaísmo, o coração e o elemento propulsor e vital dessa religião. E no campo da mística judaica percebem-se inúmeros aspectos da importância da astrologia. Uma obra importante que aborda os aspectos da relação do judaísmo com a astrologia é o *Sefer Yetzirá*, Livro da Formação, considerado um dos mais antigos livros da Cabala. Essa obra revela os segredos da Criação e, entre outros ensinamentos místicos, o mistério da astrologia segundo o judaísmo. Não se sabe ao certo quando esse tratado sobre cabala foi produzido e nem quem o produziu, já que é pseudoepígrafe. Alguns autores o datam dos séculos VI ou VII, e todos os especialistas o consideram anterior ao século IX. Essa obra está interligada tanto com a cabala do *Maaseh Bereshit* (Obra da Criação) quanto a Cabala do *Maaseh Mercabah* (Obra do Carro). A doutrina do *Sefer Yetsirah*, exposta pela primeira vez em hebraico, é considerada pelos cabalistas como o anúncio da do Zohar. O pensamento que emerge dessa doutrina mostra grande interesse na metafísica. Esse antigo tratado exerceu influência considerável no pensamento judaico e abriu novos horizontes ao mundo místico, graças a seus grandes comentaristas. E como bem enfatiza Gershom Scholem (1989), as ‘ciências ocultas’, como astrologia, alquimia e quiromancia, possuíam relação intrínseca com o pensamento cabalístico.

<sup>31</sup> Essa informação está disponível no capítulo 5 da obra *Imaginários, Poderes e Saberes: História Medieval e Moderna em Debate*.

A valorização da educação, a busca pelo conhecimento e o interesse pelos estudos ocultos sempre estiveram presentes nas comunidades judaicas sefarditas medievais, como bem aponta Rachel Elior (2014, p. 60):

Dentro das comunidades judaicas a educação pública era gratuita e obrigatória para todas as crianças judias do sexo masculino, sem exceção. Independente da sua origem social, seus recursos econômicos ou sua inclinação pessoal. Nas idades entre 3 e 13 anos eram exigidos que todos aprendessem a ler nas línguas hebraica e aramaicas como uma obrigação religiosa e continuidade da vida no exílio. [...] Em cada comunidade judaica, os assuntos eram altamente valorizados e sempre incentivados, não havia pagamento para estudar, e estudantes que se destacassem por seus estudos eram incentivados a dedicarem a sua vida toda ao aprendizado contínuo pela comunidade.

Esse interesse pelas ciências ocultas fez com que os judeus sefarditas se destacassem na expansão da astrologia em Portugal no século XV. Essa presença é importante para compreender a expansão da astrologia em Portugal. Evidentemente a astrologia também se desenvolveu em outros lugares da Europa e teve a contribuição de astrólogos não judeus, contudo, em Portugal a cultura sefardita se destacou. Judeus sefarditas foram autores de importantes tratados: Tratado do astrolábio e Tratado dos planetas. A astrologia era parte integrante das práticas científicas judaicas.

A ideia da importância que os judeus tiveram na propagação da astrologia em Portugal pode ser percebida na obra *Inquisição e cristãos-novos* (1969), na qual o autor, José Saraiva, explica que os judeus desempenharam importante função intelectual na sociedade portuguesa, pois, sendo eles os herdeiros na Península Ibérica da ciência árabe, cultivaram a astronomia e a astrologia. Ele acrescenta que a corte tinha seu astrólogo judeu “que fixava o horário das solenidades importantes”. Ficou-nos o nome de Mestre Guedelha, “físico” (isto é, médico) e astrólogo do Rei D. Duarte (SARAIVA, 1969, p. 31).

Quem também esclarece o papel e a contribuição dos judeus no campo da astrologia no Portugal Renascentista, é J. Lucio D’ Azevedo, em *História dos Cristãos Novos Portugueses* (1921). Segundo esse autor, durante a Idade Média, enquanto as rudimentares prendas do saber, do ler e escrever eram privilégios restritos de uma minoria, o judeu possuía a instrução.

Iniciado desde a infância na difícil aprendizagem do seu idioma sagrado, ocupado por espaço de anos a decorar capítulos da Bíblia e livros inteiros do Talmud, o hebreu não somente trazia para a luta pela vida o intellecto muito mais desenvolvido que o competidor christão: assumia também o exercido exclusivo das profissões scientificas, visto que as lucubrações dos lettrados e theologos realmente em nada importavam ás trivialidades do viver corrente da população. D’esta arte eram elles os medicas, cirurgiões,

boticarios e astrologos; da mesma sorte astrónomos e geógrafos (AZEVEDO, 1921, p. 34-35).

O Talmud era considerado pelos judeus modernos verdadeira enciclopédia, porque, além de ter o conjunto das leis com seus respectivos comentários (leis que regem a vida do povo de Israel), intercalava conhecimentos de matemática, astronomia, medicina, anedotas, narrativas históricas ou edificantes, enfim, englobava todos os conhecimentos, tradições, leis e esperanças da nação hebraica, que foram compiladas pelos rabinos na Babilônia e na Palestina, do segundo ao quinto século da era cristã (AZEVEDO, 1921).

Luís de Albuquerque (1994, p. 95), citado por Godinho (2016, p. 87), enuncia que “no século XV contavam-se em Portugal, certamente, muitas centenas de astrólogos, a avaliar pelo número daqueles de quem conhecemos o nome: eram quase todos judeus”.

Um segundo elemento importante para se compreender a influência da cultura judaica na expansão da astrologia em Portugal (sécs. XV e XVI) é o fato de que muitos astrólogos eram de origem judaica, como foi o caso do célebre Abraão Guedelha, reputado médico e sábio astrólogo judeu-português que atuou na corte do Infante D. Henrique (1394-1460), o Navegador.

Um terceiro elemento de relevo é o antissemitismo na Espanha, pois, de acordo com Bettencourt (1981, p. 56 apud CAPELO, 1994, p. 50), “a expansão da astrologia em Portugal nos séculos XV e XVI não é alheia às violentas perseguições antissemitas ocorridas em Espanha, desde 1391 até a expulsão massiva de 1492, que provocaram o refúgio de milhares de judeus no nosso país”.

As Figuras 1 e 2, apresentam imagens que mostram a influência dos judeus na astrologia na corte portuguesa, trata-se de pintura atribuída a Nuno Gonçalves. Os Painéis de São Vicente de Fora, datados entre 1470 e 1480, são obra composta por seis unidades, sendo uma delas o Pannel da Relíquia: imagem de homem que utiliza livro com possíveis caracteres hebraicos e estrela vermelha de seis pontas em suas vestes<sup>32</sup>. De acordo com Godinho (2007), a hipótese levantada é de que seja físico-astrólogo judeu da corte, com seu livro de astrologia nas mãos, assinalando a importância das consultas astrológicas, o que evidencia a crença do infante e do círculo a sua volta na astrologia.

---

<sup>32</sup> Essa estrela é chamada “(*Maguen David*), a estrela de seis pontas em forma de dois triângulos entrelaçados”. (ALMEIDA, 2016, p. 111). Ela denota a presença de judeus, de cristãos-novos ou de judaizantes em certa localidade.

**Figura 1.** Painéis de São Vicente de Fora, 1480, Nuno Gonçalves, óleo e têmpera sobre madeira



Fonte: Museu Nacional de Arte Antiga, Lisboa.

**Figura 2.** Painel da Relíquia



Fonte: Museu Nacional de Arte Antiga, Lisboa.

Outro judeu importante na expansão da astrologia em Portugal foi Abraão Zacuto, que, embora tendo demorado pouco em Portugal, pois precisou fugir, em 1497 ou 1498, devido a sua condição de judeu (o mesmo motivo que fez com que ele fugisse da Espanha), deixou continuadores do seu trabalho, sendo um dos mais conhecidos o mestre Tomás de Torres e

Aben Verga.<sup>33</sup> Na bolsa que continha os grandes e pesados livros de Manuel Rodrigues entregues à mesa inquisitorial constava obra muito significativa: o *Almanach Perpetuum*, do rabino, astrônomo e astrólogo Abraão Zacuto. Essa obra tem lugar privilegiado na história do desenvolvimento das técnicas marítimas portuguesas, visto que parece ter sido fonte de importantes parâmetros e tabelas numéricas necessárias à navegação astronômica praticada pelos marinheiros portugueses<sup>34</sup>.

“Até a contribuição de Pedro Nunes para os problemas da marinharia, todas as tábuas náuticas portuguesas, a que é possível apontar com segurança a origem, foram calculadas sobre os elementos fornecidos pelo *Almanach Perpetuum*” (ALBUQUERQUE, 1975, p. 166). Além do caráter técnico e prático, essa obra continha posições de planetas que auxiliavam na elaboração e confecção de horóscopos. Mas, também foi obra “de grande importância para a náutica portuguesa, foi usado por Vasco da Gama e reeditado em Leiria em 1496, traduzido pelo mestre cristão-novo José Vizinho” (NOVINSKY et al., 2015, p. 31).

Os judeus portugueses também contribuíram com a tradução para o português de obras astrológicas, como foi o caso do *Libro Conplido en los Judizios de las Estrelas*.

As traduções portuguesas de João Gil e Aben Ragel devem-se a judeus, e não a professores universitários; é um judeu, Aben Verga, quem, durante uma estadia em Portugal, compõe em Lisboa, em 1457, um Tratado do astrolábio, de que chegaram até nós vários manuscritos. Não frequentou a Universidade Gomes Eanes da Zurara, pois, segundo o testemunho de Mateus Pisano, ‘era já de idade madura e ainda não aprendera quaisquer letras’; mas, como ardia no desejo de saber, tornou-se, no meio do paço, “*bonus grammaticus, nobilis astrologus et magnus historiographus*”; suas crônicas provam aliás que se dedicava à astrologia, tirando horóscopos e conhecendo os rudimentos do sistema ptolomaico (não da Geografia do autor grego), certamente através de qualquer desses inúmeros compêndios muçulmano-judaicos<sup>35</sup>.

Importante foi também o mestre João (João Emeneslau), judeu integrante da frota de Pedro Álvares Cabral que essa aportou no Brasil em 1500. Fidalgo de origem espanhola, além de astrônomo e astrólogo, era bacharel em artes e medicina e foi responsável por coordenar essa expedição marítima. O chefe da investigação, o astrônomo, astrólogo, cosmógrafo e médico da frota era também versado na arte de perscrutar astros.

---

<sup>33</sup> Salomão Ibn Verga, também conhecido como Aben Verga, era judeu espanhol, exilado como consequência do Decreto de Alhambra, e apanhado em Portugal pelas conversões forçadas de 1497 por D. Manuel I. Embora só tivesse chegado a Lisboa uns dias mais tarde, foi contemporâneo e testemunha do Massacre de Lisboa de 1506. Disponível em <[https://pt.wikipedia.org/wiki/Salom%C3%A3o\\_Ibn\\_Verga](https://pt.wikipedia.org/wiki/Salom%C3%A3o_Ibn_Verga)>. Acesso em 3/10/2020.

<sup>34</sup> Almanaque é livro ou livreto que contém conjuntos de tabelas, especialmente tabelas de calendário, anunciando eventos astronômicos ou astrológicos (como fases da Lua, eclipses e início das estações) e contendo fatos históricos, informações sobre o plantio pelos signos e outros tipos de dados (LEWIS, 2002, p. 20-21).

<sup>35</sup> GODINHO, Vitorino Magalhães. **A expansão quatrocentista portuguesa**. 4ª ed. Alfragide: Dom Quixote, 2018. E-Book. Disponível no Google Books: <<https://bit.ly/32fZsNH>>. Acesso em 9 de abril de 2021.

Mestre João fora incumbido de uma das mais importantes tarefas: descobrir, por meio da observação das estrelas, que terra era aquela e em que latitude se localizava [...]. Era perto do meio-dia quando o mestre meteu-se num pequeno barco a remo e se dirigiu para a praia. Com seu grande astrolábio de madeira mediu a altura do sol e calculou a latitude em que se localizava a nova terra. Obteve a medida de ‘aproximadamente 17 graus’, que se mostrou bem precisa: hoje, sabemos que a Baía de Cabralia fica a exatos 16°, 21’22”<sup>36</sup>.

A vida de Mestre João vem sendo pesquisada desde quando Francisco Adolfo Varnhagen trouxe a público a *Carta de Mestre João a D. Manuel I sobre o Cruzeiro do Sul*, na década de 40 do século XIX. Essa carta é depoimento da chegada da frota cabralina a Porto Seguro, em 22 de abril de 1500.

Ademais, desde o início do século XX, com Joaquim Bensaúde<sup>37</sup> (1859-1952), tem tido cada vez mais suporte a tese de que uma das forças em jogo nesse desenvolvimento náutico português foi a presença de astrólogos árabes e judeus na região.

Outro cristão-novo, conhecido pelas produções de vaticínios astrológicos e prognósticos, foi Aires Vaz<sup>38</sup>, médico e físico processado pela Inquisição de Lisboa em 1539, acusado de bruxaria e feitiçaria<sup>39</sup>.

Chama atenção o processo inquisitorial de Aires Vaz, cristão-novo, médico do paço e íntimo do núncio Capodiferro, cuja cópia de papel dirigida ao rei D. João III sobre vaticínios astrológicos caiu nas mãos do inquisidor João de Mello. Aires Vaz foi chamado para confessar ser autor daqueles escritos julgados heréticos. Ele se havia dedicado ao estudo da medicina, da astronomia e da astrologia judiciária, inspirando-se nesta última, deixou-se levar

<sup>36</sup> BUENO, Eduardo. *O cientista que descobriu o Brasil*. Revista Super Interessante. Atualizado em 31 out 2016- Publicado em 31 mar 1999. Disponível em <<https://super.abril.com.br/historia/o-cientista-que-descobriu-o-brasil/>>. Acesso em 10/09/2020.

<sup>37</sup> Joaquim Bensaúde, engenheiro e historiador português, ganhou notoriedade por seus trabalhos desenvolvidos a respeito dos descobrimentos portugueses, sobretudo no campo da história da ciência náutica e da astronomia no período das grandes navegações. Conforme João Marinho dos Santos e José Manuel Azevedo e Silva (2004), Bensaúde também foi responsável por ter quebrado as teses defendidas pelo naturalista e historiador das ciências geográficas Alexandre Hubalt (1769-1859). Essas teses defendiam que as grandes descobertas marítimas dos séculos XV e XVI foram fruto das ideias alemãs no campo da ciência, tendo as obras introduzidas em Portugal por Martinho da Boêmia (c.1460-1507) – como as *Ephemerides* (1474) e as *Tabulae directionem* (1475) – sido decisivas no processo das expansões marítimas europeias. Essa ideia é refutada baseada em que antes mesmo da chegada desse alemão a Portugal, os portugueses já navegavam há muito tempo pelo Atlântico Sul e já se preparavam para entrar no oceano Índico. Logo, o processo das expansões marítimas já estava em andamento.

<sup>38</sup> Citado pelo historiador português Alexandre Herculano em sua obra *História da origem e estabelecimento da Inquisição em Portugal*. No Tomo II, Livro V, Herculano refere o caso do médico e cristão-novo Ayres Vaz. Também aborda sobre a intervenção eficaz e direta de Carlos V na implantação da Inquisição, a Bula de 23 de maio de 1536, estabelecendo definitivamente a Inquisição. Além disso, ele aborda as corrupções na cúria romana, as hostilidades entre o infante e Capodiferro, o processo de Ayres Vaz etc.

<sup>39</sup> Para mais informações e análises **vide** o link do processo de Aires Vaz disponível no *site* da Torre do Tombo em <<https://digitarq.arquivos.pt/details?id=2313400>>. Tribunal do Santo Ofício, Inquisição de Lisboa, proc. 13186.

pelos caminhos da profecia. Em seu julgamento, apareceu no tribunal com seus livros para mostrar os fundamentos científicos de seus vaticínios (HERCULANO, 2012).

Analisar esse episódio é interessante porque mostra que a astrologia judiciária já era foco da jurisdição da Inquisição Portuguesa desde 1539, quando ainda estava consolidando seus passos, e bem antes do papa Sisto V decretar a *bula Inter Coetera*.

Aires Vaz começara por fazer predições à rainha D. Catharina: depois, subindo mais alto, fizera predições políticas a el-rei. Entre outras coisas, por ocasião de um eclipse profetizara a morte de um príncipe, e a profecia tinha-se realizado no mais velho dos dois filhos que restavam a D. João III de todos os que até aí tivera. Oferecendo ao monarca novos vaticínios, Aires Vaz, provavelmente malvisto já pela triste predição da morte do príncipe, anunciava prósperos sucessos, mas confessava que as ilações tiradas do aspecto dos astros não tinham absoluta certeza; porque Deus, os arcanos de cuja mente não é dado ao homem perscrutar, muitas vezes anulava as influências sidéreas (HERCULANO, 2012, p. 71)

A título ilustrativo, transcreve-se breve trecho do processo inquisitorial de Aires Vaz:

Entende provar que sendo ho dito reu cristão e sendo obrigado a teer e creer ha Santa madre Igreja de Roma determinãdo ele réu da dita fee que pelo batismo tinha se apartar e por sentir dela mal se fez adivinhador e se meteo adivinhar e pronosticar como de feito adivinha e pronostica cousas futuras contingentes que dependem da vôtade e providencia divina e livre arbítrio dos homes tendo e afirmado de averem de acontecer e soceder asi e da maneira que ele diz e pronostica ho que hé e sabe manifesta heresia e contra ha fee e lei evangelica de xpo noso Redentor<sup>40</sup>.

André de Avelar foi mais um dos cristãos-novos que se destacaram no campo da astronomia produzindo obras que abordavam aspectos da astrologia judiciária. Ele foi responsável pela produção do *Reportório dos Tempos* (1594), e o manuscrito *Galatas de curiosidades matemáticas*<sup>41</sup> é atribuído a ele. André de Avelar foi “tercenário na Sé de Coimbra, mestre em artes e lente de matemática na Universidade de Coimbra”. Preso pela Inquisição de Coimbra, foi acusado em seu último processo de relapsia em judaísmo e confissão diminuta<sup>42</sup>.

Quem também se destacou no século XVII no campo da astrologia foi o cristão-novo e médico Manuel Bocarro.

Esses exemplos evidenciam o papel notável e a contribuição dos cristãos-novos na continuidade das práticas desenvolvidas e mantidas pelos judeus serfarditas de Portugal.

<sup>40</sup> ANTT. Processo 13186, [fl. 3].

<sup>41</sup> Vide o manuscrito no site da Torre do Tombo. Disponível em <<https://digitarq.arquivos.pt/details?id=4461821>>. Acesso em 24 de mar. de 2021.

<sup>42</sup> Informações retiradas do processo inquisitorial 2209. Disponível em <<https://digitarq.arquivos.pt/details?id=2352009>>. Acesso em 24 de mar. de 2021.

## 2.4 Inquisição Portuguesa no século XVI e a condição dos cristãos-novos

Jean Delumeau (1983) pontua que o Renascimento não foi marcado apenas por êxitos, belezas e progressos, houve inúmeros contrastes, que fizeram desse período oceano de contradições na História. De acordo com o historiador, o Renascimento é produto do medievo, em que os gostos e categorias mentais anteriores ainda continuaram prevalecendo e as forças conservadoras continuaram em movimento, resistindo às novas ideias que chegavam.

A mais elementar obrigação de lucidez conduz-nos a declarar que os séculos XV e XVI viram, de certo modo, um aumento de obscurantismo – o obscurantismo dos alquimistas, dos astrólogos, das feiticeiras e dos caçadores de feitiçarias. Continuaram a dar relevo a tipos de homens – por exemplo, os *condottieri* – e de sentimentos, como o desejo de vingança, que durante muito tempo foram tidos por características do Renascimento quando, na verdade, constituíam herança do período anterior. Tempos de ódios, de lutas terríveis, de processos insensatos, a época de Barba-Azul e Torquemada, dos massacres dos povos americanos e dos autos-de-fé [...] (DELUMEAU, 1983, p. 21-22).

Se nesse mesmo período, especialmente nos séculos XIV e XVI, ocorreram importantes progressos técnicos (como a invenção da imprensa, do relógio mecânico, das técnicas navais), as viagens e as conquistas de além-mar e até mesmo da recuperação demográfica, em contrapartida, ocorreram também a expansão da tirania política, as revoltas populares e as guerras, as epidemias, a pobreza e o aumento do jogo das competições políticas, econômicas e religiosas.

O brilhante século XVI viu o surgimento do Antigo Sistema Colonial, das Reformas religiosas, de Estados Modernos já francamente consolidados, de uma produção artística e intelectual impressionante. Mas viu também o estabelecimento das Inquisições ibéricas (e espanhola, na verdade, datando do final do século anterior: 1478), o horror das guerras de religião, o incremento da história inacreditável que foi a caça às bruxas (SOUZA, 1995, p. 6).

No campo da religião, a intolerância religiosa aumentou drasticamente. “O século XVI viu-se recuperar e, ao mesmo tempo, quebrar-se e mostrar à luz do dia o escandaloso espetáculo de ódio entre seus filhos” (DELUMEAU, 1983, p. 121).

Dentre os acontecimentos mais importantes em Portugal nos séculos XV e XVI, destacam-se as viagens de descobrimento e as colonizações, condicionando mudanças culturais, econômicas e sociais lá existentes (Bellini, 1997). As expansões marítimas acabaram por alterar as relações de Portugal com outros Estados europeus, resultando em

articulação com os quatro continentes (Europa, África, Ásia e América). Uma vez iniciada a conquista de Ceuta, o movimento não se deteve e prosseguiu pelo século XVI.

A conquista de Ceuta, em 1415, foi o momento fundador da diáspora global portuguesa. Durante o século XV, os Portugueses levaram a cabo várias missões de reconhecimento no Atlântico Central e Sul, que conduziram à descoberta das ilhas de Porto Santo e Madeira, dos Açores, do arquipélago de Cabo Verde e de São Tomé e Príncipe, e à exploração da costa ocidental de África [...]. Anteriormente, em 1500, no Atlântico Sul, uma frota destinada à Índia, sob o comando de Pedro Álvares Cabral, chegou à costa do território que viria a chamar-se Brasil (BETHENCOURT e RAMADA, 2010, p.1-2).

Com seu empreendedorismo ultramarino, Portugal fortalecia sua economia, montando empresas açucareiras em suas colônias, como foi o caso da Ilha da Madeira, onde Manuel Rodrigues nasceu. No entanto, a sociedade ainda continuava estratificada e marcada pela desigualdade social: os reis e nobres ocupavam lugar de destaque, em detrimento dos camponeses, dos escravos e das minorias étnicas, que ocupavam posições inferiores na hierarquia social.

No reinado de D. Manuel I (1495-1521), caracterizado por importantes reformas administrativas<sup>43</sup> e o auge da expansão portuguesa, intensificou-se a questão judaica, sendo milhares de judeus batizados à força, mediante torturas e violências, crise que culminou no trágico massacre dos judeus em 1506<sup>44</sup> e operacionalização do Tribunal do Santo Ofício em 1536.

Com o decreto de Alhambra, grande parte dos judeus expulsos da Espanha pelos reis católicos, Fernando e Isabel, em 1492, refugiaram-se em Portugal. Os judeus que cruzaram as fronteiras eram em torno de 100 mil, que, juntamente com a antiga comunidade judaica de Portugal, chegaram a formar cerca de 10% da população portuguesa (NOVINSK, 2015; ROTH, 2001).

Os exilados judeus que foram expulsos da Espanha em 1492 se espalharam por todos os cantos do Mediterrâneo, especialmente na Itália e nos países muçulmanos. Contudo, o maior corpo único cruzou as fronteiras de Portugal, recebendo acolhida amigável por parte do

<sup>43</sup> Em seu reinado, foi desenvolvido o estilo artístico Manuelino, em que vários edifícios foram construídos no estilo tardio gótico, como a Torre de Belém, o Mosteiro dos Jerónimos, em Lisboa, e o Convento de Cristo, em Tomar. De acordo com Ferreira e Dias (2016), ele também criou as Ordenações Manuelinas (semelhantes às antigas Ordenações de D. Duarte e às Ordenações Afonsinas), que era uma série de livros em que constavam as leis escritas do reino. D. Manuel também aproveitou e unificou o sistema municipal, centralizou ainda mais o poder, adiando a convocação das cortes, subjuguou o povo e manteve uma administração mais cuidada.

<sup>44</sup> Também conhecido como Pogrom de Lisboa ou Matança da Páscoa de 1506, em que uma multidão de católicos portugueses motivados por sentimentos antijudaicos perseguiu, torturou e matou milhares de judeus, acusados de serem os culpados das desgraças que assolavam o país, como a fome e a peste. Esta informação está disponível em <[https://pt.wikipedia.org/wiki/Massacre\\_de\\_Lisboa\\_de\\_1506](https://pt.wikipedia.org/wiki/Massacre_de_Lisboa_de_1506)>. Acesso em 9 de abril de 2021.

monarca Dom João II, que estava mais interessado nos lucros do que no senso de humanidade. Trinta famílias respeitáveis, chefiadas pelo Rabino Isaac Aboab, o último Sábio de Castela, foram autorizadas a se estabelecer no Porto (ROTH, 2001).

D. Manuel I, interessado em se casar com a princesa D. Isabel e estreitar laços com a Espanha, assinou a cláusula de 1495, imposta pelos monarcas espanhóis, que incluía a expulsão dos judeus e dos mouros de Portugal, ou seja, a purificação do país de infiéis e a extirpação da heresia marrana. Dom Manuel I (1495–1521), que havia sido generoso com os judeus, mostrou-se muito diferente quando desejou casar com Isabel<sup>45</sup> na expectativa de que seus filhos pudessem governar toda a Península Ibérica.

Segundo Novinsky et al. (2015), ele assinou o edito de expulsão, em 5 de dezembro (1496), que determinava que os judeus que não se convertessem ao cristianismo seriam expulsos de Portugal. Como muitos judeus preferiram o exílio à conversão e muitos com os seus serviços eram importantes para a economia e o comércio ultramarino do país, em abril de 1497, ele ordenou que nenhum judeu saísse do Reino, obrigando todos a se converterem ao catolicismo.

Essas conversões foram marcadas por cenas violentas e sangrentas, em que muitos judeus suicidaram ou mataram seus filhos para que pudessem ser salvos da desgraça da apostasia. Os que resistiam eram arrastados pelos cabelos até as pias das igrejas e batizados à força, e os que protestavam recebiam borrifadas de água benta e eram declarados cristãos. No dia marcado para a expulsão, ao chegaram ao porto de Lisboa para serem expulsos, eram confinados no palácio dos Estaus e por lá ficavam, sem comida e sem bebida, até que a resistência se quebrasse e se convertessem (ROTH, 2001).

No entanto, essas novas conversões não salvavam os antigos judeus das desconfianças e da má acolhida por parte dos antigos cristãos que os enxergavam como falsos cristãos e portadores de “sangue infecto”, por serem descendentes de judeus sefarditas. Para inflamar ainda mais a situação, o próprio monarca proibiu investigações religiosas no interior das famílias, facilitando que muitos praticassem o judaísmo secretamente, algo que serviu para levantar muitas suspeitas<sup>46</sup>.

---

<sup>45</sup> “Foi a própria infanta quem decidiu o assunto, escrevendo a Manuel que não entraria em seu país até que fosse purificado da presença de todos os infiéis. Isso foi decisivo” (ROTH, 2001, p. 56).

<sup>46</sup> E para agravar ainda mais a situação, como coloca Sancovsky (2010), os códigos visigóticos que pregavam o antissemitismo, assim como a discriminação dos conversos e dos judaizantes (muito utilizado pelos dominicanos), provêm já de um antissemitismo antigo que teve suas bases durante o estado visigodo, cujo objetivo era criar um projeto político de unidade religiosa. Portanto, o que se tem aqui são as bases de preconceito antigo que se tornará metódico e sistematizado durante o início do período moderno e com a instauração do Tribunal do Santo Ofício. Não foi a Inquisição que criou os “estatutos de pureza de sangue”, nem

Mas não tardaram a tornar-se alvo de hostilidade e discriminação, alimentados por membros do clero regular e, paradoxalmente, pela própria Coroa, que durante muito tempo manteve uma política ambígua, ora promulgando leis que limitavam a mobilidade geográfica e social ou a liberdade de casamento, ora beneficiando alguns deles (MARCOCCI; PAIVA, 2013, p. 26).

Um dos desdobramentos das conversões forçadas foram os estatutos de pureza de sangue, que, além do seu caráter excludente, proibiam os cristãos-novos de assumir diversos cargos sociais; entre eles, cargos na corte, na burocracia estatal, nas igrejas, nas ordens militares, nas universidades etc. Segundo Carneiro (2005, p. 343), “a persistência do conceito de pureza de sangue nas sociedades europeias tem se prestado como um vetor de exclusão social desde o século XV”. “Os Estatutos de Pureza de Sangue eram uma legislação de origem econômica, porém também racista, estabelecendo que os conversos (chamados cristãos-novos em Portugal) não eram iguais aos cristãos-velhos uma vez que o judaísmo era transmitido pelo sangue” (GORENSTEIN, 2001 p.1).

Apesar das inúmeras exclusões e das intempéries que os sefarditas vivenciaram nesses países católicos, é preciso salientar que todo esse antissemitismo não impediu que elementos da cultura judaica sefardita fossem incorporados pela sociedade portuguesa, bem como não impediu que eles criassem diversas estratégias de sobrevivência e resistência. Mesmo com o controle e o monitoramento por parte do Santo Ofício, muitos cristãos-novos deram continuidade ao trabalho dos seus antecessores. Excluídos de diversos cargos sociais, muitos assumiram profissões vinculadas ao comércio, à medicina, à astrologia, à farmacologia etc., o que configurou forma dinâmica e criativa de se destacar na sociedade e assumir o espaço público.

No reinado de seu filho, D. João III (1521-1557), cuja política foi mais cautelosa do que a política desenvolvida por seu pai, não foi, no entanto, nem um pouco benéfica para os cristãos-novos, “porque o reino começava a dar sinais de crise, no qual se sucediam as pestes, os maus anos agrícolas (e as conseqüentes fomes) e as dificuldades financeiras da Coroa” (DIAS; FERREIRA, 2016, p. 79).

Durante o reinado de D. João III ocorreram perdas dos territórios do norte da África e o sonho de um império português no norte da África foi colocado de lado. A manutenção de um império tão grande trouxe problemas financeiros

---

foi obra sua a exclusão dos descendentes de judeus da sociedade, entretanto é preciso entender que ela se mostrou muito entusiasmada para colocar esses critérios em prática. “É fato, porém que os estatutos foram endossados apaixonadamente pelos inquisidores” (NOVINSKY, 1982, 44). E muito defendido pela nobreza, como forma de manter os velhos padrões sociais. Segundo Sancovsky (2010), nas cláusulas conciliares e monárquicas do período visigodo atesta-se, enfim, a formulação de projeto político de desestruturação da judería sefaradí, projeto que visava atingir os principais atributos socioculturais de organização dessa micro instância social, cabendo mencionar: educação, sinagoga, rituais e liturgias, endogamia e parentesco e proselitismo.

para Portugal, no qual os lucros obtidos se mostraram menores do que os gastos com as guerras contínuas e prolongadas (HERMANN, 1998, p. 31).

Foi também no reinado de D. João III (1521-1557) que ocorreu a introdução da Inquisição em Portugal, em 1536, através da bula *Cum ad nihil magis*.

Durante cerca de quarenta anos, os antigos judeus portugueses contaram com certa tolerância a respeito de sua prática religiosa, recebendo proteção legal que os livrava de qualquer perseguição oficial. Todavia, a manutenção das práticas judaicas por certa parcela dos cristãos-novos acabou servindo como motivo primeiro e justificativa para a instauração do Tribunal do Santo Ofício da Inquisição em Portugal, no ano de 1536, responsável por manter a pureza religiosa e dizimar as ameaças ao monopólio católico no mundo português (ASSIS, 2019, p. 2).

Em determinados momentos, o monarca se alinhou às ideias humanistas e, em outros, às ideias conservadoras. Ao mesmo tempo em que o monarca contratou renomados mestres e intelectuais para abastecer a vida cultural de Portugal e transformar o país em grande centro político e intelectual, ele passou também a estreitar cada vez mais os laços com a corte de Carlos V.

Como bem apontam Marcocci e Paiva (2013), em *História da Inquisição Portuguesa (1536-1821)*, a instalação do Tribunal do Santo Ofício em Portugal foi fruto de diversos fatores, tendo deles sido a presença e o fortalecimento de setores mais conservadores e reacionários na corte portuguesa, responsáveis por instigar e pressionar o monarca D. João III a instalar uma Inquisição. Esse bloco conservador e reacionário, que tinha como suporte os teólogos da corte, findou por lograr êxito contra as ideias mais abertas e inovadoras da cultura na época de D. João III, representada por muitos humanistas<sup>47</sup>. O alvo principal eram os cristãos-novos, acusados de praticarem secretamente o judaísmo em seus lares, mas também havia o interesse em “extirpar o messianismo que representava para os cristãos-novos um horizonte de fuga de um presente dramático” (p. 54).

A instalação do Tribunal do Santo Ofício não foi fácil e se inseriu em contexto de conflitualidade com a cúria romana, já que esta vinha enfrentando problemas com os escândalos e conflitos jurisdicionais que envolviam o Tribunal de Castela. Além de tudo, a intenção da Coroa era aumentar seu domínio sobre os bens eclesiásticos.

---

<sup>47</sup> Na corte crescia o peso de círculo de conselheiros de formação neoescolástica, avessos às tendências mais tolerantes, tanto de religiosos como de humanistas, sobretudo os influenciados pela leitura de Erasmo de Roterdão. Entre os teólogos da corte, os mais influentes eram o doutor Diogo de Gouveia, professor de teologia na Sorbonne de Paris, e Pedro Margalho, que exercera docência na Universidade de Salamanca e estava estritamente ligado ao cardeal D. Afonso. Alguns, como o deão da capela real, Diogo Ortiz de Vilhegas, futuro bispo de São Tomé, mantinham relações apertadas com a corte de Carlos V e favoreciam os inquisidores de Castela junto a D. João III (ibid., p. 28).

D. João III, impregnado de sentimento religioso, pressionado pela Espanha e interessado nos bens econômicos dos cristãos-novos, não hesitou em aceitar a instalação, fazendo com que Inquisição Portuguesa nascesse no coração do Renascimento português, em 1536, durante seu reinado.

O motivo alegado para a perseguição aos cristãos-novos era religioso. Entretanto, não era o único. Pode-se constatar o caráter econômico por vários fatores. Na ordem de prisão de um cristão-novo, por exemplo, já havia o sequestro de seus bens. Este representava um pré-julgamento racista. No Brasil, entre os séculos XVI e XVIII, a atenção dos inquisidores sempre foi dirigida às regiões mais desenvolvidas e onde se concentrava o maior número de pessoas abastadas (NOVINSKY et al., 2015, p.53).

Nos séculos XVI e XVII, a Inquisição Portuguesa raramente usava a pena de morte na fogueira para punir os infiéis, entretanto o confisco de bens e as pressões psicológicas foram sobejamente utilizadas, visto que a Inquisição, para existir, subsistir e perdurar no tempo, tinha de perseguir e confiscar os bens dos cristãos-novos, por terem antepassados judaicos.

O Regimento do Conselho Geral do Santo Ofício da Inquisição, de 1570, desses reinos e senhorios de Portugal, no sétimo capítulo, deixa claro suas bases racistas e antissemitas:

Os oficiais do Santo Ofício (principalmente os que se houverem de eleger para o Concelho Geral inquisidores e deputados) terão as qualidades seguintes. Primeiramente serão bons letrados, prudentes, honestos, quietos e que tenham dado de si bom exemplo, assim em sua vida e costumes como em seus cargos se los servirão e não terão raça de Mouro, Judeu, ou infiel, nem descenderão de relaxados, reconciliados ou penitenciados pelo Santo Ofício. E estes defeitos não haverá também nos mais oficiais, os quais terão todas as qualidades e suficiência necessária para seus ofícios<sup>48</sup>.

O Tribunal do Santo Ofício, que teve suas portas fechadas em 1831, em Portugal, punia diversos tipos de crimes. Além do crime de judaísmo, que era o delito mais gravemente punido, outros crimes se encontravam submersos no campo da sua jurisdição: o protestantismo, o islamismo, as proposições heréticas (erros luteranos, incredulidade, rejeição dos dogmas e sacramento, negação da virgindade de Maria etc.), feitiçarias, sodomia, bigamia, a astrologia judiciária, crimes contra a moral sexual etc.

O espírito de otimismo que havia marcado Portugal no início de século XVI - com a expansão das grandes navegações - foi abalado quando, em 1578, Dom Sebastião, motivado pelo antigo projeto de conquista do Norte da África, parte para esse continente com cerca de

<sup>48</sup> Regimento do Conselho Geral do Santo Ofício da Inquisição destes reinos e senhorios de Portugal. Arquivo Nacional da Torre do Tombo. Inquisição de Lisboa, código de referência PT/TT/TSO-CG/034/0480. Disponível em <<https://digitalq.arquivos.pt/viewer?id=2318865>>. Acesso em 9 de abril de 2021.

15 mil homens, entre os quais 5 mil mercenários, e acaba sendo morto nas proximidades de Alcácer Quibir, interrompendo longa história de vitórias e conquistas e o sonho de ser o império universal da cristandade moderna (HERMANN, 1998). Essa batalha teve por consequência crise dinástica que levaria o país à perda da independência e à subida ao trono de Filipe II da Espanha, em 1580.

De acordo com Capello (1994), os prognósticos e as artes astrológicas recrudesceram ainda mais no reinado de D. Sebastião, devido à passagem do cometa de 1577, cuja aparição foi interpretada pelos homens de letras da época como sinal de mau presságio à ida *del Rei* à África. Capello também coloca que no *Memorial*<sup>49</sup>, de Pero Roiz Soares, o autor mostra o clima profético, apocalíptico, messiânico reinante na profusão de prognósticos, elaborados a partir dos céus, após a batalha de Alcácer Quibir.

Não restam dúvidas de que todo esse clima obscuro e profético ofereceu espaço para a expansão das consultas astrológicas. E o astrólogo Manuel Rodrigues recebia perguntas de pessoas que haviam perdido seus parentes na guerra da África.

## 2.5 Censura Inquisitorial em Portugal no século XVI

*Onde se queimam livros, acaba-se queimando pessoas.*  
Heinrich Heine.

*Defendo que a teoria de que o livro não é destruído como objeto físico, e sim como vínculo de memória.*  
Fernando Baez.

*O livro é o duplo do homem, e queimá-lo equivale a matá-lo.*  
Pierre Brisset.

Um dos campos de atuação da Inquisição Portuguesa foi a censura inquisitorial. No final do século XV “a Igreja aplicou a censura repressiva aos homens que emitiam opiniões contrárias a ela, uma vez que sendo o manuscrito pouco apropriado para a comunicação generalizada entre as massas populares, não havia motivo para uma censura prévia” (CARNEIRO; NOVINSKY, 1992, p. 471).

As artes tipográficas chegaram a Portugal por mãos da comunidade judaica durante o reinado de D. João II. Viveu um apogeu durante o reinado seguinte, onde foram criadas conjunturas que ajudaram a dinamizar esta arte, para isso muito ajudou a vinda de tipógrafos germânicos, francos e italianos, os quais contribuíram fortemente para o seu desenvolvimento. A imprensa viveu dias de retrocesso com a subida ao trono de D. João III, em consequência da vinda para o Reino da Inquisição (1536), o resultado não

<sup>49</sup> Publicado pela primeira vez pelo prof. Lopes de Almeida, em 1953, esta obra é um testemunho importante sobre os acontecimentos que marcaram o reinado de D. Sebastião e do cardeal D. Henrique. Segundo Jorge Peixoto é uma obra revestida de teor político e de resistência contra o domínio castelhano. Estas informações estão disponíveis em: <<https://core.ac.uk/reader/268314610>>. Acesso em: 10/09/2020.

podia ser mais desastroso com emigração massiva da população sobretudo da comunidade judaica e um aumento da burocracia para a impressão de uma obra. Até a chegada da Inquisição qualquer obra para ser publicada necessitava de contar com o privilégio real. Ao ser concedido esta regalia um editor inibia que outro impressor (nacional ou estrangeiros) pudesse comercializar essa obra pelo menos por um período de uma década<sup>50</sup>.

Sabe-se que a censura, assim como a destruição de livros, manuscritos e bibliotecas remontam à Antiguidade, em que, durante as guerras de conquista, o patrimônio dos povos subjulgados era destruído e queimado, visando a eliminação da cultura e a destruição da memória desses povos.

Essa prática sistêmica também esteve presente na Contrarreforma, quando a Igreja Católica, de maneira bastante reativa, impediu o avanço da imprensa e da Reforma Protestante pelos outros polos da Europa. Um dos desdobramentos da Contrarreforma foi a publicação do *Index Librorum Prohibitorum*, em 1559, no reinado do Papa Paulo IV, em uma das reuniões do Concílio de Trento (1538-1612). Esse catálogo delimitava conjunto de autores e de obras tidos como heréticas e acusados de corromper os fiéis cristãos e de propagar ideias dissidentes e anticlericais.

Assim, a publicação do Index acabou por reverberar nas obras sobre a astrologia judiciária.

O sistema de censura mais famoso e difundido do período foi o da Igreja Católica, com seu 'Índex dos Livros Proibidos'. O Índex era um catálogo — talvez seja mais bem descrito como um 'anticatálogo' — de livros impressos que os fiéis estavam proibidos de ler. [...]. Pode-se dizer que o Índex foi uma invenção que funcionou como um antídoto ao protestantismo e à impressão gráfica. Tratava-se de uma tentativa de lutar contra as publicações usando publicações. O Índex-modelo, editado em 1564, começava com uma série de regras gerais proibindo três tipos principais de livros: os heréticos, os imorais e os mágicos. Seguia-se uma lista de autores e títulos, sendo aqueles divididos em primeira classe (todos os seus escritos eram proibidos) (BRIGGS; BURKE, 2006, p. 56-57).

O espírito da censura já estava em Portugal antes mesmo da instalação do Tribunal do Santo Ofício, quando, no século XV, Afonso V publicou alvará em 18 de agosto de 1451, determinando a queima de alguns livros falsos e heréticos (SILVA, 1996).

Como a Inquisição na Península Ibérica ganhou novo matiz, ao ser criada exclusivamente para perseguir judeus e muçulmanos, as obras e livros desses povos foram submetidos a censura. Com as conversões forçadas, no final do século XV, em Portugal, a língua hebraica, responsável por veicular e transmitir a memória do povo judeu, foi proibida

<sup>50</sup> Sofia Bettencourt da Silva, Bibliotecária, Doutora em Bibliografía Y Documentación Retrospectiva en Humanidades. Arquivo Regional e Biblioteca Pública da Madeira. Disponível em <<https://abm.madeira.gov.pt/arte-negra/>>. Acesso em 9 de abr. de 2021.

nesse país. O objetivo dessas proibições e da queima de livros e manuscritos dos árabes e dos judeus era silenciar aspectos importantes da cultura da nação portuguesa que eram incompatíveis com os dogmatismos católicos preponderantes e vigentes na época.

A formação e o fortalecimento das nações ibéricas em torno de ideal cristão e de pureza de sangue apresentava caráter opressivo e seletivo que priorizava a veneração dos grupos sociais étnicos dominantes, em detrimento de minoria relegada como não sendo verdadeiramente parte dessas nações. Assim, muitas dessas memórias foram silenciadas, marginalizadas, soterradas e destruídas.

Paiva (2011) aponta que a censura episcopal em Portugal foi praticamente inexistente nas três primeiras décadas do século XVI, mesmo com a promulgação da bula *Inter sollicitudines* (1515), do papa Leão X, na qual se conferiu aos antístites a vigilância sobre os impressores, na tentativa de inviabilizar a circulação de textos luteranos. Um dos mais remotos vestígios da censura episcopal é a determinação do cardeal D. Afonso de que os livreiros apresentassem catálogo das obras que tinham para venda. A censura do livro foi reação adversa à proliferação das heresias e heterodoxias que despertava temor e pânico entre os membros da Igreja Católica e da corte régia. “No mundo católico, a repressão da heresia visa aniquilar os indivíduos e os seus feitos. Mas o combate contra a heterodoxia estende-se rapidamente aos textos” (BAUDRY, 2011, p. 14).

Baez (2004) aponta que a Inquisição foi umas das instituições mais repressivas de natureza judicial e religiosa vinculada à Igreja católica. Esse órgão de proteção e intimidação fora destinado a combater pensamentos heterodoxos e dissidentes. Tortura, censura, excomunhão, perseguição, destruição de vidas humanas, queima de livros e de pessoas foram estratégias utilizadas por essa instituição para consolidar o poder e a autoridade da Igreja Católica, assim como legitimar seu dogmatismo.

A censura inquisitorial liderada pelo Tribunal do Santo Ofício determinava a apreensão e a queima de todos os livros que circulassem sem autorização do TSO, incorrendo os responsáveis em pena de excomunhão. Com o nascimento da censura inquisitorial, os livros tinham que ser revisados, aprovados pela Inquisição, e os donos das prensas tipográficas tinham que ter licenças para imprimir tais textos. O sistema censório incluía também visitas anuais às livrarias, nas quais os livreiros eram obrigados a elaborar rol dos livros que tinham em suas lojas e enviá-lo Tribunal do Santo Ofício, assim como retirar de circulação aqueles que não cumpriam os requisitos dos índices proibitivos. As bibliotecas particulares passaram a sofrer censura, assim como as bibliotecas dos mosteiros, dos colégios e das universidades. As naus também não escaparam da censura, passando a ser inspecionadas

e a receber visitas regulares, principalmente aquelas que vinham de países onde proliferavam heresias. Com o intuito de legitimar seu poder, reorientar e vigiar a vida cultural dos portugueses, a Inquisição Portuguesa estabeleceu uma série de censuras. (MARCOCCI e PAIVA, 2013).

A publicação dos editos da Santa Inquisição determinava que aqueles que tivessem livros proibidos e suspeitosos deviam entregá-los e denunciar todos aqueles que tivessem livros defesos.

Ainda segundo Marcocci e Paiva (2013), o primeiro índice de livros proibidos foi promulgado em 1547, e nele estava determinada a erradicação de livros ligados ao protestantismo e a proibição da circulação de trechos bíblicos em língua vulgar, livros hebraicos, tratados de necromancia, livros da seita de mafamede e quatro obras de Erasmo. O objetivo dessa censura era evitar a entrada de autores hereges no país, ou a publicação de ideias inovadoras e de obras suspeitas ao povo cristão.

O índice seguinte (1551), além de reafirmar as proibições anteriores, acabou também ampliando as restrições: proibindo sete peças de Gil Vicente, além de outras obras consideradas mundanas. Já o índice de 1564, preparado pelo dominicano Manuel da Veiga, muito influenciado pelo Concílio Tridentino<sup>51</sup>, estabelecia a proibição de livros lascivos, desonestos e de artes mágicas e feitiçaria.

Nesse catálogo de 1564, o cardeal infante D. Henrique mandou aplicar as regras do Índice tridentino, em que se proibiam os livros heréticos, suspeitos e contrários à sã doutrina (Sá, 1983), o que impunha já o combate à astrologia judiciária em Portugal.

O índice de 1581, publicado a mando do inquisidor-geral D. Jorge de Almeida, teve grande influência na vida cultural portuguesa, não só reafirmou as proibições anteriores, como também incluiu novas obras no catálogo: *Menina e Moça*, de Bernardim Ribeiro; os *Diálogos de Amor*, de Leão Hebreu e as obras de Jorge de Montemor (ligadas à devassidão e ao amor profano) etc.

Em complemento desse *Index*, D. Jorge de Almeida (bispo inquisidor-geral de Lisboa) ordenou a publicação do *Catalogo dos livros que se prohibem neftes regnos & senhorios de Portugal/Com outras cousas necessarias â materia da prohibição dos liuros* (de 1581, p.7). Nele encontra-se a nona regra, reprodução da nona regra do *Index Librorum Prohibitorum*<sup>52</sup>,

<sup>51</sup> A Inquisição, o órgão mais repressivo e reativo da Igreja Católica, adotou fervorosamente as ideias do Concílio Tridentino e foi a instituição principal no combate à Imprensa e à Reforma Protestante.

<sup>52</sup> REGULA IX. *Libri omnes, et scripta Geomantiae, Hydromantiae, Acromantiae, Pyromantiae, Onomantiae, Chiromantiae, Necromantiae, sive in quibus continentur sortilegia, veneficia, auguria, auspicial, incantationes artis magicae prorsus rejiciuntur. Episcopi vero diligenter provideant, ne Astrologiae judiciariae libri,*

que confirma ter a astrologia judiciária sido já proibida antes mesmo da publicação da Bula *Coeli et Terrae Creator*, de 1586, que apenas fez reforçar e legitimar perseguição em curso há bom tempo.

Todos os Liuros & efcritos de Geomancia, Hydromancia, Aeromãcia, Pyromancia, Onomãcia, Nigromãcia, ou todos aquelles nos quaes fe conté adivinhações per modos illicitos, encantametos de arte Magica, totalmete fão reprovados: & os Bifpos diligentemente prouejam, q fe não leão, ou tenham liuros, tractados, catalogos de Aftrologia judiciaria, os quaes oufam afirmar com certeza, que ha de acontecer algua coufa dos fuceffos q eftão por vir, ou cafos fortuitos, ou daquellas obras que depedem da vontade humana. Mas permitté fe os juízos, & as cõfiderações & aduertecias naturaes, que eftão efcritas, que ferue para bem da nauegação, & da agricultura, ou da arte da Medicina.

Apesar de a astrologia judiciária não constar como arte proibida no regimento inquisitorial português de 1570, ela já era perseguida pela Inquisição Portuguesa antes mesmo da publicação do *Index*, como demonstra o processo inquisitorial de Aires Vaz.

Segundo Adriano Prospero (1996), essa tendência de ampliar a intervenção inquisitorial atingiu o ápice com o papa-inquisidor Sisto V, que pessoalmente declarou guerra aos adivinhos e astrólogos.

É conhecida sua intervenção contra a astrologia judiciária, com a constituição *Coeli et Terrae Creator* de 5 de janeiro de 1586. Mas a esta data a ação inquisitorial já se estendia a todo o vasto conjunto de ‘superstições’, assumindo os caracteres que deveria preservar ao longo da era moderna: não tanto uma busca implacável contra formações doutrinárias específicas (‘heresias’), mas sim uma campanha de conhecimento e intimidação. Por isso, a definição dos poderes da Inquisição na constituição *Immensa aeterni Dei* (22 de janeiro de 1587) representou a consagração de um avanço já ocorrido no terreno da magia e dos feitiços, e não a abertura de novas frentes (PROSPERI, 1996, p.390-391, tradução nossa).

Novinsky, em *A Censura e o Tráfico de Ideias*, estabelece que Portugal foi o país católico que mais se precaveu contra os avanços das novas ideias da modernidade e que o livro era visto como algo excessivamente perigoso, sendo sua fiscalização estendida dos cargos oficiais até a intimidade dos lares. Os navios eram frequentemente vistoriados pelos “visitadores das naus”, e os mercadores eram vistos como perigosos infratores por traficarem livros.

---

*tractatus, indices legantur, vel habeantur, qui de futuris contingentibus, successibus, fortuitisve casibus, aut iis actionibus, quae ab humana voluntate pendent, certo aliquid eventurum affirmare audent. Permittuntur autem judicia, et naturales observationes, quae navigationis, agriculturae, sive medicae astis iuvandae gratia conscripta sunt* (BARDANI, 1819, p. 12).

No entanto, sabe-se que a engrenagem da censura inquisitorial não era infalível, nem todas as naus eram inspecionadas e as pessoas acabavam circulando com livros proibidos. “Há ainda a considerar a circulação de manuscritos, mais volumosa do que a de impressos, o que era difícil de vigiar, e também que alguns consumidores conseguiam abastecer-se de livros diretamente no estrangeiro” (MARCOCCI e PAIVA, 2013, p. 97-98).

Também há de considerar a atuação da imprensa clandestina, que publicava obras proibidas, e dos livreiros, que pagavam pelo tráfico de livros. Apesar da forte censura que havia em Portugal no século XVI, muitas pessoas não compartilhavam dessas ideias e outras continuaram a manter e a comprar livros proibidos, como foi o caso de Manuel Rodrigues. O contrapoder se manifestava em uma série de cenários: desde a prática de enterrar, emparedar e até esconder livros e manuscritos em alhures. Manuel Rodrigues, com os seus 27 livros, admitiu aos inquisidores que comprava os livros nas tendas. Como muitos livros do século XVI eram grandes e pesados, a possibilidade de existir prensas clandestinas locais ou próximas a Lisboa não deve ser desconsiderada. Como afirma Villalta, o sistema de censura foi ineficiente:

Com uma incoerente e vulnerável vigilância nas alfândegas, os livros proibidos continuaram entrando em Portugal, sendo a documentação inquisitorial, os registros policiais e os testemunhos de estrangeiros da época eloquentes a esse respeito. Segundo Carl Ruders, os livreiros vendiam livros proibidos às escondidas, não os deixando expostos nas estantes e, ainda, cobrando mais caro pela mercadoria. Quando apanhados nas irregularidades, os livreiros alegavam desconhecimento ou boa-fé. Além disso, habituaram-se a pedir aos órgãos censórios autorização para enviar os livros retidos de volta às suas respectivas procedências (VILALLTA, 2015, p. 249).

Muitos dos livros heréticos impressos eram contrabandeados nas fronteiras, seguindo rotas clandestinas. “No começo do século XVII contrabandeavam-se para a Espanha livros proibidos, normalmente não encadernados (grandes bíblias escondidas em peças de fazenda e pequenos catecismos disfarçados como pacotes de cartas de jogar)” (BRIGGS; BURKE, 2006, p. 60).

No século XVI, em Portugal, censura literária determinava que os livros para circularem ou serem autorizados precisavam de selo oficial, indicando sua impressão autorizada pela Inquisição Portuguesa. Contudo, nem todos compartilhavam dessas regras e muitos se desviaram dessas normas, desafiando as estruturas vigentes e portando livros proibidos, como foi o caso do astrólogo Manuel Rodrigues.

Nesse momento histórico o leitor não era livre e a censura inquisitorial impunha inúmeras restrições à leitura. Como bem aponta Chartier, os gestos violentos foram utilizados estrategicamente para efetivar a censura e interditar a cultura escrita.

Estamos diante da apropriação penal dos discursos, ato que justificou por muito tempo a destruição de livros em que «os maus» livros eram destruídos pelo fogo [...]. Esta ‘apropriação penal’ dos discursos, segundo a expressão de Michel Foucault, justificou por muito tempo a destruição dos livros e a condenação de seus autores, editores ou leitores [...]. A fogueira em que são lançados os maus livros constitui a figura invertida da biblioteca encarregada de proteger e preservar o patrimônio textual. Dos autos-de-fé da Inquisição às obras queimadas pelos nazis, a pulsão de destruição obcecou por muito tempo os poderes opressores que, destruindo os livros e, com frequência, seus autores, pensavam erradicar para sempre suas ideias (CHARTIER, 1998, p. 23).

### 3 O CASO ESPECIAL DO ASTRÓLOGO MANUEL RODRIGUES

*O livre alvedrio não é sobreposto as estrelas, mas elas mostram a inclinação que a pessoa tem.*

Manuel Roiz da Ilha

#### 3.1 O processo inquisitorial n.º 7544

Apesar de os cristãos-novos<sup>53</sup> portugueses acusados de judaísmo serem as principais vítimas da perseguição do TSO, os acusados de crimes menores não eram tratados com brandura, pelo contrário, sentiram cair sobre suas costas o peso do rigor das normas do TSO, como foi o episódio do cristão-novo Manuel Rodrigues, acusado de praticar astrologia judiciária. Antes de prosseguir com as investigações contra o astrólogo Manuel Rodrigues é preciso salientar que esse processo inquisitorial apresenta características peculiares, já que difere de muitos outros, principalmente aqueles que envolviam cristãos-novos acusados de judaísmo. Nem todos os processos inquisitoriais seguem a mesma lógica, havia aqueles que apresentavam investigações mais peculiares, como é o caso daqueles que praticavam crimes menores ou aqueles cujos crimes não constavam no regimento inquisitorial, como a astrologia judiciária.

Registre-se, inicialmente, que, na primeira e segunda audiências, que acorreram entre os dias 26 de agosto e 1º de setembro de 1583, o astrólogo ainda não estava preso, contudo o processo já estava aberto e culminaria com sua prisão em 1º de outubro, um mês após seu último interrogatório.

Analisou-se o *Livro das Denúncias Feitas em Uma Visitaçãõ de Lisboa (1583-1588)*, na tentativa de rastrear possíveis pistas sobre quem efetivou a denúncia contra Manuel Rodrigues, contudo as duas denúncias contra o astrólogo só foram registradas em 1585 e 1587, depois que ele foi despachado pela Inquisição.

As práticas de ciências ocultas poderiam levar os acusados ao degredo, a remar nas galés, aos açoites públicos, às penas espirituais, ao pagamento de custas etc., e, nos casos mais graves, como a relapsia em feitiçaria, os indivíduos estavam sujeitos à pena de excomunhão maior, ao confisco de bens e relaxamento à justiça secular. Os cristãos-novos acusados de

---

<sup>53</sup>Conforme o trabalho de Isaías da Rosa Pereira *Notas Sobre a Inquisição em Portugal no Século XVI*(1978), a maior parte das pessoas acusadas pela Inquisição de Lisboa, nesse século, era de cristãos-novos (351 homens e 202 mulheres), número bem maior que o de cristãos-velhos (31 homens e 56 mulheres). E o crime de judaísmo é que mais aparece (79 homens e 162 mulheres). Em relação a naturalidade dos réus penitenciados pela Inquisição de Lisboa no século XVI, a maior parte era de Lisboa (183 homens e 264 mulheres), em segundo lugar aparecem os habitantes do Funchal (20 homens e 24 mulheres). A profissão de mercador é a que mais aparece entre as pessoas penitenciadas, algo que também mostra os interesses econômicos dessas prisões, em segundo lugar aparece a profissão de alfaiate (34 homens e 18 mulheres).

judaísmo “quase sempre tinham seus bens confiscados e estiveram sujeitos a vários graus de sanções” (SILVA, 2012, p. 13).

O astrólogo Manuel Rodrigues morava em Lisboa, na Rua da Graça, ao lado da calçada do Jogo da Péla. Rumores de que ele adivinhava objetos perdidos e furtados já vinha circulando há muito tempo pelas ruas e freguesias de Lisboa, pois suas práticas eram do conhecimento de muita gente, e irremediavelmente acabariam chegando ao conhecimento do Tribunal do Santo Ofício, uma vez que o personagem não escondia de ninguém suas crenças astrológicas provocantes nem seu empenho em realizar essas práticas. Publicamente se dizia que ele deitava juízos<sup>54</sup> e adivinhava objetos perdidos e furtados. A figura desse homem e seus conselhos eram respeitados, e o que mais chama atenção é que durante tanto tempo ninguém o denunciara, o que sugere ter sido a população de algum modo conivente com suas atividades; e, pior, não aparece no processo inquisitorial quem efetivou a denúncia contra ele, algo que sugere ter sido a própria Inquisição Portuguesa quem iniciou inquérito contra Manuel Roiz, já que boatos também serviam como denúncia. Parece que foi a história do cavalo roubado que instigou os inquisidores a abrir investigação para apurar as práticas de Manuel Rodrigues. Se foi anônimo delator ou algum cliente decepcionado com o seu trabalho quem fez a denúncia, não se sabe, pois no processo não consta. Contudo, seu trabalho e seus discursos astrológicos eram do conhecimento de muita gente na cidade. No auge de sua maturidade, a profissão de astrólogo já estava bem estabelecida e não faltavam clientes. Ele se tornou exemplo clássico do caminho árduo que um astrólogo precisava trilhar para adquirir número considerável de clientes e das vulnerabilidades que encaravam aqueles que obtinham seu sustento da astrologia, numa época marcada por disputas e ameaças da Inquisição. “Em uma sociedade na qual imperava o medo, a insegurança, a angústia do cotidiano, o astrólogo era, especialmente para as camadas mais elevadas, um conselheiro valoroso detendo um importante papel nas decisões e nas estratégias em jogo” (VALENTIM, 2009, 209).

Seus livros, suas conversas desafiadoras e provocantes sobre astrologia, suas histórias de objetos perdidos e furtados, que envolviam até figuras da alta sociedade de Lisboa, o tornavam naturalmente suspeito perante a fé católica, já que não eram segredo para ninguém suas heresias públicas.

À medida que envelhecia, sua popularidade aumentava, e os ventos da intolerância sopravam com rigor mais intenso, a censura inquisitorial se expandia e o catálogo do Índice de Livros Proibidos engrossava e reforçava suas regras com restrição clara: livros de

---

<sup>54</sup> Jargão eclesiástico para se referir àqueles que liam pensamentos e adivinhavam passado, presente e futuro.

astrologia judiciária eram proibidos, construindo, assim, barreiras contra a astrologia e contra a liberdade de expressão.

Depois de muitas viagens, turbulências, flutuações, fracassos e adaptações, já na meia idade, episódio inevitável ocorreria em sua vida: ficar frente a frente com os inquisidores Diogo de Sousa e Bartolomeu da Fonseca na casa negra do Rossio. Está-se diante de vida marcada por altos e baixos, que simula a trajetória de muitos cristãos-novos na Península Ibérica.

A vida desse astrólogo foi marcada por uma série de circunstâncias imprevistas. Mas, o que é mais intrigante é que ele morava perto do Palácio dos Estaus e fazia suas predições astrológicas publicamente, sem nenhum receio ou peso de consciência, como aponta o processo inquisitorial. Talvez, ele não conhecesse casos de pessoas que haviam sido presas pelo TSO, mas, em algum momento ele deve ter pensado: “se um dia eles me chamarem, eu falo tudo o que eu penso e tudo o que eu sei da astrologia judiciária”. Alguém com certeza deve tê-lo advertido a confessar espontaneamente, caso fosse chamado pelos inquisidores para ser examinado na mesa inquisitorial.

Não é difícil de entender que Manuel Rodrigues era homem dividido, marcado por cisão psicológica profunda e dominado pelo hibridismo cultural. Nessa alma fluída imperavam ideias que desafiavam o livre arbítrio e a providência divina, defendidos pelos ditames da Igreja Católica. Vivia em um mundo contraditório, já que seu modo de vida não permitia que ele fosse judeu, mas também não se encaixava nos padrões esperados de fiel católico e temente a Deus: duvidar da providência divina, acreditar na influência dos astros, mexer com o cosmo e fazer magia era algo que ia contra dogmas da Igreja Católica.

Não era judeu, mas carregava a mística judaica em sua mente e a lembrança afetiva de seus antepassados. As discriminações a que os cristãos-novos estavam sujeitos certamente contribuíam para que ele resistisse e desafiasse naturalmente a influência hegemônica do cristianismo dominante. Além de tudo, a maior parte de seus ancestrais judeus considerava não ser proibido praticar astrologia, desde se cumprissem e se respeitassem as obrigações religiosas da comunidade.

Segundo Garin (1984), na perspectiva teológica medieval, que concebia o universo como fechado, imutável e definido, qualquer prática que fosse além dessa racionalidade apanhada e segura era considerada tentação demoníaca. “Em perfeita coerência com esta posição da teologia, durante a Idade Média magia e astrologia se moveram nos domínios do demoníaco e a margem da ordem racional” (GARIN, 1984, p. 206-207, tradução nossa). E, como se sabe, o pensamento medieval exerceu influência no século XVI. Influenciados pelos

manuais inquisitoriais, os inquisidores do Tribunal do Santo Ofício encaravam a astrologia como prática herética e demoníaca.

Gustav Hennigsen (1994) observou que os europeus que desembarcaram no Novo Mundo eram biculturais, já que, além da educação cristã, eles também possuíam cultura popular marcada por universo mágico-religioso que envolvia prática de superstições, feitiçaria, magia, necromancia etc. Esse autor considera que esse evangelho negro, responsável pela transmissão da tradição mágica, estava dividido em duas categorias: a primeira, formada essencialmente por mulheres, que, através da oralidade, transmitiam seus saberes mágicos; a segunda, envolvia a tradição da escrita e era formada por magos eruditos e nela “encontramos astrólogos, quiromantes y nigromantes” (p. 13). Assim, os homens eruditos da teologia elitista enxergavam essas práticas como heréticas.

Avalos (2007), ao analisar três casos de julgamento, realizados pela Inquisição Mexicana entre os anos de 1641 e 1655, contra a astrologia, notou que, apesar dessa prática ser considerada crime menor pelos inquisidores mexicanos, ela “poderia se tornar mais perigosa em um contexto de agitação política extraordinária, como a campanha contra a comunidade criptojudáica na Nova Espanha” (p. 22, tradução nossa).

O discurso, a autoridade e a intransigência do inquisidor acabavam sobressaindo, além de o temor fazer com que os acusados negassem, obscurecessem e até dissimulassem suas crenças. Contudo, os processos permitem captar os sentimentos e ideias de pessoas com mentalidade diferente da ortodoxia católica, que enxergava o demônio em qualquer prática que não correspondesse a seu corpo doutrinal.

### **3.2 Início das investigações contra o astrólogo Manuel Rodrigues**

O início das investigações dos inquisidores se deu com convocação de quatro testemunhas para depor na mesa inquisitorial. As três primeiras eram os vizinhos de Manuel Rodrigues e a quarta era o proprietário do cavalo furtado.

Se atualmente os vizinhos são anônimos e indiferentes, no universo do século XVI, em que público e privado se confundiam, o sentimento que predominava era de temor e desconfiança em relação ao outro, cuja existência era explorada ao longo do dia (NOVAIS, SOUZA, 1997; DELUMEAU, 2009)

“Subindo a calçada do Jogo da Pélla, a esquerda, existia esta porta da Rua da Pélla. Conhecia-se pelo nome de Arco da Graça, em razão do oratório da Senhora que nelle se erigiu em 1657. Demoliu-se no anno de 1835: mas do logar ficaram vestígios”. (Moreira, 1837, p.

339). Como não havia esse oratório no tempo de Manuel Rodrigues, então a rua era apenas conhecida como Rua da Graça.

A Muralha Fernandina de Lisboa, foi construída na segunda metade do século XIV, possuía em sua estrutura portas, além de outros elementos, como torres, cubelos (pequenas torres), entradas e postigos (pequenas portas). A torre do Jogo da Péla, localizada próximo da Praça Martim Moniz, concretamente entre a Rua do Arco da Graça e a calçada do Jogo da Péla, hoje é um dos elementos da muralha que se encontra em melhor estado de conservação. Essas portas constituíam o principal eixo de ligação entre entradas e saídas na cidade de Lisboa (Gomes, 2019, apud VIEIRA DA SILVA, 1987). “A atual Calçada do Jogo da Pela é uma artéria em escadaria, que começa no lado ocidental do largo, extremo da Rua Martim Moniz, e termina na Rua do Arco da Graça”<sup>55</sup>

#### Testemunho de Belchior Freire

Em 25 de agosto de 1583 começava o inquérito para averiguar as práticas transgressivas que banhavam o cotidiano do astrólogo Manuel Rodrigues.

Em Lisboa, no palácio dos Estaus, também conhecido como casa de despacho da Santa Inquisição, os senhores inquisidores mandaram vir perante si Belchior Freire, moço da fazenda, idade de 28 anos, morador nesta cidade, na Rua da Graça, fora da porta de Santo Antão<sup>56</sup>. Ele prestou juramento sobre os santos evangelhos em que pôs sua mão e prometeu dizer verdade. Os inquisidores perguntaram se ele sabia de alguma pessoa nesta cidade que tivesse por ofício deitar juízos e adivinhar onde estavam as cousas perdidas e furtadas, ou que dissesse de cousas futuras. Ele disse aos inquisidores que na sua rua mora um homem que se chama Manuel Roiz, que diz ser natural da Ilha da Madeira e tem fama de deitar juízos e que diz de cousas furtadas que lhe perguntam. Acrescentou também que viu ir muita gente a sua casa: homens e mulheres. E na vizinhança se diz que vão saber de furtos que lhes fazem. A testemunha também relatou que em particular ouviu dizer que na casa de Manuel Roiz foi uma Margarida Roiz (mulher solteira), que mora na Rua dos Canos e foi lá saber de um pouco de falto (?) que lhe furtaram e que ela o achara depois, mas não sabe ele testemunha como. E ainda insinuou para os inquisidores que quem disto poderia melhor saber de como Manuel Roiz diz de cousas furtadas é uma sua vizinha de frente, que se chama Isabel Frei, uma beata, que tem muita amizade em sua casa. Acrescentou também que Domingos de Rezende e Duarte Veigas também eram vizinhos de Manuel Roiz.

<sup>55</sup> Revista Municipal. Publicação cultural da câmara municipal de Lisboa. N.º 30 e 31, 3º e 4º trimestre de 1946, p.6

<sup>56</sup> “Existe junto da Igreja de S. Luiz dos Francezes. Por ella se faz transito para a praça do Rocio” (CASTRO, 1763, pg. 78).

e mais nã disse do costume nada e lhe foi mandado tivesse segredo sob cargo do juramento que recebeo e elle asy o prometeo compri e asinou com elles senhores Inquisidores Jorge Miz<sup>57</sup> o escrevy, e declarao que morava na rua da graça ao postigo do Jogo da pella<sup>58</sup>. Diogo d sousabelchior Freyre balomeu da ffequa

Logo se percebe que Belchior Freire mantinha sentimento hostil e de desconfiança em relação a Manuel Rodrigues. Seja por razões religiosas, seja por motivos egocêntricos, ele cooperou com o regime inquisitorial, sugerindo novas pessoas aos investigadores. Essas almas informantes, que partilhavam das ideias do regime, eram essenciais para a manutenção da estrutura inquisitorial. Sem essa ativa colaboração e denúncias voluntárias, dificilmente a Inquisição se manteria por tanto tempo no poder. A profissão de Manuel Rodrigues também inspirava inveja naqueles que não a podiam exercer, ou inspirava raiva e suspeitas naqueles que não tinham nível de erudição considerável. De algum modo, Belchior Freire se sentia vulnerável e certamente temia que Manuel Rodrigues usasse seus poderes ou suas regras para adivinhar seus pensamentos mais ocultos e seus segredos guardados.

Ansiosos por obter mais informações, os inquisidores mandaram chamar Isabel Frei, que, meio assustada, foi imediatamente ao encontro dos inquisidores, atendendo à convocação.

#### Testemunho de Isabel Frei

Isabel Frei, mulher viúva, também moradora na Rua da Graça e idade de 36 anos, a quem foi dado juramento dos santos evangelhos em que pôs sua mão e prometeu dizer verdade. Questionada pelos inquisidores se sabia de alguma pessoa que deitasse juízos sobre cousas vindouras ou futuras, ela disse que vai entre anos que pousa na dita Rua da Graça e que foi vizinha parede-meia dois anos de Manuel Roiz e ainda agora mora na mesma rua e tem amizade com sua mulher. A testemunha relatou que viu ir muitas pessoas (homens e mulheres) à casa do dito Manuel Roiz e que publicamente se diz na rua que lhe vão perguntar muitas cousas como são os furtos que se fazem, e as mulheres que tem seus maridos ausentes lhe perguntam se estão bem e se virão em paz pera sua casa; e assim quando alguma mulher quer casar sua filha lhe pergunta se lhe sucederá bem o casamento, e quem quer navegar lhe pergunta se lhe sucederá bem a viagem e outras cousas semelhantes. Ela também relatou que Manuel Roiz não respondia logo às pessoas, e que as mandava tornar ao outro dia, e que ele deita os seus juízos e responde o que lhe parece. Os inquisidores perguntaram se ela sabia como ele fazia para responder as pessoas e ela respondeu que não via, mas que, quando

<sup>57</sup> Abreviatura do sobrenome Martins.

<sup>58</sup> ANTT. Processo 7544, [fl. 34].

perguntavam a Manuel Roiz sobre os furtos, ele tomava o nome do senhor da casa e de todos os criados. Em busca de mais indícios e provas contra Manuel Rodrigues, os inquisidores perguntaram se ela sabia em particular de algumas pessoas a quem o dito Manuel acertasse o que lhe perguntaram e ela disse que não sabia em particular. Os inquisidores também perguntaram se Manuel levava dinheiro ou algumas outras cousas por responder as partes que o vão perguntar.

Disse que sabe que leva dinheiro e o pede como prêmio de seu trabalho e que ele faz estas cousas publicamente sem nenhum receio como outro qualquer oficial usa de seu ofício e mais não disse e do costume que é seu amigo e de sua mulher como tem dito e lhe foi mandado tivesse segredo sob cargo do juramento que recebeu e ela assim o prometeu cumprir e assinou com eles senhores inquisidores<sup>59</sup>.

Isabel supostamente não queria testemunhar contra o amigo e parecia que estava evitando oferecer respostas mais concretas sobre o assunto, contudo negar ou evitar testemunhar contra a heresia de pessoas conhecidas era perigoso para aqueles que eram interrogados, já que isso poderia resultar em graves castigos, principalmente, se os inquisidores notassem que a testemunha estava omitindo informações. Além do que, as perguntas para Isabel Frei pareciam muito óbvias, a ponto de ela ter imaginado que os inquisidores já desconfiavam da sua intimidade na casa de Manuel Rodrigues e que ela conhecia muito o que se passava no interior de seu lar.

É perceptível que a proximidade das casas e das meias-paredes que as separavam e a estreiteza das ruas no mundo urbano não preservavam seus moradores de contato mais íntimo com a rua e seus vizinhos (NOVAIS; SOUZA, 1997). Logo, a privacidade e a vida íntima eram precárias, e os vizinhos a quem nada escapava sabiam o que se passava no cotidiano do outro.

#### Testemunho de Manuel Godinho de Baltazar da Fonseca

No mesmo dia também apareceu no Palácio dos Estaus, a mando dos senhores inquisidores, homem chamado Manoel Godinho (terceira testemunha do processo), que tinha posição de destaque na sociedade portuguesa e ninguém melhor do que ele para oferecer informações ao TSO.

<sup>59</sup> ANTT. Processo 7544, [fl. 36-37]. **Transcrição nossa** “disse Q sabe que leva dinheiro e o pede como premio de seu trabalho e que elle faz estas cousas publicamente sem nhú receo Como outro qual quer oficial Usa de seu off<sup>o</sup> e mais nã disse e do costume Q he seu amigo e de sua molher com tem ditto e lhe foy mandado tivesse segredo sob cargo do Juramento Q recebeo e ella asy o prometeo cumprir e asinou com elles senores Inquisidores”//Jorge Miz Diogo d sousa Izabel Frei Bartolomeu da fonsequa.

Ele era cavaleiro do Hábito de Cristo<sup>60</sup>, escrivão da câmara *del rey noso señor* e morador na cidade de Lisboa, junto ao Jogo da Péla. Ele prestou o juramento dos santos evangelhos e prometeu dizer a verdade. Os inquisidores perguntaram se ele sabia de alguma pessoa nesta cidade que deitasse juízos sobre coisas futuras e adivinhasse de coisas perdidas e furtadas. Ele disse que posa de um ano que vive na Rua da Graça [...] viu que à casa de Manuel Rodrigues, seu vizinho, vão muitas pessoas, homens e mulheres, a perguntar por cousas que lhes furtam e pessoas que navegam se são vivas ou mortas e disse que algumas pessoas iam a perguntar isto ao dito Manuel Roiz, achando-se ele testemunha presente. E quanto às coisas furtadas ele acrescentou que viu que Manuel Roiz toma o nome de quem lhe pergunta por escrito, a hora em que lhe perguntam e depois faz uma figura quadrada e lhe dá riscos pelo meio e faz os signos celestes e depois disso lê por livros de *astrologia* que tem e manda vir as pessoas ao outro dia, ou quando lhe parecer e lhe responde o que acha nisso. E isto faz publicamente sem nenhum peso, e o mesmo faz sobre as perguntas que lhe fazem sobre os navegantes, assim tira nascimentos e lança juízos dos cometas e outras coisas. Os inquisidores perguntaram se ele sabia se

o ditto Manuel Rodrigues acertasse alguas das cousas que lhe perguntassem disse que nã sabe elle testemunha mais que dizer elle mesmo que alguns furtos sobre que foi perguntado os acharam seus donos, perguntado se sabe em particular de algua pesoa a que elle acertasse o que lhe perguntara disse que não, e que tambem sabe de certeza polo ver que alguas pesoas lhe dam dinheiro por iso, e mais nã disse e do costume disse nada e declarou que o ditto Manoel Rodrigues he xpão novo da Ilha da Madeira e que sua molher he filha de hua sua irmã e lhe foi mandado tivesse segredo sob cargo do juramente que lhe foi dado e elle asy prometeo conprir e asinou com elles senhores Inquisidores<sup>61</sup>.

O testemunho de Manuel Godinho revela pistas e aspectos importantes das práticas astrológicas de Manuel Rodrigues. Na astrologia horária, a hora da pergunta é muito importante, pois é nesse momento que o astrólogo observa a configuração do céu através das efemérides<sup>62</sup> e tábuas de casa para dar julgamento e realizar essa arte. Nas questões horárias, o mapa é elaborado no momento em que a pergunta é feita.

<sup>60</sup> Ordem religiosa que oferecia ascensão social, distinção, privilégio para seus funcionários, contudo era exigida a limpeza de sangue para seu ingresso, algo que impossibilitava os cristãos-novos de exercerem funções nessa ordem. Sem dúvida, Manuel Godinho era alguém que tinha privilégio social.

<sup>61</sup> ANTT. Processo 7544, [fl. 39].

<sup>62</sup> As efemérides astronômicas fornecem as posições aparentes dos planetas. São também “tabela que fornece, em intervalos de tempo regularmente espaçados, as coordenadas que definem a posição de um astro”. Nesta e em viagens subsequentes, as Efemérides de *Regiomontanus* habilitaram Colombo “a determinar sua longitude aproximada, bem como a impressionar os habitantes da Jamaica, predizendo um eclipse lunar daquelas” (Mourão, 1987, p. 45-182-257).

O primeiro passo é desenhar figura quadrada, contendo as chamadas doze casas do céu; e o quadrado no meio é para registrar ano, mês, dia e hora em que é levantada a figura; Lilly (2004) pontua que, para levantar figura para pergunta ou para natividade, devem-se considerar três coisas: ano, mês, dia da semana, hora ou parte da hora desse dia.

Os tais “livros de astrologia” citados por Manuel Godinho eram as tabelas astronômicas e as efemérides que o astrólogo possuía, conforme rol entregue na mesa inquisitorial (a respeito dos livros que ele lia e utilizava para as suas predições e consultas astrológicas).

As tabelas astronômicas tinham como objetivo principal estabelecer as posições dos planetas e outros corpos celestes em um determinado momento temporal. Para isso se estabelecia um determinado meridiano a partir do qual se realizavam as medições e se fixava um ano *radix* que servia como uma referência. Também podiam conter os cálculos dos movimentos dos astros para intervalos de tempo mais longos; Nestes casos se determinava o período cíclico que serviu de marco para as tábuas em períodos de 20 anos, conforme o ciclo do sol, de 30, segundo os anos lunares, ou em prazos mais largos. Algumas tábuas continham outros dados, como o tempo e a duração dos eclipses ou diversas efemérides astronômicas que podiam interessar aos marinheiros. Também se incluíam alguns desses catálogos com os nomes e posições das estrelas (ARANDA, 2003, p. 27).

As cartas quadradas (figuras horárias) feitas pelos astrólogos eram divididas em doze casas e cada casa possuía significado que dizia e diz respeito a aspecto da vida.

Tal como dissemos antes, existem doze signos e também doze Casas ou setores celestes, então agora iremos explicar a natureza dessas doze Casas; ter um conhecimento exato delas é tão necessário que aquele que se dedica a estudar a natureza dos signos e dos planetas sem ter uma ideia clara sobre as Casas, é igual a um homem negligente que, mesmo cheio de conhecimentos, logo não sabe como utilizá-lo. Neste mundo não há nada que pertença à vida do homem e que, de uma forma ou de outra, não esteja relacionado com algum destes doze setores celestes. Assim como os doze signos correspondem aos distintos membros do corpo humano, as doze Casas representam não só as distintas partes do corpo do homem, mas elas também estão relacionadas às suas ações, sua forma e sua qualidade de vida (LILLY, 1989, p. 34).

As efemérides de Estoflerino<sup>63</sup>, de Pedro Pitati<sup>64</sup>, de Giuseppe Moleti, as Tábuas afonsinas e as Tábuas da rainha dona Isabel, que o astrólogo possuía, o auxiliavam a levantar

---

<sup>63</sup> Stoeffler, Johann, astrônomo alemão nascido em Blaubeuern, em Wuttemberg em 1452 (ou 1472) e falecido em Tubingen em 16 de fevereiro de 1530, segundo Clavius, ou, segundo outros historiadores, em 1534. Foi professor de astronomia e matemática em Tubingen. Ganhou notoriedade por sua profecia do segundo dilúvio, que ocorreria em 20 de fevereiro de 1524, quando Marte, Júpiter e Saturno estariam em conjunção. Dedicou-se à elaboração de efemérides astronômicas por 50 anos a começar de 1500. Escreveu sobre a construção e o uso de astrolábios. Elaborou comentário a respeito da esfera de Proclus, construindo globo celeste. Cratera lunar de 137km de diâmetro e 2.760 m de profundidade, no hemisfério visível (41°S, 6°E), assim designada em

figura horária, assim como o ensinava a produzir novos cálculos para os próximos anos. O *Almanach Perpetuum*, de Zacuto, que ele também possuía, fornecia “as horas mais ou menos exatas do nascer dos planetas e das estrelas” (ATTALI, 2006, p. 252).

A corte castelhana de Alfonso X, o Sábio, é provavelmente o exemplo mais significativo do esplendor da ciência na Espanha cristã medieval. A serviço do rei castelhano destacaram dois cientistas judeus, Isaac ben Sayid e Yehudá ben Moisés, cuja principal tarefa foi a elaboração de umas tábuas astronômicas que seriam conhecidas com o nome de Tábuas Alfonsinas. Foram compostas para o meridiano de Toledo e o ano *radix* 1252. Isaac ben Sayid era o especialista no uso de instrumentos de observação astronômica e Yehuda ben Moisés, que era o astrônomo da biblioteca do palácio, foi o encarregado de todas as questões bibliográficas. Essas tabelas adquiriram uma enorme popularidade, foram utilizadas provavelmente por Galileu e Kepler, e estiveram em vigor por quase quatro séculos, até que em 1627 este último as superou com suas Tabelas Rudolfinas (ARANDA, 2003, p. 29, tradução nossa).

Nessa obra encontram-se, minuciosamente descritas, as ‘tábuas’ elaboradas para determinar a localização dos astros na esfera celeste. Após a invenção da imprensa, o livro foi várias vezes impresso e teve a última edição consultada por Kepler e Galileu (NOVINSKY et al., 2015, p. 30).

Os inquisidores com formação teológica desprezavam o significado profundo dessas tábuas astronômicas, e as cartas quadradas levantadas pelos astrólogos eram muitas vezes rotuladas como figuras mágicas que invocavam o demônio.

O astrólogo Manuel Rodrigues possuía a obra mais famosa de Francisco Giuntino<sup>65</sup>, intitulada *O Espelho da Astrologia*, título em latim *Speculum astrologiae*.

Esse tratado, com mais de 1300 páginas em defesa da astrologia, contém o texto grego e a tradução latina do *Tetrabiblos*, de Claudius Ptolomeu, com seu comentário pessoal. A obra aborda as teorias e técnicas dos astrólogos árabes, apresenta coleção de aforismos astronômicos e astrológicos e ilustra mais de quatrocentos mapas de nascimento.

Foi publicado pela primeira vez em Lyon no ano de 1573 (reimpresso em 1575, 1581 e 1583) e corrigido pelo Santo Ofício. Nas três primeiras partes, o autor aborda a questão da correta interpretação das estrelas e planetas para

---

homenagem ao astrônomo, astrólogo e matemático alemão Johann Stöfler (1452-1534). (MOURÃO, 1987, p. 758).

<sup>64</sup> Matemático e astrônomo de Verona que viveu no séc. XVI. Publicou efemérides astronômicas, no período de 1552 a 1624, para uso em Veneza, baseadas nas tabelas alfonsinas, que foram de grande valor para a astronomia e a navegação. Como vários outros astrônomos do século, avisou o Papa, em 1537, da necessidade da reforma do calendário. Escreveu: Explicação sobre o nascer e pôr das estrelas fixas (Basis, 1568). (MOURÃO, 1987, p. 629).

<sup>65</sup> Francisco Giuntini (Junctinus ou Junctin), florentino, nascido em 7 de março de 1523. Foi carmelita, teólogo, homem de letras e um dos mais famosos astrólogos da segunda metade do século XVI.

a reconstrução de um horóscopo. Na quarta parte, seguindo a tradição dos tratados astrológicos, o autor descreve o significado das estrelas, planetas e cometas mais brilhantes para fins astrológicos. Na quinta parte, dedicada a Catarina de Médici, o autor oferece novas tabelas do movimento do sol, da lua e os cinco planetas visíveis, com base em novos dados astronômicos (AVALOS, 2009, p. 31).

### Testemunho de Antônio Barbosa

No mesmo dia 25 de agosto de 1583 apareceu nova testemunha, cujo nome era Antônio Barbosa, meirinho das contas. Ele prestou o juramento dos santos evangelhos e logo em seguida foi notificado pelo inquisidor: “Nesta mesa há informação que lhe furtaram um cavalo e que fora consultar Manuel Roiz que mora ao Jogo da Pela sobre quem lhe furtara e onde o acharia e que com o que ele lhe dissera [...] achara o cavalo”.

Antônio Barbosa certamente ficou com olhar apreensivo e desconfiado com a notificação do inquisidor, mas disse que isto que se passara era verdade e acrescentou que:

Aos trez dias deste mês de agosto que foi ao sabbado na noite dantes lhe furtaram hum cavalo que tinha em hua extrebaria de fronte de sua casa estando elle testemunha mandar alguns homens em busca delle lhe enculcaram o ditto Manuel Roiz e elle testemunha foi logo la naquele dia pola manham e lhe perguntou se saberia dizer lhe quem lhe furtou o seu cavalo, e o ditto Manuel Roiz perguntou a elle testemunha polo seu nome e se sospeitava em alguem que lho furtasse e elle testemunha lhe disse o seu nome e tambem que suspeitava em hua pessoa que lhe nomeou e o ditto Manuel Roiz oulhou hum livro que tinha na mesa encadernado de preto e do que nelle achou escreveo duas meos regras nos pontos de tres ou quatro meos folhas de papel, e não entendeo elle testemunha o que elle escreveo por estar afastado hum pouquo, e depois de teer escriptos as meas regras disse logo a elle testemunha que lhe parecia que o seu cavalo hia pera Loures que mandase la depressa e dizendo lhe elle test<sup>o</sup> se mandaria tambem ao barco de Saquavem<sup>66</sup> o ditto Manuel Roiz lhe disse que bom seria mandar tambem la mas que mais lhe parecia que hia pera Loures e contado disse a elle testemunha que pera mais certeza tornasse la naquele dia as quatro oras da tarde e por elle testemunha nã poder la ir mandou la hum seu que se chama Antonio barbossa<sup>67</sup> e elle foi la e o ditto Manuel Roiz lhe disse que o cavalo delle testemunha que mora a nosa seõora da vitória saira pola rua dos ourives e polas fangas da farinha e que dahy o levaram por alcantara até sam sebastião da pedreira e que dahy por diante nã se determinara o que socedera e tudo isto veo contar a elle testemunha o ditto seu irmão e contudo elle testemunha foi a casa do ditto Manuel Roiz no mesmo dia como que hia buscar a resposta do que lho dissera pola manham e o ditto Manuel Roiz lho fallou polos mesmos termos que falou ao ditto seu irmão e na segunda feira seguinte que foi dia de nosa seõora da sumpsão estando elle test<sup>a</sup> na rua da figeira acertou de contar como lhe furtaram o ditto cavalo e hum moço que

<sup>66</sup> Atualmente é uma povoação portuguesa do município de Loures. “Junto ao rio, que corre de Sacavem, distante de Lisboa duas legoas para o Norte, está fundada esta povoação nas margens de huns montes, porém com alegre vista” (CASTRO, p. 467).

<sup>67</sup> Dúvidas a respeito desse nome, já que o notário escreveu como sendo também Antônio Barbosa, o mesmo nome que o da testemunha.

ahy se achou disse a elle testemunha que lhe iria mostrar onde estava hum cavalo perdido e o levou, a santo espirito da pedreira a casa da molher que foi de Ambrosio daguiar onde elle test<sup>o</sup> achou o ditto cavalo e por achar na ditta casa nã quis averiguar quem o furtara nem fazer niso mais diligencias (?) nem soube se o cavalo fora levado por honde lhe disse o ditto Manuel Roiz e dahy a tres ou quatro dias encontrou elle test<sup>a</sup> o ditto Manuel Roiz e lhe contou como achara o ditto cavalo mas que não fora onde lho elle disera e o ditto Manuel Roiz lhe respondeo que pouquo hia de sam sebastião da pedreira ao espirito santo da pedreira, e que do caso mais nã sabe que o dittp seo irmão lho deu dois tostões quando la foi no dia do sábad<sup>o</sup> [...].

Em meio a esse cenário de desconfianças, temores e represálias inquisitoriais as pessoas acabavam oferecendo testemunhos contraditórios, não falando diretamente sobre o assunto ou entrando sempre em detalhes dissimulativos.

Tentando reconstruir o fato, na sexta-feira, noite anterior ao sábado, dia 5 de agosto, conforme o calendário gregoriano, e não 3 de agosto como apontou Antônio Barbosa, seu cavalo, que estava em estrebaria de frente a sua casa, foi furtado. Depois do roubo, informaram que fosse se consultar com Manuel Rodrigues. No dia seguinte, sábado, pela manhã, ele foi à casa do astrólogo que perguntou o seu nome e se suspeitava de alguma pessoa. Em seguida, olhou livro encadernado de preto, fez umas duas meias regras em uma folha de papel e, depois de analisá-las, disse que parecia que seu cavalo ia para Loures e que, para ter mais certeza, retornasse às 16 h.

Assim, o mapa horário feito por Manuel Rodrigues logo conseguiu captar a energia, o pensamento e as forças psíquicas de seu cliente. Essas questões horárias trabalham essencialmente com perguntas relevantes em que de algum modo o querente esteja envolvido, pois, como sabido, no século XVI o cavalo era animal muito valioso, pois atuava como importante meio de transporte, era utilizado para caça e desportos e representava símbolo de status social. Assim, o roubo de um cavalo causava angústia em qualquer proprietário.

As respostas mais eficazes são para aqueles mapas horários feitos para o local e hora de onde a pergunta ocorreu primeiro, mesmo o astrólogo não estando presente. Isso é natural se raciocinarmos que o motivador básico da pergunta foi devido ao estado cósmico local sob o qual estava a pessoa (SALIBA, 1991, p. 41).

Por ele não poder ir lá, pediu que seu irmão fosse buscar a resposta. Manuel Rodrigues disse para o irmão que o cavalo saíra pela Rua dos Ourives, pelas Fangas da Farinha e que daí o levaram por Alcântara até São Sebastião da Pedreira. Depois de ter ouvido a resposta do irmão, a testemunha relata que foi lá pessoalmente e Manuel Rodrigues falou nos mesmos termos do que dissera a seu irmão.

---

<sup>68</sup> ANTT. Processo 7544, [fls. 40, 41, 42 e 43].

Na segunda-feira seguinte, dia de Nossa Senhora de Assunção<sup>69</sup>, eles acertaram para que Manuel Rodrigues pudesse lhe contar como aconteceu o furto. Em coincidência curiosa na Rua da Figueira, local em que ele acertou se encontrar com Manuel Rodrigues, apareceu moço que lhe iria mostrar onde estava um cavalo perdido e o levou a Santo Espírito da Pedreira, à casa da mulher que foi de Ambrósio de Aguiar. Relatou que por ter achado o cavalo na dita casa não quis averiguar quem foi o autor do furto, nem soube se o cavalo foi levado por onde lhe disse Manuel Roiz. Relatou também que entre três ou quatro dias encontrou com Manuel Rodrigues e contou que o cavalo não estava onde ele lhe dissera, e que Manuel Rodrigues disse que “pouco ia de São Sebastião da Pedreira ao Espírito Santo da Pedreira”. Disse também que seu irmão deu dois tostões quando lá foi no dia do sábado. E, para não se comprometer muito, falou que não procurou mais saber informações, evitando, assim, discutir o assunto do cavalo com os inquisidores.

O depoimento de Antônio Barbosa é contraditório em três pontos: primeiro, contradiz a informação dos inquisidores (que alegaram que com o que Manuel Rodrigues disse ele achou o cavalo); segundo, envolve suposto irmão com o mesmo nome que o seu; terceiro, aponta toponímicos similares (São Sebastião da Pedreira e Rua de Santo Espírito da Pedreira). Ora, seria muita coincidência o astrólogo falar que o cavalo estava em São Sebastião da Pedreira e ele ser encontrado na Rua de Santo Espírito da Pedreira. Cristóvão de Oliveira, em seu *Sumária* (em 1551), contava que a Ermida de São Sebastião da Pedreira está na freguesia de Santa Justa, fora do muro, enquanto que Rua de Santo Espírito da Pedreira estava na freguesia de São Nicolau.

O discurso bíblico diz que toda prática ocultista é proibida por Deus, e várias passagens reprovavam isso em todas as suas formas. Inúmeras passagens bíblicas também criticam os prognosticadores e adivinhos. E quase sempre a figura do astrólogo aparece nas sagradas escrituras associada à figura do mago, do feiticeiro, do caldeu, do sábio e do adivinho. Nas Igrejas, capelas e ermidas e nos sermões religiosos, o discurso também pontuava que aqueles que se consultavam com adivinhos e feiticeiros estavam se contaminando com as heresias do pecado. Se o adivinho acertasse é porque ambos estavam em conluio com o poder do demônio. Então, na maior parte das vezes, era mais seguro falar que o mágico errava para, assim, todos se livrarem da culpa e dos castigos.

Para finalizar, os inquisidores aproveitaram e perguntaram se ele sabia de alguma pessoa que consultasse o dito Manuel Roiz sobre coisas perdidas ou outras dessa qualidade, ou se sabia que ele acertava o que lhe perguntavam.

---

<sup>69</sup> Festa religiosa comemorada entre 6 e 15 de agosto.

Disse que o nã sabe e mais nã disse e do costume disse nada, e lhe foi mandado ter segredo sob cargo do Juramento que recebeo e elle asy o prometeo coprir e asinou con elles senhores Inquisidores<sup>70</sup>.

Com esse depoimento de Antônio Barbosa fica claro que, apesar do porto e de ser cidade cosmopolita onde percorriam gentes, mercadorias e ideias, o espaço de Lisboa era pequeno. As práticas astrológicas de Manuel Rodrigues eram do conhecimento de muita gente em Lisboa. Além do mais, as sociedades europeias do século XVI não viviam no anonimato as pessoas se conheciam de vista, de conversa qualquer, através de laços de parentescos, relações de vizinhança e de amizade etc. A noção de privacidade ainda se estava delimitando no século XVI e as relações comunitárias eram mais rígidas.

Como explicar, no entanto, a técnica aplicada por Manuel Rodrigues para acertar a localização aproximada do cavalo através da astrologia? Será que uma figura quadrada levantada por um astrólogo teria a capacidade de oferecer localização aproximada de animal de grande porte? A resposta é sim. Essa técnica é muito complexa, mas bom astrólogo consegue executá-la. Além disso, pode-se fazer dupla pergunta ao astrólogo: desde a identidade do ladrão até a localização do animal. Para animais grandes, como cavalo ou boi, é utilizada a casa 12, pois é ela que rege grandes animais.

Manuel Rodrigues poderia trabalhar com a casa número doze para esquadrihar a conexão entre o querente e o cavalo perdido. Essa foi técnica muito aplicada pela astrologia horária, já que os animais de grande porte tinham valor significativo. A técnica muitas vezes não oferece localização precisa, mas apenas aproximada.

A casa doze está relacionada com os inimigos ocultos; com o gado ou com os cavalos, os bois, os elefantes, etc. Simboliza também as penas, as tribulações, os encarceramentos e qualquer tipo de aflições assim como a autodestruição em geral. Personifica a todos aqueles que prejudicam de forma maliciosa os seus vizinhos, ou que estão atuando secretamente contra eles. Como cosignificantes, tem, Peixes e Vênus, Saturno alegra-se muito nessa casa já que este planeta é por natureza, portador de desgraças. No corpo humano, rege os pés e, quanto as cores, simboliza o verde (LILLY, 1987, p. 40).

Desconhece-se o signo em que a casa 12 se encontrava quando Antônio Barbosa fez a pergunta a Manuel Rodrigues. Para saber para que lado o cavalo foi, é preciso atentar para o signo da doze e a posição do seu planeta regente no mapa, que representaria o cavalo e seu movimento. Por exemplo, se a casa 12 se encontrasse no signo de Áries, então o planeta regente dessa casa seria Marte, que representaria o cavalo. Se o planeta regente estivesse domiciliado, ou seja, na própria na casa 12, então o cavalo estaria na estrabaria ou bem

---

<sup>70</sup> ANTT. Processo 7544, [fl. 44].

próximo a ela. Caso o planeta regente estivesse em outra casa, então o cavalo se teria deslocado para outro lugar. É necessário também levar em consideração o movimento da lua, já que ela é sempre corregente, se ela estiver vazia ou fora de curso<sup>71</sup>, certamente o cliente poderá ficar sem respostas. E no que diz respeito ao autor do furto, há que analisar os aspectos favoráveis entre a casa 1 e a casa 7. Se tudo ocorrer bem no mapa e o planeta regente estiver em signo de leste, por exemplo, então o cavalo seguirá na direção oriental. Registre-se, ainda, que para cada signo existe direção correspondente<sup>72</sup> (LILLY, 1987; SALIBA, 1991).

O depoimento dessas primeiras quatro testemunhas apresenta certa conformidade em relação às atividades astrológicas executadas por Manuel Rodrigues. Com essas provas, já suficientes, os inquisidores necessitavam da confissão de Manuel Rodrigues para validar a investigação criminal. Decidiram, pois, chamar Manuel Rodrigues à mesa. Esses testemunhos revelam que havia teia de relações entre o astrólogo e seus clientes. Suas atividades estavam tão imersas no cotidiano que ele prestava seus serviços à população à luz do dia.

A facilidade com que os inquisidores arrancavam testemunhos e confissões mostra que o poder da Inquisição Portuguesa estava presente em todos os lugares da sociedade, penetrando de forma repressiva na vida cotidiana das pessoas. Ela não só tinha cúmplices, como também tinha muitas pessoas, que, por medo e respeito a sua autoridade delatavam outras pessoas. No final de cada investigação eles ordenavam o segredo.

O segredo foi sempre o nervo vital da Inquisição. Era escrupulosamente guardado por seus responsáveis, e duramente castigados aqueles que o quebravam. O homem que emergia dos recessos dos edifícios inquisitoriais fora testemunha, via de regra, de muitos dos procedimentos do Tribunal, vira a muitos, ouvira ou soubera de muita coisa. Estava, pois, obrigado, como os oficiais do Santo Ofício, a manter o segredo. Para reforçar sua vontade, ameaçavam-no de ser chamado à responsabilidade, em caso de perjúrio (SIQUEIRA, 1978, p. 298).

Essa obsessão dos inquisidores em saber se Manuel Rodrigues acertava as perguntas estava vinculada a aspecto importante da investigação: descobrir se Manuel Rodrigues tinha pacto com o diabo, já que na mentalidade dos inquisidores somente o diabo tinha a capacidade de responder às adivinhações e às questões futuras. Esses teólogos não viam clara distinção entre astrologia e feitiçaria. A ideia do pacto, seja ele tácito ou explícito, era tão

---

<sup>71</sup> A Lua está fora de curso quando ela não faz nenhum aspecto principal (conjunção, sextil, quadratura, trígono, oposição) com qualquer outro planeta antes de deixar o signo em que está. Quando se encontrar a Lua fora de curso, seu julgamento deverá ser: nada acontecerá ao assunto [...]. No caso de coisas perdidas, a Lua fora de curso geralmente indica retorno ou encontro da coisa perdida. No entanto, em geral, a palavra de ordem para a Lua fora de curso é que nada pode ser feito para mudar ou alterar o curso da situação. (SALIBA, 1991, p. 48).

<sup>72</sup> Signo Direção / Fogo (Áries-Leste; Leão-Leste pelo Norte; Sagitário-Leste pelo Sul); Água (Câncer-Norte; Escorpião-Norte pelo Oeste; Peixes-Norte pelo Leste); Ar (Libra-Oeste; Gêmeos-Oeste pelo Sul; Aquário-Oeste pelo Norte); Terra (Capricórnio-Sul; Touro-Sul pelo Leste; Virgem-Sul pelo Oeste);. (Ibid., p. 75).

presente que “nos processos inquisitoriais uma das maiores preocupações dos inquisidores era ouvir dos réus a confissão de que aquilo que executavam resultava do poder que obtinham junto do Diabo por via do pacto” (PAIVA, 2002, p. 40).

Pode parecer irracional, mas no século XVI, o imaginário coletivo dos cristãos era povoado de crenças e práticas sobrenaturais, em que os demônios ou pactos com o diabo eram atribuídos às práticas contrárias aos dogmas do cristianismo.

### 3.3 Cotidiano de Manuel Rodrigues

Nascido por volta de 1528, na Ilha da Madeira, Manuel Rodrigues, popularmente conhecido como o astrólogo ou o homem que adivinhava, tinha 55 anos quando foi acusado pelo Tribunal do Santo Ofício de Lisboa de possuir livros proibidos pelo Concílio Tridentino e praticar astrologia judiciária. No conjunto, a posição de Manuel Rodrigues no microcosmo social não era tão ruim, já que a figura do astrólogo era respeitada e o ofício sempre solicitado, apesar de sua condição social de cristão-novo. Além disso, os astrólogos dominavam técnica que a maioria das pessoas não dominava. Ele era também indivíduo que exercia certo poder, tinha certa autoridade e posição privilegiada, em que seus conselhos e predições eram solicitados e respeitados. Numa época em que os roubos eram constantes, o sistema policial ineficiente e as pessoas não conseguiam contactar seus familiares que viajavam ou os desaparecidos, a figura do astrólogo era estimada.

Além de ser figura popular em Lisboa, ele era homem de letras e ciências, algo que o favorecia na sociedade. Como mediador cultural, ele fazia a astrologia sair dos livros para circular pelos mais diversos estratos sociais, tornando-a arte popular. Como aponta Ginzburg. “entre cultura douta e cultura popular costuma existir uma relação circular” (2001, p. 23).

Na primeira sessão (*Da genealogia*), os inquisidores perguntavam aos presos sobre sua genealogia, naturalidade, nome, idade, ofício, nome dos cônjuges, filhos, nação, se tinha descendência de mouros ou judeus etc. Nessa sessão também perguntavam o decurso da vida, onde foi criado, se sabia ler ou escrever, suas viagens, se esteve fora do reino, se já tinha sido preso, reconciliado ou penitenciado etc.

No primeiro interrogatório<sup>73</sup>, das perguntas referentes à *genealogia* os inquisidores apenas perguntaram o seu nome, por onde andou e se estudou alguma ciência. Por descuido, os inquisidores não se interessaram pelos aspectos familiares da vida de Manuel Rodrigues, e isso configura mistério, pois os inquisidores eram mestres em fazer investigações familiares. Sem dúvida, os detalhes sobre a família, o nome da esposa (que era a sua sobrinha),

---

<sup>73</sup> No dia 26 de agosto de 1583.

fortaleceria o trabalho e revelaria aspectos mais importantes da identidade de Manuel Rodrigues. Seja por descuido dos inquisidores ou, talvez, pelo o fato de Manuel Godinho ter salientado ser Manuel Rodrigues cristão-novo, os inquisidores dispensaram fazer a investigação de sua árvore genealógica. Visto que, ao contrário do judaísmo, que eles acreditavam que era propagado através do sangue, o conhecimento da astrologia se dava através da leitura dos livros e de estudos universitários, é de se presumir que eles perguntavam aquilo que era mais relevante para a investigação criminal. Onde se encontra investigação mais minuciosa da árvore genealógica é no interrogatório para identificar casos de judaísmo.

Manuel Roiz acrescentou que há 33 anos, era proveniente da Ilha da Madeira para morar em Lisboa, havia sido mercador e que, no ano de 1570, havia ido à Itália - Gênova, Roma e Florença - cobrar fazendas.

perguntado se foj fora deste rejno disse que no año de setenta foj a Italia, a Genova, Roma, e Florença cobrar fazenda que la tinha de seguros de não concepsão que se perdeo indo pera a Inda, e a tornada veo por França e esteve em Liam e em Paris e em Ruam e en Veros arecadando tabé sua fazenda, e nesta ida e vinda gastaria tres años pouquo mais ou menos e dahy se veo a esta cidade por terra e des entam sempre residio nella<sup>74</sup>.

Portanto, antes de exercer o ofício de astrólogo ele havia sido mercador, participando de rede complexa que certamente envolvia outros cristãos-novos – cobrando e coletando taxas e impostos em outros países e tratando de negócios, pois, desde o Império Romano os judeus se destacaram em atividades fazendárias. Muitos dos ofícios que eram desempenhados por judeus acabaram sendo transmitido aos cristãos-novos.

Essas complexas redes comerciais mercantis tecidas pelos cristãos-novos não são incomuns em fontes inquisitórias. Havia rotas comerciais que colocavam os cristãos-novos em contato com diversas comunidades judaicas, e de algum modo elas enriqueceram sua bagagem cultural.

Com as perseguições, muitos judeus se estabeleceram no reino da Itália, na segunda metade do século XVI, indo para cidades, como Gênova, Verona, Veneza, e outras regiões, como Piemonte, Úmbria e Toscana. Assim, “havia um intenso intercâmbio clandestino entre os judeus de Veneza e os cristãos-novos portugueses” e nos guetos onde havia escolas judaicas, influenciadas pelo espírito do Renascimento, os estudos de matemática, astronomia e teatro, economia eram valorizados (NOVINSKY et al., 2015, p. 55-56).

---

<sup>74</sup> ANTT. Processo 7544, [fl. 65-66].

Muitos cristãos-novos da Ilha da Madeira participaram de redes mundiais de comércio, com isso muitas famílias cristãs-novas se destacaram no trato transcontinental. Além de tudo, o comércio não era apenas prática materialista e quantitativa para os judeus e os cristãos-novos, era também parte integrante da cultura e dos costumes desses grupos sociais, assim como a astrologia e a astronomia, que alimentavam a vida cultural dos intelectuais de origem sefardita.

Ao que tudo indica, parece que o negócio não deu muito certo e desde então Manuel Rodrigues decidiu seguir o ofício de astrólogo, já que a prática era largamente popular e permitia juntar razoável pecúlio. Nas cortes, o ofício poderia gerar honras e promoções, mas atuar na cidade por conta própria poderia terminar em infortúnios e desastres, devido à perseguição da Inquisição.

Segundo Olival (2016), desde 1460 os judeus participavam diretamente do comércio do açúcar na Ilha da Madeira, atuando como mercadores e no processo da redistribuição do açúcar para Flandres e para as cidades italianas. Olival também esclarece que muitos cristãos-novos da Ilha da Madeira mantiveram a endogamia em meados do século XVI e outros comportamentos associados a práticas criptojudaizantes. Além da boa integração entre eles, a maioria dos cristãos-novos em Portugal era de mercadores e, em menor número, artesãos e rendeiros. Como acrescenta Bezerra (2019), em sua dissertação a respeito da trajetória da cristã-nova Justa Pereira diante das crescentes opressões em relação aos judeus, o comércio acabou se tornando uma das poucas alternativas em Portugal. Em razão disso, muitos judeus, e, em seguida, os cristãos-novos partiram em direção à Ilha da Madeira, notadamente para o Funchal, nos séculos XV e XVI, interessados, sobretudo, em comercializar o açúcar e em poder praticar a religião em local menos conhecido. Assim, o Atlântico, a partir do século XV, se tornou importante elo de comunicação entre as comunidades mercantis cristãs-novas.

A afirmação da economia açucareira no mundo começou na Madeira e foi o arquipélago, o princípio das mudanças necessárias para que esta cultura e produto assumissem a dimensão que tiveram, a partir da segunda metade do século XV. Entre meados do século XV e princípios da centúria seguinte, apareceram inventos significativos, por mãos hábeis de madeirenses, que permitiram que a cultura da cana sacarina se afirmasse e o consumo do açúcar começasse a vulgarizar-se na Europa (VIEIRA, 2017, p. 10).

Hans Staden (ca.1524-ca.1576), em seus primeiros registros sobre o Brasil, quando zarpou de Lisboa num pequeno navio, registrou que a Ilha da Madeira, ilha do Rei de Portugal, “é habitada por portugueses. Ela é fértil e produz vinho e açúcar” (2010, p. 32). A indústria açucareira atraiu para a Ilha da Madeira comerciantes e aventureiros, entre eles

comerciantes judeus, genoveses, portugueses, flamengos, catalães, o que impulsionou a economia insular e catalisou intenso intercâmbio cultural nessa área.

Durante o século XV a Madeira desempenhou um importante papel nos Descobrimientos portugueses. Tornou-se também famosa pelas rotas comerciais que ligavam o porto do Funchal a toda a Europa. E foi no arquipélago da Madeira que o mercador Cristóvão Colombo aprofundou os conhecimentos da arte de navegar e planeou a sua célebre viagem para a América<sup>75</sup>.

E em relação a seu conhecimento de ciência questionado pelos inquisidores, Manuel Rodrigues relatou que aprendeu Latim na Ilha da Madeira e que há 23 anos começou a aprender matemática, astronomia e o estudo da esfera, em Lisboa, conhecimentos ensinados por Antônio Castanho: “Homem que curava e tinha notícia da *astrologia* e de outras partes boas o qual se foi *pera operum* e ouviu dizer que era já falecido o qual era cristão-velho e o conheceu bem Gerônimo Corteval e Cristóvão Alcoforado e Antônio Pacheco escrivão que agora é da casa da seita”<sup>76</sup>. Acrescentou também ter tido notícias de algumas cousas dos livros *de cello de aristotiles e dos metauros* pera notícia de astrologia.

Pormenor que chama atenção em seu depoimento é o uso do Latim, que não era língua morta no final do século XVI. Apesar da consolidação das línguas vulgares, muitas obras científicas continuaram sendo produzidas em Latim. O comércio e a astrologia colocaram Manuel Rodrigues em contato com essa língua. Falar Latim era essencial para um cientista do século XVI. O Latim permitia a veiculação dos tratados científicos para o exterior, atingindo público mais amplo de cientistas. Muitos desses manuais astrológicos, que possuíam técnicas e princípios para a interpretação do mapa, eram publicados em Latim. Um português que não falasse alemão, por exemplo, poderia acessar o conhecimento de cientista alemão através da tradução de sua obra para o Latim. Essa língua, considerada culta, era de domínio de pequena parte da população letrada (BURKE, 1989).

Em suas confissões, ele quis mostrar que a astrologia era conhecimento compartilhado por muitos homens de sua época, que figuras ilustres também estudavam astrologia e que ele aprendeu seu ofício por boas partes. Não se sabe se esse Antônio Castanho, que curava, era realmente cristão-velho, já que as redes de solidariedade entre cristãos-novos existiam e, através delas, os mais velhos e experientes ensinavam seus conhecimentos e técnicas a seus correligionários mais novos.

<sup>75</sup> História da Ilha da Madeira. Disponível em <[https://pt.wikipedia.org/wiki/Hist%C3%B3ria\\_da\\_Madeira](https://pt.wikipedia.org/wiki/Hist%C3%B3ria_da_Madeira)>. Acesso em 4 de abril de 2021.

<sup>76</sup> ANTT. Processo 7544[fl. 66].

De qualquer forma, esse homem teve papel preponderante e decisivo para que Manuel Rodrigues adquirisse experiências e habilidades nas técnicas da arte estelar. Esse contato com outras “mentes” mostra que havia rede de diálogo entre intelectuais e de profissionais com os mesmos interesses e ideias em comum.

Quando perguntado pelos inquisidores se ouviu alguma coisa sobre astrologia judiciária confessou aos inquisidores que:

disse que porterja algua noticia da judiciária quando foj pera Italia passou de caminho pera Salamanca onde esteve hum mes no qual testemunha conversou mestre Barrentos e ouvio alguas lições que lhe deu nesta materia e em Madrid esteve seis meses onde tambem aprendeo de hum flamengo cujo nome lhe nã lembra mestre dos filhos de dom Francisco Piza (?) embaixador deste reyno e em Florença ouvio tambem de hum sarjones cujo nome tambem lhe nã lembra tornou a dizer que se chamava Jõa (?) Vicencio<sup>77</sup>.

Não se sabe o quanto é verdadeiro seu depoimento, e se ele realmente esteve em conversa com essas pessoas, mas acredita-se que ele esteve em Salamanca, já que possuía tratado de Pedro Ciruelo.

Salamanca era importante centro cultural, e alguns intelectuais ilustres portuguesas passaram por sua Universidade, entre eles: o cristão-novo e matemático Pedro Nunes e o médico Amato Lusitano. Seu prestígio no século XVI e XVII atraiu inúmeros investigadores e estudantes estrangeiros e americanos<sup>78</sup>. Como na Universidade de Salamanca havia Faculdade de Artes, sua biblioteca continha livros notáveis.

Na Faculdade de Artes, sobressaiu-se a cátedra de Astrologia (depois de Cosmografia e Matemática), em que, em curso de três anos, eram lecionadas disciplinas de Astronomia teórica e prática, Matemática e Geografia, e a cátedra de Filosofia Natural. Havia também outras disciplinas, denominadas ‘de Físicas’, abrangendo a Física Aristotélica, bem como as cátedras de Gramática, Latim e Grego, em que se estudavam textos científicos (LAFUENTE; PIMENTEL, 2012). Em suma, eram extensos os temas e assuntos tratados nas faculdades da Universidade de Salamanca:

As cátedras de Matemática e Astrologia incluíam as de Aritmética e Geometria, e nelas se trabalhavam os textos de Euclides, G. Cardano, Gemma Frisio, J. Pérez de Moya, Antich Roca, Pedro Sánchez Ciruelo, Juan de Ortega, Martínez Silíceo, Diego del Castillo de Villasante e P. Simón

<sup>77</sup> ANTT. Processo 7544[fl. 66-67]. O notário anotou nas margens do processo esta frase: aprendeu em outras partes. **Adaptação nossa** “disse que porterja alguma notícia da Judiciária quando foi para Itália passou de caminho para Salamanca onde esteve um mês e meio no qual conversou mestre Barrentos e ouvio dele algumas lições que lhe deu nesta matéria e em Madrid esteve seis meses onde também aprendeu de um flamengo cujo nome lhe não lembra mestre dos filhos de dom Francisco Piza[?] embaixador deste reino e em Florença ouvio também de um sarjones cujo nome também lhe não lembra tornou a dizer que se chamava João Vicencio.

<sup>78</sup> Universidade de Salamanca. Disponível em: <<https://www.usal.es/historia>>. Acesso em 12 de abril de 2021.

Abril. Na de Astronomia liam várias obras de Johannes de Sacro Bosco: Esfera, Teórica dos planetas, Tabelas astronômicas, Efemérides, Astrolábio, Calendários e Almanques; estudavam A. Zacut (o Tacuinus), Jerónimo Muñoz, G. Purbachio, N. Copérnico e F. Giuntini. Para a cátedra de Cosmografia e Geografia: Ptolomeo, Pomponio Mela, Pedro Apiano, Jerónimo de Chaves, A. Ortelio, Pedro de Medina, Diego de Zúñiga e H. Glareano<sup>79</sup>.

O astrólogo deve ter aproveitado sua breve estada em Salamanca para fazer algumas investigações e aprimorar seus conhecimentos. Outra consideração é que alguns homens de ciência do século XVI adquiriam suas habilidades através de professores particulares, sem estudar em conventos ou se matricular em universidades, como foi o caso de Manuel Rodrigues. Alguns desses textos e livros não ficavam restritos às universidades, eles acabavam circulando pelas feiras, pelas praças, pelas tendas, comercializados ou trocados pelos tratantes.

Relativamente à Itália, acredita-se que ele também tomou conhecimento da astrologia judiciária nesse país, já que tinha dois livros escritos em italiano (um, de Luca Gaurico; outro, intitulado *Da sorte dos homens*). Supostamente, ele pode ter conseguido esses livros durante sua passagem pela Itália<sup>80</sup>, os quais tenham, talvez, despertado nele interesse maior por essa arte, que, contudo, já estava enraizada em Portugal desde o século XV.

O prestígio de Salamanca e da Itália era tão presente no imaginário popular que não era incomum acusados afirmarem que aprenderam seus saberes e práticas nesses locais.

No seguimento da primeira sessão, os inquisidores (Diogo de Sousa e Bartolomeu da Fonseca) perguntaram se ele usava da arte da astrologia para algum efeito. Manuel Rodrigues, cujo ofício de astrólogo era público (com presunção de que os inquisidores já sabiam de suas práticas) não pôde negar, e respondeu que sim, que ele usava da arte quando algumas pessoas tinham suas coisas furtadas ou queriam saber quem as havia furtado.

Elle Reo toma a ora em que lhe pergutam e pergunta ao señor da casa que pesoas tem em casa e se sam xpãos <sup>81</sup>se mouros se judeo se mais calidades da nação e se suspeita em algua das dittas pesoas que tem em casa e dizendo lhe que suspeita em quatro ou cinco mais ou menos, faz elle Reo hua figura Celeste quadrada o qual divide em doze partes e nella situa os signos e planetas da maneira que estava na hora e ponto em que o interrogante fez a

<sup>79</sup>MORALEJO SANTOS, Estefanía. La organización del saber científico y técnico en el renacimiento hispano: introducción. Diccionario de la Ciencia y de la Técnica del Renacimiento. Disponível em [https://dicter.usal.es/?idContent=organizacion\\_areas](https://dicter.usal.es/?idContent=organizacion_areas). Acesso em 27 de maio de 2021.

<sup>80</sup> O historiador Jacob Burckhardt, no seu clássico *A civilização do Renascimento na Itália*, lembra que “[...] os astrólogos podiam ser altamente respeitados e mostravam-se em todos os lugares. Havia muito mais deles na Itália do que em outros países europeus, onde apareciam nas grandes cortes, e nem sempre com frequência. Quando a moda estava bem estabelecida, todas as grandes famílias na Itália mantinham um astrólogo [...]” (BURCKHARDT, 1991, p. 314).

<sup>81</sup> Cristãos.

pergunta e feita julga pella arte da Judiciaria qual das dittas pessoas em particular fez o furto e quando sam quatro pessoas de hua mesma nação como quatro xpãos ou quatro mouros nã se determina quem he a pessoa em particular que fez o furto mas somente da os sinães da pessoa que furtou como se tem hua ferrida na cabeça ou em hú braco ser alto ou baixo do corpo gentil homem ou feo se he homem se molher e isto mostra a figura celeste pello planeta senhor **da setima casa** que he significadora do ladram e os sinães do mesmo ladram se vem pella propria figura<sup>82</sup>.

No relato acima, sua técnica consiste em primeiro tomar a hora da pergunta, já que é nesse momento que consciência do querente se encontra conectada às forças astrais. Em seguida, ele faz figura quadrada e a divide em doze partes (que são as casas astrológicas) e, com auxílio de efemérides e tábuas de casas, observa a posição dos planetas e a relação simbólica existente entre formas dos planetas e a descrição da aparência. Então, quando pergunta o nome e qualidades, ele procura saber as características físicas das pessoas que estavam na casa e vai confrontá-las com as características oferecidas pelo planeta regente da casa número sete, que é a que ele cita. O regente da casa sete representa o ladrão. E os planetas significam assuntos e pessoas. Ladrão governado por mercúrio, por exemplo, seria de pele nem branca e nem negra, mas de cor intermediária, tipo moreno apagado ou de tonalidade amarelada escura; o rosto seria alongado, a testa larga e os olhos negros ou cinza; a barba o seria muito fina, escassa e da cor castanho escuro, quase negro (LILLY, 1989).

Observe-se que, na astrologia horária ou nas questões horárias, como o próprio nome sugere, procura-se responder qualquer tipo de pergunta, desde a localização de objetos perdidos e furtados até a identidade de ladrão, e o sucesso em questões matrimoniais e de ordem política. Esse método baseia-se em perguntas simples, claras, concisas e acompanhadas por breve explicação. Numa época em que as pessoas não andavam com registros de nascimentos ou desconheciam sua data exata, esse ramo da astrologia mostrou-se eficaz, atendendo à demanda de determinada sociedade e às correntes filosóficas da época.

A pessoa que faz a pergunta é chamada querente. A pergunta e o querente são ambos regidos pela primeira casa do mapa horário. O planeta que rege o signo do ascendente é o significador ou regente do querente e da questão. Planetas que estejam na primeira casa são co-significadores ou co-regentes. Se um signo está interceptado na primeira casa, o regente planetário deste signo interceptado é também co-significador. Além disso, a Lua que rege toda questão horária é também sempre considerada co-regente do querente (SALIBA, 1991, p. 42-43).

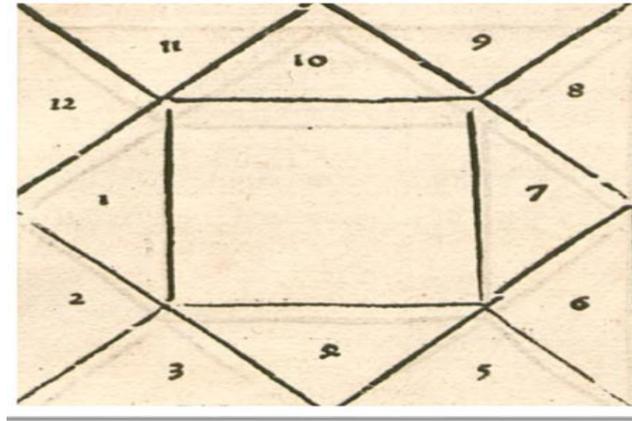
Manuel Rodrigues tinha livro de Johannes Indagine, em que se encontra desenho da figura quadrada com as doze casas, como ilustrado na Figura 3. O autor pontua que a primeira

---

<sup>82</sup> ANTT. Processo 7544, [fls. 67- 68].

casa é a da vida; a segunda, das faculdades ou materiais, chamada também portão do inferno; a terceira, dos irmãos; a quarta, dos pais; a quinta, lugar de vênus, dos filhos; a sexta, fortuna adversa, empregados, enfermidades; a sétima, do casamento e dos inimigos declarados etc.

**Figura 3.** Quadrado com as doze casas



Fonte: Indagine, 1608, p.93

Essa sétima casa que Manuel Rodrigues menciona faz pensar que talvez fosse a casa mais utilizada em questão, pois foi ela quem primeiro veio a sua mente em resposta aos inquisidores, e é através dela que os ladrões se manifestam. Como pontuado pelo próprio Manuel Rodrigues, os planetas não determinam em particular a pessoa que fez o furto, mas oferecem sinais que indicam o autor do furto, como, por exemplo, ferida na cabeça ou ferida em um braço etc.

As casas astrológicas (ele fala da sétima casa) são essências na astrologia horária. Cada casa tem um significado. De acordo com o astrólogo Lilly (1602 – 1681 EC), a casa número 7 revela a identidade de um ladrão, representa o outro da questão e está em oposição à casa número 1.

Refere-se ao casamento e nos descreve a pessoa por quem se pergunta, seja um homem ou uma mulher. Tem a ver com tudo relacionado ao amor ou inimigos declarados; em um processo, representa o réu e em uma guerra, o contrário. Também está relacionado com as lutas, com os duelos, os processos, etc.; na astrologia, representa o astrólogo e na física, o físico. É através desta Casa que se manifestam os ladrões, os ladrões mesquinhos e as pessoas, que, por regra geral, tendem a roubar, tanto os homens quanto as mulheres. Simboliza a esposa e a amante e nos descreve sua aparência, sua condição e sua linhagem ao mesmo tempo que nos informa se esta é ou não de bom nascimento. Nas revoluções anuais, serve para indicar se o que esperar é uma guerra ou paz. Representa os que voltam, os que padecem, os fugitivos, os que escapam, os exilados e os marginalizados. Tem Libra e a Lua como co-significantes; aqui, tanto Saturno e Marte são desafortunados, já que eles preveem um casamento infeliz. Quanto às cores, simboliza o

negro escuro. Governa os rins, o umbigo e as nádegas. Esta Casa é denominada de ângulo oeste (descendente) e é masculina (LILLY, 1989, p. 38).

Os inquisidores, interessados em mais informações, perguntaram a Manuel Roiz se a figura também diz o lugar para onde vai o ladrão com o furto, e ele respondeu “que a figura também o mostra se vai para o norte ou para o sul, regendo-se pela lua<sup>83</sup> e segundo o lugar em que está e assim o diz a pessoa que lhe pergunta”<sup>84</sup>.

Em se tratando da casa número sete, a lua pode também representar o movimento do ladrão. Genericamente, a casa número 7, que está em oposição a casa número 1 e ascendente, é a casa que representa o outro, e a lua pode atuar como regente do outro. Sendo co-significadora do querente, a lua também representa os desejos e as emoções de quem faz a pergunta. Em seus 120 aforismos, Ibn Ezra registra que “a Lua significa qualquer classe de pensamentos e o começo de todas as coisas”<sup>85</sup>.

Perguntado se estando o furto dentro das casas em que se fez se diz as partes o lugar certo onde esta, disse que tambem a arte o mostra polas partes da casa conforme aos planetas que os dominão e asi o diz as pessoas que lho perguntam alguas vezes, e perguntado se o consultam tambem em cousas futuras que dependem do livre alvedrio como he casar se hum homem ou hua molher ou se nã casara .Disse que polo nacimiento diz se a de casar ou nã, e perguntado se tem pera si que as estrelas tem algum dominio sobre os actos do livre alvedrio do homem respondeo que o livre alvedrio na he sobreposto as extrelas mas que ellas mostrã a inclinacão que tem a pessoa<sup>86</sup>.

O astrólogo explica que os planetas também mostram em que parte da casa o furto se encontra. Além da astrologia, que dizia respeito às questões horárias, ele também praticava o ramo das natividades, que explica e interpreta o mapa natal das pessoas. Ele era astrólogo completo e seu trabalho era fruto de longos anos de estudo e dedicação. Corajoso e firme em suas palavras, confessou que acreditava que “o livre-arbítrio não estava acima das estrelas, e que elas mostram a inclinação que a pessoa tem”, o que confirma sua crença na influência dos astros na vida terrena.

Esse debate em torno da astrologia e do livre arbítrio era polêmico desde os tempos medievais. Como sabido, os elementos tanto dos princípios judaicos quanto da doutrina cristã

<sup>83</sup> Os planetas regentes do ascendente e o(s) ocupante(s) da 1ª Casa são os regentes ou significadores do consulente. A Lua é co-regente ou regente secundário do consulente, a menos que Câncer esteja na cúspide da 7ª Casa e a pergunta diga respeito à 7ª Casa. Nesse caso, a Lua rege o outro (o quesito), mas mesmo assim pode ser considerada co-regente do consulente (LONG, 1980, p. 46). E câncer tem como regente principal a lua.

<sup>84</sup> ANTT. Processo 7544, [fls.68-69].

<sup>85</sup> Julgamentos Gerais Aplicáveis às Cartas Natais ou Horárias. O capítulo VIII fala das conclusões que se devem observar nos Julgamentos, e que são 120. <<https://astrologiamedieval.com/Ezra.htm>>. Acesso em 28 de novembro de 2021.

<sup>86</sup> ANTT. Processo 7544 [fl.69].

influenciaram na formação da cosmovisão de Manuel Rodrigues. Sua inclinação por astrologia demonstra de algum modo influência dos seus ancestrais judaicos em sua cosmologia. Isso explica a resposta que ele deu ao inquisidor a respeito do livre alvedrio.

O debate sobre o papel determinante das estrelas na vida do homem, abordado na Bíblia e acaloradamente argumentado nas páginas do Talmud continuou inabalável pelos séculos seguintes. A questão quase não era se as estrelas influenciam os homens, mas sim quão vital e irremediável é sua influência. Era geralmente aceito que todo homem tem sua estrela no céu frequentemente considerada como complementar a seu anjo “representante”, cuja história é contígua à sua, que o caráter especial e a posição daquela estrela no seu nascimento determinam o contorno geral de sua carreira, que as constelações celestiais em qualquer momento controlam os eventos terrenos e os atos humanos, e que, portanto, um estudo dos céus pode revelar o futuro. Tanto sua tradição quanto o exemplo de seus vizinhos inclinavam os judeus medievais a reconhecer tais doutrinas como axiomáticas (TRACHTENBERG, 2004, p. 250).

Trabalhos como os de Santo Agostinho e São Tomás de Aquino, cujos esforços não foram poupados em distinguir a astrologia lícita da ilícita (que deveria ser punida), foram tomados como base e referência pelos teólogos contrários à astrologia ilícita. Apesar das críticas teológicas e dos esforços em distinguir a astrologia lícita e ilícita, ela continuou sendo utilizada na Europa ocidental. A astrologia da Renascença foi fruto de longa tradição, e as autoridades religiosas não compartilhavam desse pensamento, mas a maioria da população, sim. (DELUMEAU, 2009). Na continuidade da investigação, na mesma sessão, mais perguntas foram lançadas.

INQUISIDOR: Tem pera si que as estrelas dão certeza destas cousas?

MANUEL ROIZ: Sim!

Os inquisidores também perguntaram se as pessoas lhe perguntavam por algumas pessoas que eram ausentes, se estavam vivas ou mortas, se estavam bem ou mal, assim como dos que caminhavam ou navegavam. Manuel acrescentou que era perguntado por isso e que respondia se as pessoas eram vivas, se mortas e que a arte nisso mostrava.

Inquisidor: Tem pera si que a arte judiciária dá certeza nestes casos?

Manuel Roiz: Sim!

Inquisidor: Que livros tem e de que usa pera estas cousas?

Manuel Roiz: Sam os seguintes, Leopoldo de Áustria, Alquabicio, Francisco Juntino, Zael, Mesalague as Tábuas del rei dom Afonso, Lucas Gaurico, Euclides e outros de que darei o rol sendo necessário e tem mais Antônio Misaldo de cometas, Júlio Firmo, Monte Régio, Joseph Molete matemático.

Em seguida, os inquisidores perguntaram de algumas pessoas a quem ele havia respondido sobre as cousas dos furtos.

Manuel Roiz: Quanto aos furtos algumas pessoas me disseram que os acharam como foi Belchior da Moral, desembargador do Paço, e o corregedor Diogo da Fonsequa sobre o prato de Antônio Manco, e dom Álvaro de Alencastro e a dom Gerônimo Coutinho uma salva de prata[...], e algumas pessoas que eram mortas na guerra da África se achou depois que eram mortas.

Inquisidor: Usava de outro algum meio mais que dos livros?

Manuel Roiz: Não.

Inquisidor: Tem pera si que o demônio pode saber as cousas  *futuros contingentes* que dependem ou da vontade de Deus ou do homem?

Manuel Roiz: Não, nem uso de nenhum meio destes.

Inquisidor: Faça um rol dos livros que tem de *astrologia* e da arte judiciária e traga a esta mesa.

Manuel Roiz: Assim o farei.

Quando estava prestes a assinar o documento e sair do Palácio dos Estaus, o inquisidor interrompeu e voltou-se para Manuel Rodrigues com mais perguntas.

Inquisidor: Nas cousas que lhe consultavam que dependem da vontade de Deus ou do livre alvedrio do homem como se casar ou não casar, se respondia a eles com certeza afirmando que assim era ou não era?

Manuel Roiz: Respondia que as estrelas assim o mostravam, mas que sobretudo era a vontade de Deus e do livre alvedrio.

Manuel Rodrigues, com medo das represálias dos inquisidores, procurou alinhar a arte estelar ao pensamento cristão, como estratégia de defesa para atenuar a represália dos inquisidores, colocando a astrologia horária dentro dos princípios de Deus e do livre arbítrio.

É preciso também considerar que a astrologia horária não desconsidera o livre arbítrio por completo, apesar de acreditar na inclinação das estrelas. Na astrologia horária, as respostas não são eternas porque as coisas são mudáveis, e grande decisão ou série de circunstâncias imprevistas podem alterar as respostas dadas pelos astrólogos<sup>87</sup>.

E muitas vezes os astrólogos medievais e do século XVI consideravam que Deus havia deixado as estrelas para que os homens pudessem consultá-las. Os judeus, tiveram papel de destaque na expansão da astrologia em Portugal, consideravam princípios importantes: a

---

<sup>87</sup> ALON, Yair. Live Astrologia Horária. Youtube, 19 de out. de 2021. Disponível em <<https://www.youtube.com/watch?v=vbN4Mvbe3JU&t=29s>>. Acesso em 28 de novembro de 2021.

mística judaica aproximava os judeus da astrologia, mas os princípios judaicos os obrigavam a acrescentar importante qualificação:

As estrelas determinam as ações humanas, mas também são criaturas de Deus, estabelecidas por ele para desempenhar essa função especial e, portanto, a influência que exercem está sujeita à sua vontade. Arrependimento, oração, piedade, caridade, boas ações - as virtudes religiosas - são os instrumentos por meio do qual o homem pode induzir Deus a alterar seus decretos e, conseqüentemente modificar o destino que está “escrito nas estrelas” por ele. Este é o propósito de uma grande quantidade de discussão judaica medieval sobre o assunto; uma vez garantido, não havia controle sobre a utilização da astrologia para fins divinatórios (TRACHTENBERG, 2004, p. 250).

Ainda na mesma sessão, mais perguntas foram lançadas ao astrólogo Manuel Rodrigues.

Inquisidor: O que o move a tirar nascimentos como diz e usar da arte judiciária como diz?

Manuel Roiz: Algumas cousas de nascimentos faço porque me pagam, e também algumas perguntas e outras faço por amizade sem nenhum interesse.

Inquisidor: Foi já examinado no Santo Ofício per estas cousas ou por outras algumas contra nossa Santa fé católica ou já foi preso ou algum parente seu?

Manuel Roiz: Não, mas que haverá perto de doze anos que o vigário geral desta cidade João de Lucena mandou me chamar e me examinou sobre a arte de *astrologia* judiciária, e ele respondeu em sustância o que aqui digo e que não me defendeu que não usasse desta arte, nem passou mais sobre uso cousa alguma e que foi escrivão Teodósio Pereira.<sup>88</sup>

Além dos dois inquisidores, estava presente nessa sessão o padre jesuíta Jorge Serrão, que servia como deputado do Concelho Geral e pertencia a ala dos rigoristas da Companhia de Jesus. Como os jesuítas eram peritos em assuntos doutrinários, os inquisidores muitas vezes consideravam sua colaboração valiosa no combate às práticas que eles julgavam heréticas (Franco; Tavares, 2016). A participação de Jorge Serrão mostra que o processo inquisitorial de Manuel Rodrigues era complexo e importante. Como a Inquisição Portuguesa operava também por meio de correspondências, eles enviaram carta a João Lucena, que emitiu carta confirmando que havia feito perguntas a Manuel Rodrigues.

Os deputados jesuítas contribuía para definir as estratégias gerais da ação do Santo Ofício, por via de instruções e consultas enviadas aos inquisidores e das trocas de correspondência com os tribunais locais. Às vezes intervinham diretamente nos processos mais importantes, não somente fornecendo pareceres durante as várias fases processuais, mas até dirigindo-

---

<sup>88</sup> ANTT, Processo 7544 [fl. 73].

se pessoalmente aos tribunais locais para organizar as operações (MARCOCCI, 2004, p. 299).

Apesar de Manuel Rodrigues ter respondido firmemente as perguntas e ter corajosamente defendido seu ofício de astrólogo, ele deve ter saído do Palácio dos Estaus bastante preocupado e com medo dos próximos eventos por vir.

Ao indagar: “Quer que eu faça um rol?”, Manuel Rodrigues confirmava que bem sabia da censura que percorria na época e, mesmo assim, não se absteve de suas práticas e nem conseguiu se despartar das convicções filosóficas e astrológicas que vinha cultivando há anos. Sem dúvida, ele pressentiu que algo mais grave lhe poderia acontecer. Além do mais, suas respostas firmes em relação às perguntas dos inquisidores fazem supor que ele tivesse em mente um dia poder ser convocado para ser examinado na mesa inquisitorial. Logo, suas culpas públicas o obrigavam a confessar suas práticas e negar os fatos só agravaria sua situação.

### **3.4 O pensamento dos inquisidores sobre astrologia judiciária**

Segundo Mora (2006, p. 81), a astrologia judiciária era censurada nos manuais dos inquisidores desde os tempos medievais (Eimereci e Guido.) e também nos escritos dos teólogos do século XV e XVI (Torquemada, Albertino, Peña etc).

Santo Agostinho, da filosofia patrística, que esteve presente no pensamento medieval e no pensamento renascentista, não poupa suas críticas contra aqueles que se rendiam à astrologia em *Cidade de Deus*<sup>89</sup>. Nessa obra, ele cita principalmente o caso dos gêmeos (um dos postulados de Cícero contra a astrologia) para refutar a astrologia, mas suas dúvidas a respeito dos astrólogos que acertavam determinadas profecias revelam sua íntima ligação com a fé religiosa:

Bem consideradas todas estas coisas, há motivos para crer que, se os astrólogos dão tantas respostas surpreendentemente verdadeiras, isso acontece devido a uma oculta inspiração dos maus espíritos que põem todo o cuidado em infundir e firmar nos espíritos humanos essas falsas e nocivas opiniões acerca das fatalidades astrais, e de forma nenhuma devido à arte de estabelecer e de examinar os horóscopos: - tal arte não existe. (AGOSTINHO, 1996, p. 481).

Esse pensamento foi utilizado pelos clérigos não só para refutar a astrologia, mas também para persegui-la. Outra breve consideração é a formação neoescolástica dos inquisidores que tinham como base as ideias de São Tomás de Aquino.

---

<sup>89</sup> Na parte I, no Livro 5.

A retomada da escolástica admitia a influência dos corpos celestes sobre os acontecimentos terrestres, mas não o valor determinístico da astrologia dos nascimentos, por exemplo, que advogava o poder de prever a vida de cada homem. Aliás, condenava o sentido de conhecimento absoluto implícito na astrologia judiciária, só admitindo, sem ressalvas, suas previsões para a agricultura e a medicina (HERMANN, 1998, p. 212).

Enquanto esses teólogos eram influenciados pela filosofia escolástica, Manuel Rodrigues era influenciado pela filosofia natural e pela filosofia oculta. Portanto, o embate de ideias e de mentalidades era algo comum e corriqueiro no século XVI. Ideias conservadoras sempre estavam colidindo com ideias mais abertas.

Outra obra que influenciava o pensamento dos inquisidores no combate à astrologia era o *Malleus Maleficarum*, conhecido como Martelo das Bruxas ou Martelo das Feiticeiras (que seria a bíblia dos inquisidores). De caráter misógino e produzido essencialmente para condenar as bruxas e as feiticeiras, essa obra faz acréscimos a respeito da astrologia, encarada como arte diabólica, que, apesar de não manter pacto explícito ou aberto com o demônio, envolvia pacto tácito e implícito. Pacto tácito<sup>90</sup> é aquele em que a pessoa concorda, implicitamente, em qualquer medida, em contar com a ajuda do diabo.

Na Astrologia não há pacto como diabo e, logo, não se invocam demônios: só por acaso há algum tipo de invocação tácita, já que figuras diabólicas e seus nomes por vezes aparecem em mapas astrológicos (KRAMER; SPRENGER, 2004, p. 73). “Os outros tipos de arte divinatória praticados mediante invocação tácita do demônio, mas não explícita, são a Horoscopia ou Astrologia, assim chamada pela necessidade da observação da posição dos astros ao nascimento”; (ibid., p. 182).

A astrologia era considerada também pelos teólogos prática de adivinhação. E a obra de adivinhação para os teólogos só era possível por intermédio do demônio, ou seja, só era possível através de pacto com o diabo.

Largamente difundida por todo o ocidente cristão, a prática de adivinhar foi, entretanto, frequentemente associada ao diabo. Como em tantos outros campos, coube a São Tomás de Aquino papel de destaque nesta demonização: para ele, insistir em adivinhar o futuro e ir além das potencialidades da razão humana ou das revelações divinas era pecado grave, que via como pacto demoníaco. ‘O caráter pecaminoso deste ato se deduz do fato de só ser possível com a intervenção de um demônio’. (SOUZA, 1986, p. 157).

Segundo Paiva, Antônio da Anunciação compôs doutrina que distinguia três tipos de adivinhação: profética, astrológica e diabólica.

---

<sup>90</sup> Como aponta Paiva, o pacto tácito ou implícito “acontecía quando se procuravam alcançar certos fins, como curar uma doença, usando para isso de meios ‘vãos’ ou ‘improporcionados’, isto é, que não tinham qualquer virtude natural para alcançar a finalidade que se desejava” (2002, p. 39).

A profética consistia na adivinhação do futuro por via de revelação divina e limitava-se aos verdadeiros profetas de que falava a Bíblia. A astrológica era a que se executava com base na observação das estrelas e outros astros. Considerava que estas previsões visassem exclusivamente descortinar efeitos naturais, como saber que tempo faria, qual a melhor altura para semear um campo, ou em que momentos era mais plausível que uma certa doença se expandisse, não eram ilícitas. Só era ilícito a observação das estrelas para determinar ‘futuros contingentes’, isto é, as ações que dependiam estritamente do livre arbítrio humano. A terceira categoria era definida como a invocação do Diabo para prever ações que dependiam da liberdade dos homens, ou para saber o que se passava em regiões distantes sem aí estar presente, ou para descobrir objetos perdidos. Esta terceira forma de adivinhação era considerada uma forma de idolatria, pois implicava um culto dado ao Diabo e por isso considerado delito gravíssimo (PAIVA, 2002, p. 50).

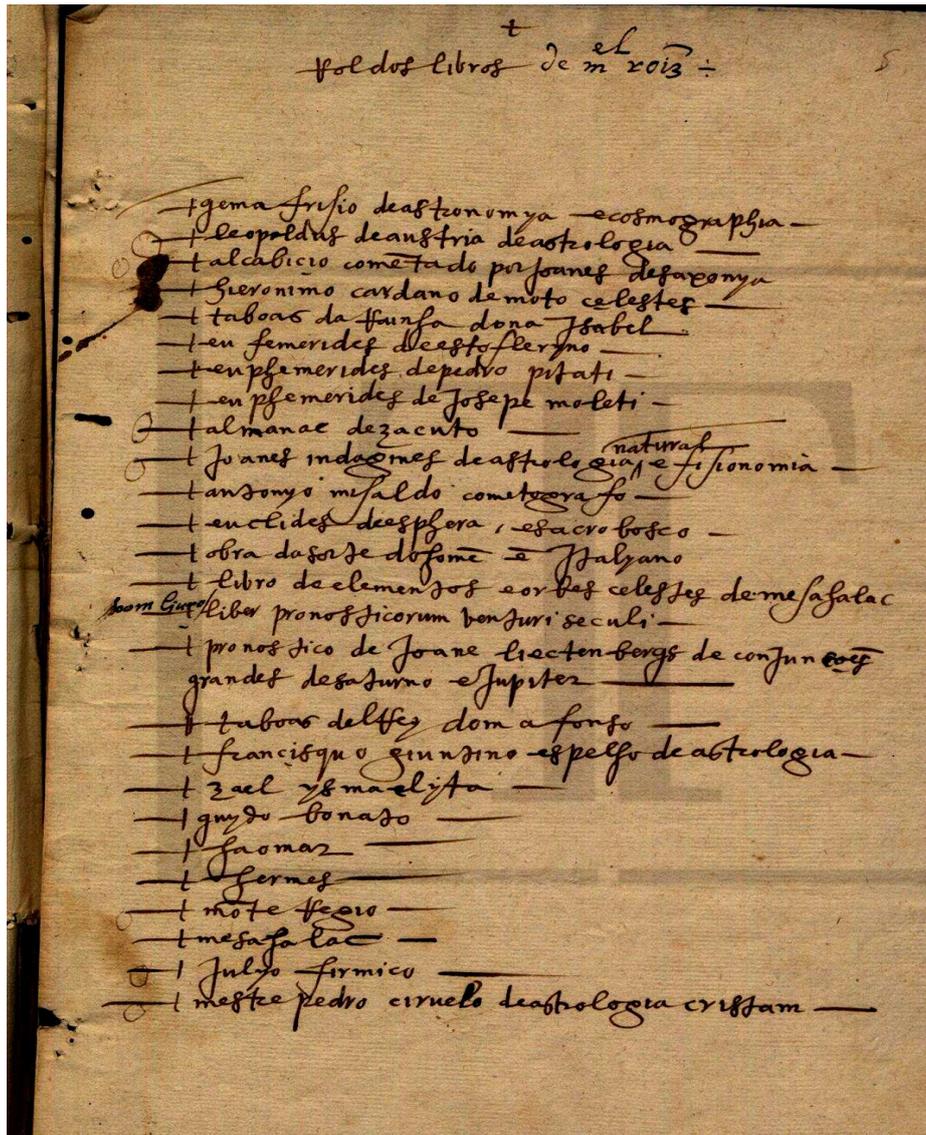
Portanto, além de a astrologia ser considerada prática demoníaca pelos teólogos inquisidores, ela também acabava ferindo a questão do livre arbítrio, que era um dos principais pilares do discurso oficial da Igreja Católica.

### **3.5 Rol de livros Manuel Rodrigues: análise e parecer**

Manuel Roiz entregou finalmente aos inquisidores o rol dos livros de que possuía, cujo teor se transcreve e se ilustrara na Figura 4.

- T Gema Frisio de astronomya e cosmografia
- T Leopoldus de austria de astrologia
- T Alcabcicio cometado por Joanes de saxonya
- T Gieronimo cardano de moto celestes
- Taboao da Rainha dona Isabel
- T enfemerides de Estoflerino
- T enphemerides de Pedro pitati
- T enphemerides de Josepe moleti
- T almanae de zacuto
- TJoanes Indagines de astrologia natural e fisionomia
- T antonyo Misaldo cometografo
- T euclides de esfera, e sacrobosco
- T obra da sorte do homé é Italyano
- T Libro de elementos e orbes celestes de Mesahalac(Mesallah)
- T Liber pronosticorum Venturi seculi
- T Pronostico de Joane liectenbergs de conjunções grandes de saturno e jupiter
- T Taboao del rei dom afonso
- T Francisquo genntino espelho de astrologia
- T Zael ysmaelyta
- T Guido bonato[Bonatti]
- T Haomaz
- T Hermes
- T Mote Regio
- T Mesahalac
- T Julyo Firmico
- T Mestre Pedro ciruelo de astrologia cristam.

Figura 4. Rol de livros escrito pelo próprio punho de Manuel Roiz.



Fonte: ANTT. Processo 7544, [fl. 9]

Em seguida, o rol de Manuel Rodrigues foi despachado para frei Bartolomeu Ferreira, da ordem de São Domingos, primeiro censor de *Os Lusíadas*, cuja atuação mostra muito bem que ele compartilhava do sistema de ideias da Inquisição Portuguesa a quem fielmente servia e integrava.

Frei Bartolomeu Ferreira devia visitar todas as livrarias de Lisboa, controlando inclusive a venda ambulante na feira do Rossio, à porta da Misericórdia, junto ao Palácio Real e em outros locais (com a publicação de um monitório exigindo a apresentação das listas de livros aos censores); o catálogo de livros proibidos devia ser publicado nas cidades e vilas mais importantes do distrito; toda importação de livros devia ser submetida ao controle prévio dos revisores (BETHENCOURT, 2000, p. 194).

De acordo com Marcocci e Paiva (2013), desde o nascimento da censura inquisitorial a ordem de São Domingos havia ampliado seu compromisso com o Santo Ofício, em especial no âmbito da censura, em que os revisores de livros até 1594 foram exclusivamente dominicanos. Segundo esses autores, o índice de livros proibidos de 1581 foi elaborado pelo dominicano Bartolomeu Ferreira e foi

peça importante na afirmação da supremacia inquisitorial em matéria censória. Refletindo a afirmação da Congregação do Santo Ofício em Roma, impunha que só os inquisidores pudessem absolver da excomunhão pela posse de livro vedado e proibia os licenciosos e lascivos (como a *Ars amatoria* de Ovídio, ou algumas poesias do Cancioneiro de Jorge de Montemor), área até então confiada aos bispos (MARCOCCHI e PAIVA, 2013, p. 93).

Esses qualificadores, cujas funções aparecem no Título X do regimento inquisitorial português de 1640, eram pessoas eclesiásticas, de letras, cuja função era censurar, rever livros e tratados, analisar papéis antes de serem impressos e obras impressas que chegavam do exterior, visitar as tendas dos livreiros, as livrarias de pessoas defuntas etc. Como sublinham Marcocci e Paiva, os qualificadores

eram recrutados pelos diferentes tribunais entre o clero regular, não eram remunerados, servidos pelo prestígio e autoridade que a função conferia, simbolicamente representada pelo privilégio que tinham de poder sentar-se com o restante Tribunal nos cadafalsos dos autos de fé (ibid., p. 96).

Frei Bartolomeu Ferreira analisou o rol de Manuel Rodrigues e enviou seu parecer através de carta para o Tribunal do Santo Ofício. Ele não só censurou, como também criticou acadamente as obras de Manuel Rodrigues, classificando muitas delas como coisas do diabo.

Leia-se a transcrição da carta do frei Bartolomeu Ferreira, contendo parecer nada favorável ao astrólogo e que teve peso significativo na ordem de prisão emitida pelos inquisidores.

Vi este rol de livros de Manoel Rodrigues, q por q algus destes, estão mal escritos, parece me q<sup>91</sup> se devião de ver os mesmos livros. por q ate no catalogo tridetino vé os nomes errados de muitos hereticos, por fazer do impressor q os não soube bem por. que por que aqui há muitos livros que ainda q não são prohibidos polos seus nomes, são prohibidos por as regras de catalogo, onde se prohibem todos os livros q tratão da Astrologia judiciaria como são os seguintes. Gemma frisio de Astronomia. E o Leopoldo ou Leopoldo de Áustria, E o alcabicio. E o Almanace de Zacuto. E o Joãnes Indagines de phisionomia que tâbe fez outro tratado de chiromãcia prohibido pelo catalogo de castela. E ãbos os tratados são prohibidos por as materias que tratão de phisionomia e chiromãcia ainda que este por seu nome esta prohibido no catalogo tridetino como se pode ver verbo Joannes. o joannes de monte regio tabem he da primeira classe, E astrologo judiciário,

<sup>91</sup> Abreviação de que.

Hieronismo cardãno , q tão no catalogo do reyno prohibidos todas suas obras, por que todas são de *genitures ao nativitatibu*, e judiciarias, e supersticiosissimos e serve para Nigromantia, e para se sabere cousas de *futuris cotigentibu*, E de Magia. E eles todos cofessão, que a terceira parte da astrologia he Magia E idolatria.

1 Os que não estão prohibidos ainda que tratão de astrologia. São as seguintes. Julio Firmico que expõe o quadripartito de Ptolomeu. ainda Q deste també usão mal os judiciários, e se serve deles para seus erros, 2 Mestre Pedro cjruelo de Astrologia cristaã.

3 Liber pronosticoru Véturi seculi. Se He hú livro pequeno de[ilegível] he bõ livro E catolico E no trata de Astrologia, E he cristianíssimo.

4 O outro cujo titulo He pronostico de joanne Lientibergs. nuen o vy [fl.14]

5. o livro de elemetis E orbes celestes nõ he prohibido ne He judiciário

6. as taboa alfosinas não são prohibidas, ainda q tabé os Astrologos se serve Destas para deitar juizos

7 Taboas da rainha dona isabel nõ he prohibido

8 Ephemerides de Pedro pitati nõ hé judiciario

9 Guido Bonato né he judiciario né he prohibido

10 Euclides, E sacrabosco são Lõs libros os q me he necessario ver são os seguintes para ver os titulos na verdade q as materias de que tratão ao cóferido os quais ou São judeus ou mouros. E Cipriano Leovicio Heretico da primeira classe, nas suas Ephemérides, os cita por judiciários. E são regras para se saber os futuros cótigétes. Hao mas

Zael Hismaelita

Mesasalac/ He arab

Francisco jútino

Quãto a o Hermes são dois autores do mesmo nome. Se he hu que escreveo de Magia He diabólico E he prohibido polas regras gerais e que se prohibé os livros de Magia E nao escrevia magia natural, se não há que trata despiritos E diabolica, de que tirou mtas cousas hu Heretico Joãnes Bodinus é hú livro que imprimio que se intitula de Magorú demonomanja o qual eu vi despois de feito o catalogo do regno, E por isso não esta nele escrito hé pesimo livro. outro Hermes ha de astrologia, natural, nõ sey qual destes hé. E estes tábé he judiciario, e põe lhe nome de natural por [ilegível] a materia

#### fr bartolomeu ferreira

hú livro está aqui é italiano cujo titulo he obra da sorte do homé.

tábem trata das véturas, E sucessos E sorte, dos homés, E serve muito aos judiciários. finalmente os mais destes livros são diabos, pera que tem inclinação ou trata de saber cousas q pertécé a astrologia judiciaria.<sup>92</sup>

### **3.6 Parecer sobre o rol de livros: breves considerações**

De acordo com a censura do frei Bartolomeu Ferreira, a maior parte dos livros da biblioteca de Manuel Rodrigues era proibida, diabólica e herética tanto pelos nomes quanto pelas regras que constavam no catálogo tridentino.

<sup>92</sup>ANTT. Processo 7544, [fls. 13, 14, 15].

Gemma Frisius<sup>93</sup> de *Astronomia*, Leopoldo de Áustria, Alcabicio e o almanaque de Zacuto eram proibidos não pelos nomes, mas pelas regras do catálogo tridentino por tratarem da astrologia judiciária.

Inúmeros detalhes nessa censura chamam atenção. O primeiro destaque é a obra de Gemma Frisius, médico astrônomo responsável pela produção de instrumentos científicos e pela divulgação de tratados astronômicos e matemáticos. Alguns de seus exemplares estão salvaguardados na BN ou disponíveis para leitura no Google Books. Essa contribuição científica vinda do estrangeiro circulou tanto em Portugal quanto na Espanha. Aos olhos do censor, era obra proibida por tratar da astrologia judiciária (apesar de o título da obra ser *Astronomia e Cosmografia*). Nota-se que os censores nutriam suspeita e desconfiança a respeito das obras científicas e estrangeiras que entravam em Portugal. Muitas vezes os censores nem conheciam o conteúdo interno das obras, contudo o título de muitas obras era prejudicado e considerado suspeito e danoso ao povo cristão, antes mesmo da leitura.

O censor era elemento chave, e muitas vezes seu parecer, sua subjetividade e seu achismo eram elementos decisivos na censura e na apreensão de muitas obras tidas como heréticas. A censura da obra de Gemma Frisius mostra a linha tênue que havia entre astronomia e astrologia. Aos olhos do censor, as obras com título sobre astronomia representavam perigo, pois muitas delas dedicavam capítulos a astrologia judiciária.

O livro de *Phisionomia* de Johannes de Indagine era proibido pela censura. O censor adverte, ainda, que Johannes Indagine tinha tratado de Quiromancia, proibido pelo Catálogo de Castela, cujo nome constava também como proibido no catálogo tridentino.

Além dele, estava proibido *Regiomontanus*, cujo epíteto latino era atribuído a Johannes Müller von Königsberg, matemático alemão, astrônomo, astrólogo, tradutor, fabricante de instrumentos e bispo católico, considerado pelo censor herético de primeira classe e astrólogo judiciário.

O mesmo epíteto foi atribuído a Johannes Marcellus, filólogo e poeta alemão, cujo nome consta como proibido no *Index Librorum Prohibitorum*. Supostamente o censor

---

<sup>93</sup> Gemma, Frisius. Matemático e astrônomo holandês, Reinier ou Rainer Frisius nasceu em 1508 na cidade de Dockum em Frise (donde a origem do seu nome latino), e faleceu em 1555, na cidade de Louvain, onde ensinou sucessivamente matemática e medicina. Considerado o fundador da escola geográfica holandesa, estudou em Gröningen. Além de autor de obras matemáticas, cosmografias e cartografias, foi um notável projetista de instrumentos astronômicos. Sua fama é oriunda do estabelecimento de dois métodos de importância fundamental em navegação e levantamento topográfico, que consistiam na determinação das longitudes por intervalos de tempo; tal trabalho foi publicado sob o título *De Usi Clobi* (1530). Aperfeiçoou também o mapeamento por triangulação em 1533. Apian (q.v.) foi seu professor e Mercator (q. v.), seu aluno. Escreveu diversas obras astronômicas: *De Principiis astronomiae et cosmographie* (1530), *De uso annuli astronomia* (1539), *De Radio astronomico et geometrico* (1545). (MOURÃO, 1987, p. 331).

confundiu o matemático, também conhecido como João de Monte Régio, com o filólogo alemão.

Girolamo Cardano, astrólogo judiciário, era herético, segundo o censor, pois “Hierónimo Cardão, que tão no catálogo do reino proibidos todas suas obras, porque todas são de *genitures ao nativitatibu, e judiciarias*, e supersticiosíssimos e serve para Nigromantia, e para se saberem cousas de futuros contingentes e de magia. E eles todos confessam, que a terceira parte da astrologia é magia e idolatria”. Por certo, suas obras constavam como proibidas no catálogo dos livros proibidos do Reino de Portugal de 1581(p. 14): *Hieronymus Cardanus de Sapientia, De immortalitate animorum, Geniturarum, De varietate rerum, De subtilitate, etc.*

Das obras que não eram proibidas, segundo o censor, mas que tratavam de astrologia, são: Julio Firmico, que expõe o *Quadripartido de Ptolomeu*, de que, conforme o censor, os astrólogos judiciários faziam mau uso, e mestre Pedro Ciruelo de astrologia cristã<sup>94</sup>.

*Liber Pronosticum Venturi Saeculi* “se é um livro pequeno de [ilegível] é bom livro e católico e não trata de astrologia, e é cristianíssimo”.

O *Prognóstico* de Johannes Lichtenberger ele não viu. O livro de *Elementos e Orbes Celestes* não é proibido e nem é judiciário.

O censor também pontua que as *Tábuas Afonsinas* não eram proibidas, ainda que os astrólogos as utilizassem para deitar juízos, bem como não eram proibidas as Tábuas da rainha dona Isabel.

As efemérides de Pedro Pitati não eram proibidas; Guido Bonatti não era judiciário nem era proibido. Euclides e Sacrobosco, ele esclarece, era necessário ver, assim como as obras dos judeus e mouros, que, conforme o censor, Cipriano Leovicio, herético da primeira classe, nas suas efemérides, os cita por judiciários. E são regras para saberem futuros contingentes.

Haomas, Zael Ismaelita, Messahalah (é árabe) e Francesco Giuntini.

O censor fez uma consideração importante a respeito de impresso de Joanes Bodinus (também conhecido como Jean Bodin ) intitulado *Magorum demonomania*, que, de acordo com o censor, era obra péssima e diabólica. Chama atenção o fato de que essa obra, de cunho demonologista, foi publicada pela primeira vez na França em 1580 e traduzida para o Latim em 1581 (por François Du Jon, com o título *De Magorum Daemonomania*). Esse testemunho é relevante, pois mostra que esse impresso já estava circulando em Portugal por volta de 1582. Isso sugere que os impressos estrangeiros circulavam de um país a outro com velocidade

<sup>94</sup> Possivelmente seria *Apotelesmata Astrologiae Christianae*.

considerável durante o período moderno. De acordo com seu testemunho, ele só viu a obra depois que tinha feito o catálogo dos livros proibidos de 1581.

Das obras de Hermes, ele não sabia quais Manuel Rodrigues possuía, ele as classifica como sendo: um de magia, não sobre magia natural, diabólico e proibido pelas regras gerais; outro de astrologia, natural, que também é judiciário, e lhe põe nome de natural.

Outro livro censurado, intitulado *Da sorte do homem*, escrito em italiano, trata da sorte do homem, de venturas e sucessos e serve muito aos judiciários. “Finalmente os mais destes livros são diabos, pera que tem inclinação ou trata de saber cousas que pertencem a astrologia judiciária”.

Bartolomeu Ferreira em sua censura cita também as restrições do Catálogo de Castela. Constata-se que com a União Ibérica as Inquisições estreitaram seus laços jurídicos e passaram a interagir no combate às heresias, mantendo, assim, maior comunicação e cooperação na vigilância da fé e dos costumes da população.

### 3.7 Segunda audiência

A segunda sessão aconteceu no dia 1º de setembro de 1583, apesar de o astrólogo ainda não estar preso, essa sessão, que teve lugar em sala como ilustrado na Figura 5, foi espécie de *in genere*<sup>95</sup>. Manuel Rodrigues prestou juramento dos santos evangelhos na mesa do despacho da Santa Inquisição e, logo em seguida, foi submetido a uma série de perguntas. Os inquisidores ficaram com algumas dúvidas e intrigados a respeito das práticas astrológicas de Manuel Rodrigues. Uma das dúvidas era entender o porquê de ele tomar a hora da pergunta e não a hora em que o furto ocorria para fazer as adivinhações.

Apesar de estarem trabalhando na repressão da heresia, os inquisidores lançavam perguntas dignas de trabalho antropológico para arrancar confissões. Respondendo os questionamentos dos inquisidores, o astrólogo citou os princípios de Guido Bonatti.

Inquisidor: O senhor<sup>96</sup> tem dito nas sessões passadas que quando lhe vão perguntar pelos furtos e por outras cousas de que tem dito faz uma figura quadrada e situa os signos e os planetas e toma a hora da pergunta que lhe fazem sobre as cousas furtadas, que diga por que mais se rege pela hora da pergunta que pela hora em que foi feito o furto porque na mesma hora do furto parece que serve mais esquadrihar os planetas e os signos que podem mostrar o furto onde estão porque então começam obrar suas influências para inclinar a pessoa que

<sup>95</sup> Nessa sessão os inquisidores queriam saber mais informações a respeito das crenças e dos costumes dos acusados.

<sup>96</sup> No processo inquisitorial não aparece essa forma de tratamento, visto que o notário escreve na terceira pessoa. Contudo para facilitar a compreensão do texto e dos autos do processo colocou-se esta forma de tratamento, que também é observada em *O queijo e os Vermes*, quando o inquisidor fala diretamente com Menocchio.

furtou a levar os furtos a um lugar ou a outro para na hora da pergunta que lhe fazem que tem obrado os planetas no sucesso do lugar em que se pôs o furto.

**Figura 5.** Pierre-Paul Sevin, sessão de interrogatório de um preso da Inquisição



Fonte: Francisco Bethencourt (2000)

Manuel Rodrigues, ávido por expor seus conhecimentos astrológicos aos inquisidores, disse considerar, na arte judiciária, dois princípios quando trata de inquirir os sucessos dos furtos. O “primeiro princípio é da hora dos furtos em que o ladrão tomou a coisa e o princípio da hora em que o senhor da coisa furtada lhe pergunta por ela ou pelo ladrão” e acrescentou “que tem tanta conveniência a hora do furto com a hora da pergunta nas influências dos signos e planetas que entendendo-se as influências da hora da pergunta ficam conresturadas (?) as influências da hora em que se fez o furto que ele ignora”<sup>97</sup>. E declarou que, para uma hora dessas, a da pergunta, ter conveniência maior com a outra, é necessário ser a pergunta do senhor do furto radial, e radial entende a dita pergunta ser feita com força e eficácia<sup>98</sup> e tem as três coisas que aponta Guido Bonato:

que aja eleição das estrelas que influem movimento da alma do que pergunta, no que se inclina, e determinação do livre alvedrio, do que aceita, a isto lhe foi ditto primeiramente que não pode haver conveniência entre estas duas horas sempre, porque o que furtou pode ser de hua inclinação e de hum humor: colérico ou fleumático e o que pergunta ser de outro humor: melanconico<sup>99</sup> e as horas huo ser : a do furto ser de hum planeta e a da pergunta ser de outro planeta e asy haver influencias dos signos diferentes e obrarem diferentemente de tal maneira que não fique a pergunta radial e pola diferença que pode haver na inclinação da alma do que furtou sendo colérico e da alma do dono do furto sendo fleimatico, a isto respondeo que os signos

<sup>97</sup> ANTT, [fl. 75].

<sup>98</sup> Nas margens do processo, o notário escreveu que a pergunta precisa ser feita com certos requisitos.

<sup>99</sup> Melancólico. Nessa parte da transcrição também aparece a palavra *cuira* que supostamente é *cuíra*.

mostram a conveniência do que furtou com o que pergunta, e outrosy mostrã a pergunta ser radial e o dam a entender asi como o sol quando se põem per sinaes que se nelle vem da a entender a hua pessoa ainda que seja ignorante se houvera cuja se serenidade sem haver mais discurso nem especulação e asy como a experiência dos signaes do sol tem ensinado hua pessoa ainda que ignorante que caya na cuja que a de aver, asj a experiencia tem ensinado aos estrologos que os planetas em taes siteos da figura mostram a pergunta ser radial ou não, e que a experiencia ensinou isto aos extrologos tendo vidas largas antigamente considerando as conformidades do que socedia os mostras e aspeitos das extrelas e dos planetas e asy ficavã julgando que tal aspecto de tal extrela mostrava a ditta pergunta, ser radial ou nã asy como se pode por exemplo huã pesoa que nã soubese nada dos sinães da serenidade no sol quando se poem com a vermelhidão e por ver hum dia que pondose o sol vermelho se seguia outro dia sereno isto vendo hum dia e outro, e outro, veo a coligir que quando se o sol poem vermelho se segue despois o dia seguinte sereno<sup>100</sup> [...].

Manuel Rodrigues quis esclarecer aos inquisidores que ele considera a hora da pergunta o ponto de partida válido para iniciar suas predições. E essa pergunta precisa ser verdadeira e partir do desejo do querente. Manuel Rodrigues, influenciado pelas reflexões de Guido Bonatti, também revela aos inquisidores que ele considera a influência dos astros na alma do indivíduo, e mostra o vínculo e a relação existente entre a hora da pergunta e o signo ascendente. Cada signo fica duas horas no céu, então o astrólogo, com suas tábuas astronômicas, olhava o signo ascendente correspondente à hora da pergunta do querente. O horizonte oriental e a cúspide da primeira casa, que começa nesse ponto, são referidos como ascendente.

A hora da pergunta também é o ponto de partida das questões horárias, porque é nesse momento em que se estabelece sincronidade entre os eventos psíquicos e os eventos celestiais, e essa ligação não é causal. Na astrologia horária, a casa I é a mais importante do mapa, pois é ela quem abrange o signo ascendente. Ela também representa o indivíduo que faz a pergunta ao astrólogo, descrevendo a sua aparência, sua personalidade, suas características físicas, seu humor, seu temperamento (colérico, melancólico, fleumático) e seu estado de espírito no momento da pergunta. Assim, num contexto médico, os planetas nessa Casa podem representar condições ou marcas (doenças, sinais, cicatrizes, etc.) nessas partes do corpo<sup>101</sup>. Ela também tem significação na vida do homem, sua estatura, cor, tez, forma e feitio daquele que faz a pergunta, ou que nasceu; [...]. E, como é a primeira casa, representa a cabeça e o rosto do homem, de forma que se Áries estiver no ascendente, a marca, verruga ou

<sup>100</sup> ANTT, Processo 7544 [fls. 76-78].

<sup>101</sup> Os Significados das Doze Casas, por Helena Avelar e Luís Ribeiro. Disponível em <http://aldebahran-astrologia.blogspot.com/2017/07/os-significados-das-doze-casas-por.html>. Acesso em 29 de novembro de 2021.

cicatriz está com certeza na cabeça ou na cara; já os homens e as mulheres que estão marcado por Vênus costumam ser bonitos e com feições atraentes (LILLY, 2004).

Dos 146 princípios de Guido Bonatti, Manuel Rodrigues faz relação de seu discurso com o primeiro princípio.

A primeira consideração consiste em observar o que move uma pessoa a propor ou fazer uma pergunta a um astrólogo, onde devemos observar três movimentos: o primeiro, da mente, quando um homem se agita devido aos seus pensamentos e toma um banho com a intenção de investigar, em segundo lugar, do Superior e dos corpos celestes, de modo que depois desse tempo eles imprimem na coisa questionada o que acontecerá, o terceiro lugar, da livre vontade de que dispõe para o próprio ato de investigar, porque mesmo que a mente se mova a perguntar, isso não é suficiente a menos que os corpos superiores simpatizem com o assunto, mas esse movimento das estrelas não é suficiente, a menos que pela eleição de sua vontade, a pessoa seja realmente motivada a perguntar (Tradução nossa)<sup>102</sup>.

Os princípios de Guido Bonatti referidos por Manuel Rodrigues evidenciam que esse autor alargou e influenciou sua cosmovisão. O astrólogo, em seu rol, não especifica o livro de Guido Bonatti, nascido no reino da Itália, por volta de 1207 EC, que ele possuía. Contudo, o mais provável é que fosse o quinto tratado do volumoso *Liber Astronomicus*, já que essa foi a obra mais importante e famosa desse autor, que serviu como fonte e referência para muitos astrólogos da Europa, e o quinto tratado fala dos 146 princípios astrológicos.

Lynn Thorndike (1923) argumenta que a popularidade e a influência de Guido Bonatti são atestadas nos diversos manuscritos que foram produzidos sobre sua obra, nas inúmeras edições impressas em Latim e nas diversas traduções para várias línguas modernas, como italiano, alemão e inglês. Guido utiliza importantes autoridades clássicas, como Ptolomeu, Hermes e Dorotheus, e astrólogos árabes, como Alcabitus, Albumasar, Messahala e Thebit ben Corat. Ele também fez acréscimos próprios e muitas passagens demonstram que suas aplicações técnicas estavam vinculadas aos problemas diários da vida medieval. Dante colocou Bonatti no oitavo círculo de seu Inferno: “Assim, a remessa de Dante da alma de Bonatti para o inferno não parece ter impedido as pessoas de lerem seu *Liber astronomicus*” (p. 827).

Como muitos textos antigos e medievais de astrologia, o livro aborda os aspectos do caráter do indivíduo, e muito pouco a psicologia – dando mais ênfase a aspectos objetivos da vida e do comportamento do nativo do que a questões subjetivas. É livro direto em suas respostas e interpretações. A ciência árabe cativou o mundo cristão ocidental e a astrologia

---

<sup>102</sup> WARNOCK, Christopher. Renaissance Astrology Traditional Astrology & Astrological Magic. Disponível em <https://www.renaissanceastrology.com/bonatti146considerations.html> . Acesso em 29 de novembro de 2021.

desempenhou papel central nessa nova ciência, de que inúmeros textos árabes foram traduzidos para o Latim. Apesar de a astrologia ter sido condenada pela Igreja em 1210, 1215 e 1277, os europeus não desistiram dela, sua assimilação foi crescente, e muitos não deram ouvidos às oposições eclesiásticas (Lewis, 2003). De acordo com Wedel (1920), a ciência do astrólogo Guido Bonatti dificilmente teria obtido total aprovação de parte de Tomás de Aquino. O trabalho de Bonatti é somatório das ideias, métodos e técnicas de virtualmente todos os grandes astrólogos árabes da Idade Média e dos astrólogos anteriores, cujas ideias sobreviveram até a Idade Média<sup>103</sup>.

*Liber astronomicus*, possui em torno de 848 páginas, é dividido em dez tratados. *Tractatus Primus* apresenta o argumento filosófico de Bonatti em favor da astrologia. Ele depende muito da Grande Introdução de Abu Ma'shar. *Tractatus Secundus* dá os fundamentos da astrologia, signos, subdivisões, planetas, casas, alegrias dos planetas, dignidades, melotésia e características de graus. *Tractatus Tertius* discute a natureza dos planetas, como eles interagem uns com os outros, os signos e as casas. *Tractatus Quartus* se ocupa da consideração de certas conjunções e de outras coisas que astrólogo deve saber. Essas coisas são as definições de certos termos técnicos na astrologia; a grande conjunção de Saturno e Júpiter no primeiro período de Áries; a conjunção dos mesmos planetas no início de cada triplicidade; a conjunção de Saturno e Marte; a conjunção de Saturno e Júpiter; a conjunção do Sol com os outros planetas; a conjunção e oposição das luminárias; as horas combustas e incombustas; o duodeno da Lua, e que a descoberta do ascendente quando a hora do nascimento é incerta é através do Animodar de Ptolomeu. O *Tractatus Quintus* apresenta as 146 considerações de Bonatti relativas ao julgamento. No *Tractatus Sextus*, Bonatti fala sobre a perfeição na astrologia horária (interrogatórios). O *Tractatus Septimus* discute os julgamentos especiais das estrelas (astrologia horária). O *Tractatus Octavus* trata das eleições. O *Tractatus Nonus* envolve revoluções de anos (solar ingresso nos signos cardeais) e as partes árabes. O *Tractatus Decimus* lida com o tópico da astrologia natal, enquanto *Tractatus de imbribus et aeris mutationibus* lida com astrometeorologia (LEWIS, 2003, p. 92-93).

Destaque-se que o processo inquisitorial vinculado a Manuel Rodrigues não foi o único que registra acusado possuidor de livro de Guido Bonatti. Avalos (2009), que analisou

---

<sup>103</sup> Hand, Robert. Introdução. In: GUIDO BONATTI. *Liber Astronomiae* (Part I). Editado por Robert Hand e traduzido por Robert Zoller. Golden Hind Press: Berkeley Springs, 1994. Mais do que compilador, Bonatti era astrólogo altamente qualificado que aperfeiçoou os sistemas astrológicos com suas habilidades. Em sua obra, ele torna a astrologia tão clara que acaba se tornando texto apropriado tanto para aqueles relativamente inexperientes quanto para os alunos com avançados conhecimento astrológico, desde que saibam Latim (Robert Hand).

casos de pessoas processadas pela Inquisição em seu artigo *Cosmografia e astrologia em Manila: uma rede intelectual no mundo colonial ibérico*, constatou que,

acerca da circulação dos textos de Guido Bonatti e Julius Firmicus Maternus na Novo Espanha do século XVII, outros documentos do arquivo da Inquisição também dão notícias. Melchor Pérez de Soto, detentor de uma das mais impressionantes bibliotecas do vice-reinado e acusado em 1654 de praticar astrologia judiciária, tinha entre seus livros uma edição de 1506 do *Liber Astronomicus* de Bonatti (p. 33, tradução nossa).

A respeito das considerações de Guido Bonatti, o astrólogo, em resposta ao inquisidor, também cita o princípio da pergunta radical. Mas, o que seria esse “radical” apontado por Manuel Rodrigues?

A palavra ‘radical’ e ‘raiz’ vem de uma frase latina convencional *radix nativitatis*, que significa a ‘fundação da natividade’. Esta expressão denota o fato de que a natividade é um ponto de partida válido para investigação. Qualquer outro tipo de mapa, como uma pergunta, pode ser ‘radical’ se também se qualificar como um ponto de partida válido. Esta determinação é a primeira questão que deve ser resolvida no horário, porque se o mapa não estiver realmente conectado à questão, então o mapa não é radical. A questão da intenção surge por causa das seguintes razões: 1) A intenção do querente deve ser clara; ele ou ela deve saber o que quer. 2) A intenção deve ser séria e não meramente nascido do desejo de testar ou enganar o astrólogo. 3) A intenção deve ser do próprio querente. Uma pergunta não pode ser feita sob a compulsão de outra. Se nem todas essas afirmações forem verdadeiras, o mapa não será radical, ou seja, ‘fundamental’, para cunhar uma palavra (BONATTI, 1996, p. 2-3, tradução nossa).

Quando Manuel Rodrigues diz que a pergunta deve ser feita com força e eficácia, ele está querendo dizer que a pergunta precisa ser verdadeira e séria e ser formulada partir do desejo do querente.

Se você pretende chegar aos julgamentos por meio da astronomia, você deveria ter o cuidado de considerar primeiro se aquela pessoa que vai até você para fazer uma interrogação questiona intencionalmente ou não, como é dito em outro lugar. Da mesma forma, aquele lugar é descrito mais completamente do que aqui, como você pode saber se essa pessoa busca intencionalmente ou não, embora certos assuntos sejam tocados neste lugar que não são tocados lá. Pois se o senhor do Ascendente e o senhor da hora têm a mesma triplicidade, ou têm a mesma compleição, ou o senhor do Ascendente e o senhor da hora são do mesmo [planeta], a questão é intencional e radical. Se, entretanto, for diferente, não será visto que é intencional ou radical, exceto talvez em um acontecimento inesperado. Você atribuirá o Ascendente ao querente e, se for necessário para você, recorra ao rosto não visto que é intencional ou radical, exceto talvez em um acontecimento inesperado. Você atribuirá o Ascendente ao querente, e se for necessário para você, recorra ao rosto. E você perceberá o signo que significa a matéria procurada e o planeta que rege esse signo, e atentarà cuidadosamente para o aspecto dos significadores e também para a junção

das fortunas e maléficos aos significadores, corporalmente ou por aspecto. (ibid., p. 1-2-3).

Na explicação que oferece aos inquisidores, ele mostra que o mapa radical dá indicações da aparência e do humor do querente. Segundo Bonatti (1996), o astrólogo deve procurar descrição do querente e sua aparência física no simbolismo do ascendente para saber se a pergunta é verdadeira.

Quando fala dos humores coléricos, fleumáticos e melancólicos, ele usa a teoria dos temperamentos. Através do signo ascendente e do planeta regente, como ilustrado na Figura 6 e 7, é possível saber o temperamento do querente.

**Figura 6.** Qualidades, elementos e temperamentos



Fonte: Helena Avelar (2015). Open Edition Journals

**Figura 7.** Signos, planetas e temperamentos

Os planetas – suas qualidades e temperamentos		
Planeta	Qualidades	Temperamento
Saturno	Frio + Seco	Melancólico
Júpiter	Quente (moderado) + Húmido	Sanguíneo
Marte	Quente + Seco	Colérico
Sol	Quente + Seco (variável)	Variável (Estações)
Vénus	Quente / Frio + Húmido	Sanguíneo
Mercúrio	Seco (variável)	Variável
Lua	Frio + Húmido (variável)	Variável (Fases)

Fonte: IBID

Em seu *Livro da Montaria*, D. João I, rei de Portugal, fundador da dinastia de Avis, aborda os quatro elementos com que Deus criou céus, planetas, signos e estrelas:

Joam Gil o grande estrologo no seu grande livro disse que Mars he de color uermelha, e Mercurio, e a Lua de color branca, e esse mesmo disse o Sol, Jupiter, e Venus som de color amarela como ouro, e Saturno fez certo que auia color negra, e assi pos a estas pranetas acidentes, e ainda lhes deu calidades, ca deu a Saturno frio, a Jupiter quente e humedo, a Mars seco, a o Sol quente, a Venus humedo e quente, e a Mercurio frio e seco, e a Lua fria e humeda, e estas meesmas calidades<sup>104</sup>.

Em prosseguimento das investigações, ainda nessa mesma segunda audiência, os inquisidores lançaram mais perguntas intimatórias a Manuel Rodrigues. Entre elas, constaram perguntas a respeito da providência divina, princípio cristão, que, segundo eles, a astrologia judiciária violava e atacava.

Inquisidor: Quando diz que a arte mostra a certeza das cousas furtadas de quem os furtou e onde podem estar e por onde vai o ladrão, e dos homes que navegam se são mortos ou vivos que diga se mostra a arte nestas cousas certeza de tal maneira que não pudera a providência divina ter provido de outra maneira. Se nos furtos que estivessem, digo estejam em outra parte diferente do que a arte o mostra no ladrão que voa por outra parte diferente do que a arte per si mostra e nos homes mortos que navegam que sejam vivos em contrário do que a arte os mostra que os mostra mortos<sup>105</sup>.

Manuel Roiz: Sim, que Deus pudera ter provido de outra maneira, diferente do que a arte mostra no furto que donde o ela mostra estar em uma chimenea da casa pode ter provido que esteja no telhado.

Inquisidor: O senhor se concede que quando o furto está em um lugar e a arte o mostra nele que o alvedrio do homem que o pôs aí esteve sempre livre pera o pôr em outra parte, e o alvedrio do ladrão que o furtou que a arte mostra que foi para o norte ficou livre para ir para o sul, e nos homens que navegam para a Índia e morreram por causa de guiarem sua viagem por fora se lhes ficou o alvedrio nos pilotos e mestres que guiaram a nau pera poderem ter ido e fazerem a viagem por dentro, e indo per diferentes influências e diferentes passos ficarem vivos e poder ter sucedido não morrerem.

---

<sup>104</sup> DE JOÃO I, Rei Portugal - Livro da Montaria feito por D. João I, rei de Portugal, conforme o manuscrito n.º 4352, da Biblioteca Nacional de Lisboa publicado por ordem da Academia das Ciências de Lisboa por Francisco Maria Esteves Pereira. Coimbra: Imprensa da Universidade, 1918. p. 126-127.

<sup>105</sup> ANTT. Processo 7544, [fl. 79].

Manuel Roiz: O livre alvedrio sempre fica livre e assim entendo o que tenho dito na audiência passada que a arte mostra certeza nos furtos onde estão, o ladrão por onde foi e os que navegam se são vivos se mortos<sup>106</sup>.

Inquisidor: Tem pera si que quando se furtou o furto e a arte o mostra que está em uma chimenea da casa e sendo um astrólogo perfeito na arte pera conhecer o dito lugar conforme as regras da arte se se pode enganar e o furto está em outra parte?

Manuel Roiz: Sim, não pode enganar o dito *astrologo* se não errar nas regras da arte e que a conformidade das estrelas que a experiência mostram aos *astrologos* nos aspeitos delas conformando em uma cousa per diferentes vezes lhe deu ciência que ser era o que havia de suceder que é o que elas mostram.

Nessa passagem, os inquisidores estavam confrontando a astrologia judiciária com o livre arbítrio, impondo a Manuel Rodrigues que fatos humanos não eram condicionados por nenhuma força astral, já que ele acreditava na influência dos astros na vida dos homens. O astrólogo tinha concepção de mundo diferente e procurava sempre utilizar argumentos ricos e eficazes para defender sua cosmovisão. Manuel Rodrigues não desconsidera o livre arbítrio do homem, mas o reconsiderava dentro de sua concepção e cosmovisão de astrólogo.

Percebe-se que, mesmo diante do medo das represálias, o astrólogo oferecia respostas que questionavam essa verdade universal imposta pelos inquisidores e que violava a liberdade de pensamento e de investigação.

O conflito entre a Igreja tradicional e o movimento da Reforma acabou mudando seus alvos preferidos. Após a Reforma protestante, a Inquisição ganhou mais fôlego. Se, até então, as fogueiras visavam principalmente os magos, as feiticeiras ou os hereges, com a Contrarreforma, novos personagens surgiram em seu palco de perseguições.

O Santo Ofício passou a destinar seus tribunais e sua lenha à queima ou à condenação de sábios, cujas ideias eram consideradas ameaçadoras ao poder multissecular da Igreja sobre a produção e circulação de conhecimento. Para os mais contundentes, como Giordano Bruno, o destino era a fogueira; aos demais, os interrogatórios, a imposição do silêncio, a obrigatoriedade de confessar arrependimento ou o filtro dos censores do Santo Ofício, de quem dependia o direito à publicação de livros ou sua inclusão no Index das obras proibidas (MICELI, 2016, p. 86-87).

---

<sup>106</sup> Ibidem [fl.80] “foi lhe dito mais que se concede elle que quando o furto esta em hum lugar e a arte o mostra nelle que o alvedrio do homem que o pos alj esteve sempre livre pera o por em outra parte e o alvedrio do ladran que o furtou que a arte mostra que foi para o norte ficou livre pera Ir para o sul, e nos homens que navegam para a Índia e moreram por causa de guiarem sua Viagem por fora se lhes ficou o alvedrio nos pilotos e mestres que guiaram a nau pera poderem teer Ido e fazerem a viagem por dentro, e Indo per diferentes influencias e diferentes pacos ficarem vivos e poder teer socedido nã morerem disse que o livre alvedrio sempre fica livre e asj entende o que tem dito na audiencia pasada que a arte mostra certeza nos furtos onde estan e o ladram por honde foi e os que navegam se sam vivos se mortos”.

### 3.7.1 Inquirição sobre livros proibidos

Inquisidor: Diga se lê algumas vezes o livro do catálogo dos autores defesos assim o que agora se fez como os outros?

Manuel Roiz: Sim, li muitas vezes!

Inquisidor: Diga com que consciência lia por tantos livros proibidos quantos tem ao rol que deu, como é Joanes Indagine<sup>107</sup> que lhe apontaram no catálogo e os mais que tratam de astrologia judiciária que o catálogo defende que são os que são o que traz no seu rol?

Manuel Roiz: Não sabia que era defeso o Indagine e que não importa nada, e quanto aos livros que polos ver vender e comprar nas tendas me pareceu que os podia comprar e ter sem embargo da regra.

Inquisidor: Como exercita a *astrologia* judiciária que é a terceira parte da *astrologia* que todos confessam ser magia e reprovada por tratar de *futuris contingentibus*<sup>108</sup> e todos tem por cousa condenada?

Manuel Roiz: Não tinha por condenada polo ver usar a muitos homens ditos [...].

Inquisidor: Diga se teve algumas respostas do demônio nestas matérias ou explicitamente ou implicitamente tendo suspeita que ele concorria obrando manifestamente em algumas daquelas figuras, ou tacitamente intervinha per algum pacto ou conceito de que tinha notícia que o demônio conecta com o senhor naquelas figuras, e parecendo lhe pelas ditas figuras o demônio se dá a entender ou revela as cousas ocultas usa delas e as debaixa a esse fim?

Manuel Roiz: Não.

Inquisidor: Fez alguma honra ao demônio ou o clamou pera as ditas cousas?

Manuel Roiz: Não!

No século XVI, não havia visão antropológica das práticas e dos saberes, contudo essa ligação entre magia e astrologia é confirmada em diversas aproximações: ligações entre configurações celestes e forças psíquicas, entre imaginações e emoções, entre sinais e influências corpóreas. Entra-se no âmbito também do culto e da feitura das imagens, das

---

<sup>107</sup> Johannes de Indagine, padre alemão cujo trabalho sobre a fisionomia foi publicado pela primeira vez na Alemanha em 1523. A introdução de Indagine à fisionomia oferece guia para usar a aparência externa de uma pessoa, principalmente o rosto, para deduzir a natureza de seu caráter ou personalidade. A suposição aqui lançada é que essa obra que estava em posse de Manuel Rodrigues fosse o tratado de *Chiromancia* de Johannes de Indagine, criado por volta de 1522. Essa obra se divide em seis volumes: Introdução: *Chiromantia* (quiromancia; leitura das mãos); *Physiognomie* (fisionomia; leitura facial); *Periaxiomata* (astrologia) *Canones astrologici, de iudicijs Aegritudinum*; *Astrologia naturalis* (elaboração de horóscopos); *Complexionum* notícia, iuxta dominium Planetarum. Efeito dos corpos celestes nos quatro temperamentos: *Cholericus, Phlegmaticus, Melancholicus e Sanguinicus*.

<sup>108</sup>Futuro contingente é o futuro que depende do livre arbítrio humano.

cerimônias mágicas e dos talismãs, que, na tradição hermética, absorvem e atraem os poderes dos astros.

Garin (1984) coloca que a magia era companheira inseparável da astrologia e Mauss admite essa ligação:

A astrologia encontra-se anexado à magia, a tal ponto que uma parte de nossos textos mágicos gregos encontram-se em obras astrológicas, e que, na Índia, a grande obra astrológica e astronômica da alta Idade Média consagra à magia toda a sua primeira parte. O mês, o número de ordem do ano num ciclo são às vezes levados em consideração. Em geral, os dias de solstício, de equinócio, e sobretudo as noites que os precedem, os dias intercalares, as grandes festas, entre nós as de certos santos, todas as épocas um tanto singularizadas, são tidos como excepcionalmente favoráveis (MAUSS, 2003, p. 83).

As perguntas intimatórias a respeito do demônio, que os inquisidores lançaram no interrogatório de Manuel Rodrigues, mostram as advertências a respeito da ilicitude de suas práticas astrológicas. Instintivamente, é possível prever os eventos desfavoráveis das próximas semanas.

Como salienta Souza (1995), o diabo era mais bem compartilhado do que o bom senso cartesiano: reis, rainhas, papas, burgueses revolucionários, camponeses, artesãos, marinheiros anônimos e os mais diversos segmentos da sociedade compartilhavam dessa crença. Mello e Souza, em sua obra *Feitiçaria na Europa Moderna*, registra que:

Nesse horizonte de crenças, Deus e o Diabo eram onipresentes e se justificavam mutuamente. [...]. O Diabo era, assim, elemento complementar e indispensável à certeza da existência de Deus. 'Não pode haver Deus sem o Diabo', repetiam à exaustão os demonólogos e teólogos do final da Idade Média e início da Época Moderna (p. 8).

Visto que o pensamento de teólogos, inquisidores e muitos prelados era atrelado a doutrina de fé de caráter coercitivo, que utilizava as sagradas escrituras para refutar com tenacidade a liberdade de pensamento e investigação e perseguir tudo aquilo que se desviasse do cristianismo oficial, a ideia de pacto com o demônio não só legitimava o poder dos eclesiásticos perante a sociedade, mas combatia e diabolizava tudo aquilo que eles haviam proclamado como ilícito e contrário a seus dogmas. Logo, no olhar dos inquisidores, que consideravam a Igreja Católica como única e verdadeira instituição depositária do saber e do poder, as técnicas da astrologia judiciária eram heréticas, demoníacas e inaceitáveis.

### 3.7.2 Mandado de prisão de Manuel Rodrigues

Vistos os autos de confissão de Manuel Rodrigues, nas duas audiências realizadas, a censura do dominicano Bartolomeu da Ferreira a respeito dos livros defesos que ele possuía e

o depoimento das quatro testemunhas citadas anteriormente, sua prisão foi deflagrada pelos inquisidores Diogo de Sousa e Bartolomeu da Fonseca em 1<sup>a</sup> de outubro de 1583.

Os Inquisidores Apostólicos Contra herética pravidade e apostasia nesta cidade arcebispado de Lisboa e sua comarca mandamos a vos Joam Vaz cavaleiro da casa dell[?] rey nosso senhor solicitador deste Santo officio que prendais Manoel Roiz xpão novo morador nesta cidade na Rua da Graça natural da Ilha da madeira por culpas que contra elle ha neste santo officio obrigatorias a prisam e preso o entregares ao alcaide do Carcer deste S officio de que nesse fora[?] auto da entregua compriu assi dado em Lisboa sob nossos signais S majestade ao primeiro dia do mês de outubro Joam Campello o fez de mil quinhentos oitenta e tres annos<sup>109</sup>.

A prisão de Manuel Rodrigues aconteceu um mês após seu último interrogatório. Certamente o debate foi ponderado para saber se o astrólogo seria preso ou não. Isso se deve ao fato de a astrologia judiciária ainda não constar como crime no regimento inquisitorial daquela época, contudo ela era tida como prática herética pela ortodoxia cristã, pelo fato de se violar os dogmas do catolicismo, incluindo o livre arbítrio, como dito anteriormente.

Ela também aparecia como prática herética e demoníaca em outros manuais inquisitoriais. Por exemplo, a obra do inquisidor e teólogo católico Nicolas Eymerich, comentado por Francisco Peña em *In Directorium Inquisitorum a Nicolao Eimericoconscriptum comentaria* (Roma, 1578), considerava os livros de astrologia judiciária temerários e incertos, por atacarem o livre arbítrio do homem. Ele também pontuava firmemente sua condenação em relação à astrologia: “Entre aqueles que invocam os demônios, podemos citar os astrólogos e os alquimistas, que quando não conseguem alcançar as descobertas que procuram, não deixam de recorrer ao diabo, fazem sacrifícios a ele e o invocam, seja expressamente ou tacitamente” (EYMERICH, 1762, p. 160, tradução nossa).

Diante da ilegalidade de suas ações contra a instituição mais repressiva e poderosa de Portugal, os inquisidores definiram que ele necessitava de castigos e exames maiores, para tanto julgaram que melhor seria que ele fosse preso, examinado e castigado, assim se apartaria da heresia.

Surpreendido em sua residência, na Rua da Graça, pelo familiar João Vaz, o astrólogo foi levado preso pelas ruas de Lisboa até chegar ao Palácio dos Estaus, que ficava localizado no topo norte da Praça do Rossio, como ilustrado na Figura 8. Sua prisão deve ter-se tornado de conhecimento público em um curto espaço de tempo, principalmente, entre seus clientes.

---

<sup>109</sup> ANTT. Processo 7544, [fl. 5].

**Figura 8.** Lisboa em 1572 / P - Palácio dos Estaus



Fonte: Georg Braun; Frans Hogenberg: *Civitates Orbis Terrarum*<sup>110</sup>.

Como arte proibida, a astrologia judiciária só aparecerá no Regimento do Santo Ofício da Inquisição de 1640, no título XIV (Dos feiticeiros, sortilégios, adivinhadores, e dos que invocam o demônio e tem pacto com ele, ou usam de arte de astrologia judiciária).

Penas aplicáveis a astrólogos judiciários:

IX. Por quanto o Breve de Xisto V e Constituição de Urbano V III commettem ao Santo Officio da Inquisição, que proceda contra os astrólogos judiciarios, que usam desta arte, pronosticando absolutamente casos particulares de futuro em tempo certo, e acto determinado, ordenamos, que, sendo alguma pessoa compreendida na dita culpa, seja examinada por ella no Santo Officio, e pela primeira vez admoestada com termo, que assignará, para que não commetta outra semelhante, salvo se a qualidade da pessoa, e circumstancias da culpa, pedirem maior condemnação ; e sendo comprehendida segunda vez na mesma culpa, se lhe darão as penas, que parecer aos Inquisidores, tendo respeito ás que lhe estão impostas pelo dito Breve, e Constituição (REGIMENTO, 1855, p. 361).

Chama atenção o fato de, apesar de a astrologia judiciária não constar como arte proibida entre as penas do regimento de 1570, os inquisidores adotarem o procedimento,

<sup>110</sup> Recorte a partir da imagem disponível <[https://commons.wikimedia.org/wiki/File:Braun\\_Lisboa\\_UBHD.jpg](https://commons.wikimedia.org/wiki/File:Braun_Lisboa_UBHD.jpg)> Acesso 10 de novembro de 2021.

postumamente, aplicado no regimento de 1640: primeiro eles examinaram o astrólogo, analisaram as circunstâncias da culpa e deflagraram a prisão.

### 3.7.3 Pedido de Manuel Roiz: mesa para confissão das culpas

Assim que chegou ao cárcere, Manuel Rodrigues ficou atribulado e aflito com sua nova situação, mais ainda quando notou a insalubridade do local, em que pessoas morriam, enlouqueciam ou suicidavam. O cárcere do TSO era temido pela população de Lisboa, marcado por tortura, espionagem e más condições, tratava-se de lugar sujo, obscuro, com pouca comida e bebida, com atmosfera densa, triste e deprimente, que certamente marcaria qualquer um para o resto de sua existência. Nos compartimentos, o sol não iluminava, as pessoas eram magras, com o cenho pálido, combalidas pelo sofrimento e pelas contínuas privações.

A prisão e a chegada aos Estaus aconteceram em curto espaço de tempo, foi tão rápida que certamente o astrólogo mal pôde notar seu companheiro de cela. Assim, de maneira súbita e violenta, o astrólogo rapidamente foi puxado para sua nova realidade: o cárcere da Inquisição.

Nem mesmos os navios ou os tormentos das viagens marítimas às Índias se comparavam ao ambiente hostil do cárcere. Apesar das crises agudas de fome e da multiplicação dos escorbutos, as condições de isolamento eram diferentes. Os navios sempre estavam em movimento, as tarefas eram divididas, as tempestades, as pescas, os presságios nos céus, os jogos de cartas, as dificuldades cotidianas, as orações coletivas agitavam o dia a dia nas naus.

No cárcere, os presos ficavam à deriva, sem nenhum porto a chegar, sem promessa de ganhos ou recompensas. Atraídos pela imagem da riqueza, que as navegações projetavam, muitos se alistavam de forma voluntária aos confinamentos dos navios. No cárcere, o confinamento era obrigatório e o tédio logo se instalava. Encontrar cristão-novo conhecido numa cela não era coisa deveras difícil, mas sorte mesmo era encontrar companheiro de cela simpático. A saída do cárcere não gerava nenhum ganho positivo, e uma coisa era certa: lutar pela sobrevivência e oferecer confissão que agradasse os inquisidores. “O famoso pregador jesuíta do Brasil, o português Antônio Vieira, descreveu as celas da Inquisição de meados do século XVII em termos sombrios” (GREEN, 2011, p. 107). Ele, que esteve preso, deixou seu testemunho sobre os cárceres da Santa Inquisição.

Nestes cárceres estão de ordinário quatro, e cinco homens; e às vezes mais, conforme o número de presos que há; e a cada um se lhe dá seu cântaro de água para oito dias (e se acaba antes, tem paciência) e outro mais para a

urina, com um serviço para as necessidades, que também aos oito dias se despejam: e, sendo tantos os em que conservam aquela imundícia, é incrível o que nele padecem estes miseráveis, e no Verão são tantos os bichos, que andam os cárceres cheios, e os fedores tão excessivos, que é benefício de Deus sair dali homem vivo. E bem mostram os rostos de todos, quando saem nos Actos, o tratamento que lá tiveram, pois vêm em estado que ninguém os conhece<sup>111</sup>.

Aflito e interessado em saber e mais bem averiguar sua real situação, o astrólogo pediu mesa para confessar suas culpas no dia 6 de outubro, de 1583, ou seja, cinco dias depois de estar preso. Contudo, pedir mesa para se confessar<sup>112</sup>, quando já preso, não adiantava muito. Isso só era mais favorável no tempo de Graça ou quando era promulgado o édito da fé. Portanto, na confissão, o réu tinha que adivinhar tudo o que o inquisidor queria saber, algo muito difícil. Logo, o acusado era facilmente considerado *confitente diminuto*, ou seja, era alguém que confessava suas culpas de forma insuficiente e insatisfatória perante o regime inquisitorial. Assim, a única solução era aguardar e esperar a boa vontade dos inquisidores para marcar nova audiência. De acordo com as normas do TSO, os inquisidores não podiam ouvir nenhum preso, somente na mesa do Tribunal.

Depois de prestado o juramento dos santos evangelhos o inquisidor perguntou:

Inquisidor: O que o senhor tem para dizer nesta mesa já que pediu por ela?

Manuel Roiz: Eu tenho muitos negócios com algumas pessoas e que elas vão a minha casa tratar comigo e não são todos que vão a minha casa para fazer perguntas de cousas furtadas e ocultas.

O inquisidor censurou e advertiu imediatamente Manuel Rodrigues, com certa indiferença, e voltando-se para sua teoria.

Inquisidor: Diga a verdade que melhor será neste momento do que depois já que suas confissões não eram prováveis e nem *verosimilie* que o senhor diz que alcançava pela astrologia judiciária os furtos ocultos, que o senhor tinha certeza das cousas ocultas de que o senhor não tinha razão de saber naturalmente, só por comunicação com o demônio, tratando com ele e se sentindo mal da fé e que da parte de Deus o senhor não tem revelação como o

<sup>111</sup> ROCHA, Catarina. Ossos de antiga prisão de Évora dão voz às vítimas da Inquisição. Disponível em <<http://www.publico.pt/ciencia/noticia/ossos-de-antiga-prisao-de-evora-dao-voz-as-vitimas-da-inquisicao-1707196>>. Acesso em 14 de abril de 2021.

<sup>112</sup> Quando os inquisidores chegavam a cidade ou povoado, a primeira coisa que faziam era apresentar seus poderes aos prelados daquela diocese e à justiça secular do local. Em seguida, mandavam notificar o dia em que seria publicado o édito da Santa Inquisição, geralmente, domingo ou dia Santo de Guarda. Nesse dia havia sermão da fé, e logo depois eles publicavam em voz alta o edito e monitório geral. Após essa publicação, o inquisidor publicava o édito de graça que determinava que as pessoas que se achassem em crimes de heresia manifestassem seus erros ou mais culpas, para que pudessem receber penas mais brandas, geralmente por período entre 30 e 40 dias após a publicação do édito. Já no édito da fé, era realizada proclamação solene, em que as pessoas eram incitadas a denunciar todos aqueles que incorressem em crimes de heresia.

senhor confessa da parte da judiciária. E que não pode ter certeza porque além da doutrina comum dos teólogos o que os santos ensinam do que se assenta por pessoas entendidas na astrologia tementes a Deus, o senhor mesmo dizia que quando adivinhava os furtos ocultos aquele que os furtou tiveram o alvedrio sempre livre de ter posto o furto noutra parte diferente do que as regras por onde ele se rege lhe mostram; e que se lhe mostram na chimenea da casa que pode o ladrão contra a sua própria inclinação tê-lo posto em outro canto da casa que lhe claro que o alvedrio do homem é mudável e assim as obras também são mudáveis e incertas e daqui fica que a astrologia judiciária os não pode mostrar em certeza e infalíveis como o senhor donde se segue, que nem Deus, nem a arte judiciária lhe mostram certeza dos furtos. Adivinhou que teve comunicação do demônio que por sua via o soube e que assegura parte das culpas disse que pela arte o sabia e que atente e torne sobre si que, pois, parece verdade que comunica com o demônio que a de ser com errar na fé e sentir mal do criador.

Manuel Roiz, depois de ter ouvido esse sermão e essa severa censura do inquisidor, teve seu pensamento desencorajado e respondeu que “não sabia mais que o que a arte lhe mostrava e, em seguida, foi admoestado e mandado de volta a seu cárcere”<sup>113</sup>.

O silêncio de Manuel Rodrigues nos revela como o medo fazia com que as pessoas falassem menos ou então negassem e dissimulassem suas crenças perante a autoridade e a intransigência desses homens. Muitas vezes, o silêncio soava como estratégia de defesa perante a autoridade e o fanatismo daqueles homens.

Chama atenção o fato de que as pessoas que pediam mesa geralmente falavam tudo o que lhes vinha à mente. No caso do astrólogo, ele não falou quase nada, isso sugere que pediu mesa para mais bem averiguar sua situação e saber como agir nos próximos questionamentos dos inquisidores, era estratégia para mais bem saber lidar com os próximos passos.

A crítica dos inquisidores contra a astrologia implica o fato de ela afetar princípios importantes de sua ideologia: livre arbítrio, providência divina e *futurus contingentes*, o que os leva a, nos discursos seguintes, rebater a cosmovisão de Manuel Rodrigues, tocando sempre nesses princípios, que consideravam única ciência disponível para se compreender e ler o mundo a sua volta.

“Nas instruções para processar” da primeira metade do século XVII a astrologia aparece como um delito punido pela Inquisição. Não deveria ser estranho para nós que fosse precisamente este tribunal o encarregado de julgar os astrólogos. Embora a Inquisição tenha sido criada para combater a heresia, isto é, o que era contra os artigos de fé, desde os primeiros anos foi ampliando progressivamente o âmbito de sua ação. Devemos levar em conta que o herético só pode ser definido por sua oposição ao que no momento se

<sup>113</sup> ANTT. Processo 7544, [fls.86, 87, 88].

se considera ortodoxo, é um fenômeno que se torna facilmente em um cajón de sastre onde colocar todas as ações ou opiniões que, embora não sejam contra o dogma, podem ser condenadas pela ideologia dominante (MORA, p. 85, 2006).

### 3.7.4 Cofrinho de Manuel Roiz: exame de achados

Encarcerado, Manuel Rodrigues deve ter cogitado a possibilidade de sua casa ser revistada pelo Santo Ofício, e, na possibilidade de ser inquirido, conjecturou sobre as respostas que daria aos inquisidores, caso fosse questionado sobre certos produtos e objetos aí guardados.

Os inquisidores, obcecados por saber se na casa de Manuel Rodrigues havia mais livros proibidos ou novos indícios de pacto demoníaco, invadiram e revistaram a casa do intelectual e, depois de analisar tudo minuciosamente, encontraram alguns materiais, entre os quais cofrinho com o seguinte conteúdo: tratado de Luca Gaurico, cartapácios com pinturas desonestas, pedaço de couro de abada<sup>114</sup>, cartas de Pedro Barba, cartapácio com 23 folhas de papel, nervos moídos, pós vermelhos e um pelouro vermelho e escritos de pessoas, que navegavam, contendo perguntas de furtos, de casamentos e ausentes se eram vivos.

Esses objetos eram muito importantes e significativos para seu trabalho. Eles trazem novas dimensões sobre o gosto e os ofícios desempenhados por Manuel Rodrigues. O tratado de Luca Gaurico, por exemplo, era muito prático e permitia que o astrólogo pudesse continuar praticando secretamente seu trabalho. Podia também ser obra de referência que ele utilizava para adornar o espaço em que ele recebia seus clientes. No entanto, esses produtos e objetos também mostram que o astrólogo do século XVI precisava ter outros talentos para se destacar na sociedade. As cartas sugerem que nosso homem realizava suas práticas por meio de correspondência, algo similar aos astrólogos do século XXI, que operam através de e-mails, atendendo as necessidades de seus clientes. No caso das correspondências, o astrólogo podia considerar também o horário em que ele as recebia e entedia a pergunta.

Os produtos revelam homem que se interessava por medicina terapêutica ou por astrologia médica. Astrólogo de destaque tinha que ter variada gama de habilidades e estabelecer diálogos contínuos com outras áreas do conhecimento.

---

<sup>114</sup> Termo que pode designar o rinoceronte, sua fêmea, ou apenas seu chifre, na **Índia** ou na **África**, conforme descrições datadas do século XVI, de que é exemplo o manuscrito *Um sumário dos Reis de Portugal*, citado por Palmira Fontes da Costa (Filosofia e História da Biologia, v. 1, p. 247-269, 2006). Tal qual o **marfim** extraído dos elefantes, a abada era empregada para a confecção de diversos objetos de ornamentação e constituiu um dos itens da economia das áreas de colonização portuguesa, como **Moçambique**. Foi muito utilizada na confecção de castões de bengalas, peça indispensável da indumentária masculina das camadas mais altas da sociedade no século XIX. Informações disponíveis em <[http://historialuso.arquivonacional.gov.br/index.php?option=com\\_content&view=article&id=5270&catid=2055&Itemid=266](http://historialuso.arquivonacional.gov.br/index.php?option=com_content&view=article&id=5270&catid=2055&Itemid=266)>. Acesso em 1 de dezembro de 2021.

Astrologia Médica ramo da astrologia que correlaciona os signos do zodíaco e as influências planetárias com doenças e disfunções dos órgãos do corpo. Eis algumas dessas correlações astrológicas tradicionais: **Áries**: doenças na cabeça e no rosto, varíola, epilepsia, derrame cerebral, dor de cabeça, sarampo, convulsões. **Touro**: doenças no pescoço e na garganta, escrófula, amidalite, tumores. **Gêmeos**: doenças nos braços e nos ombros, aneurismas, frenesi e insanidade. **Câncer**: doenças no peito e no estômago, câncer, tuberculose, asma e edemas. **Leão**: doenças do coração, nas costas e nas vértebras do pescoço, febres, peste bubônica, icterícia e pleurite. **Virgem**: doenças nas vísceras ou órgãos internos (intestinos, por exemplo). **Libra**: doenças nos rins. **Escorpião**: doenças nos órgãos sexuais. **Sagitário**: doenças nos quadris e nos músculos, gota e reumatismo. **Capricórnio**: doenças nos joelhos e na superfície da pele. **Aquário**: doenças nas pernas e nos tornozelos, coxeadura e câibras. Peixes: doenças nos pés (DRURY, 2004, p. 33, grifo do autor).

‘Relíquias’, como livros, cartas e pinturas, que as pessoas conservam em suas casas, trazem gama de significados e vivências ali experimentados. Segundo Ranum (1991, p. 211), determinados espaços e objetos trazem emoções, lembranças, crenças, sonhos e recordações ligados ao íntimo e ao ser, permitindo penetrar na intimidade particular, onde cada espaço ou objeto fala de sua maneira.

Para descobrir a origem daqueles objetos e para auxiliar no exame dos produtos encontrados na casa de Manuel Rodrigues, no dia 20 de outubro de 1583, eles convocaram Diogo Becles (?), boticário de sua alteza. Ao chegar ao Palácio dos Estaus, o boticário prestou juramento dos santos evangelhos, e lhe foi mostrado pedaço de couro, que parecia ser de abada<sup>115</sup>, com três buracos no meio; em seguida, o boticário foi advertido pelo inquisidor Diogo de Sousa.

Inquisidor: Pelo juramento que tinha recebido que diga o lhe parece do dito pedaço de couro se é de abada ou de outro animal?

Boticário: Pola abada que vi nesta cidade e polas conchas<sup>116</sup> que tem me parece que é de abada.

A abada, de que o boticário fala, seria nome alternativo para a fêmea de rinoceronte imortalizada no imaginário coletivo de Lisboa e gravada na Torre de Belém, onde, virada para

<sup>115</sup> Nome alternativo para rinoceronte. Abada também foi o nome dado a rinoceronte fêmea indiana, mantida pelos reis portugueses Sebastião I e Henrique I de 1577 a 1580 e por Filipe II da Espanha de cerca de 1580 a 1588. Ela foi o primeiro rinoceronte visto na Europa desde aquele, enviado de presente do rei de Portugal, Manuel I ao Papa Leão X em 1515, que morreu em naufrágio na costa da Itália no início de 1516, imortalizado como rinoceronte de Dürer. Com a União Ibérica, Felipe II herdou o rinoceronte que estava no zoológico de Dom. Sebastião e a transferiu para o zoológico da Casa de Campo, perto de Madrid. Essas informações sobre abada estão disponíveis em <[https://en.wikipedia.org/wiki/Abada\\_\(rhinoceros\)](https://en.wikipedia.org/wiki/Abada_(rhinoceros))>. Acesso em 4/10/2020.

<sup>116</sup> No imaginário europeu desse século era muito presente a ideia de que o rinoceronte era coberto de conchas, como o cágado e a tartaruga. Essa representação se popularizou depois de xilogravura produzida por Albrecht Dürer em 1515. ANTT, op. cit., [fl. 89]. “[...] e lhe foi ditto que pello juramento que tinha recebido que dissesse o que lhe parecia do ditto pedaco de couro se era de abada ou de outro animal, respondeo que pola abada que vio nesta cidade e polas conchas que tem lhe parece que he de Abada”.

o Tejo, há pequena e discreta escultura, ilustrada na Figura 9. Trata-se de rinoceronte de estimação do rei D. Manuel I, o primeiro a ser visto na Europa desde os tempos romanos e que desembarcou em maio 1515 no local em que ocorria a construção da Torre de Belém.

**Figura 9.** Abada



Fonte: Mundo Português<sup>117</sup>

Foi mostrada ao boticário caixinha pintada contendo pedaços de coisa que parecia ser nervo de algum animal. Perguntado, “disse que lhe parecia membro genital de algum animal pelas concavidades que tinha dentro, mas que não se afirmava de que animal era e que se fora de touro que ele estudara que propriedade tem e para que se aplica retornará a dizer a esta mesa”. E que uns nervos moídos que lhe mostraram embrulhados em um papel que lhe parecia da mesma matéria dos pedaços de nervo acima ditos. E assim lhe foram mostrados uns pós vermelhos embrulhados em papel, perguntado disse que os ditos pós se chamam azarcão<sup>118</sup> ou mínio que se fazem de alvaiade<sup>119</sup> e serve para solidação de chagas e para pintores e em cousas baixas. Esse azarcão que o boticário fala também era conhecido como coral, ou Maria Luiza, fazia parte da medicina tradicional e era comercializado ou vendido na Ásia.

Na astrologia horária, as casas regem as diferentes partes do corpo e os planetas aparecem relacionados às doenças. “Assim, a combinação entre temperatura e qualidade das

<sup>117</sup> Disponível em <<https://www.mundoportugues.pt/2020/06/05/torre-de-belem-a-historia-do-rinoceronte-de-lisboa/>>. Acesso em 16 de novembro de 2021.

<sup>118</sup> *Azarcon*, Cast. ‘*minio*’, ‘*plomo quemado*, o “*azarcon*”. Segundo os químicos, não é óxido de chumbo, como diz o DRAE. Utilizada desde o século XVI pelos pintores para pintar a têmpera “a la mourisca”, que era feita sobre uma preparação de gesso e cola, e as cores laranja, laranja e verde eram misturadas ao gesso. Disponível em <<https://www.um.es/lexico-comercio-medieval/index.php/v/lexico/20941/azarcon>>. Acesso em 4/10/2020.

<sup>119</sup> Alvaiade ou chumbo.

plantas, minerais e animais era usada como prescrição para reencontrar o equilíbrio corporal” (SANTOS, 2013, p. 123).

Omegna (1969) aponta que a medicina foi profissão que muito colaborou para a diabolização dos judeus, e muitos médicos cristãos-novos se destacaram e enobreceram a arte de curar. Contudo, os vários médicos cristãos-novos que foram condenados pelo Tribunal do Santo Ofício de Portugal evidenciam que a medicina era representada como fator de diabolização, o que decorre do fato de a medicina judaica estar vinculada à magia e à cabala, áreas “franqueadas ao demônio”, cuja cura o Santo Ofício encarava como arte do diabo. Acreditava-se também que os serfaditas usavam da ajuda do diabo para produzir medicamentos e que as receitas executadas pelos boticários eram feitiços.

E que um pelouro[?] vermelho que lhe foi também mostrado disse que era composto dos ditos polvos de azarcão e de joaões vivos e de outras misturas e serve para curar chagas pútridas<sup>120</sup>.

E, assim, lhe foi mostrado pedaço de cerne pardo com dois buracos e disse que lhe parecia ser de abada. Finalizada a investigação, ele assinou com o senhor inquisidor Diogo de Sousa e lhe foi encarregado segredo.

Além de se interessar pela astrologia, ele também se interessava pela medicina terapêutica, que foi trabalhada no primeiro capítulo. No século XVI, era amplamente normal essa ligação entre astrologia e medicina, já que os próprios planetas tinham ligação com as partes do corpo humano.

Bom astrólogo tinha que saber curar feitiços e produzir medicamentos para as enfermidades. Muitos médicos do século XVI utilizavam a astrologia em suas previsões, como foi dito anteriormente. Influenciados por Hipócrates e Galeno, os astros tinham lugar de destaque na medicina. Como citado anteriormente, na medicina terapêutica era comum o uso de pedaços de animais para fins medicinais.

Na tradição oral judaica, os judeus utilizavam amuletos, mezuzá, quadrados mágicos, como os quadrados de Saturno, além de fórmulas mágicas para esconjurar demônios e tratar de doentes.

Da mesma maneira recorriam frequentemente a amuletos ou talismãs que, na maioria dos casos, consistiam em plantas ou membros do corpo de um animal, assim como em placas de metal ou fitas de pergaminho (*qeme'ot* entre os judeus) em que estavam escritos nomes do Criador, frases bíblicas, algum versículo do livro dos Salmos, uma bênção, um encantamento ou uma figura geométrica, principalmente o hexagrama ou estrela de David (*maguén* David) e o pentagrama ou selo de Salomão. Está fora de toda dúvida o

<sup>120</sup> ANTT. Processo 7544, [fl. 90].

imenso valor que na religião e na magia judaica se concede a nomes e as palavras sagradas tomadas da Bíblia, o que não deve ser estranho tendo em conta o valor que a magia da palavra e, em particular, a magia do nome, sempre teve na magia e na feitiçaria, em qualquer época e cultura (CANTERA MONTENEGRO, 2002, p. 57, tradução nossa).

Amato Lusitano, por exemplo, que contribuiu no campo da medicina terapêutica, da farmacopeia e das enfermidades sexuais, deixou em suas *Centúrias de Curas Mediciniais*, métodos para combater a impotência sexual. “As Centúrias são uma coleção de observações valiosas de Cirurgia e Medicina. Cada Centúria comporta 100 casos clínicos que Amato designou por Curas” (RODRIGUES, 2007, p. 3).

Do ponto de vista terapêutico estabeleceu novos tratamentos para a sífilis, como o guaiaco, a raiz da China, a salsaparrilha e o buxo europeu, usadas em decoctos, pomadas, unguentos, emplastros e administrados através de aplicação local ou de massagens nas zonas genitais. Admitia ainda o uso do mercúrio, como tratamento de segunda linha, devido aos seus efeitos secundários, apesar de ser a terapêutica mais usada no seu tempo (‘Uma noite com Vénus, uma eternidade com mercúrio’). [...] Relativamente às disfunções sexuais são escassas as referências, sobretudo as masculinas. No caso da impotência (‘homem que não podia praticar o acto sexual’) descreveu um caso (Centúria II, Cura XVIII) onde indicou como tratamento comer suco de testículos de cão ou de raposo cozidos em água ou uma bebida feita a partir de carne de lagarto da Líbia (scinco, da família *Scincidae*) e de amêndoas doces (PACHECO, 2017, p. 47).

Infelizmente, exame realizado pelos inquisidores não tinha por objetivo descobrir se aqueles pós preparados por Manuel Rodrigues eram simples boticas, já que na prática eles também diabolizavam a medicina. Esse exame tinha por objetivo descobrir se aqueles pós elaborados por Manuel Rodrigues serviam para confeccionar feitiços. Como os astrólogos tinham fama de magos, o intuito dos inquisidores era encontrar qualquer vestígio de pacto demoníaco, para que pudessem encontrar provas mais contundentes contra o réu.

No imaginário popular do século XVI ainda prevalecia a ideia de que os judeus e seus descendentes eram feiticeiros e que usavam dos caracteres hebraicos para produzir fórmulas mágicas.

Cristaliza-se como uma atividade antiga, herdada de épocas remotíssimas e por vias secretas, cujos transmissores preferenciais são os mouros e os judeus. Estes, odiados e temidos, não perdem o prestígio conferido pela antiguidade da cultura, sendo considerados sábios – é bem verdade que ‘sábios demoníacos’, mas mesmo assim sábios – ajustados a arquétipos altamente popularizados pela literatura, como Simão, o Mago (um dos fundadores do gnosticismo, e que morreu ao tentar demonstrar ao imperador Nero os seus poderes extraordinários), e a figura sempre presente do Judeu Errante, personagem que se torna uma constante na literatura, particularmente da Península Ibérica, reforçando e ampliando a estereotipização da personagem (NOGUEIRA, 2004, p.35).

### 3.8 Quarta audiência

No desenrolar do processo, em 21 de outubro de 1583, em Lisboa, nos Estaus, na casa de despacho da Santa Inquisição, estando aí os senhores inquisidores, mandaram vir perante si Manoel Roiz a quem foi dado juramento dos santos evangelhos, em que pôs sua mão e prometeu dizer verdade. À medida que seus olhos iam-se acostumando com a escuridão, e sua mente ia se habituando a sua nova realidade, o astrólogo foi construindo estratégias de defesa para se libertar daquele temido cárcere. Uma estratégia de defesa utilizada pelo astrólogo foi oferecer respostas curtas e objetivas aos inquisidores e responder apenas o que fosse necessário.

Manuel Rodrigues, como se constata nos diálogos abaixo, era cauteloso e de bom senso, que sabia se confessar e utilizar palavras adequadas perante a intolerância dos inquisidores. Tranquilo, ele parece que sabia usar um pouco da ironia nos momentos dramáticos, algo que é facilmente criado pelas pessoas inteligentes.

Inquisidor: Tem alguma cousa que confessar de suas culpas?

Manuel Roiz: Não! - respondeu num tom meio irônico.

Em seguida foi mostrado ao astrólogo cartapácio<sup>121</sup> de papel com vinte e três folhas escritas e outras adiante de papel branco.

Inquisidor: A letra do dito cartapácio é toda sua?

Manuel Roiz: Sim!

Ele disse que sim e por tal a reconhecia e o inquisidor perguntou “para que escrevera o dito cartapácio”. Ele disse “que do mês de setembro a esta parte”, ou seja, em setembro ele ainda não estava preso, daí ele recebeu perguntas dos seus clientes em sua casa.

Inquisidor: Está lembrado em suma das matérias que se continham no dito cartapácio e perguntas que lhe fizeram?

Manuel Roiz: Sim, que era sobre pessoas que me perguntavam se casaria ou não, e sobre pessoas ausentes se eram vivas ou mortas e de furtos que me perguntavam. Respondeu com tranquilidade e segurança.

O inquisidor perguntou se ele havia respondido “a todas as ditas perguntas que lhe fizeram”. E ele disse que “algumas respondeu que se acharam escritas no cartapácio e que as mais não respondia porque não tinha livros; e as mais responderia quando tivesse livros, os quais trouxe a esta casa”.

---

<sup>121</sup> Os cartapácios eram cadernos onde as pessoas anotavam seus *secretos*.

Ele desafiou a Inquisição Portuguesa e alegou que quando tivesse livros voltaria novamente a responder.

Inquisidor: Tem mais cartapácios que os que trouxe a esta casa?

Manuel Roiz: Não.

O astrólogo acrescentou que os “outros cartapácios que ele fez eram das mesmas matérias, mas que os rompeu e que não lhe serviam para nada depois que respondia as partes”.

Em seguida foi-lhe mostrada carta de Pedro Barba e outros cinco ou seis escritos que continham perguntas de furtos, de casamentos e ausentes se eram vivos. Manuel disse que eram escritos de sua letra.

De forma intimidadora, os inquisidores perguntaram quais eram os segredos que o dito Pedro Barba “diz na sua carta que ele réu sabe pois diz que sabe dele mais que os confessores”. O astrólogo acrescentou que eram sobre despachos e requerimentos que o dito Pedro Barba tinha com *el Rey nosso señor* sobre três coisas que lhe requeria.

Governado pelas regras da astrologia, Manuel Rodrigues mostrou a Barba qual das três opções ele ganharia: ser corregedor em Lisboa, contador-mor ou se lhe dariam um despacho em Castela. O astrólogo declarou aos inquisidores que havia dito a Barba que lhe dariam a segunda das três coisas, mas que ele não lembrava qual delas havia nomeado. Segundo Paiva (2002, p. 51) “crenças astrológicas detectam-se ao mais alto nível da sociedade portuguesa e para explicar aspectos fulcrais da vida política”.

Na sequência, os inquisidores perguntaram se ele reconhecia por seu livro italiano de astrologia judiciária composto por Luca Gaurico. Disse que o “tinha em sua casa, mas que Manoel Nunes que mora a São José e que entende de astrologia lhe emprestara”.

A presença de Manuel Nunes em seu depoimento sugere a existência de redes de intelectuais, que trocavam influências e compartilhavam das mesmas ideias, realizando empréstimos de livros, grupos de leitura coletiva e visitas à casa de outros intelectuais. Embora ele tivesse relações com esse Manuel Nunes, cogitou-se anteriormente que esse livro de Luca Gaurico pertencia ao próprio astrólogo, pois, dado seu valor simbólico, ele o podia ter conseguido durante seu tempo de arrecadação de impostos no reino da Itália. Esse livro ensinava os principais passos da astrologia judiciária, dispendo sobre a cabeça de dragão, amigos e inimigos, das formas corporais conforme os signos, das luminárias, das conjunções planetárias etc.

Inquisidor: Por que não mandou a esta casa quando mandou os outros?

Manuel Roiz: Por descuido!

Foi-lhe, então, mostrado cartapácio com algumas figuras pintadas desonestamente<sup>122</sup>, e “perguntado se pintara as ditas figuras ou donde as houvera, disse que as não pintou e que as ouvera de hum Pedro dabreu<sup>123</sup> pintor que foy pera a India estando elle reo e o ditto Pedro dabreu ambos presos no limoeiro”.

Inquisidor: Para que lhe servem as ditas figuras?

Manuel Roiz: Não servia de nada e que era ociosidade tê-las.

As pinturas sugerem que Manuel Rodrigues apreciava a literatura erótica, assim como muitos estudiosos de sua época. Em seguida, mostraram-lhe uns pedaços que pareciam ser de nervo de algum animal e perguntado se os tinha em sua casa e de que serviam:

disse que em sua casa os tinha quando o prenderan e que serviam pera um homem frio se fazer potente dando lhe a beber com outras cousas de butica, e que os tinha porque alguas pessoas lhe pediam remédio para a impotencia, e que o aprendeo dos médicos<sup>124</sup>.

Outra dúvida a respeito do depoimento de Manuel Rodrigues nessa sessão era: será mesmo que essas pinturas foram feitas por esse tal Pedro de Abreu? Ou será que não foi ele quem produziu essas pinturas eróticas, sugerindo assim que ele dava valor ao sexo e apreciava a nudez feminina em suas reflexões? Até essas pinturas eróticas inquietavam as autoridades religiosas, pois soavam heréticas e profanas.

Conforme o boticário Diogo Becles, azarção, de material que também podia ser utilizado na produção de pinturas, estava entre os produtos de Manuel Rodrigues. Geralmente os cartapácios, no século XVI, eram coisas íntimas e secretas que diziam respeito à intimidade de alguém. Por isso, acredita-se que essas pinturas foram produzidas pelo próprio astrólogo.

O cientista ou o filósofo do Renascimento era desbravador que experimentava e explorava diversas áreas, inclusive a pintura. Logo, esses estudiosos eram investigadores inquietos e experimentadores de todos os domínios da realidade.

### 3.9 Seus clientes testemunham

O serviço secreto da Inquisição Portuguesa conseguiu rastrear pessoas que se haviam consultado com Manuel Rodrigues. Segundo Oliveira, em *Viver em Lisboa (século XVI)*, a população era muito diversificada.

[...] incluía, entre outros, fidalgos da corte, funcionários reais, bispos, padres, frades, freiras, novos ricos ligados ao comércio ultramarino, funcionários da alfândega, comandantes de armada, comerciantes, corretores, contratadores,

<sup>122</sup> Pinturas de nudez, proibidas pela Igreja católica.

<sup>123</sup> Não se achou informação a respeito do pintor chamado Pedro de Abreu.

<sup>124</sup> ANTT. Processo 7544, [fl. 95].

tabeliães, meirinhos, amanuenses, físicos (médicos), enfermeiras, dentistas, boticários, professores, músicos, mestres-artesãos, ourives, douradores, tecelões, alfaiates, sapateiros, padeiros, confeitores, biscoiteiros, forneiros, carregadores, marinheiros, soldados, bruxos, pedintes, arruaceiros e escravos<sup>125</sup>.

Além dos negros de origem africana, outro importante grupo eram os muçulmanos, que, com os cristãos-novos (minorias étnicas descendentes de judeus que sofreram batismo forçado, em 19 de março de 1497), sofriam inúmeras discriminações.

A fim de esclarecer as circunstâncias exatas, os inquisidores submetiam aos réus um detalhado interrogatório sobre suas crenças e ritos, clientes, pessoas de quem o réu havia aprendido sua magia e a quem ele ou ela o havia ensinado. Os clientes eram, logo, chamados na qualidade de testemunhas, e os mestres ou aprendizes na arte da magia eram presos e processados individualmente. Embora as investigações tivessem então um motivo muito diferente, os interrogatórios inquisitoriais evocam as notas de trabalho de modernos antropólogos e folcloristas (HENNINGSEN, p. 12, tradução nossa).

Nota-se que os clientes de Manuel Rodrigues eram dos mais diversos estratos sociais. O ofício desempenhado por ele era tão atraente que das tabernas, dos becos e das ruas apinhadas de Lisboa convergiam às casas das elites. Pajens e criados inculcavam ou aconselhavam seus senhores ou amos a se consultarem com o astrólogo, fazendo com que a elite portuguesa participasse das consultas astrológicas. A astrologia era arte popular presente tanto nas cortes quanto nas ruas de Lisboa. O número considerável de seus clientes mostra que muitas vezes ele acertava as regras; caso ele tivesse o costume de errar, logo seria visto como charlatão e não estaria presente no imaginário coletivo como “o homem que adivinhava”.

Pelos autos do processo não é possível captar o que seus clientes pensavam ou sentiam a respeito de seu ofício de astrólogo, mas se se deslocavam até a casa do astrólogo para realizar consultas é porque confiavam em seu trabalho e de algum modo necessitavam de suas predições.

Na continuidade das investigações, os inquisidores convocaram seus clientes para depor contra ele. Com sua legião de espões, comissários, além dos concordantes leigos, o regime inquisitorial conseguia imbricar-se no cotidiano das pessoas, espalhando medo entre seus moradores. Num inquérito desse nível, os clientes ficavam desconfiados, “já que as suspeitas recaíam alternadamente sobre todos”.

---

<sup>125</sup> ARANTES, José Tadeu. O livro traz retrato da vida cotidiana e econômica de Lisboa no século 16. *Jornal da USP*, São Paulo, 01 de ago. de 2016. Disponível em <<https://jornal.usp.br/ciencias/ciencias-humanas/livro-traz-um-retrato-da-vida-cotidiana-e-economica-de-lisboa-no-seculo-xvi/>>. Acesso em 13 de jul. de 2020.

Nesse palco descortinado, impregnado de medo, as pessoas automaticamente falavam pouco, e as conversas quase sempre eram limitadas a perguntas e curtas respostas. Havia aqueles que ficavam em total silêncio e diziam que não sabiam de nada. Se dentro dos Estaus as pessoas não confrontaram, fora dos Estaus elas transgrediam e se desviavam.

Também o entendimento de como funcionava a prática astrológica, que acaba por desmistificar a separação entre uma ‘cultura popular’ de uma ‘cultura erudita’, visto que quem procurava um astrólogo provinha das mais diversas camadas sociais, bem como o paradoxo de uma arte ‘rebelde’, pois perseguida e, por outro lado, presença constante nas cortes, chegando ao ponto de um rei não tomar decisões sem a consulta de um astrólogo (PASTORE, 2014, p. 10).

### Testemunho de Afonso Ribeiro

Em 22 de outubro de 1583, em Lisboa, nos Estaus, na Casa de Despacho da Santa Inquisição, estando aí os senhores inquisidores, mandaram vir perante si Afonso Ribeiro, criado de dom João da Costa, que pousa “a porta do sol da banda de fora”, a quem foi dado juramento dos santos evangelhos, em que pôs sua mão e prometeu dizer a verdade. Os inquisidores perguntaram se ele tinha algum escravo índio, e ele disse que “havera quatro meses que comprou um escravo cafre<sup>126</sup> e a cinco ou seis dias que ele o vendeu ao dito dom João”. Os inquisidores perguntaram se o escravo já tinha fugido, e ele “disse que lhe fugiu duas vezes estando ele testemunha na cidade e que de ambos o achou, e a primeira vez achou no Tronco<sup>127</sup> e da segunda lhe trouxe Francisco a casa”.

Inquisidor: Se consultou com alguma pessoa nesta cidade onde acharia o dito escravo se estava na cidade ou fora?

Afonso Ribeira relatou que havia três meses pouco mais ou menos que o dito escravo fugiu a primeira vez, e por ter ouvido que Manoel Roiz da Ilha, que mora ao Jogo da Pella, dizia de cousas perdidas foi a sua casa e lhe perguntou pelo dito seu escravo. E o dito Manoel Roiz tomou o nome do escravo e de que nação era e disse a ele testemunha que tornasse lá saber a resposta ao outro dia e neste comenos achou ele testemunha o mesmo escravo preso no tronco, e por isso não tornou lá saber a resposta, e que não sabe de nenhuma pessoa que consultassem o dito Manoel Roiz, mas que ouviu dizer que o dito Manoel Roiz descobrira um furto que fizera aos pajens de Anrique Correa, filho de Martim Correa, e mais não disse e do costume nada. Assinou com os senhores inquisidores e lhe foi encarregado segredo<sup>128</sup>.

<sup>126</sup> Cafre é termo pejorativo para referir populações bantas, não muçulmanas, da África Meridional.

<sup>127</sup> Cadeia Municipal do Tronco.

<sup>128</sup> ANTT. Processo 7544, [fls 21, 22, 23].

Temente das represálias, a testemunha relatou que não foi buscar a resposta. Isso se deveu ao fato de que os usuários dos serviços mágicos também incorriam em ilegalidade ao recorrer as instâncias sobrenaturais para desvendar o futuro e solucionar problemas dos aspectos cotidianos. No “olhar” da Inquisição Portuguesa, que insistia em demonizar a vida cotidiana, aqueles que faziam consultas eram também tachados de hereges e desviantes, por estarem mantendo conluio com os agentes do demônio.

Na mentalidade escravista do século XVI, os escravos eram considerados por muitos simples objetos e mercadorias. Essa mentalidade se encontra presente na simbologia da casa 8 da astrologia horária, que diz respeito aos criados, escravos ou vizinhos.

#### Testemunho de Brites Ferreira

No mesmo dia, mandaram os senhores inquisidores vir perante si Brites Ferreira, cristã-velha, mulher de João Barbosa, cristão-velho, de idade de trinta e seis anos a quem foi dado juramento dos santos evangelhos, em que pôs sua mão e prometeu dizer verdade.

Perguntada se tinha seu marido em casa, ela disse “que sim e que houvera três semanas que veio de uma comenda do Lopo de Sousa que está lá em Miranda”.

Inquisidor: Deixou de ter novas do seu marido algum tempo e consultou nesta cidade alguma pessoa para que lhe dissesse se era ele vivo ou morto e quando viria?

Brites respondeu que ela “não teve novas do dito seu marido dois meses pouco mais ou menos e por desejar de ter novas dele lhe disseram que Manuel Rodrigues, morador ao Jogo da pella, lhe poderia dizer porque adivinhava outras cousas. E foi ela testemunha a sua casa e lhe perguntou se o dito seu marido era vivo e se tinha arrendado a comenda ou a recolhia, e o dito Manoel Roiz tomou o nome de seu marido e lhe disse que mandasse lá ao outro dia saber a resposta, e ela testemunha mandou um menino, seu filho, que lhe levou dois tostões e lhe respondeu por escrito o dito Manoel Roiz que o dito seu marido era vivo e não era ainda partido deles e que viria perto do mês de setembro próximo passado, e que não soubera saber se tinha arrendada a comenda, ou se a recolhia, e o dito seu marido não veio em setembro como ele disse, veio a dois ou três dias deste mês de outubro e mais não disse e do costume nada. E lhe foi mandado ter segredo sob cargo do juramento que recebeu e ela assim prometeu cumprir”<sup>129</sup>. Nos autos do processo consta a assinatura de Brites Ferreira.

#### Testemunho de Antão Amadis

Miguel Roiz de Freitas morador ao poço de borrhate disse aos 11 de Mayo de 84 que Antão Amadiz morador na rua da

<sup>129</sup> ANTT. Processo 7544, [fls 23, 24, 25].

mouraria junto das casas de Fernandes (?)Sousa (?) lhe contace (?) que este Manuel roiz adivinhara a hua sua Irmã Que huã cigana lhe furtara um anel [...]<sup>130</sup>.

Em 24 de maio de 1584, em Lisboa, nos Estaus, na casa de despacho da Santa Inquisição, estando aí os senhores inquisidores, mandaram vir perante si Antão Amadis, a quem foi dado juramento dos santos evangelhos, em que pôs sua mão e prometeu dizer verdade, e disse que ouviu dizer que a sua mãe Inácia Duarte, mãe dele testemunha, mulher que foi do falecido Antônio Roiz Amadis, que pousa nesta cidade a Santa Bárbara, o qual lhe disse que uma de sua irmã Felipa Pegado que está com a dita sua mãe perdera um anel havia seis meses e fora falar com Manuel Roiz informando-se ele das pessoas que entraram na dita casa que eram uns ciganos e mandou dizer o dito Manoel Roiz que a tal parte que achariam o dito anel como do jeito o acharam e que este ouviu a dita sua mãe e disse (?) mais e ouviu dizer a Heitor de Ceabra, comendador, que pousa a porta de Santa Caterina, que também sabia que adivinhara o dito Manuel Roiz sobre uns calções. E mais não disse e do costume disse nada e lhe foi encarregado segredo sob cargo do juramento que recebeu [...] e assinou<sup>131</sup>.

#### Testemunho de Inácia Duarte

No mesmo dia, na audiência da tarde, os inquisidores mandaram vir perante si Inácia Duarte, mulher que foi do falecido Antônio Roiz Amadis, moradora nesta cidade a Santa Bárbara, que prestou juramente dos santos evangelhos. Os inquisidores perguntaram se ela sabia o porquê ela estava sendo chamada àquela mesa, e ela disse que não.

Inquisidor: Sabe de alguma pessoa que adivinhe alguns furtos?

Inácia Duarte disse que sim, que perdendo um anel que não sabia se lhe furtaram ou onde o pusera e que lhe desapareceu entrando uma cigana em sua casa, foi ter a casa de Manoel Roiz por lhe dizerem que adivinhava. Haverá quatro meses e lhe deu conta do dito anel dando lhe juntamente conta de umas ciganas que entraram em sua casa, e de outras pessoas de que se temia, e o dito Manoel Roiz lhe disse na prática que os ciganos lhe deviam de tomar, mas que se fosse ela testemunha pera sua casa que ele lhe mandaria a resposta, o qual lhe mandou de lá a quatro dias dizendo lhe que os ciganos lhe tomaram.

Inquisidor: Ele nomeou em particular a cigana, como se chamava, o lugar onde morava ou outras confrontações?

---

<sup>130</sup> O Tribunal do Santo Ofício, por meio de operações secretas, descobriu o envolvimento da irmã de Antão Amadis no delito de Manuel. E, na busca de pistas contra o réu, chamaram-no para depor na mesa inquisitorial.

<sup>131</sup> Ibidem, [fls 26, 27].

Ela disse que não, somente que os ciganos lhe furtaram, e ela testemunha foi ter por encaixos com algumas ciganas e achou que a cigana que lhe furtara o anel era ida para Castela. E a caso foi dar com sua mãe com quem pegou e desta soube que sua filha deixara o dito anel empenhado e o ouve a mão, e disto não soube mais e declarou que era de idade de quarenta anos e mais não disse e do costume disse nada e assinou por ela e lhe foi encarregado segredo sob cargo do juramento que recebeu e ela assim prometeu cumprir<sup>132</sup>.

Resumindo, Inácia havia perdido o anel, suspeitou de uma cigana que havia entrado em sua casa e foi consultar Manuel Rodrigues para saber do autor do furto. Inácia Duarte, em suas vivências e conversas íntimas e cotidianas, tomou conhecimento das práticas executadas pelo astrólogo Manuel Rodrigues. O testemunho de Inácia é relevante, pois mostra que os estereótipos de que os ciganos eram ladrões já estavam enraizados no imaginário popular português desde o século XVI. Inclusive o próprio astrólogo era influenciado por essa mentalidade, havendo visão negativa dos ciganos que perdura até os dias de hoje. Assim como os judeus e mouros, os ciganos constituíam outra minoria étnica. “Gente respeitável frequentemente os associava aos mendigos e ladrões [...]. Eram suspeitos de magia, pactos com o demônio e ignorância ou recusa da verdadeira religião” (BURKE, 1989, p. 75).

Através da astrologia horária, ou através dos sistemas de casas astrológicas, é possível saber o local em que a joia se encontra ou se foi roubado. A sétima casa permite saber o local do objeto; se ele foi perdido ou roubado; o significador do ladrão; o significador da coisa roubada; a idade do ladrão; se o ladrão é homem ou mulher; se é um ladrão ou mais; as roupas do ladrão; os nomes de ladrões ou pessoas, conforme as regras da astrologia; se o ladrão é da casa ou não; estranho ou conhecido; regras segundo o regente da sétima casa; se o ladrão está na cidade ou não; distância entre o dono e o ladrão; onde está o ladrão; em que direção se deslocou o ladrão; da casa do ladrão e as marcas da mesma etc (LILLY, 2004).

#### Testemunho de Domingas Lopes

Ainda no mesmo dia, mandaram eles senhores os inquisidores vir perante si Domingas Lopez, mulher de Mario Fez, moradora nesta cidade a Nossa Senhora do Paraíso, de idade de trinta para quarenta anos, a quem foi dado juramento dos santos evangelhos, em que pôs sua mão e prometeu dizer verdade. Os inquisidores perguntaram se ela sabe a causa do porquê foi chamada, e ela disse não.

Inquisidor: Sabe de alguma pessoa que adivinha?

---

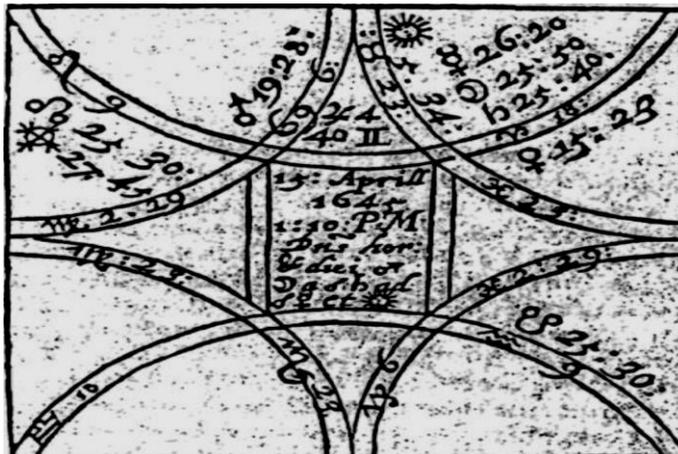
<sup>132</sup>Ibidem, [fls 28, 29]. A testemunha não sabia assinar o nome.

Ela disse que sim, e que este natal passado foi ter com Manuel Roiz perguntar lhe por seu marido que ia de viagem pera a Índia se estava bem-disposto e benquisto cansados [?]. E ele tomou informação de seu marido se era pobre e que ofício levava e outras confrontações, e lhe deu meio tostão e ele disse que tornasse pela resposta dali a dois dias. E ela testemunha se foi confessar e seu confessor lhe disse que não tornasse lá, e de feito ela testemunha não tornou, e declara que na prática que teve e com o dito Manoel Roiz não lhe disse nada e mais não disse e do costume disse nada e assinou por ela<sup>133</sup>.

Domingas Lopez oferece informações dispersas em seu testemunho: uma delas é que ela foi aconselhada pelo seu confessor a não retornar para buscar o resultado; a segunda foi o valor que Manuel Rodrigues cobrou pela consulta (meio tostão), sendo que a maioria das testemunhas relata que davam dois tostões ao astrólogo pelo trabalho.

A prática para saber notícias de pessoas que navegavam é bem complexa, como ilustra a figura 10, para leigos em astrologia horária. Mas, essa pergunta diz respeito tanto à nona quanto à oitava casa. A técnica também diz quando o homem regressará, se saberá notícias dele, se está vivo e com boa saúde (Lilly, 2004).

**Figura10.** Imagem contendo dados sobre marido embarcado



Fonte: Lilly, *Astrologia Cristã*, p. 417

A pressão dos inquisidores gerava temor na população, que procurava dissimular o máximo possível qualquer nível de participação. Quem fazia consultas astrológicas necessitava de predição para questões angustiantes que incomodavam. Evidentemente, ninguém consultaria astrólogo se não tivesse em vista buscar as previsões.

O pouco valor negociado pelo astrólogo se deve ao fato de ele ter notado que ela era mulher pobre e seu marido também o era. Como sabido, a maior parte dos tripulantes das naus eram pessoas pobres “que atraíam sobre si as maiores dificuldades das longas travessias”

<sup>133</sup> Ibidem, [fls. 30,31] Testemunho confuso e duvidoso, afinal, Natal passado Manuel Roiz estava preso.

(MICELI, 2008, p. 145). Isso gerava medo e inquietações naqueles que não sabiam se seus parentes regressariam.

Com a vida em suspenso, sem saber o paradeiro de entes queridos, era muito constante o recurso às pessoas que, segundo criam, conseguiam adivinhar onde estavam, se vivos ou mortos, e se sua volta seria breve. Estas adivinhações eram solicitadas por pessoas de todos os estratos sociais, pois estavam todos igualmente sujeitos às mesmas aflições (PIMENTEL, 2012, 194 - 195).

#### Testemunho de João Lopes

Sempre ainda no mesmo dia, mandaram eles senhores inquisidores vir perante si João Lopes, ourives de ouro, de idade de trinta anos, a quem foi dado juramento dos santos evangelhos, em que pôs a mão e prometeu dizer verdade. Perguntado se sabe a causa porque foi chamado disse que não e sendo perguntado em forma e por não dizer nada lhe foi encarregado segredo<sup>134</sup>.

#### Testemunho de Estácio Mathia

Em 25 de maio de 1584, nos Estaus, na casa de despacho da Santa Inquisição, estando aí os senhores inquisidores mandaram vir perante si Estácio Mathia, “flamengo imaginário”, que pousa na rua do norte nesta cidade, a quem foi dado juramento dos santos evangelhos, em que pôs sua mão e prometeu dizer verdade.

Em seguida, o inquisidor perguntou se ele sabia de algumas pessoas que adivinhassem as cousas furtadas ou perdidas onde estavam. Ele disse que ele foi ter ao Jogo da pella havia sete ou oito meses com um homem que diziam que adivinhava, a quem não sabe o nome, e lhe perguntou que lhe dissesse quem lhe furtara um pouco de dinheiro que podia ser de mil e oito centos e que o dito homem lhe perguntou quantas pessoas em casa de que suspeitava que lhe podia furtar o dito dinheiro; e ele lhe nomeou e ele lhe respondeu que lhe mandaria a resposta depois, e entre outras cousas que praticou com ele então foi pediu lhe os nomes dos ditos moços os quais escreveu e lhe perguntou por um deles que se chamava Pedro se era mancebo e outros sinais dele, e depois lhe mandou dizer o dito homem que adivinha, que o dito Pedro lhe furtara o dinheiro e que a verdade era que ele testemunha suspeitava no dito Pedro pois lhe tinha feito já outros furtos. Os inquisidores também perguntaram “se quando lhe deu o nome do dito Pedro entre outros de sua casa se lhe disse ele testemunha que o Pedro tinha feito já outros furtos e que suspeitava nele, disse que não”.

---

<sup>134</sup> Ibidem, [fl. 32]

Nessa passagem, nota-se que Manuel Rodrigues, sem saber que Estácio já suspeitava de Pedro, pois já havia feito outros furtos, conseguiu deduzir pelas regras da astrologia que Pedro era o ladrão.

Perguntado se lhe pareceu o dito dinheiro na mão de Pedro caso se descobriu que ele o furtara disse que não, posto que lhe fizera perguntas sobre isso e sempre o dito Pedro lhe negou e mais não disse e do costume disse nada e assinou<sup>135</sup>.

#### Testemunho de Antônio Roiz

Em 27 de maio de 1584, em Lisboa, nos Estaus, na casa de despacho da Santa Inquisição, estando aí os senhores inquisidores mandaram vir perante si Ant<sup>o</sup> Roiz, morador nesta cidade a segunda circular, e carpinteiro, a quem foi dado juramento dos santos evangelhos, em que pôs sua mão e prometeu dizer verdade. Perguntado em forma disse nada como do costume nada.

#### Test<sup>o</sup> do cárcere Diogo da Fonseca

Aos 11 dias do mês de junho de 1584, nos Estaus, na casa de despacho da Santa Inquisição, estando aí os inquisidores e estando presente Diogo da Fonseca, a quem foi dado juramento dos santos evangelhos, em que pôs sua mão e prometeu dizer verdade.

Essa testemunha estava presa no cárcere do TSO, algo que não era incomum os inquisidores convocarem testemunhas que estavam presas para testemunhar contra outros acusados.

Foi perguntado se ele conhecia alguém ou sabia de alguma pessoa ou pessoas que nesta cidade adivinhassem algumas cousas perdidas ou furtadas, ele disse que sabe de Manoel Roiz da Ilha que foi perguntado por um furto de um ou dois pratos de prata que furtaram a Antônio Manco, morador na parte de Santa Maria quando estava nesta cidade, mas as perguntas ele testemunha lhes não viu fazer somente dizer-lhe o dito Manuel Roiz falando sobre a pergunta que lhe estava feita sobre os pratos que um homem da casa de Antônio Manco ou que entrava lá de confiança fora o que os tomara e que por meio de um frade de São Domingos o avisou do furto que tinha feito e por meio deste frade o dito homem furtara o prato ou pratos lhos pagava o dinheiro e segundo a lembrança dele testemunha o dito Manuel Roiz lhe dera a ele testemunha oito ou nove cruzados que ele testemunha dera ao criado de Antônio Manco [ilegível] conta diz que estava o prato o qual dinheiro desse o dito homem de que dera aviso o dito Manuel Roiz que lhe furtara e disto particular não sabe nada mais, e que

---

<sup>135</sup> Ibidem, [fl. 45 -46].

também furtara a Belchior da Moral certas peças de prata e suspeitando ele em um moço que trouxera da Berberia e se tornou cristão que lhes furtaria e disso deram conta ao dito Manuel Roiz, e segundo a lembrança dele testemunha o dito Belchior da Moral lhe disse que o dito Manoel Roiz adivinhara no dito seu criado em que suspeitava e disto não sabe mais e mais não disse e do costume disse nada e assinou<sup>136</sup>.

Não se encontrou o processo inquisitorial de Diogo da Fonseca na Torre do Tombo, mas anteriormente (na primeira audiência) foi visto que o astrólogo confessou aos inquisidores por meio das regras da astrologia ter descoberto informações a respeito do furto do prato de Antônio Manco e de Belchior da Moral, desembargador do Paço.

Mas, como Diogo da Fonseca sabia dessa história? A suposição é que esse Diogo deveria ser cristão-novo, com intimidade e contato com Manuel Rodrigues, que se solidarizou com a Inquisição na esperança de que sua sentença fosse comutada. Manuel Rodrigues, com certo orgulho discreto, não escondia suas descobertas através das regras astrológicas.

#### Testemunho de dom Jerônimo Coutinho

Ainda no mesmo dia, estando presente dom Jerônimo Coutinho, a quem foi dado juramento dos santos evangelhos, em que pôs sua mão e prometeu dizer verdade... Ao que tudo indica esse dom Jerônimo Coutinho foi político português, conselheiro de estado e presidente do Desembargo do Paço.

Perguntado pelo referido que disse que furtaram de sua casa um saleiro de prata e sendo seus pajens havidos que Manoel Roiz podia dizer deste furto e o pajem que lhe disse não estar nesta cidade nem donde estão, e ele respondeu ao dito pajem que um homem baço de cosa[?] não lhe nomeando a casta nem o nome e que este achava(?) o dito Manoel Roiz que lhe furtara; perguntado se havia outros escravos baços<sup>137</sup> de quem também se podia entender a resposta disse que sim. Perguntado se achou o dito saleiro disse que não somente um escravo baço que estava aí fugira e nunca mais aparecera e per esta via se entendeu que podia ser esse, do qual não sabe parte e suspeita que se foi para a Índia, e declarou que esta resposta lhe mandou dizer o dito Manoel Roiz e deste caso não sabe mais nada nem conhece o dito Manoel Roiz e do costume disse nada e assinou<sup>138</sup>.

A denúncia sugere que o escravo furtou saleiro de prata como forma de resistência na esperança de fugir e negociar sua liberdade.

---

<sup>136</sup> Ibidem [fls. 48, 49,50].

<sup>137</sup> Nome dado aos escravos mulatos do século XVI.

<sup>138</sup> Ibidem [fls. 50 – 51].

Testemunho do doutor Belchior da Moral

No mesmo dia, apareceu o senhor Belchior da Moral do concelho *del rey nosso señor* e seu desembargador do paço, a quem foi dado juramento dos santos evangelhos, em que pôs sua mão e prometeu dizer verdade. Perguntado pelo referimento disse que a ele testemunha lhe furtarão de sua casa duas salvas de prata, um copo e outras cousas e uma mulher vizinha lhe trouxe Manuel Roiz, *astrologo*, a casa para lhe adivinhar onde estava o furto e quem lhe furtara, e ao outro dia tornou Manuel Roiz a casa dele testemunha e trouxe em um papel uma figura matemática e embaixo umas regras escritas em que dizia a pessoa que fez este furto fez por conselho de uma mulher, é recente na fé e se descobrir corre o risco matar-se.

E antes de ler as ditas regras a ele testemunha lhe perguntou pelos nomes das pessoas que havia em casa, e ele testemunha lhe deu todos os nomes entre os quais ia hum que se chama Belchior como ele testemunha, e em o dito Manuel Roiz vendo os nomes disse que ele testemunha era o que fizera o furto, e ele testemunha lhe respondeu que se o havia por se nomear aí Belchior que outro Belchior havia em casa então respondeu ele “pois esse Belchior é o que fez o furto porque aí o prediz o juízo”, e dito isto leu as regras que trazia abaixo da figura, e em que se continha o que acima dito tem o qual Belchior era cristão-novo que veio com ele testemunha e sendo judeu do Fez tornar-se cristão a este reino e havia perguntado(?) testemunha que era batizado e era o em que ele testemunha suspeitava que lhe tinha feito o dito furto e disse que a ele testemunha que o furto estava em sua casa, ele testemunha o mandou buscar mas não se achou então nem depois e que a mulher que lhe trouxe se chamava Francisca, sobrinha de uma Ana Roiz, vizinha dele testemunha, da qual o dito Manuel Roiz podia ter informação da pessoa em quem ele testemunha suspeitava e de como era recente na fé e que andava para casar com ela e dela podia saber porque a dita Francisca se veio depois para ele testemunha não que ela era sabedora do furto posto que andasse para casar com o dito Belchior e que pela testemunha não teve outros indícios nenhum de o dito Belchior lhe fazer o dito furto, mais que de dito Belchior lhe ter cargo de sua casa e ele testemunha ter achado outras cousas menos de sua casa e desapareceram e que depois lhe deram novas quem em Santarém estava preso o ladrão que lhe fizera o furto mas que ele testemunha não deter (?) mão per isso e que isto haveria três anos que passou e mais não disse e do costume disse nada e assinou.

Resumindo seu testemunho, objetos de valor foram roubados de sua casa, e sua vizinha Francisca levou Manuel Rodrigues para adivinhar o autor do furto, que retornou no dia seguinte a sua casa com suas regras escritas em papel, que, lidas, mostravam que o autor

do furto o fizera por conselho de uma mulher e que era um judeu batizado, também chamado de Belchior (cristão-novo recém-convertido para a fé católica). Belchior da Moral relatou que já suspeitava desse outro Belchior, que ele trouxera do Fez, e que suspeitava que Francisca havia informado a Manuel Rodrigues sobre suas suspeitas no empregado. Relatou também que o ladrão que fizera o furto foi preso em Santarém e que ele não deu atenção, e que isto havia três anos que se passara.

A dúvida é se Francisca estava para casar com Belchior (de Fez), pois, caso contrário, por que ela falaria ao astrólogo que o noivo dela havia cometido furtos, e ainda levaria esse astrólogo para a casa de seu senhor?

Em seu testemunho Belchior da Moral confirma que buscou ajuda das regras da astrologia praticadas por Manuel Rodrigues para descobrir a identidade do ladrão de seus objetos. Seu testemunho também revela que os cristãos-novos não eram só os descendentes dos judeus sefarditas que estavam estabelecidos na Península Ibérica desde os tempos medievais, os judeus recém-chegados a Portugal se convertiam à fé católica e também se tornavam cristãos-novos, independente de terem ou não origem sefardita.

#### Testemunho de Heitor de Ceabra

Aos quinze dias do mês de junho de 1584 em Lisboa, nos Estaus, na casa do despacho da Santa Inquisição, estando aí os senhores inquisidores mandaram vir perante si Heitor de Seabra, testemunha referida, a quem foi dado juramento dos santos evangelhos, em que pôs sua mão e prometeu dizer verdade.

Perguntado pelo referido disse que não sabia nada somente ouviu falar que Manuel Roiz adivinhava quem tomara umas calças com um pouco de ouro (?) mas não sabe a quem ouviu, nem as pessoas a quem isto aconteceu em que nada disse e do costume disse nada e assinou.

Além das regras da astrologia judiciária, o testemunho sugere que Manuel Rodrigues também aplicava regras de magia e outras táticas de adivinhações na descoberta dos furtos. O livro que Manuel Rodrigues possuía de Hermes mostra sua inclinação pela magia. Diversos escritos mágicos na Idade Média e na Idade Moderna foram atribuídos a Hermes Trismegisto. Segundo Figueiredo (2004), o termo astrólogo nesse período se refere também aos magos, que utilizavam essa capa para escapar aos rigores das normas eclesiásticas.

Os testemunhos dos clientes deixam dúvidas quanto a sua veracidade, mas eles trazem algo em comum: o uso das regras da astrologia por Manuel Rodrigues, e se ele errasse as

regras com bastante frequência, não estaria exercendo seu ofício por tanto tempo, logo as pessoas desconsiderariam seu trabalho.

Nota-se, ainda, que Manuel Rodrigues era figura importante no cotidiano de Lisboa, e seu ofício era divulgado diretamente no boca a boca, contrariando os dogmas da Igreja Católica e servindo de consolo a todos os estratos sociais.

A astrologia judiciária não deve ser confundida, entretanto, com a astrologia clássica, que se dedicou quase exclusivamente à previsão do futuro de acordo com a posição das estrelas na hora do nascimento. A rigor, a astrologia judiciária foi praticada pelos árabes, que estabeleceram uma série de regras mediante as quais os astrólogos contestam as perguntas de um interessado sobre aspectos diversos: identidade de um ladrão, paradeiro de um objeto perdido e, ainda, os momentos favoráveis para decisões políticas, batalhas, casamentos etc (GARCÍA, 2006, p. 79 apud ALMEIDA, 2015, p.32).

Nota-se que os mais pobres - pajens, criados e vizinhos -, que tinham contato mais íntimo com ruas e vielas de Lisboa faziam a arte de Manuel Rodrigues chegar aos estratos mais elevados. O trabalho de Manuel Rodrigues circulava de baixo para cima e de cima para baixo. Assim o trabalho do astrólogo envolvia todos os elementos dos estratos sociais.

### 3.10 Penúltima e última audiências

Em 9 de junho de 1584, em Lisboa, nos Estaus, na casa de despacho da Santa Inquisição, o senhor inquisidor mandou vir perante si Manuel Roiz, conteúdo nestes autos, foi dado juramento dos santos evangelhos, em que pôs sua mão e prometeu dizer verdade.

Manuel Rodrigues ficou quase oito meses aguardando os interrogatórios serem retomados pelo TSO. A lógica dos inquisidores era que as dores, as privações e as práticas repressivas eram mecanismo eficaz para apartar os acusados de suas práticas tidas como heréticas e demoníacas aos olhos do poder inquisitorial.

A penúltima e a última sessões foram feitas somente na presença do inquisidor Bartolomeu da Fonseca,<sup>139</sup> visto que esse inquisidor foi o que mais se mostrou sensível à causa de Manuel Rodrigues e mais interessado em averiguar suas práticas astrológicas.

Inquisidor: Lembra alguma cousa de suas culpas?

Manuel Roiz: Não!<sup>140</sup>

<sup>139</sup> Ibidem [fls. 96 a 100]. Essa penúltima sessão se encontra nessas páginas.

<sup>140</sup> Além de ter deixado transparecer grande inteligência nos interrogatórios, o “não” de Manuel Rodrigues nessa pergunta do inquisidor é algo revelador. Esse “não” de Manuel Rodrigues denotava que para não se embarçar e nem se contradizer, o astrólogo esperava que os inquisidores lançassem perguntas para que ele pudesse oferecer resposta. De alguma forma, o personagem era alguém que tinha conhecimento prévio de como funcionava o regime inquisitorial; sabia das estratégias dos inquisidores para levar os réus à contradição. Confirmando as afirmações de Green (2011, p. 106): “Os processos entravam em uma fase de gato e rato. Os inquisidores

Inquisidor: Entende quando diz que a astrologia judiciária dar certeza nas cousas ocultas e feitos contingentes que só a Deus pertence sabê-las?

Manuel Roiz: Quando trata da astrologia dar certeza nas cousas ocultas entendo nos furtos em que na mesma astrologia se ensinam regras para se saberem os sinais dos ladrões, mas que não diz absolutamente onde está o furto porque isso somente pertence a Deus, mas em caso que alguma pessoa suspeite em alguns lugares onde a coisa furtada está, a astrologia dar regras para se saber se a suspeita que o perguntante tem é boa.

Inquisidor: O senhor trata da astrologia judiciária mostra o que ensina sobre furtos ocultos que o senhor não viu furtar, nem tem razão de saber onde estão, e nos navegantes se são mortos se vivos, e se casará uma pessoa, ou não casará nas quais causas a certeza do que é ou do que há de acontecer; nem lhe mostra a natureza porque não pode por via nenhuma, nem de habilidade que desse aos homes [...], donde parece que o diabo dá a respostas que o senhor diz que deu sendo perguntado por diversas pessoas nas ditas matérias.

Manuel Roiz: Não sei nada per via do demônio!

Inquisidor: [...] Diga como entende que dar a arte certeza nisto ainda em caso que o que se rege pela dita arte seja perfeito no discurso das regras dela e calcule também os centos que não entre na resposta que dar e pelas regras da dita arte e que diga se a certeza que mostra a dita arte neste caso é de tal maneira que não possa acontecer o contrário.

Manuel Roiz: Quando digo que a dita arte dá certeza nos ditos casos que entendo que dar resposta certa e não duvidosa conferindo a resposta com o que se deduz das regras da mesma arte de tal maneira que fica a resposta proporcionada às regras da mesma arte com muita com veemência e conformidade e que nenhuma dúvida fica a ser a dita resposta conforme as regras da arte e neste sentido entendo o que tenho dito que a astrologia judiciária dá certeza nos casos contingentes sobreditos, mas não entendo que a resposta saia necessariamente certa e tão certa que na realidade da coisa como é do estado em que estão e do sucesso que a de ter não possa ter outra coisa ou em mais ou em menos ou em nada antes confessado sim que nas respostas que dei nos sobreditos casos e calculando a conta das regras da astrologia se enganou e não lhe mostrou a arte a verdade do que era e assim também deste modo entendo que a arte judiciária não se pode enganar.

Inquisidor: Porque dava respostas nestes casos a quem lhe perguntava dando a entender que a arte judiciária por quem se regia lhe havia de mostrar a realidade oculta da coisa que havia nela de que era perguntada e se era verdade que acertava na realidade

---

tentavam extrair a verdade que já sabia qual era; o acusado tentava confessar o menos possível (se fosse culpado) ou protestava inocência em voz alta”.

sobredita infalivelmente como dava a entender, confessando que não podia alcançar isto per arte se segue que o dava a entender que o alcançava por via do demônio.

Manuel Roiz: Respondo o que tenho dito.

Inquisidor: Teve alguma comunicação com o demônio?

Manuel Roiz: Não!

No trecho retirado da controvérsia entre Manuel Rodrigues e o inquisidor (na penúltima sessão), que foi citado anteriormente em forma de diálogo, constata-se que Manuel Rodrigues, pressionado pela autoridade do inquisidor, procurou alinhar mais uma vez os postulados da astrologia à visão teológica cristã da providência divina, afirmando que os conhecimentos das coisas somente pertenciam a Deus e que nem sempre as regras davam certeza das respostas.

disse que quando trata da astrologia dar certeza nas cousas ocultas entende nos furtos em que na mesma astrologia se ensinam regras para se saberem os sinais do ladrão mas que não diz absolutamente onde está o furto porque isto somente pertence a Deus mas em caso que alguma pessoa suspeite em alguns lugares onde a coisa furtada está a astrologia dá regras para se saber se a suspeita que o perguntante tem é boa<sup>141</sup>.

Esse alinhamento que o astrólogo fazia foi forma eficaz de escapar às contundentes represálias e foi estratégia inteligente para minimizar as retaliações de uma instituição marcada pela intolerância e pelo estigma social.

Em 15 de Junho de 1584, em Lisboa, no Estaus, na Casa do Despacho do Conselho Geral, o senhor inquisidor Bartolomeu da Fonseca mandou vir perante si Manuel Roiz, o qual foi dado juramento dos santos evangelhos, em que pôs sua mão e prometeu dizer verdade.

Nessa última sessão ele foi confrontado a respeito das respostas dos furtos em relação a Antônio Manco, a Aurriquo Correa, a Heitor de Ceabra e a Margarida Roiz; e confessou parcialmente os questionamentos do inquisidor a respeito da descoberta dos furtos. De Heitor de Ceabra ele disse que não lembrava, mas de Margarida Roiz (que estava ausente de Lisboa) ele disse que segundo as regras achava que o ladrão tinha ido para a parte do norte, [...], e que o furto apareceu na ponte da talha por onde foi um homem que eles suspeitavam, que era seu vizinho e morava debaixo dela, e disse que o ladrão foi para Torres Vedras e passou pela ponte de São João da Talha.

Mesmo com as pressões psicológicas impostas pelo regime inquisitorial, o astrólogo se manteve firme, procurou manter a calma nos interrogatórios e não cedeu ao intento dos

---

<sup>141</sup> Ibidem [fl. 98].

inquisidores pela confissão do pacto com o diabo, já que o inquérito aberto contra ele foi para descobrir sua relação com o demônio.

Depois dessa investigação demasiadamente metódica, os inquisidores acharam a solução para o problema.

Ele conseguiu satisfazer a justiça inquisitorial, na medida em que confessou suas técnicas astrológicas, mas também conseguiu provar que todo o seu conhecimento provinha de estudos filosóficos e de conhecimentos científicos, e não do pacto demoníaco, como conjecturavam os inquisidores. Se por ventura tivesse cedido ao intento dos inquisidores, confessando que tinha pacto com o demônio, ele teria sido sentenciado a castigo muito maior.

Independente da circunstância, ele conseguiu manter comportamento que era esperado do bom astrólogo no século XVI. Conforme Cardano, o astrólogo deveria ser prudente, sério, de poucas palavras e exemplar em todos os sentidos etc (GRAFTON, 1999, p. 18).

A confissão de suas práticas astrológicas representava vitória do regime inquisitorial contra ele. Segundo Foucault (1987), nos processos criminais do Antigo Regime, principalmente nos processos inquisitoriais, a confissão era vitória obtida sobre o acusado, ela não só isentava os juízes e os acusadores da busca de novas provas e indícios complementares, mas também reforçava seu poder sua autoridade perante os acusados. A confissão também era parte complementar de uma investigação que havia sido construída secretamente; ela é o ato pelo qual o réu aceitava a acusação e reconhecia seus bons fundamentos.

### 3.11 Auto de fé de Manuel Rodrigues

*Não bastavam as palavras, era necessário humilhar publicamente.*

Laura de Mello e Souza

Antes da determinação da sentença de Manuel Rodrigues, houve sobre ela debate entre os inquisidores e o Concelho Geral.

Para o inquisidor Bartolomeu da Fonseca, apesar de perguntar a Manuel Rodrigues sobre a arte de adivinhar e ele “não se amedar e a terra estar escandalizada dele e desedificada”<sup>142</sup>, ele não possuía culpas tocantes ao juízo do Santo Ofício<sup>143</sup>, já que não se acharam manifestamente alguns dos requisitos pertencentes ao Santo Ofício, que se apontam no *SS Sane*, nem provas de comunicação com o demônio e nem certezas de que acertava o

<sup>142</sup> Ibidem [fl. 106].

<sup>143</sup> Esse pensamento de Bartolomeu da Fonseca se deve ao fato de a astrologia judiciária ainda não constar no Regimento do TSO como heresia.

que respondia. E em relação aos livros defesos que foram achados, pareceu que se deve de inquirir neste juízo do Santo Ofício contra ele para ver a matéria dos livros que eram da arte judiciária que ele lia se tem alguns meios em que aja presunção manifesta de ensinarem ou insinuará comunicação do demônio. Bartolomeu da Fonseca também sugeriu que o dito réu fosse castigado extraordinariamente com penas extraordinárias por delinquir ostendendo a jurisdição do Ilustríssimo Senhor Inquisidor Geral quebrando a sua constituição em que defende os ditos livros.

E em relação aos mais votos pareceu que o réu Manoel Roiz abjurasse de levi na mesa pela suspeita que contra ele resulta de exercitar a arte judiciária que é defesa e ajudar-se de muitas livros defesos que lhe foram achados para adivinhar cousas ocultas em diferentes matérias conforme a censura que anda junta e fazer da sua parte tudo o que podia, posto que não conste que adivinhasse, e assim por confessar nas primeiras perguntas que lhe foram feitas que a astrologia podia dar certeza nas cousas ocultas ainda que depois se declarou sendo advertido. E que lhe seja mandado que não use mais desta arte judiciária, nem tenha os livros que tratam dela, sob pena de ser mais gravemente castigado e para satisfazer ao escândalo que tem dado nesta cidade se lhe leia a sentença na sua freguesia, um domingo a missa do dia, estando ele presente<sup>144</sup>.

### 3.11.1 Acórdão do Santo Ofício de Lisboa

Acordão os Inquisidores Ordinario e deputados do Santo officio que vistos estes autos e a confisam de Manoel Rodrigues xpão novo morador nesta cidade Reo preso que presente estas perque se mostra elle ter em seu poder muitos livros reprovados pello cathaloguo do Conçilio Tridentino e do Reino que tratam da astrologia iudiciaria, sabendo que eram defesos e com á liçam delles véo o Reo de algus años a esta parte a exercitar a arte judiciaria deitando muitos juizos sobre cousas furtadas, e sobre pesoas ausentes que caminhavã ou navegavam, e sobre outras cousas ocultas que naturalmente e não podem saber, dando niso repostas affirmativas aos pesoais que lhes preguntavam por quanto tinha pera si que as regras da arte judiciária podem dar certeza nas ditas cousas ocultas como confesou nas perguntas que lhe foram feitas, posto que despois de advertido se delcarou em melhor forma, no que todo ó Reo deu muyto escandalo. O que visto com a mais que dos autos consta e a sospeita que contra elle resulta Mandão que o Reo Manoel Roiz em pena de seu delito faça abiuraçam de levi sospeita na mesa do Santo Officio perante os Inquisidores e seus officiais e que despois diso faça penitencia publica no mosteiro de São Domingos desta cidade em um domingo estando a toda a missa do dia no cruzeiro da igreja em corpo e descalço com húa vella acesa na mão onde lhe sera lida esta sentença acabada a preguaçam e lhe mandão mais que não use daqui por diante da ditta arte judiciaria nem lea os livros q tratã della sob pena de ser gravemente castigado e cumprirar as penitencias espirituais seguintes ss que se confesse as tres festas principais de um año Natal, pascoa e espiritu santo E

<sup>144</sup> ANTT [fl. 107]. Nessa decisão, que aconteceu em Lisboa (16 de junho), também esteve presente o censor dos livros, frei Bartolomeu Ferreira.

nellas recebe os santissimo sacramento de conselhos de seu confessor e rezara cada dia quinze vezes o Pater noster, Ave Maria, e o Credo a honra da morte e paixam de Nosso señor e redemstor Jesu Christo e jejuara duas sextas feiras em cada mes do dito año. E que seja absoluto da escmunham em que encorreo per asi ter e ler os ditos livros defesos E pague as custas<sup>145</sup>.

Essa sentença foi publicada em Lisboa, no dia 23 de junho de 1584, no Estaus, na mesa da Santa Inquisição, em presença do réu e estando presentes os inquisidores e outros officias.

Depois de ter ouvido sua sentença, Manuel Rodrigues fez a abjuração de levi suspeita.

### 3.11.2 Abjuração de levi

Eu Manoel Roiz xpão novo perante vossos referidos Senhores Inquisidores Juro nestes santos evangelhos em que tenho minhas mãos que de minha propria e livre vontade anatematizo e aparto de mim toda especie de heresia e apostasia que for ou se levantar contra nossa Santa fee catolica e See apostolica especialmente estas que tenho confessado ante vossas merces que agora em minha sentença me foram lidas as quais aqui hey por expressar e declarados de que me ouveram por de levi sospeito na fee e juro de sempre ter e guardar a Santa fee catolica que tem e ensina a Santa Madre Igreja de Roma e que Serei sempre muito obbediente ao nosso muy Santo padre papa Gregório decimo terceiro ora presidente na Igreja de deos e a seus socessores e confesso que todos os que contra esta Santa fee catolica vierem sam Dignos De cõdenação e prometteo de nunca me ajuntar com ellas e de os perseguir e descobrir aos Inquisidores e prelados da santa madre Igreja As heresias que delles souber e Juro e prometto quanto em mi for comprir o que me he ou for porposto e se contra isto ou parte dello em algum tempo vier o que deos não permitta que caya na pena que per derecho em tal caso merecer e me sometto a severidade dos sagrados canones e requeiro ao notario do santo off<sup>o</sup> que disto passe justamente aos que estao presentes que sejam testemunhas asinem aqui comigo<sup>146</sup>.

P Manoel Foz      Antonio Luiz      Manuel Roiz da Ilha

A abjuração de levi é a “fórmula de renúncia dos crimes ou erros contra a fé, de que foi indiciado com leves indícios. Eram condenados a essa abjuração os suspeitos com indícios leves, ou de crimes pouco graves contra a fé” (LIPINER, 1977, p.15). Caso a pessoa fosse publicamente suspeita, ela abjurava publicamente na catedral.

Segundo Souza (1986), com a abjuração, o indivíduo não só abdicava de todas as suas crenças como também se tornava uma espécie de soldado de cristo, empenhado em combater todas as espécies de heresias possíveis.

Ao assinar o formulário da abjuração de leve o acusado se convertia num cristão-estereótipo, anatematizando e apartando de si toda heresia que se levantasse contra a Santa Fé Católica, prometendo agir daí em diante como um verdadeiro soldado de Cristo, perseguidor e descobridor de hereges,

<sup>145</sup> ANTT [fl.113 e 114].

<sup>146</sup> Ibidem [fl. 115-116].

delator de qualquer prática desviante aos inquisidores e prelados da Igreja (SOUZA, 1986, p. 360).

### 3.11.3 Pormenores da sentença de Manuel Rodrigues

Apesar de discordar do regime, ele foi obrigado a aceitar sua sentença. Em 24 de junho de 1584, justamente no dia de São João, em que as ruas de Lisboa ficavam cheias e a coletividade prestava homenagem a um dos santos mais populares da Europa, Manuel Rodrigues, o astrólogo, era sentenciado pelo TSO.

Na aplicação da penitência pública, Manuel Rodrigues estava em pé, descalço, com a cabeça descoberta e vela acesa na mão. Assim, ele assistiu a toda a missa no cruzeiro da igreja de São Domingos. Acabada a pregação da missa do dia, o notário do Santo Ofício leu sua sentença em voz alta, para que todos ouvissem, inclusive ele próprio. Amigos, vizinhos, clientes e certamente a esposa estiveram na igreja e testemunharam sua condenação e ato penitencial. A igreja de São Domingos (tomada atual de seu interior na Figura 11), que hoje é importante ponto turístico, outrora sentenciou muitos cristãos-novos.

**Figura 11.** Tomada atual do interior da igreja de São Domingos



Fonte: Lisboa Cool <sup>147</sup>

Com os vexames públicos dos autos de fé, a Inquisição não só legitimava seu poder perante a sociedade, mas também confirmava que o auto da fé era a expressão mais visível da superstição e da intolerância religiosa, cujo rito ou cerimônia inquisitorial era justamente preparado por aqueles que haviam saído das universidades, como os inquisidores, os revisores de livros e os qualificadores, como bem aponta Bethencourt (2000). “Exigência de uma sociedade sequiosa de representações fortes nas quais as palavras não são suficientes, auto da fé fornece hoje, paradoxalmente como no passado, o suporte visual da argumentação vitoriosa” (ibid., p. 220). O autor também registra que o auto da fé significava representação teatral da fé, com abjuração pública reconciliação e castigo. A escolha da data e do local para

<sup>147</sup> Disponível em <<https://lisboacool.com/blog/igreja-sao-domingos>>. Acesso em 25 de maio de 2021.

a encenação do espetáculo tinha forte carga simbólica e precisava estar em sincronia clara com o pensamento religioso, em que o domingo era dia privilegiado e os locais públicos, como praças abertas ou igrejas, eram os palcos privilegiados para a execução dessa cerimônia. Apesar de a Igreja ser espaço mais reservado, com o tempo, foi-se tornando local privilegiado dessas cerimônias públicas, inclusive para castigos em cerimônias particulares.

Depois de sua sentença, o astrólogo retornou ao TSO e assinou o termo de segredo, no qual ele prometia guardar segredo de tudo o que viu e ouviu dos presos daquele cárcere e “que fora não desse nenhum recado dos presos que estava, sob pena de ser gravemente castigado fazendo o contrário, ele os prometeu e assinou”<sup>148</sup>.

Uma das determinações das sentenças é que fossem pagas pelos réus as custas do processo. O preço dos processos variava conforme o número das testemunhas ouvidas e a extensão maior dos documentos nele incluídos, uma vez que deviam ser pagas as investigações que tivessem sido de mister se processar, o número de linhas escritas pelo notário em cada página, pagas conforme o costume do lugar. Incluíam-se ainda nas custas a contribuição ao secreto, as notificações, a conclusão, a sentença, sua publicação, a contagem das folhas e das linhas, e, eventualmente, o dinheiro gasto com roupas e velas usadas no auto-de-fé. Cumpridas as penitências, os dias ou meses que os réus devessem ainda permanecer sob a custódia direta do Santo Ofício nos cárceres da penitência, preenchidas as demais formalidades, como o ajuste das contas, a última exigência que lhe era pedida era a assinatura num termo que o punha em liberdade: termo de soltura e segredo (SIQUEIRA, 1978, p. 298).

Além das penitências espirituais, Manuel Rodrigues foi submetido ao pagamento de custos pela Inquisição e absolvido da excomunhão por carregar livros proibidos.

Os documentos dos julgamentos inquisitoriais deixam claro que, muito mais do que a incineração na fogueira (que se tornou mais um evento pontual do uma característica regular dos tribunais), era a injustiça implacável do sistema o que causava medo entre os prisioneiros. Os detidos não só eram arruinados econômica, física e psicologicamente, como também forçados a pagar pela própria humilhação. William Collins, de Oxford, teve que pagar o areeiro que o transportou como prisioneiro para a Inquisição na Cidade do México em 1572, onde posteriormente foi processado como luterano e condenado a dez anos nas galés. Da mesma forma, eram os condenados ao açoitamento que deviam pagar a seus algozes, e não a Inquisição (GREEN, 2011, p.107).

#### 3.11.4 Segunda censura do frei dominicano

Depois de ser despachado, Manuel Rodrigues não aceitou passivamente sua sentença. Fez petição ao Tribunal do Santo Ofício para “lhe darem os seus livros que não eram proibidos”. O censor entrou em ação novamente e, através de sua segunda censura, disse que era para entregar só dois livros: o de Mestre Pedro Ciruelo, de *Astrologiae Christianae*, e um

---

<sup>148</sup>ANTT [fl. 118].

pequenino livro, *Liber Pronosticorum Venturi Seculi*, que para o revedor era bom livro. No mais, Manuel Rodrigues perdeu todos os seus livros. E a lenda dourada, do século XIX, de que frei Bartolomeu Ferreira era censor benévolo é completamente desconstruída no processo inquisitorial aqui considerado. O que se encontrou aqui foi religioso dominicano conservador, cujo pensamento, fruto da intolerância religiosa de seu tempo, concebeu e escreveu o ato censório por ele enviado ao Tribunal do Santo Ofício:

Pº o paso de manoel roiz o astrólogo

Todos estes livros que ahi tão são prohibidos ou tem seus nomes, ou pelas regras geraes não se deve cõceder segú do meu parecer: ao suplicante por que o principal inteto deles he saber o que está por vir e adivinhar polas estrelas, e deitar juizos, causar se hão muitos males e com acharque de dizerem que he sciecia lícita, a Astrologia, me tem outras cousas illicitas, nelas, e assaço testemunhos falsos aos planetas, e as estrelas e suas influetias, e aos movimentos dos çeos fazedo os Senhores das Acções humanas E que adivinhão guerras E novas Seclos no mundo E té as heresias dizem q naçerão e alemanha dos climas daqlas terras, E das influecias q dominavão em tais tempo, E são caminhos para(?) grãdissimos erros. Como se pôde ver, No Cipriano Levicio E no Leupoldo. Matematicos E Astrologos judiciarios. E hu deles Heretico da primeira classe. E por huã Taboa que aqui vai, que prova polos movjmetos do ceo, E seus cõputos e calculos a defereça que ouve entre a rainha dona Isabel E todos os mais reis de Espanha e Çecilia E també frãcisco justino q aqui vai He prohibido. E o Titulo o mostra q he tal *Speculã Astrologia quod a ttines ad judicariamracionem nativitatum*. E tudo mais o q trata hé de judicius, nos *nacimetros Et genituris*, outro vai tambem aquj, q tem dous tractados da mesma matéria E astrologia judiciaria, feitos por hu Judeu E por hum mouro E cõpilados E colegidos por hum heretico da primeira classe q se chama Joachimo Heleres <sup>149</sup> outro Vai tambem pessimo Livro feito por Hú heretico da primeira classe joãnes de indagine. Q, diz q os Astrologos São profetas das cousas futuras E das Q são sométe conhecidas a Deus(?): Q he, huã grãde blasfemia .també vais outro prohibido de Joãnes de Indagine e de Joãnes estoflerino. //. Os que não são prohibidos são 3. Hú pequenino dos prognosticos Que he muito bõ livro E o Autor Santo. E o Ciruelo E as taboas Alfosinas. Os que são Prohibidos ou polas regras geraes ou por seus nomes particulares são nove, a fora hú que anadava na mesa prohibida por seu nome. E a mim me parece, que nem as taboas afõsinas se lhe avjão de dar por q tambem lhe serão ocasião, de se poder servjr delas para alguã cousa Que não cumpra. Livros seus dos Q digo. Não Vi mays Os do sacco são os prohibidos, e Q podem ser ocasião do mal<sup>150</sup>.

Salvo o juizo dos senhores inquisidores

Fr bertolomeu ferreira

<sup>149</sup> O professor e matemático alemão Joachim Hellerus foi também responsável pela compilação e impressão da obra *De elementis et orbibus coelestibus*, versão expandida da obra *De scientia motus orbis*. Essa obra, atribuída ao judeu iraquiano Messahalā, fornece relato abrangente do cosmo ao longo das linhas aristotélicas, combina física peripatética com teoria planetária ptolomaica e possui diagramas astronômicos e astrológicos compreensíveis. As duas obras foram impressas no século XVI. *De elementis et orbibus coelestibus* foi impresso em Nuremberg em 1549.

<sup>150</sup> ANTT [fl. 119, 120 e 121].

O censor deve ter-se questionado: “Por qual motivo o astrólogo deseja reaver os livros que não eram proibidos?”.

Ele não considerou o peso simbólico daqueles livros, principalmente em época de analfabetismo extenso, em que grande parte dos acervos particulares não ultrapassavam 30 livros. Na mentalidade desses homens do direito canônico, os acusados da Inquisição eram responsáveis por uma ‘crise de fé’ que resultava em muitos males relacionados aos “fenômenos naturais como as pestes, os terremotos, doenças e miséria social” (COUTO, 2013, p. 23).

Para o censor, os livros não deveriam voltar para a posse da Manuel Rodrigues, pois o único intento no seu uso era saber o que estava por vir, adivinhar pelas estrelas e deitar juízos. Como a maior parte dos livros carregavam elementos da astrologia judiciária, o censor só liberou dois, ficando os demais em poder da Inquisição Portuguesa. Nem sempre os livros confiscados pelo TSO iam para as fogueiras nos autos de fé. Muitas dessas obras eram extraviadas ou dispersas. Algumas iam para a Coroa, outras iam para os mosteiros ou podiam ser revendidas a um rico nobre colecionador.

A obra de Pedro Ciruelo, *De Astrologia Cristã seria Apostelesmata Astrologiae Christianae*, interessava a Manuel Rodrigues, já que nela o autor refuta os postulados de *Disputationes adversus astrologiam divinatricem* (crítica à adivinhação astrológica), de Pico della Mirandola, que, na edição de 1495, fez ataque fulminante à astrologia, considerando essa prática charlatanismo ou superstição perigosa.

Pedro Ciruelo[...]segue ocupando da astrologia e da astronomia (os *Apostelesmata Astrologiae Christianae*, 1521). Esta *Defesa da Astrologia Cristã* é um tratado de astrologia judiciaria que justifica (seguindo Ptolomeu) o uso deste tipo de astrologia, opondo-se aos argumentos anti astrológicos de Pico de la Mirandola (HERRERO INGELMO, 2003, p. 18).

Aliás, o censor deveria conhecer e se afeiçoar a obra por cuja produção Pedro Ciruelo foi também responsável: *Reprovación de las supersticiones y hechizerías*, de 1538, largamente difundida no século XVI. Essa obra procura combater práticas supersticiosas e heréticas e distinguir a astrologia verdadeira da falsa (tida como superstição e vaidade). Nela, Pedro Ciruelo reprova aqueles que utilizavam da arte divinatória para saber segredos de furtos e ler pensamentos e pecados de outras maneiras.

### **3.12 Novas denúncias contra Manuel Rodrigues**

Depois do auto de fé, as duas denúncias sugerem que Manuel Rodrigues continuou a praticar secretamente seu ofício de astrólogo, visto que assinar o formulário da abjuração não

fazia do acusado fiel seguidor do regime inquisitorial. Como ele tinha domínio da prática e rapidamente fazia um quadrado e dividia em doze casas, ele podia aproveitar as brechas do cotidiano para continuar exercendo seu ofício secretamente.

O *Livro das Denúncias* registra que a busca pelos serviços do astrólogo continuou. Seu auto de fé não fez com que as pessoas parassem de solicitar seu ofício, bem como não foram interrompidas as investigações secretas contra Manuel Rodrigues.

#### A denúncia de Roque da Fonseca

Em 20 de fevereiro de 1585, Roque da Fonseca<sup>151</sup>, de 24 anos, residente em casa de Diogo Mendes (cristão-velho), foi chamado à mesa inquisitorial para depor contra Manuel Rodrigues. O inquisidor Bartolomeu da Fonseca, que presidiu os inquéritos anteriores contra Manuel Rodrigues, perguntou se ele sabia o motivo por qual estava sendo chamado àquela mesa, e ele disse “que lhe parece que hera por causa de Manoel Roiz que pousa ao Jogo da pella que dizem que adivinha”.

Roque da Fonseca relatou ao inquisidor que havia cinco ou seis meses que, na casa de Diogo Mendes da Costa, sua mulher, dona Maria, achara menos um cofre e outras peças. Ou seja, furtaram. Declarou que dona Maria o mandou ir ter com Manuel Roiz, mas que ele estava se recusando a dar a resposta do dito furto, acrescentou também que ele insistiu e que Manuel Roiz respondeu que dissesse a dita dona Maria que duas moças, Juliana e Augusta, sabiam e furtaram e que as outras moças não tiveram culpa e nem sabiam.

Disto elle denunciante deu este recado a ditta dona Maria a qual acousou a ditta Juliana estando elle denunciante presente e ella descobrio o furto mostrâdo hum Prego com que abria o cofre o que elle denunciante vio<sup>152</sup> [...].

A denúncia aponta que com medo das retaliações do TSO e de sofrer novas denúncias dos vizinhos, o astrólogo estava evitando oferecer respostas aos clientes. Mas, depois da insistência de Roque da Fonseca, Manuel Rodrigues concedeu sua previsão.

#### Denúncia de Juliana de Abreu

Em 9 de março de 1587, no Estaus, na casa do despacho da Santa Inquisição, estando aí o senhor dom Alonso Coloma, apareceu sem ser chamada Juliana de Abreu, moça solteira de idade de 25 anos, filha de Leonor Chanches, cristão-velho, moradora nesta cidade a rua dos

---

<sup>151</sup> Essa denúncia se encontra anexada no processo inquisitorial e inscrita no Livro das Denúncias. ANTT. Processo 7544, [fl. 57, 58 e 59] e PT/TT/TSO-IL/038/0985, [fl. 107, 108 e 109].

<sup>152</sup> Processo 7544, [fl. 59].

fornos no canal de frandes<sup>153</sup>, à qual foi dado juramento dos santos evangelhos, em que pôs sua mão e prometeu dizer verdade. Ela denunciou que havia três ou quatro meses que ela estivera na casa de uma Madalena Negrosa, mulher de Duarte de Besa, morador nesta cidade a prehelaria (?) [...], e viu a dita Madalena Negrosa consultar muitas feiticeiras desta cidade per vezes pera certas cousas que pretendia serem secretos a seu marido, entre as quais foi uma por nome Luíza Antunes que mora de fronte as casas do regedor, a Sam Cristovam, a qual mulher foi inculcada a dita sua ama por Manuel Roiz que chamam o astrólogo e pousa nesta cidade ao Jogo da pella e isto sabe ela testemunha por uma sua irmã que chama Maria da Cruz a acompanhar ao dito Manuel Roiz a casa da dita Luiza Antunes, e o dito Manuel Roiz por vezes veio em casa da dita Madalena Negrosa depois disto que falavam só se não veio nunca estando aí a dita Luiza Antunes porque ela encobria ao dito Manuel Roiz a casa onde ia por não partir com ele do dinheiro que lhe davam e que isto disse a ela testemunha a dita Luiza Antunes,

e do costume que com sua Ama esta diferente pola lançar de casa e lhe levantar que era ladra e do Manuel Roiz disse nada e lhe foi encarregado segredo sob cargo do juramento q recebeo e assinou per ella Jorge Mis<sup>154</sup>.

D. Alonso Coloma Jorge Miz

Nas margens do processo foi anotado que isso se passara havia três anos. Juliana denuncia que Madalena Negrosa foi instada pela sua ama a se consultar com Manuel Rodrigues, sendo que Juliana de Abreu é citada no testemunho de Roque da Fonseca como uma das autoras do furto dos bens de dona Maria ocorrido em 1585, ou seja, dois anos antes.

O fato de Juliana ter resolvido levar o caso à mesa do Santo Ofício leva a crer que ela utilizou o sistema inquisitorial como instrumento de vingança, já que ela tomou conhecimento de que foi Manuel Rodrigues quem disse a sua ama que ela havia roubado os objetos do cofre, e sua ama a colocou para fora de casa e a chamou de ladra. Alonso Coloma não deu credibilidade ao testemunho e arquivou a denúncia.

De acordo com Baigent e Leigh (2001, p.50), “o sistema oferecia uma oportunidade muitas vezes irresistível para acertos de contas, soluções de velhas brigas, lançar inimigos em apuros”.

Esse depoimento também sugere que Manuel Rodrigues mantinha possível comunicação clandestina com Luiza Antunes, feiticeira de Lisboa, onde, de acordo com a denunciante, havia muitas feiticeiras.

<sup>153</sup> Freguesia de São Gião (Sumário, 1551).

<sup>154</sup> PT/TT/TSO-IL/038/0985, [fl. 213].

Além de feiticeiras, em Lisboa havia muitos magos, bruxos, bígamos, visionários, hereges e curandeiros. Muitos desses desviantes da moral e da ortodoxia católica recebiam, como sentença expurgatória, pena de degredo para o Brasil Colônia, onde contínuas privações, conflitos e misérias serviam para purgar pecados. Chegados ao Brasil, muitos desses desviantes continuavam a reproduzir seus comportamentos heterodoxos (SOUZA, 1987 apud PIERONI, 1998).

O fato de Lisboa ter grande quantidade de mágicos faz pensar que Manoel Rodrigues cogitou que a Inquisição nunca se voltaria contra suas práticas de astrologia. Naquele cotidiano transgressor, havia casos mais graves que o seu, o que o teria levado a acreditar que era mais livre para exercer suas atividades de astrólogo.

Sem embargo, o ofício de boticário e os outros negócios que Manuel Rodrigues exercia davam cobertura para que ele pudesse exercer secretamente o ofício de astrólogo. É pouco provável que ele tenha abdicado de suas crenças astrológicas, mesmo com o sistema de repressão da época. Livros circulavam, as informações de seus antigos livros ainda estavam em sua memória e bastava um almanaque e uma boa tábua de casas para que ele pudesse continuar atuando com suas previsões, ainda que de maneira secreta.

Este segundo capítulo, desenvolvido mais intensamente em forma de discursos e diálogos, reflete fortemente a intolerância religiosa em relação ao outro, que, por ser diferente, por pensar diferente, acabava sendo foco da jurisdição da Inquisição Portuguesa. Essa ideia da construção do outro como inimigo era projeto de poder a partir de discursos de ódio e de práticas hegemônicas de intolerância, que atingia até aqueles que professavam a fé católica, mas não compartilhavam desse pensamento hegemônico.

Os inquisidores pertenciam à ala mais radical e conservadora do clero católico, a ponto de procurarem impor e absolutizar uma única visão de mundo, sem permitir a abertura para o diálogo ou tentar compreender as outras cosmovisões. Motivados por sentimentos de rancor, medo, intolerância e estranheza diante da alteridade, esses inquisidores, através de interpretações radicais e conservadoras das sagradas escrituras (com base em suas formações teológicas), operavam para que o pensamento e o conhecimento do homem “fiel e temente a Deus” fosse voltado apenas para a propagação e instrução da fé católica, e qualquer linha de pensamento que se desviasse daquilo que eles consideravam como lícito fosse combatida, punida e exterminada.

Newton Bignotto, que analisou o caso de Giordano Bruno, constatou que a busca pelo conhecimento, pela liberdade de pensamento e de concepção acabava indo de par com a ideia de poder, devido à impossibilidade de separar as duas esferas - saber e poder -, já que ambas

estavam interligadas e que o poder sempre necessita de conhecimento que o legitime. A liberdade de pensamento ou a busca por nova filosofia ou o direito de questionar e investigar o mundo representava ameaça aos poderes vigentes cuja estrutura se encontrava cada vez mais abalada.

Transportando o pensamento do autor para este trabalho, constatou-se que alguns filósofos ou homens de ciência do século XVI não estavam interessados em questionar as estruturas políticas ou as organizações de poder, mas no direito pesquisar e de interrogar o mundo que estava a sua volta.

A astrologia, que permitia olhar tanto científico quanto místico do céu, abria caminhos para reflexões e questionamentos a respeito do movimento dos astros e do cosmo. Logo, o direito de pensar e de questionar o cosmo era algo que esbarrava nas estruturas de poder da Igreja Católica, que concebia o universo fechado, imutável e definido.

Esse constante interesse pelos céus despertava temor dos inquisidores, uma vez que essa observação poderia levar à idolatria ou à contemplação dos astros, algo reprovado pela bíblia cristã. A estrutura de poder católica desejava monopolizar o conhecimento “e combater alguns pensadores e cientistas responsáveis por um lento, mas decisivo, processo de laicização do saber (MICELI, 2016, p. 87).

Tentar prever o futuro também entrava em disputa com princípios da cosmologia bíblica, de que somente Deus conhece o futuro e o pensamento dos homens e não compete ao homem tentar descobri-lo.

## 4 A COSMOVISÃO DE MANUEL RODRIGUES

*O livro é um mudo que fala, um surdo que responde, um cego que guia, um morto que vive.*

Padre Antônio Vieira

Os livros e as práticas astrológicas são pistas e indícios, considerados reveladores, que nos ajudam a reconstruir e rastrear parte de sua cosmovisão. Examinando esses livros percebemos que sua cosmologia era geocêntrica já que boa parte deles carregam em sua composição a física peripatética, mostrando assim que Manuel Rodrigues era um cristão-novo de tendência aristotélica, similar a muitos cientistas do seu tempo. Isso se deve ao fato de que a perspectiva heliocêntrica foi incorporado lentamente no pensamento científico ocidental. E como se sabe, a visão geocêntrica é válida e adotada até os dias de hoje pela astrologia que trabalha a influência dos astros na vida terrena tomando como ponto de vista a terra. Quando ele olhava para o céu, e percebia o brilho das estrelas, a percepção que ele tinha era que a terra ocupava o centro do universo, e essa era a forma como ele compreendia e considerava a estrutura dos cosmos. Dentro dessa perspectiva a terra era vista “como centro do mundo rodeada pelos círculos dos planetas e também pelo céu de estrelas fixas. O éter era visto como quinto elementos, eterno e imutável”. (STUCKRAD, 2007, p. 90). No qual o movimento do céu constituía um movimento natural perfeito.

Muitos cientistas do século XVI conheceram *De Revolutionibus* de Copérnico, alguns adotaram, mas muitos continuaram atrelados ao sistema de mundo ptolomaico. Em Portugal, por exemplo, André de Avelar e Pedro Nunes rejeitaram o modelo heliocêntrico.

A cosmologia geocêntrica da terra permaneceu por muito tempo e a teoria do heliocentrismo, elaborada por Copérnico, apesar de ter despontado no século XVI, não marcou uma ruptura imediata com a teoria do geocentrismo. Seus princípios astronômicos dominaram e pareciam responder aos problemas do dia-a-dia. O modelo geocêntrico desenvolvido pelos gregos era mais sofisticado do que a ideia do universo plano. “Nesse modelo cosmológico o universo é esférico, a Terra, circundado por objetos celestes que descreviam órbitas geométricas e previsíveis e também pelas estrelas fixas”. (STEINER, 2006, p. 235). Esse modelo proposto foi aperfeiçoado por “Aristóteles<sup>155</sup> (384-322 a.C.):

que demonstrou que a Terra é esférica através da observação da sombra projetada durante um eclipse lunar. Ele calculou, também, o seu tamanho –

---

<sup>155</sup>Discorrendo sobre corpos e fenômenos celestes, além de fenômenos físicos, Aristóteles executa a crítica à teoria cosmogônica contida no *Timeu* de Platão, e apresenta sua teoria cosmológica geral com base em sua doutrina dos cinco elementos: o éter (elemento superior e imperecível) e os quatro elementos inferiores (fogo, ar, terra e água) perecíveis da região sublunar que se produzem entre si, e naquela da finitude e eternidade do universo; Aristóteles aborda ainda a questão da geração e corrupção (BINI, 2014, p. 9).

cerca de 50% maior do que o valor correto. O modelo geocêntrico de Aristóteles era composto por 49 esferas concêntricas que procuravam explicar os movimentos de todos os corpos celestes. A esfera mais externa era a das estrelas fixas e que controlava todas as esferas internas. Essa, por sua vez, era controlada por uma agência (entidade) sobrenatural (*ibid*, p. 235).

Para o astrólogo a matéria era formada por “substâncias”, como ar, água, fogo, e terra. Esses “quatro elementos foram estabelecidos pela primeira vez na Antiguidade por Empédocles e receberam a caracterização definitiva na física aristotélica”. (VILHENA, 1990, p. 35). Empédocles, em efeito, “disse que o fogo e a terra e todos os demais corpos da mesma ordem são os elementos, e que por eles estão constituídas todas as coisas”. Vemos nos autos do processo que Manuel Rodrigues cita a teoria dos temperamentos. A correspondência dos quatro elementos (terra, ar, fogo e água) com as quatro qualidades (frio, quente, seco e úmido) foi reforçada por Aristóteles que abriu caminho para tese dos quatro temperamentos da personalidade (Sanguíneo, Fleumático, Colérico e Melancólico), que foi bastante utilizado na medicina para explicar e classificar doenças. (STUCKRAD, 2007).

Manuel Rodrigues também lia *O Tratado da Esfera* de Sacrobosco. O primeiro capítulo, no fôlio 2 desta obra, começa com Euclides fazendo uma descrição do que é uma esfera, por isso que Manuel Rodrigues no seu rol intitulou: *O Tratado da Esfera de Euclides e Sacrobosco*.

Esfera segundo Euclides é um corpo gerado pelo movimento da circunferência do meio círculo levado ao redor até tornar ao seu lugar, estando o diâmetro fixo. Segundo Teodósio, esfera é um corpo maciço recolhido debaixo de uma só face que tem no meio um ponto do qual todas as linhas levadas até a circunferência são iguais, este ponto se chama centro da esfera. A linha reta que passa pelo centro da esfera e toca com os seus extremos a circunferência chama-se eixo da esfera. Os dois pontos que são cabos do eixo são polos do mundo (SACROBOSCO, 2011, p. 9).

Além da influência Ptolomaica, a física aristotélica também é abordada nesse tratado, onde a composição etérea é citado:

Qual é a forma do mundo. A máquina do mundo universal é dividida em duas, a saber: regiões etéreas e elementar. A elementar, onde ocorrem alterações contínuas, é dividida em quatro. Realmente a terra está colocada no meio de tudo, como se fosse o centro do mundo; em volta dela a água; em volta da água, ar; em volta do ar, fogo, o qual é puro e não turbido, e que atinge o orbe da Lua, como diz Aristóteles no livro sobre os Meteoros. Assim realmente o dispôs Deus, glorioso e sublime. E esses são chamados de quatro elementos porque mutuamente se alteram, corrompem e geram. Além disso os elementos são corpos simples, que não podem ser divididos em partes com formas diferentes. E por sua mistura são feitas

diversas espécies de gerações. Três deles envolvem esfericamente a Terra por todos os lados (SACRO BOSCO, 2006, fl. 2v).

Nessa obra Sacrobosco também detalha aspectos importantes da astrologia. No capítulo II na parte *Do Zodíaco* começa com esta explicação:

Há outro círculo na esfera que corta a equinocial e ela também o corta em duas partes iguais, uma metade dele declina para o norte e a outra para o sul. Chama-se este círculo zodíaco, porque *zoe* quer dizer vida e, pelo movimento dos planetas debaixo dele, é a vida nas coisas que debaixo do céu estão. Pode também vir este nome zodíaco de *zodion*, que quer dizer animal, porquanto este círculo se parte em doze partes iguais, das quais cada uma se chama signo e tem nome de algum animal, e isto por alguma propriedade que convém ao signo e ao animal, ou porque as estrelas fixas daquelas partes fazem figura do tal animal [...]. Há em cada signo trinta graus, e portanto em todo o zodíaco há 360 graus. Os astrólogos partem ainda o grau em 60 minutos, e o minuto em 60 segundos, e o segundo em 60 terceiros, e deste modo vão partindo até dez (SACROBOSCO, 2011, 23 24).

O Zodíaco está dividido em doze partes que são chamadas de signos, são eles: Áries, Touro, Gêmeos, Câncer, Leão, Virgem, Libra, Escorpião, Sagitário, Capricórnio, Aquário Peixes e cada um dos signos é dividido em 30 partes ou graus. (GEMMA FRISIUS, 1530). Os planetas movem-se através dos doze signos. E dentro de sua cosmologia só havia 7 planetas (Sol, Lua, Mercúrio, Vênus, Marte, Júpiter e Saturno) para interpretar e responder mapas astrológicos; já que os planetas transaturninos (Urano, Netuno e Plutão) só seriam descobertos mais à frente, com o uso de telescópios.

E para enriquecer a sua cosmovisão um livro intitulado como *Monte Regio* chegou às suas mãos. Algumas dúvidas surgiram a respeito dessa composição científica: seria Monte Regio as tábuas ou *Efemérides* de Joannes de Monte Regio (também conhecido como *Regiomontanus*) ou seria um resumo do *Almagesto* de Ptolomeu?

Apesar de não ter tido uma grande projeção nas navegações portuguesas como o *Almanach Perpetuum*, as *Efemérides* de *Regiomontanus* também foram utilizadas pelos navegadores portugueses, contudo a hipótese aqui levantada é que esse *Monte Regio*, citado no rol de Manuel Rodrigues, fosse um resumo do *Almagesto* que era uma bíblia astronômica e uma obra essencial para qualquer astrólogo e astrônomo do século XVI, já que Cláudio Ptolomeu (astrônomo, matemático, geógrafo grego que viveu entre 90 e 160 EC) foi uma autoridade nos estudos dos astros durante o período medieval e renascentista e muitos autores e estudiosos utilizaram sua concepção geocêntrica de universo. Ele “modificou o modelo de Aristóteles, introduzindo os epiciclos, isto é, um modelo no qual os planetas descrevem movimentos de pequenos círculos que se movem sobre círculos maiores, esses centrados na Terra”. (STEINER, 2006, p. 235).

No sistema cosmológico de Ptolomeu a Terra está no centro do Universo e os outros corpos celestes, planetas e estrelas descrevem órbitas ao seu redor. É uma cosmologia espiritual e física que estabelece uma nova maneira de se relacionar com os cosmos. Essa obra foi traduzida para o latim no século XII e a cosmovisão ptolomaica esteve presente no pensamento renascentista até começar a ser perseguida como uma arte diabólica de adivinhação pela Igreja Católica.

Na Cátedra de astrologia de Salamanca, no primeiro ano, lia-se, ao longo de oito meses, a obra *Esphera y Theóricas de planetas y unas tablas* e, como leitura complementar, o *Astrolabio*. No segundo ano, eram estudados seis livros de Euclides, entre os quais a *Aritmética* – até as raízes quadradas e cúbicas –, e o *Almagesto* de Ptolomeu – ou, alternativamente, seu *Epitome de Monte Regio*. Podia-se, ainda, estudar obras atribuídas a Geber (Jabir) ou Copérnico e, como leitura complementar, a *Esphera*. No terceiro ano, o foco era a Cosmografia ou a Geografia, um introdutório de judiciária e de perspectiva, ou o estudo dos instrumentos, dependendo da demanda (ALMEIDA, 2015, p. 44).

“Finalizado em grande parte no ano de 148 e conhecido também sob o nome de *Almagesto*, engloba treze livros e fornece um panorama minuciosa de todos os conhecimentos astronômico-matemáticos da época” (STUCKRAD, 2007, p. 122).

Dentre seus inúmeros tratados também se destaca o Tetrabiblos (também conhecido na Grécia Antiga como *Apotelesmatiká* e na forma latina como *Quadripartitum*) que é um importante tratado astrológico. Essa obra de Ptolomeu se divide em quatro partes: o Livro 1 faz uma introdução sobre os fundamentos astrológicos, o Livro 2 é dedicado à astrologia mundana onde aborda profecias gerais a respeito de países inteiros, o Livro III e IV trata da astrologia genérfica. (STUCKRAD, 2007, p. 123).

A lista dos livros de Manuel Rodrigues não especifica qual obra ele possuía de Júlio Firmico, mas conforme o censor Bartolomeu Ferreira é uma que expõe o *Quadripartitum* de Ptolomeu. Apesar de não ser uma obra inovadora, ela descreve o que poderia ser um resumo dos principais métodos, ensinamento e princípios básicos para o aprendizado da astrologia.

Influenciado pela tradição árabe-judaica Manuel Rodrigues possuía um livro chamado *Libro de elementos e orbes celestes* de Mesahalac (Mesallah) e outro que ele intitulou no seu rol como obra de Mesahalac.<sup>156</sup>

Essas obras foram compiladas e impressas por astrônomos e astrólogos do século XVI. O professor matemático alemão Joaquim Hellerus foi responsável por divulgar o

<sup>156</sup> Messahalla ou Messala - Masha'allah (740-815 EC) foi o principal dos primeiros astrólogos árabes. Ele trabalhou em Basra e, junto com o astrólogo persa al-Naubakht, foi escolhido para eleger astrologicamente o tempo para a fundação da nova cidade de Bagdá em 762 pelo califa Al-Mansur. (BONATTI, 1994).

conhecimento dessa obra. Ele é considerado na censura de Bartolomeu Ferreira, como um herético de primeira classe, por compilar e coligir uma obra de um mouro e de um judeu. A obra *De elementis et orbibus coelestibus* foi uma versão expandida da obra *De scientia motus orbis* e fornece um relato abrangente dos cosmos ao longo das linhas aristotélicas. Nessa obra Messahalalah combina física peripatética, com teoria planetária ptolomaica e diagramas astronômicos e astrológicos compreensíveis. Essas duas obras foram impressas no século XVI. *De elementis et orbibus coelestibus* foi impresso respectivamente em Nuremberg em 1549<sup>157</sup>.

Manuel Roiz da Ilha também tinha um tratado do astrólogo Alcabcicio (AlQabisi - falecido em 967 EC) comentada por Joanes da Saxônia<sup>158</sup>, conforme o rol que ele deu à mesa inquisitorial. Ele foi importante por ter estabelecido comentários a respeito das obras escritas por Alcabitius, entre elas *Liber Introductorius ad Magisterium Idiciorum Astrorum*. Alcabitius foi um estudioso árabe do final do século X. Stuckrad (2007) pontua que a importância de Alcabitius foi ter apresentado e popularizado o sistema das casas astrológicas: separando o horóscopo em doze casas e estabelecendo uma divisão uniforme do círculo em partes de 30, o chamado sistema de casas iguais. “A utilização das casas astrológicas foi introduzida na astrologia no período medieval [...]. Os processos matemáticos que permitiram seu cálculo foram criados por astrólogos árabes”. (VILHENA, 1990, p. 49).

Outra obra que aparece no rol é um livro de *Astrologia Natural e Fisionomia* de Joanes Indagine. Esse tratado de Indagine mostra que o astrólogo para se destacar na vida social precisava dominar outras artes técnicas, entre elas a quiromancia e a fisionomia. “Praticada e estudada desde a antiguidade, quiromancia, astrologia, fisionomia e outras disciplinas relacionadas ainda são populares hoje. Ao contrário do século 16, poucas pessoas ainda consideram essas técnicas como verdadeiras ciências”.<sup>159</sup>

---

<sup>157</sup> Nos anexos deste capítulo está disponível um exemplar *De elementis et orbibus coelestibus* que foi publicado em Nuremberg por Ioannes Montanus (*Regiomontanus*) e Ulricus Neuberus, 1549.

<sup>158</sup> “Foi aluno e trabalhou com João de Lignères em Paris em uma versão latina das Tábuas Afonsinas. Essas tábuas para calcular as posições planetárias, preparadas sob os auspícios de Alfonso X, originalmente em espanhol. João da Saxônia escreveu cânones (explicações do uso) da versão latina das tabelas, que ajudou a espalhar seu uso por toda a Europa. Em 1331 ele também escreveu um comentário sobre um trabalho astrológico de Qabisi, tomando cuidado para não dizer nada que a igreja pudesse objetar. John calculou um Almanaque para 1336-1380, com base nas Tábuas Afonsinas adaptado para o meridiano de Paris”. (Karina, 2007, p. 600- 601, tradução nossa). O rol de Manuel Rodrigues não especifica que livro era esse que havia sido comentado por John da Saxônia ou Johannes de Saxonia, John Danko ou Dancowe da Saxônia que foi um astrônomo e astrólogo medieval que floresceu entre 1320-1355 (século XIV) e havia feito comentários sobre Alcabitius.

<sup>159</sup> Utrecht University Library Special Collections. Disponível em: <<https://www.uu.nl/en/utrecht-university-library-special-collections/collections/early-printed-books/scientific-works/chyromantia-by-johannes-indagine>> Acesso em 2 de junho de 2021.

Através desse livro ele estudava *Fisiognomia*, cuja arte procurava decifrar com precisão o caráter das pessoas.

Cardano, que Manuel Rodrigues tinha um livro intitulado *De Motu Celestes* (Sobre o movimento dos corpos celestes), foi um superastrólogo. Também conhecido como *Hieronymus Cardanus*<sup>160</sup> ele foi um polímata, astrólogo e médico italiano que publicou livros, diversos tratados e comentários que abordavam sobre temas de medicina, astrologia, magia, filosofia natural, matemática, moral, metoposcopia, Cabala, falava de anjos e demônios e produzia genituras de homens ilustres de sua época. Dentre os inúmeros trabalhos de Cardano não encontramos ainda uma obra específica ou um capítulo com esse nome, conforme Manuel Rodrigues apontou no rol. Contudo sabemos que Cardano escreveu mais de 200 tratados que incluíam conhecimentos sobre astronomia e sobre o movimento dos astros.

#### 4.1 O pensamento mágico

O componente mágico exerceu uma função considerável no pensamento renascentista. A difusão de livros de magia (como por exemplo o *Sefer Raziel*, *Picatrix* e o *Liber Clavicula Salomonis*) que até então haviam sido produzidos durante a Idade Média, mostram o interesse mútuo sobre magia nessa época. (IDEL, 2015).

Assim, a cosmovisão de um astrólogo renascentista era povoado pela existência de forças astrais que exerciam influências na vida terrena e por forças espirituais que descendem a terra. Além de tudo, a magia servia para aplacar e controlar essas forças e para atrair esses poderes. Ressaltando, que das esferas divinas descendiam forças puras e impuras.

O modo de receber influxo dos poderes superiores aproximava a astrologia com a *magia naturalis*. E no momento em que o astrólogo fazia a figura quadrada, e dividia em doze casas, ele acabava recebendo influxos de forças superiores. Muitos judeus cabalistas dialogavam com a astrologia por acreditar que os planetas ou os signos do zodíaco emanam efluxos divinos para o *malkut* ou para a esfera sublunar. “Para Alemanno, Saturno é responsável não apenas pela Torá de Israel, pelo Templo em Jerusalém e pela língua hebraica, mas também pelas ciências espirituais – ou seja, as ciências da magia, da feitiçaria e da adivinhação” (IDEL, 2015, p. 491)

---

<sup>160</sup> Girolamo Cardano (Pavia, 24 de setembro de 1501 — Roma, 21 de setembro de 1576). As obras de Cardano circularam em Portugal e suas obras foram apreciadas pelos católicos. Mas o catálogo de livros proibido de Portugal, de 1581, proibia “*Hieronymus Cardanus de Sapientia, De immortalitate animorum, Geniturarum, De varietate rerum, De subtilitate, etc.*”. “Como matemático, sua álgebra foi um grande avanço para trabalhos posteriores. Na sua obra *Ars Magna*, publicada em 1545, analisa equações cúbicas. Quando foi preso por heresia, coube ao Papa protegê-lo” (MOURÃO, 1987, p. 147).

A estreita associação que foi postulada entre anjos e os corpos celestes também serviu para fomentar esta ciência divinatória. Acredita-se que os sete arcanjos, em particular, desempenhavam um papel importante na ordem universal por meio de sua associação com os planetas e as constelações. (TRACHTENBERG, 2004).

Raro era um astrólogo renascentista que não dominava a magia, e o pensamento mágico presente na cosmovisão de Manuel Rodrigues influenciou tanto o pensamento cristão, quanto o pensamento judaico.

A maior parte dos astrólogos renascentistas tinham conhecimentos básicos de Cabala, ainda que não encontremos diretamente esses nomes nos processos inquisitoriais, já que devido ao alto nível de heresia os seus praticantes procuravam dissimular o máximo possível o conhecimento e o uso dessa prática. Já os astrólogos mais imponentes, dominavam a chave cabalística da astrologia, ou liam a árvore sefirótica através da astrologia, incorporando assim esta prática a outros métodos de pensamento.

Muitos cristãos-novos levaram consigo o conhecimento da mística hebraica. A cabala prática que é mais se aproxima do conceito renascentista de magia e de astrologia desempenhou um papel fundamental no pensamento renascentista. Com as diásporas serfarditas o pensamento judaico se consolidou na Itália e estabeleceu diálogos contínuos e frequentes com importantes pensadores cristãos. Como os cristãos-novos eram proibidos de ler e manter livros de autores judaicos, então eles recorriam a autores cristãos que em suas obras difundiam conhecimentos da Cabala, como por exemplo, Pico della Mirandola, Cornélio Agrippa e Johannes Reuchlin.

Manuel Rodrigues tinha um livro intitulado apenas como “Hermes” que seria um pseudoepígrafo e que exerceu influência no seu pensamento. A obra certamente tratava de temas de magia e de astrologia. O suposto autor, Hermes Trismegisto (Hermes, o três vezes grande), foi uma figura mítica e lendário de tempos muito antigos, um alquimista e um mago, reverenciado como mestre do conhecimento e tradicionalmente considerado o autor do *Corpus Hermeticum* e da *Tábua de Esmeralda*. Presente nas culturas clássicas da antiguidade Hermes também esteve presente na civilização islâmico e exerceu influência no pensamento renascentista.

Inspirada em Hermes Trismegisto, desenvolveu-se uma extensa literatura em grego, consagrada à astrologia, às ciências ocultas, às virtudes secretas das plantas e das pedras e à magia simpática, baseada no conhecimento de tais virtudes e interessada também na fabricação de talismã para atrair o poder das estrelas, em tratados de alquimia, etc. Além destes tratados ou receituários para a prática da magia astral, inspirados em Hermes,

desenvolveu-se também uma literatura filosófica associada a esse mesmo reverenciado nome. Em suma, Hermes Trismegisto é realmente um nome de grande influência em toda essa literatura concernente às simpatias ocultas e aos talismãs. (YATES, 1963, p. 14;60;61).

Assim, os escritos vinculados a Hermes eram importantes para os trabalhos dos astrólogos, já que seus escritos ensinam a arte de construir talismãs (os amuletos astrológicos) e a arte de fazer magia.

E, como toda a Europa, no final do século XV, era aterrorizada com previsões de pestes, guerras, enchentes e terremotos, e a este respeito Portugal não ficava atrás dos outros países, e o século seguinte também foi inegavelmente precedido por inúmeras profecias de infortúnios. Em Portugal, por exemplo, a passagem do cometa de 1577 deixou população de Lisboa consternada e Manuel Rodrigues, que examinava a passagem de cometas, não era alheio a esse imaginário.

Numa época tão turbulenta do ponto de vista político, militar, científico e religioso como foi o século XVI não é de surpreender que interpretações astrológicas tenham desempenhado um grande papel no ambiente político público [...]. Esses prognósticos de curto prazo, que, na França também eram fornecidos por astrólogos da corte, interpretavam constelações inusitadas, como aglomerações de planetas (o chamado *stelum*), mas também – nesses casos, no entanto, posteriormente –, aparições de cometas. Calendários e efemérides de fácil compreensão formavam um gênero próprio e, como eram acompanhados de explicação e publicadas nas línguas locais, eram muito consultados por leigo (STUCKRAD, 2007, p. 248-249).

E essa sua visão se materializa muito bem no livro de *Prognóstico* que ele possuía. O pensamento escatológico do século XVI, aliado às turbulências do século deram vagas para a expansão de prognósticos que utilizavam técnicas astrológicas e se apoiavam nas teorias das grandes conjunções dos planetas Júpiter e Saturno (que muitas vezes anunciavam mudanças radicais, crises religiosas, epidemias, terremotos, guerras etc). O Livro de *Prognóstico* nos revela a forte ligação do profetismo com a astrologia na cultura quinhentista.

Johannes Lichtenberger foi um famoso astrólogo alemão (c. 1426-1503) e vários pseudônimos são atribuídos a ele. Seu *Prognosticatio* em latim (1488: Heidelberg) foi o seu trabalho mais famoso e apareceu em várias edições e traduções subsequentes.

Embora a combinação da astrologia e profecia tenha sido debatida por muitos e tentado por alguns durante séculos, o *Prognosticatio* de Johannes Lichtenberger de 1488 foi a primeira combinação bem-sucedida de ambas tradições impressas. O segredo do sucesso de Lichtenberger está na adaptação de profecia e prognóstico para a mídia impressa e, acima tudo, na criação de um novo tipo de autor profético.

O *Prognosticatio*, publicado em latim, primeiro e em tradução alemã logo em seguida, traz prognósticos astrológicos e várias autoridades proféticas para lidar com questões da política alemã e relações estrangeira, a sorte dos

líderes eclesiásticos e reforma clerical, as depredações de invasores muçulmanos, falhas na moralidade pública e privada, e o advento de um falso profeta, e também faz um número de previsões relativo aos anos de 1488 a 1567. O ímpeto para o seu aparecimento foi a conjunção de Saturno e Marte no ano de 1484, que o astrólogo Paulo de Middelburg tratou com certa extensão em seu prognóstico de vinte anos para 1484-1504. Em vez de fazer seu próprio julgamento sobre a conjunção, Lichtenberger copiou extensivamente do trabalho de Middelburg como bem como de um tratado de cometa impresso em 1474 e outras compilações proféticas. Enquanto Lichtenberger citou numerosas autoridades proféticas, ele não identificou nenhuma de suas fontes reais (GREEN, 2012, p. 39).

Uma das xilogravuras (disponível nos anexos) retiradas do *Prognóstico de Lichtenberger* foi analisada por Aby Warburg (2015) e menciona que,

O fantasma da grande conjunção entre Saturno e Júpiter, bem como a figura do ‘pequeno profeta’, pertence, pois, ao acervo, já bem anterior, dos tempos pré-Reforma. Não obstante, eles acabaram agindo com força renovada nos tempos de Lutero, por razões variadas. À época do conflito entre as autoridades e os camponeses, Saturno e Júpiter agiam, quando apareciam lado a lado, como se fossem fotografias instantâneas do período da Guerra dos Camponeses, e o texto astrológico também soa curiosamente humano, ao narrar os movimentos dos brilhantes corpos cósmicos como se fossem homens lutando (p. 147).

E para ajudá-lo a interpretar na passagem de cometas e formular presságios ele poderia utilizar a obra de *Cosmetografia* de Antonio Misaldo. Não achamos informações específicas sobre a vida e trajetória de Antonio Misaldo, mas encontramos seu nome na obra *Conjecturas*<sup>161</sup> como um dos autores que escreveu sobre cometas.

Encontramos também informações sobre Antonio Misaldo na obra de Núñez que cita um livro seu de *Cosmetografia*, comprovando que de fato existia esse livro que Manuel Rodrigues escreveu em seu rol.

Y La razon esta clara, porq los Cometas y todos los mas apparecimientos, quando son notables nascen de ciertas influencias, que em ciertos aspectos, y disposiciones delos cielos hazen los Planetas, y otras estrellas. Y por esso llaman los Astrologos a los Cometas, Y a los otros apparecimetos Partos de los tales Planetas. Puede se provar esta sentencia por lo q los mismos Astrologos notaron, y dixeron, que conforme a la naturaleza del Planeta, o estrella grãde, que en la producion del Cometa reynare, ansi tendrà la color, y figura: Como lo prueva Ptolomeo, y mucho màs largamente Haliabérage, de los quales tomaron todos los otros Astrologos, que tratan desta materia de los Cometas, los quales muestran los successos, que siempre se siguieron a los tales Cometas de guerras, de sterelidades, de enfermidades pestilenciales, y de otras calamidades, como se puede provar por muchas historias verdaderas, que refiere Antonio Misaldo em un libro, que intitula **Cosmetographia**: que quieque quiere dezir pintura, y discripcion de las

<sup>161</sup> Uma página desse livro está disponível nos anexos.

figuras de los Cometas, los cuales cõforme a la figura, y color, y allugar del cielo en que comiençan aparecer, ansi tienen la significacion. (Núñez, 1601, fõlio 70).

Esses livros foram tão protagonistas quanto o personagem e permitiu que Manuel Rodrigues exprimisse sua visão de mundo e dominasse as técnicas da astrologia. Esses temas de substâncias, os cinco elementos, humores, magia, movimentos dos astros, governo das estrelas, *orbis* foram temas de tradições antigas e medievais que chegaram até o século XVI, atingindo assim o personagem analisado.

Dentro de sua cosmovisão as áreas do conhecimento estavam interligadas a tal ponto que não havia uma distinção entre ciência e superstição, entre astronomia e astrologia, ou entre magia e medicina etc. Manuel Rodrigues era uma figura multifacetada do Renascimento Português. Tomando como base seus livros percebemos que sua visão de mundo era também Ptolomaico com referências aristotélicas.

Por esses livros observamos também que o Renascimento mostrou o caráter ambíguo da astrologia e a multiplicidade de temas em torno dela:

“Astrologia e religião, astrologia e política, astrologia e propaganda, mas também astrologia e medicina, astrologia e ciência: uma filosofia da história, uma concepção das realidades, um naturalismo fatalista, um culto astral – a astrologia era tudo isto, e mais ainda” (GARIN, 1987, p. 43).

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

No primeiro capítulo fizemos uma totalidade do objeto histórico no intuito de inserir o personagem no seu cotidiano e na sociedade em que ele vivia. Esta abordagem geral sobre o século XVI, especialmente sobre Portugal, mostra como a conjuntura político-social da época, assim como as grandes decisões eclesiásticas e reais afetaram o cotidiano do personagem.

Procuramos também mostrar que a astrologia não esteve presente apenas na sociedade portuguesa, ela também esteve presente em outros lugares da Europa: ocupando diversos espaços para além das cortes. Além de auxiliar nas práticas médicas e da navegação astronômica, ela também previa o futuro e conjecturava aspectos do cotidiano com base na posição das estrelas.

Apesar da astrologia ter sido uma arte muito admirada pelos renascentistas, ela também foi foco da jurisdição da Igreja Católica, especialmente a astrologia judiciária que devido ao seu caráter divinatório foi se tornando cada vez mais objeto de oposições e de duras críticas por parte das autoridades eclesiásticas.

Com a crescente reafirmação do poder da Inquisição Portuguesa houve uma crescente expansão da censura inquisitorial que cada vez mais procurava regradar e impedir a propagação de práticas heréticas, dentre elas a astrologia judiciária que já era perseguida desde o início do século XVI, como bem revela o processo de Aires Vaz.

Notamos também que os judeus e cristãos-novos brilharam e se destacaram, principalmente nas áreas acadêmicas e científicas. Exerceram papéis importantes no campo da medicina, da matemática, da cosmografia, da astrologia, da tradução etc. Mais do que uma doutrina, a astrologia era um saber científico partilhado pela identidade cultural sefardita e Lisboa, a capital do mundo lusíada, foi um local de relevância e de personagens que asseguravam a propagação dessa prática.

A expansão das consultas astrológicas no final do século XVI foi também consequência dos graves períodos de crise pelo qual atravessava a sociedade portuguesa. Pois como sabemos, em tempos de crises as práticas esotéricas proliferam, na medida em que as abruptas mudanças sociais dão vagas para a expansão do profetismo, cujo objetivo não é só desvendar o futuro coletivo e individual, mas também uma forma de lidar melhor com as situações de crises e incertezas.

Apesar de a astrologia judiciária não constar no regimento inquisitorial de 1570 como uma arte proibida ela já era considerada uma prática herética e ilícita pela Inquisição

Portuguesa por violar a nona regra do catálogo tridentino e por afetar princípios importantes da ideologia cristã (como o livre arbítrio).

Antes mesmo do papa Sisto V decretar a bula *Coeli et terrae Creator* a astrologia já era censurada pela Inquisição Portuguesa e constava como proibida em diversos manuais de inquisidores.

É claro que os delitos das práticas judaicas eram os casos mais graves, contudo, aos olhos dos inquisidores qualquer prática considerada herética era relevante e deveria ser punida e castigada, principalmente se essa prática fosse executada por um cristão-novo.

Os embates travados entre Manuel Rodrigues e os inquisidores mostram que apesar dos processos inquisitoriais serem fontes mediadas e afetadas pelas relações de poder nós conseguimos captar as crenças heterodoxas dos acusados e revelar aspectos importantes do cotidiano de uma determinada sociedade. Eles também revelam um patrimônio cultural clandestino com um corpo de crenças mágicas e populares contrários ao que pregava a ortodoxia cristã.

Percebemos também que a Inquisição Portuguesa implementou um constante ataque a liberdade de expressão nos lugares que estavam sob sua jurisdição, e apesar da intensa censura Portugal não deixou de se abastecer de obras que vinham do exterior.

Observamos também que além da perseguição das obras que tratavam da astrologia judiciária, a censura inquisitorial também perseguia os livros científicos. Havia uma aversão e suspeita em relação aos homens de ciências, no qual, muitos eram tidos como heréticos pelos eclesiásticos da Inquisição Portuguesa.

Se por um lado a astrologia era considerada ciência por muitos intelectuais da época, aos olhos dos eclesiásticos da Inquisição Portuguesa ela representava a magia, a feitiçaria e a bruxaria cultuada por homens eruditos e letrados.

A pesquisa também mostra os perigos que os astrólogos judiciários estavam sujeitos por atuarem por conta própria em suas residências. Como eles não tinham uma proteção especial acabava ficando mais vulnerável às perseguições e pressões do regime inquisitorial da época. Os astrólogos do século XVI que fizeram sucesso (Luca Gaurico, Nostradamus, John Dee, Abraão Zacuto) e carreira nas cortes, por exemplo, tiveram que contar com a proteção e com o apoio especial de algum príncipe ou monarca para que pudessem exercer o seu ofício de maneira mais segura.

Sobre as tábuas da rainha Dona Isabel, ainda não tivemos informações, mas nos indica que foi importante tratado astronômico perdido com o tempo. A existência dessas tábuas nos parece importante na compreensão e importância que as mulheres tiveram na propagação e no

financiamento da astrologia no século XVI. Catarina de Médici, por exemplo, financiou trabalhos de importantes astrólogos: como Luca Gaurico e Nostradamus. A suposição aqui lançada também é que essas tábuas foram patrocinadas pela rainha Dona Isabel de Portugal, a filha de Dom Manuel I, que se tornou rainha consorte do imperador Carlos V, e que pertencia a dinastia de Avis. Aquelas que não tinham acesso à educação, não sabiam latim, ou que não foram instruídas nas letras, não deixaram de recorrer ao trabalho dos astrólogos. Como importantes clientes, elas se apropriavam dos serviços desses homens e exerceram papéis essenciais no sustento e na manutenção da autoridade dessas figuras.

Manuel Rodrigues sentiu muito bem o peso dessa intolerância religiosa até o momento final de sua sentença, sem abrir mão dos seus princípios astrológicos. Nesse momento histórico de intensas repressões e intolerâncias, qualquer prática desviante o tornava um inimigo da fé católica.

Os livros de Manuel Rodrigues refletem uma ciência sofisticada, difícil de ser acessada, no qual, a concepção geocêntrica do universo e os cálculos e as tabelas desenvolvidos em torno dessa concepção se mostraram complexos. Os seus livros, o contato com os médicos mostram que Manuel Rodrigues foi influenciado por uma rede de intelectuais que operavam em Lisboa e que foram essenciais também para a formação da sua cosmovisão.

O astrólogo do século XVI tinha que saber latim, matemática e astronomia para que pudesse utilizar e interpretar as tabelas astronômicas e para que pudesse prever os acontecimentos terrenos.

Na História, o conhecimento é um processo cumulativo e a Idade Média teve uma influência cultural muito importante na produção científica do século XVI, especialmente na Península Ibérica. Apesar de muitas obras não serem fiéis aos escritos originais, já que as traduções e os comentários muitas vezes alteravam os sentidos originais, elas refletem a importância da continuidade das tradições antigas e o contato e o convívio com outras culturas e civilizações.

Através dos impressos de Manuel Rodrigues notamos que a imprensa foi um importante veículo na propagação dos conhecimentos científicos e auxiliava aqueles que desejassem aprender ciências. As obras científicas sempre dedicavam capítulos para temas astrológicos, visto que a astrologia era tida por muitos intelectuais como um conhecimento científico.

Ainda que uma minoria tivesse acesso a produção científica de uma determinada época é sempre necessário analisar e repensar essa produção científica, assim como a circulação dessas ideias, tanto a nível abstrato quanto a nível material.

As 27 obras do astrólogo Manuel Rodrigues que ele disse que comprava nas tendas nos mostra que havia uma circulação de obras intelectuais em Portugal. Se os tratantes vendiam esses livros, conforme apontou Manuel Rodrigues, é porque havia um público interessado em aprender ciências.

O livro, como cultura material, resistiu ao tempo e diversos exemplares chegaram até nós nos provando a circulação dessas obras e ideias.

Esses livros citados por Manuel Rodrigues também são citadas em outros processos inquisitoriais e não só circulavam nos reinos ibéricos como também fora desses reinos.

Notamos também que o sentido e o significado que as pessoas atribuíam a astrologia no Renascimento era muito diversificada e não havia um ponto em comum.

Não havia um consenso a respeito da astrologia no século XVI. As pessoas atribuíam inúmeros sentidos. Para alguns era magia e bruxaria, para outros era ciência e erudição; para os mais céticos era credence e vã superstição; para outros era um conhecimento sério; para alguns era charlatanismo; para os iletrados era mais um meio de adivinhação; para os cientistas era uma ciência lícita; para os inquisidores era uma prática ilícita etc.

Atualmente as pessoas seguem mais a astrologia psicológica com ênfase nos símbolos da psicologia de Jung e na interpretação dos horóscopos natais individuais. Nessa modalidade de astrologia são levados em consideração o inconsciente e as compreensões dos processos psíquicos internos, em vez de focar em previsões concretas de acontecimentos futuros ou de questões horárias. No entanto, a astrologia horária nunca deixou de estar presente na cultura ocidental, ela resistiu às mudanças do tempo. E a busca por técnicas astrológicas mais antigas tem ampliado o interesse por essa antiga e tradicional modalidade de astrologia, expressando assim uma continuidade de pensamento. Contudo, o mapa horário em formato de quadrado deixou de ter aplicabilidade, já que os astrólogos da atualidade operam com o mapa astrológico em formato de círculos com 12 divisões.

## REFERÊNCIAS

### Fontes Primárias

Arquivo Nacional da Torre do Tombo. Inquisição de Lisboa, processo PT/TT/TSO-IL/028/07544 (Manuel Rodrigues) 1583-10-01 /1584-06-25. Disponível no endereço do website do Arquivo Nacional da Torre do Tombo: Disponível em <<https://digitarq.arquivos.pt/details?id=2307624>> Acesso em 30 de novembro de 2021.

BIBLIOTECA NACIONAL DE PORTUGAL. BNDIGITAL: Catalogo dos livros que se prohibem neftes regnos & senhorios de Portugal/Com outras cousas necessarias â materia da prohibição dos liuros, 1581. Disponível em <<https://purl.pt/23332/1/index.html#/8/html>>. Acesso em 30 de novembro de 2021.

EYMERICH (Nicolas). Le Manuel des Inquisiteurs à l'usage des Inquisitions d'Espagne et de Portugal ou Abrégé de l'Ouvrage intitulé: Directorium Inquisitorum, composé vers 1358 par Nicolas Eymeric, Grand Inquisiteur dans le Royaume d'Aragon. On y a joint une courte Histoire de l'établissement de l'Inquisition dans le Royaume de Portugal tirée du latin de Louis à Paramo. Lisbonne, 1762. p. 315.

OLIVEIRA, Cristóvão Rodrigues de. Sumario e[m] que breuemente se contem algumas cousas assi ecclesiasticas como seculares que ha na cidade de Lisboa. Em Lisboa: em casa de Germão Galharde: acharssea em casa de Gil Marinho, liureiro do infante dom Luis no terreiro do Paço, 1554. Disponível em <<https://purl.pt/14435>>. Acesso em 26 de novembro de 2021.

Regimento do Conselho Geral do Santo Ofício da Inquisição destes reinos e senhorios de Portugal. Arquivo Nacional da Torre do Tombo. Inquisição de Lisboa, código de referência PT/TT/TSO-CG/034/0480. Disponível em <<https://digitarq.arquivos.pt/viewer?id=2318865>>. Acesso em 9 de abril de 2021.

SILVA, José Justino. Collecção Chronologica da Legislação Portugueza Compilada e Annotada. Lisboa: Imprensa de F.X. de Souza, 1855.

### Fontes Bibliográficas

ALBUQUERQUE, Luís de (dir.). **Dicionário de História dos Descobrimentos Portugueses**. Vol. I, Círculo de Leitores, 1994, p. 95.

\_\_\_\_\_. **Estudos de História**. Coimbra: Imprensa da Universidade, 1975. Vol. III.

ALMEIDA, Nilton Melo. **Cristãos-novos e seus descendentes no Ceará Grande: a inquisição nos sertões de fora**. Tese apresentada ao Curso de História da Faculdade de Ciências Sociais e Humanas da Universidade Nova de Lisboa.

ALMEIDA, Simone Ferreira Gomes de. **Influxos do céu na existência dos homens. Os escritos astrológicos na Península Ibérica (Séculos XIII, XIV e XV)**. 2015. 192 f. Tese (Doutorado em História). Universidade Estadual Paulista. Faculdade de Ciências Humanas e Sociais.

ALY ABEN RAGEL. **El Libro conplido en los iudizios de las estrellas**. Traducción hecha en la Corte de Alfonso el Sabio[1254-ca.1260, trad. Yehudá ben Mosé], introd. y ed. de G. Hilty, Madrid, Real Academia Española.

ARANDA, Mariano Gómez. **Sefarad científica: la visión judía de la ciencia en la edad media: Ibn Ezra, Maimónides, Zacuto**. Tres Cantos: Nivola, 2003.

ARISTÓTELES (384-322 a.C.). **Do céu** / Aristóteles; tradução, textos adicionais e notas Edson Bini – São Paulo : Edipro, 2014.

ATTALI, Jacques. **Os judeus, o dinheiro e o mundo**. 6. ed. Trad. de Joana Angélica D'Avila Melo. São Paulo: Editora Futura, 2003.

ÁVALOS, Ana. **Cosmografía y astrología en Manila: una red intelectual en el mundo ibérico**. Mem.soc / Bogotá (Colombia), 13 (27): 27-40 / julio-diciembre 2009.

AVALOS, Ana. As Above, So Below. **Astrology and Inquisition in Seventeenth- Century New Spain**. Florença: Tese de Doutorado apresentada ao Departamento de História e Civilização Europeia do Instituto Universitário Europeu, 2007.

AYALA, Jorge M. **El macstro darocense Pedro Sánchez Ciruelo, Aragón em a Edad Media**. Estudios de Economía y Sociedad, 10-11, 1993: 85-99.

AZEVEDO, J. Lúcio de. **História dos cristãos novos portugueses**. Lisboa: Livraria clássica editora de A.M. Teixeira, 1921.

BÁEZ, Fernando. **História universal da destruição de livros**. Tradução Léo Schlafman. Rio de Janeiro: Ediouro, 2004.

BAIGENT, Michael; LEIGH, Richard. **A Inquisição**. Rio de Janeiro: Imago, 2001.

BARATA, Maria do R. T. Portugal e a Europa na época moderna, p.105-127. In: **História de Portugal** org. José Tengarinha. Edusc, 2000.

BARBOSA NETO, Geraldo. **Os astros e o mar: o verdadeiro lugar da astrologia renascentista na História da Ciência Náutica Portuguesa**. Anais do XXVI Simpósio Nacional de História – ANPUH, São Paulo, julho 2011.

BARROS, José D'Assunção. **História política, discurso e imaginário: aspectos de uma interface**. Sæculum - REVISTA DE HISTÓRIA [12]; João Pessoa, jan./ jun. 2005.

BAUDRY, Hervé. **Livro médico e censura na primeira modernidade em Portugal**. Editora: CHAM, FCSH/NOVA-UAc, 2017.

BELLINI, Lígia. **Notas sobre cultura, política e sociedade no mundo português do século XVI**. 1997.

BETHENCOURT, F. **Astrologia e sociedade no século XVI: uma primeira abordagem**. In: Revista de História Económica e Social, 8 (1981), p. 43-76.

\_\_\_\_\_. **História das inquisições: Portugal, Espanha e Itália (séculos XV-XIX)**. São Paulo: Companhia das Letras, 2000.

BETHENCOURT, Francisco; RAMADA, Diogo. **A Expansão Marítima Portuguesa, 1400-1800**. Tradução de Miguel Mata. Lisboa, Edições 70, 2010.

BEZERRA, Fernanda Cavalcanti Matos. **O papel histórico das mercadoras cristãs-novas na Ilha da Madeira: o caso de Justa Pereira**. 2019.114f. Dissertação (mestrado em História) – Universidade Federal de Sergipe.

BIGNOTTO, Nilton. Intolerância religiosa e a morte de um intelectual. In: NOVAES, Adauto (Org.). **O silêncio dos intelectuais**. São Paulo: Cia das Letras, 2006.

BISPO, Ísis Carolina Garcia. **O mistério de Francisco Peñaranda: a magnífica história de um criptojudeu e seu tesouro oculto na Espanha do século XVI**. 2016. 144f. Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Ciências da Religião da Universidade Federal de Sergipe.

BOTELHO DA COSTA, Adalgisa. **O Reportório dos Tempos de André de Avelar e a Astrologia em Portugal no século XVI**. São Paulo: PUC-SP, 2001. Apresentada como dissertação de mestrado em história da Ciência.

BOURDIEU, Pierre. **O poder simbólico**. Lisboa: DIFEL, 1989.

BRAUDEL, Fernand. **O Mediterrâneo e o Mundo Mediterrânico na época de Filipe II**. 2ª edição. Editora: Publicações Dom Quixote, abril de 1995.

BRIGGS, Asa; BURKE. **Uma história social da mídia: de Gutenberg à internet**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2006.

BURCKHARDT, Jacob (1818-1897). **A Cultura do Renascimento na Itália**; tradução de Vera Lucia de Oliveira Sarmiento e Fernando Azevedo Corrêa. Brasília: Editora Universidade de Brasília, 1991.

BURKE, Peter (org.): **A Escrita da História**. São Paulo: Editora UNESP, 1992.

\_\_\_\_\_. **O que é História Cultural?** Rio de Janeiro: Jorge Zahar. Ed., 2005.

\_\_\_\_\_. **Cultura Popular na Idade Moderna**; 2.ed. São Paulo: Companhia das letras, 1989.

CABALLERO NAVAS, Carmen. **El saber y la práctica de la magia en el judaísmo hispano medieval**. Clío & Crímen, nº 8 (2011), pp.73-104.

CALAINHO, Daniela Bueno. **Agentes da Fé: Familiares da Inquisição Portuguesa no Brasil Colonial**. Bauru: EDUSC, 2006. v. 1. 208 p. Rio de Janeiro.

CAPELO, Rui Grilo. **Profetismo e Esoterismo: A Arte do Prognóstico em Portugal (Séculos XVII-XVIII)**. Coimbra: Minerva, 1994.

CAREY, Hilary M. **Astrology in the Middle Ages**. History Compass, 2010.

\_\_\_\_\_. **Courting Disaster: Astrology at the English Court and University in the Later Middle Ages**. New York: St. Martin's Press. 1992.

CASTRO, João Baptista de (1763). **Mappa de Portugal antigo e moderno**. Tomo III.

CAVALLO, G.; CHARTIER, R. (Orgs.). **História da leitura no mundo ocidental**. São Paulo: Ática, 1998.

CHABAS, J.; GOLDSTEIN, B. **Astronomy in the Iberian Peninsula: Abraham Zacut and the Transition from Manuscript to Print.** *Transactions of the American Philosophical Society, New Ser.*, Vol. 90, No. 2 (2000).

CHARTIER, Roger. **A aventura do livro. Do leitor ao navegador. Conversações com Jean Lebrun.** 1ª reimpressão. Tradução Reginaldo Carmello Corrêa de Moraes. São Paulo: Imprensa Oficial do Estado de São Paulo/Editora UNESP, 2002.

\_\_\_\_\_. **A história ou a leitura do tempo.** Tradução de Cristina Antunes. Belo Horizonte: Autêntica, 2009

\_\_\_\_\_. **El presente del pasado. Escritura de la historia y historia de lo escrito.** Ciudad del Mexico: Universidad Ibero Americana, 2005.

CIRUELO, Pedro. **Reprovación de las supersticiones y hechizerías (1538).** Madrid: MAXTOR, 2005.

COUTO, Sérgio Pereira. **Os Arquivos Secretos do Vaticano.** 2. ed. Belo Horizonte: Gutenberg, 2013.

DAVIS, Natalie Zemon. **O retorno de Martín Guerre.** Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1987.

DRURY, Nevill. **Dicionário de Magia E Esoterismo.** São Paulo: Pensamento, 2004. p. 33.

DELUMEAU, J. **História do medo no ocidente: 1300-1800, uma cidade sitiada.** Tradução Maria Lúcia Machado; tradução de notas Heloísa Jahn. São Paulo: Companhia das Letras, 2009.

\_\_\_\_\_. **A Civilização do Renascimento.** Lisboa: Estampa, 1983.

DIAS, Paulo; FERREIRA, Diogo; **História de Portugal.** Editoras: Maria João Mergulhão / Maria da Graça Dima. 1.ª Edição: agosto de 2016.

ELIOR, Rachel. **A expressão da liberdade humana no misticismo judaico.** WebMosaica revista do instituto cultural judaico marcchagall v.6 n.2 (jul-dez) 2014.

FALCON, Francisco. História e Poder. In: CARDOSO, Ciro Flamarion; VAINFAS, Ronaldo. (Orgs.). **Domínios da História: Ensaios de Teoria e Metodologia.** Rio de Janeiro: Elsevier, 2011. p. 55-82.

FEBVRE, Lucien. **O problema da incredulidade no século XVI: a religião de Rabelais.** Tradução de Maria Lúcia Machado; tradução dos trechos em latim de José Eduardo dos Santos Lohner. São Paulo: Companhia das Letras, 2009.

FORDE, Gustavo; PINTO, Luiz. **Usos da micro-história na historiografia dos momentos sociais na/da educação brasileira.** Revista Ágora, Vitória, n. 18, 2013, p. 95-112.

FOUCAULT, Michel. **A ordem do Discurso.** Aula Inaugural no Collège de France, pronunciado em 2 de dezembro de 1970. 24.ed. São Paulo: Edições Loyola, 2014.

\_\_\_\_\_. **Vigiar e punir: nascimento da prisão;** tradução de Raquel Ramallete. Petrópolis, Vozes, 1987. 288 p.

FRANCO, J. E.; TAVARES, C. **Cristãos-novos, Jesuítas e Inquisição: uma relação controversa em Portugal (séculos XVI e XVII)**. *Navegações*, v. 9, n. 1, p. 48-58, 29 ago. 2016.

GARIN, E. et al. **O homem renascentista**. Tradução de Maria Jorge Vilar de Figueiredo. Lisboa: Editorial Presença, 1991.

GARIN, E. **O zodíaco da vida: a polémica sobre a astrologia do século XIV ao século XVII**. Lisboa: Editorial Estampa, 1987.

\_\_\_\_\_. **La revolución cultural del Renacimiento**. 2ª edición. Barcelona: Crítica, 1984. traducción de Domènec Bergadà.

GINZBURG, Carlo. **O queijo e os vermes. O cotidiano e as ideias de um moleiro perseguido pela Inquisição**. Trad. Maria Betânia Amoroso e José Paulo Paes. São Paulo: Companhia das Letras, 2006. p. 38.

GODINHO, Carlos. **A esfera armilar de D. Manuel I: visão celestial e providência astral**. Dissertação de Mestrado em História e Filosofia das Ciências. Lisboa: Faculdade de Ciências, Universidade de Lisboa, 2016.

GÓIS, D. (2010). **Crónica do Felicíssimo Rei D. Manuel**. Edição de MACHADO, J. Ebook. Lisboa: Edições Vercial.

GOMES, Leandro Freitas. **Caracterização material da Muralha Fernandina de Lisboa**, 2019.

GRAFTON, Anthony. **Cardano's Cosmos: The worlds and works of a Renaissance Astrologer**. Massachusetts: Harvard University Press, 1999.

GREEN, Jonathan. **Printing and prophecy: prognostication and media change, 1450–1550**. University of Michigan Press, 2012.

GREE, Toby. **Inquisição: o reinado do medo**. Tradução Cristina Cavalcante. Rio de Janeiro: Objetiva, 2011.

GUIDO BONATTI. **Liber Astronomiae (Part I)**. Editado por Robert Hand e traduzido por Robert Zoller. Golden Hind Press: Berkeley Springs, 1994.

HENNINGSEN, G. **La evangelización negra: difusión de la magia europea por la América colonial**. en *Revista de la Inquisición* 3, 9-27, Madrid, 1994, pp. 9-27.

HERCULANO, Alexandre. **História da Origem e Estabelecimento da Inquisição em Portugal**. Edições Vercial, v. II., 2012.

HERMANN, Jaqueline. **No reino do desejado: a construção do sebastianismo em Portugal (séculos XV e XVII)**. São Paulo: Companhia das Letras, 1998.

HERNÁNDEZ LÓPEZ, José Leonardo. **Redes sociales en torno a la demanda, el comercio y la circulación de libros en la Nueva España (1630-1655). Legislación, censura y transgresión, tesis de maestría en historia, México**. Universidad Nacional Autónoma de México, 2015.

HERRERO INGELMO, José Luis. **Reprovação de las supersticiones y hechizerías (1538)**. Salamanca, Diputación de Salamanca, 2003.

HOCKEY, Thomas A.; Virginia Trimble; Thomas R. Williams; Katherine Bracher, eds. (2007). **Biographical Encyclopedia of Astronomers**. New York: Springer.

KRAMER, Heinrich, 1430-1505; SPRENGER, James, 1436-1495. **O martelo das feiticeiras**. Introdução histórica: Rose Marie Muraro, Prefácio: Carlos Byington, Tradução: Paulo Fróes. 17 ed. Rio de Janeiro: Record - Rosa dos Tempos, 2004. 535 p.

IDEL, Moshe et al. **Cabala, cabalismo e cabalistas**. Tradução de J. Guinsburg, Fany Kon, Nancy Rozencham, Eliana Lamger e Margarida Goldszajn. São Paulo: Perspectiva; CIEUCJ da Universidade Hebraica de Jerusalém, 2015. (Coleção de Estudos Judaicos).

LEITÃO, Henrique; AZEVEDO MARTINS, Lígia de. **O livro científico dos séculos XV e XVI: ciências físico-matemáticas na Biblioteca Nacional**. Lisboa, 2004.

LILLY, William (1602-1681). **Astrologia Cristã**. 1ª ed. Parede: Biblioteca Sadalsuud, 2004.

\_\_\_\_\_. **Astrología Horaria**, Siglo XVII, versión Zadkiel de 1852, Ediciones Obelisco, Barcelona, 1989.

LIPINER, Elias. **Gaspar da Gama: um converso na frota de Cabral**. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1987.

\_\_\_\_\_. **Terror e Linguagem: Um Dicionário da Santa Inquisição**. Lisboa: Círculo de Leitores, 1999.

LONG, Sylvia de. **A Arte Da Astrologia Horária Na Prática**. Trad. de Carmen Youssef. São Paulo: Pensamento, 1980.

MACHADO, Cristina de Amorim. **O papel da tradução na transmissão da ciência: o caso do Tetrabiblos de Ptolomeu**. Rio de Janeiro: Mauad X, 2012.

MACÍAS, Cristóbal. **Algunas consideraciones sobre la astrología en el Reino de Aragón**. eHumanista/IVITRA 10 (2016): 456-492.

MAIA, Glauciane da Costa. **Feiticeiros Negros no Grão-Pará (1755-1772)**. 2014. 144f. Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em História da Universidade Federal do Amazonas.

MARCOCCI, Giuseppe - **Inquisição, jesuítas e cristãos-novos em Portugal no século XVI**. Revista de História das Ideias. Vol. 25 (2004) .

MARCOCCI, Giuseppe; PAIVA, José Pedro. **História da Inquisição Portuguesa 1536-1821**. Lisboa: Esfera dos Livros, 2013.

MARTINS, Oliveira. **História de Portugal**. Editora: Edições Vercial, março 2010.

MAUSS, Marcel. **Esboço de uma Teoria Geral da Magia**. IN: **Sociologia e Antropologia**. São Paulo, Cosac & Naif, 2003, 47-178.

MELO, Jaqueline Souza Gomes de. **Participantes e usuários de magia na primeira visitaçao do Santo Ofício à Bahia(1591-1593): apreciações sobre relações sociais**.

Dissertação(Mestrado). Universidade do Estado da Bahia. Departamento de Ciências Humanas – Campus V. Programa de Pós Graduação em História Regional e Local, 2012.

MICELI, Paulo. **História moderna**. São Paulo: Contexto, 2016.

\_\_\_\_\_. **O ponto onde estamos: viagens e viajantes na histórias da expansão e da conquista (Portugal, século XV e XVI)**. 4 ed. Campinas, SP: editora da Unicamp, 2008.

MORA, Adelina Sarrión. **Médicos e Inquisición em el Siglo XVII**. Cuanca: Ediciones de laUniversidad de Castilla-La Mancha, 2006.

MOREIRA, António Joaquim (1837). **Antigas Portas de Lisboa, e sua Cerca**. O Panorama.

MOURÃO, Ronaldo Rogério de Freitas. **Dicionário Enciclopédico de Astronomia e Astronáutica**. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1987.

NOGUEIRA, Carlos Roberto Figueiredo. **Bruxaria e história: as práticas mágicas no ocidente cristãos**. Bauru, SP: EDUSC, 2004.

NORONHA, Gilberto Cezar de; SOUSA, Cleusa Teixeira de (orgs.). **Imaginários, Poderes e Saberes: História Medieval e Moderna em Debate**. 1.ed. Jundiaí: Paco, 2019.

NOVINSKY, A.et al. **Os judeus que construíram o Brasil: fontes inéditas para uma nova visão da história**. São Paulo: Planeta do Brasil, 2015.

NOVINSKY, Anita Waingort. **Viver nos tempos da Inquisição**. São Paulo: Perspectiva, 2018.

NOVINSKY, Anita; CARNEIRO, M. L. T (org.). **Inquisição: ensaios sobre mentalidade, heresias e arte**. Rio de Janeiro: Expressão e Cultura; São Paulo: EDUSP, 1992.

OLIVAL, Fernanda. **Judeus, Inquisição e Limpeza de sangue**. Aprender Madeira - Dicionário Enciclopédico da Madeira, Funchal, 2016.

OLIVEIRA, Aurélio de. **Nos rumos da modernidade**. Porto: Universidade do Porto. Faculdade de Letras, 1999

OMEGNA, Nelson. **Diabolização dos Judeus: Martírio e presença dos sefardins no Brasil colonial**. Rio de Janeiro/São Paulo: Record, 1969.

PAIVA, José Pedro. **Bruxaria e superstição num país sem “caça às bruxas”(1600-1774)**. 2 ed. Lisboa: Noticias Editorial, 2002.

\_\_\_\_\_. **Baluartes da fé e da disciplina: o enlace entre a Inquisição e os bispos em Portugal: 1536-1750**. Coimbra: [s.n.].

PASTORE, Gianriccardo Grassia. **Astrologia e Inquisição em Portugal nos séculos XVI e XVII**. 2014. Dissertação de Mestrado em História e Filosofia das Ciências. Universidade de Lisboa, Lisboa.

PEREIRA, Isaiás da Rosa. **Notas sobre a Inquisição em Portugal no século XVI**. Lusitania Sacra. Lisboa.

- PEREIRA, Renato Fagundes. **A ciência na historiografia do Renascimento: de Jacob Burckhardt a Alexandre Koyré**. 2013.115f. Dissertação (Mestrado) –Universidade Federal de Goiás, Faculdade de História, 2013.
- PÉREZ, Joseph. **Historia de la Brujaria en España**. Barcelona: Espasa Libros, 2010.
- PIERONI, Geraldo. **No Purgatório mas o olhar no Paraíso: o degredo inquisitorial para o Brasil-Colônia**. Revista Textos de História, Vol. 6 – n 1 e 2 – 1998.
- POLASTRON, Lucien X. **Books on fire: the destruction of libraries throughout history**. translated by Jon E. Graham. -1st U.S. ed. 2007.
- PROSPERI, Adriano. **Tribunali della coscienza: Inquisitori, confessori, missionari**. Einaudi, 1996.
- PROST, Antoine. **Doze lições sobre a história**. 2008.
- RAMINELLI, Ronald. **Lucien Febvre no caminho das mentalidades**. R. História, São Paulo, n. 122, p. 97-115, jan/jul.1990.
- RANUN, Orest. Os refúgios da Intimidade. In: ARIÈS, Philippe; CHARTIER, Roger. (Orgs). História da Vida Privada: **Da Renascença ao Século das Luzes**. São Paulo: Companhia das Letras, 1991. p. 211-265.
- RODRIGUES, Isilda (2007, maio). **Influências da astrologia e da numerologia na terapêutica de Amato Lusitano**. Congresso Internacional a Unicidade do Conhecimento. Universidade de Évora, Évora, Portugal.
- SÁ, Artur Moreira de (1983) - **Índices dos livros proibidos em Portugal no século XVI. Apresentação, estudo introdutório e reprodução fac-similada dos índices**. Lisboa:
- SACROBOSCO, Johannes de. **Tractatus de sphæra / Tratado da esfera** [1478]. Editado e traduzido por Roberto de Andrade Martins. Campinas: Universidade Estadual de Campinas, 2006.
- \_\_\_\_\_. **Tratado da Esfera (séc. XIII)** Tradução de Pedro Nunes; atualização para o português contemporâneo Carlos Ziller Camenietzk. São Paulo: Editora Unesp, 2001.
- SALIBA, Adonis. **Astrologia horária: a solução cósmica para os seus problemas do dia-a-dia**:com guia de regência de casas, exercícios e exemplos. São Paulo: Roca. 1991.
- SANTO AGOSTINHO. **A Cidade de Deus**.Tradução, prefácio, nota biográfica e transcrições de J. Dias Pereira, vol. I, Lisboa, Fundação Calouste Gulbenkian, 1996.
- SANTOS, João Marinho dos; SILVA, José Manuel Azevedo e. **A Historiografia dos Descobrimentos através da correspondência entre alguns dos seus vultos**. Coimbra, Imprensa da Universidade, 2004
- SARAIVA, Antônio José. **Inquisição e Cristãos-novos**. Editora: Inova, 1969.
- SCHEINDLIN, Raymond P. **História ilustrada do povo judeu**. Editora Ediouro, 2003.
- SCHOLEM, Gershom. **Cabala**. Rio de Janeiro: A. Koogam Editor, 1989.

SILVA, Marcos. **Cristãos-novos no nordeste: entre a assimilação e o retorno**. São Cristóvão: UFS, 2012.

SILVA, Marcos; BISPO, Ísis Carolina Garcia. **Os arcanos profundos do criptojudáismo : o papel da cabala na resistência cultural dos sefarditas à perseguição inquisitorial**. São Cristóvão: Editora UFS, 2015. 156 p.

SILVA, Silvia Cortez. **O Rol dos Livros Defesos: a Censura a serviço da Igreja e do Estado**. Revista CLIO- Série História do Nordeste n. 16 – 1996.

SIQUEIRA, Sonia Aparecida de. **A inquisição portuguesa e a sociedade colonial**. São Paulo:Ática, 1978.

SOUSA, Cleusa T. **Os Sefarditas Portugueses entre as Tradições e as Memórias: o Édito de Expulsão e a Mudança do Estatuto de Judeus a Cristãos-Novos (Séc. XV-XVI)** . In: Gilberto César de Noronha; Cleusa Teixeira de Sousa. (Org.). *Imaginários, poderes e saberes: história medieval e moderna em debate*. 1.ed. Jundiaí: Paco Editorial, 2018. E-Book.

SOUZA, Laura de Mello e. **O Diabo e a Terra de Santa Cruz: feitiçaria e religiosidade popular no Brasil Colonial**. São Paulo: Companhia das Letras, 1986.

SOUZA, Laura de Mello e. (org). **História da Vida Privada no Brasil: Cotidiano e vida privada na América Portuguesa**. São Paulo: Companhias das Letras, 1997.

SOUZA, Laura de Mello. **A Feitiçaria na Europa Moderna**. 2. ed. São Paulo: Ática, 1995.

STEINER, João E. A origem do universo. In: **Estudos Avançados**, v. 20, n. 58. USP-São Paulo, set./dez. 2006. p. 231-248. Disponível em: <http://www.revistas.usp.br/eav/issue/view/747>. Acesso em: 26/04/18.

STUCKRAD, Kocku von. **História da astrologia: da Antiguidade aos nossos dias**. Tradução Kelly Passos. São Paulo: Globo, 2007.

THOMAS, Keith. **Religion and the Decline of Magic**. London: Penguin UK, 2003.

THORNDIKE, Lynn. **History of magic and experimental science**. New York: Columbia University Press, 1923. Vol. II.

\_\_\_\_\_. **The place of magic in the Intellectual History of Europe**. New York: Columbia University Press, 1905.

TRACHTENBERG, Joshua. **Jewish Magic and Superstition: A study in folk religion**. Philadelphia, Pennsylvania: University Of Pennsylvania Press, 2004.

VAINFAS, Ronaldo. **Na casa negra do Rossio**. In. *Traição: Um jesuíta a serviço do Brasil holandês processado pela Inquisição*. São Paulo: Companhia das letras, 2008.

VALETIM, Carlos Manuel. **Mestre João de Paz e Maestre Juan Faraz: Um Reflexo de Dois Espelhos com a mesma Face**. Cadernos de Estudos Sefarditas, n.º 9, 2009, pp. 181-222.

VÉLEZ LEÓN, Paulo Disputatio. **Sobre la noción, significado e importancia de la Escuela de Toledo** (2017). *Philosophical Research Bulletin* Vol. 6 Núm. 7 Pág. 537-579.

VIEIRA, Alberto. **Será o arquipélago da Madeira no século XV a primeira etapa da globalização?** Cadernos de divulgação do CEHA. Projeto “Memória-Nona Ilha” /SRETC/DRC, N.º 07. Funchal. Outubro de 2017.

VILHENA, Luís Rodolfo. **O mundo da Astrologia (Estudo Antropológico)**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1990.

VILLALTA, Luiz Carlos. **Usos do livro no mundo luso-brasileiro sob as luzes: reformas, censura e Contestações**. 1. ed. – Belo Horizonte, Fino Traço, 2015.

WARBURG, Aby. **Histórias de fantasmas para gente grande: escritos, esboços e conferências**. São Paulo: Companhia das Letras, 2015.

WEDEL, Theodore Otto. **The Medieval Attitude Toward Astrology: Particularly in England**. New Haven: Yale University Press, 1920.

YATES, Francis. **Giordano Bruno e a tradição hermética**. Editora Cultrix, (1964).

### Fontes Eletrônicas

ANTONIO LAFUENTE Y JUAN PIMENTEL, eds., Momentos y lugares de la ciencia española, siglos XVI-XX, Madrid, 2012; 162. pp; on-line: <<http://hdl.handle.net/10261/63686>>. Acesso em 30 de novembro de 2021.

ASSIS, A. A. F. de. (2019). Excluídos pela impureza: convivência e conflitos sociais entre cristãos-novos e cristãos velhos no Nordeste açucareiro vistos a partir da documentação produzida pelas visitas do Santo Ofício da Inquisição - séculos XVI-XVII. Revista Cantareira, Recuperado de <<https://periodicos.uff.br/cantareira/article/view/27767>>. Acesso em 30 de novembro de 2021.

BARKAI, R. (1993). Perspectivas para la historia de la medicina judía española, Espacio, Tiempo y Forma, Serie III, Historia Medieval, t. 6, p. 475- 492. Disponível em: <<http://revistas.uned.es/index.php/ETFIII/article/viewFile/3568/3425>> Acesso em 10 de abril de 2021.

CANALLE, João Batista Garcia. Oficina de Astronomia. Rio de Janeiro- RJ:UERJ. Disponível em: <<http://www.telescopiosnaescola.pro.br/oficina.pdf>>. Acesso em 28 de maio de 2021.

CANTERA MONTENEGRO, E. (2002). Los judíos y las ciencias ocultas en la España medieval. En La España Medieval, 25, 47 - 83. Recuperado a partir de <<https://revistas.ucm.es/index.php/ELEM/article/view/ELEM0202110047A>>. Acesso em 30 de novembro de 2021.

CARDOZO, J. C. DA S. Reflexões sobre a abordagem macro e micro na história. Mneme - Revista de Humanidades, v. 11, n. 28, 9 jul. 2011.

Disponível em: <<https://periodicos.ufrn.br/mneme/article/view/1045>>. Acesso em 21 de fevereiro de 2022.

CARNEIRO, André. Espaços e paisagens. Antiguidade clássica e heranças contemporâneas. Vol. 3. Disponível em: <<http://hdl.handle.net/10174/4122>>. Acesso em 30 de novembro de 2021.

DOS SANTOS, D. O. A. Os Saberes Da Medicina Medieval - doi: 10.5216/hr.v18i1.29847. História Revista, [S. l.], v. 18, n. 1, 2014. DOI: 10.5216/hr.v18i1.29847. Disponível em: <<https://www.revistas.ufg.br/historia/article/view/29847>>. Acesso em: 29 nov. 2021.

FRANCO, J. E., & TAVARES, C. (2016). Cristãos-novos, Jesuítas e Inquisição: uma relação controversa em Portugal (séculos XVI e XVII). Navegações, 9(1), 48-58. <<https://doi.org/10.15448/1983-4276.2016.1.25096>>. Acesso em 30 de novembro de 2021.

HELENA AVELAR, « Vícios e virtudes na teoria e na prática astrológica medieval: exemplos portugueses da dinastia de Avis (século XV) », e-Spania [Online], 22 | octubre 2015, posto online no dia 31 outubro 2015, consultado o 13 abril 2021. Disponível em: <<http://journals.openedition.org/e-spania/24859>>. Acesso em 30 de novembro de 2021.

LOWE, KATE. Lisboa no Renascimento, a cidade global. RTP (Rádio e Televisão de Portugal) 2017. Entrevista do vídeo da autora disponível em: <<https://ensina.rtp.pt/artigo/lisboa-no-renascimento-a-cidade-global/>>. Acesso em: 13 de jul. de 2020.

MOLETI, Giuseppe. Federica Favino - Dizionario Biografico degli Italiani - Volume 75 (2011). Disponível em: <[https://www.treccani.it/enciclopedia/giuseppe-moleti\\_%28Dizionario-Biografico%29/](https://www.treccani.it/enciclopedia/giuseppe-moleti_%28Dizionario-Biografico%29/)>. Acesso em 25 de maio de 2021.

MORALEJO SANTOS, Estefanía. La organización del saber científico y técnico en el renacimiento hispano: introducción. Diccionario de la Ciencia y de la Técnica del Renacimiento. Disponível em: <[https://dicter.usal.es/?idContent=organizacion\\_areas](https://dicter.usal.es/?idContent=organizacion_areas)>. Acesso em 27 de maio de 2021.

NOVINSKY, Anita. O mito sobre a origem de sobrenomes de judeus convertidos. Jornal O Globo, 16 de junho de 2012. Disponível em: <<https://oglobo.globo.com/brasil/o-mito-sobre-origem-de-sobrenomes-de-judeus-convertidos-5227424>>. Acesso em: 12/10/2020.

NUÑEZ, Ambrosio. Tractado, repartido en cinco partes ... que declaran el mal que significa este nombre peste con todas sus causas, etc. Publicado em 1601. Original da Biblioteca Britânica. Digitalizado em 9 set. 2015. Disponível em: Google Books. <[encurtador.com.br/IHMT2](http://encurtador.com.br/IHMT2)>. Acesso em 26 de maio de 2021.

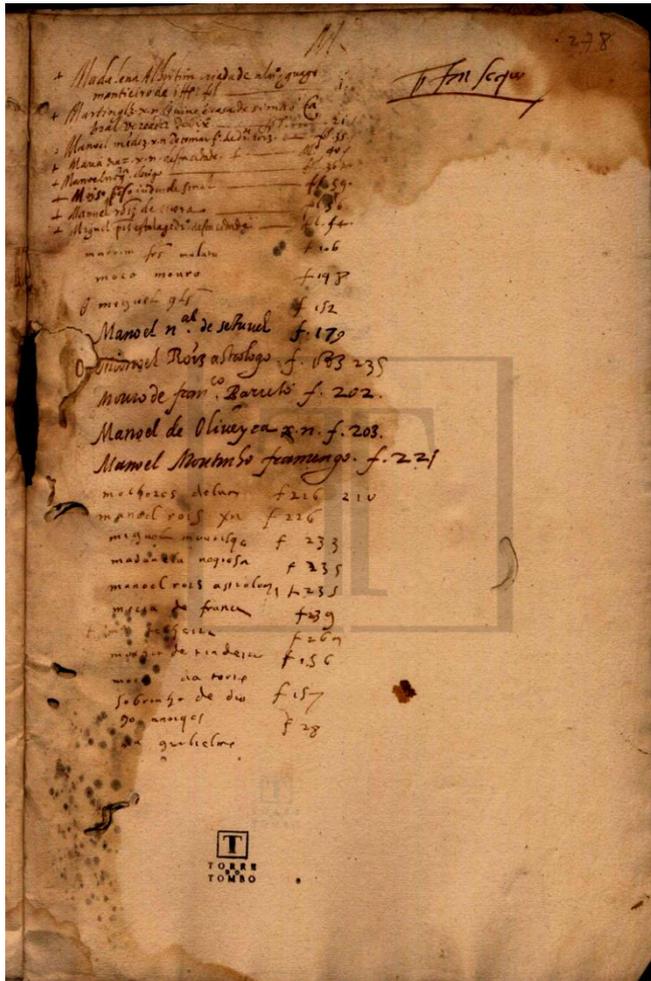
OLSAN, Lea T. Charms and Prayers in Medieval Medical Theory and Practice. Social History of Medicine, Oxford Academic, vol.16, december 2003, pp.343–366. Disponível em: <<https://doi.org/10.1093/shm/16.3.343>>. Acesso em 10 de abr. de 2021.

PIMENTEL, H. U. (2012). Denúncias inquisitoriais: universo mágico que se apresenta - doi: 10.5216/hr.v17i1.21692. História Revista, 17(1). <<https://doi.org/10.5216/hr.v17i1.21692>>. Acesso em 30 de novembro de 2021.

REZENDE, Vani Terezinha de. A noção de destino na astrologia e sua influência no pensamento ocidental: notas inspiradas em uma leitura crítica de the stars down to earth. w.adorno. Interações – cultura e comunidade, Belo Horizonte, Brasil, v.9 n.16, p. 374-395, jul./dez. 2014. Disponível em: <<http://www.redalyc.org/articulo.oa?id=313037815011>>.

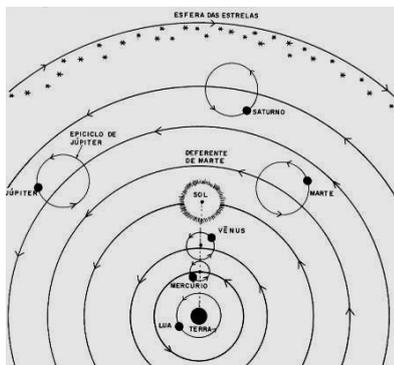
## ANEXOS

Livro das Denúncias Feitas / Visitação de Lisboa (1583-1588)



Fonte: ANTT. 038/0985 [fl. 297]

Sinopse: imagem esquemática do Sistema Ptolomaico



Fonte: UERJ - Olimpíada Brasileira de Astronomia<sup>163</sup>

Calçada e a Torre do Jogo da Péla na atualidade



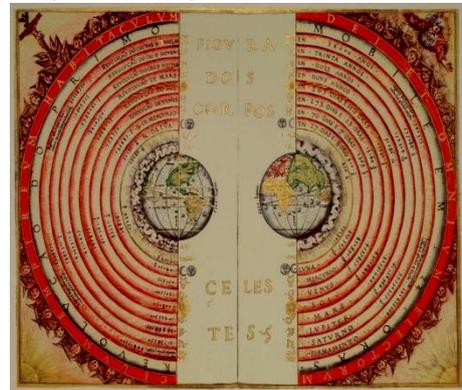
Fonte: Isabel Gageiro, 2019.<sup>162</sup>

Rua Arco da Graça, esquerda a calçada do Jogo da Péla e as ruínas da Torre do Jogo da Péla (que integrava a Muralha Fernandina, construída no século XIV).



Fonte: Google Maps

Modelo geocêntrico segundo Bartolomeu Velho, 1568



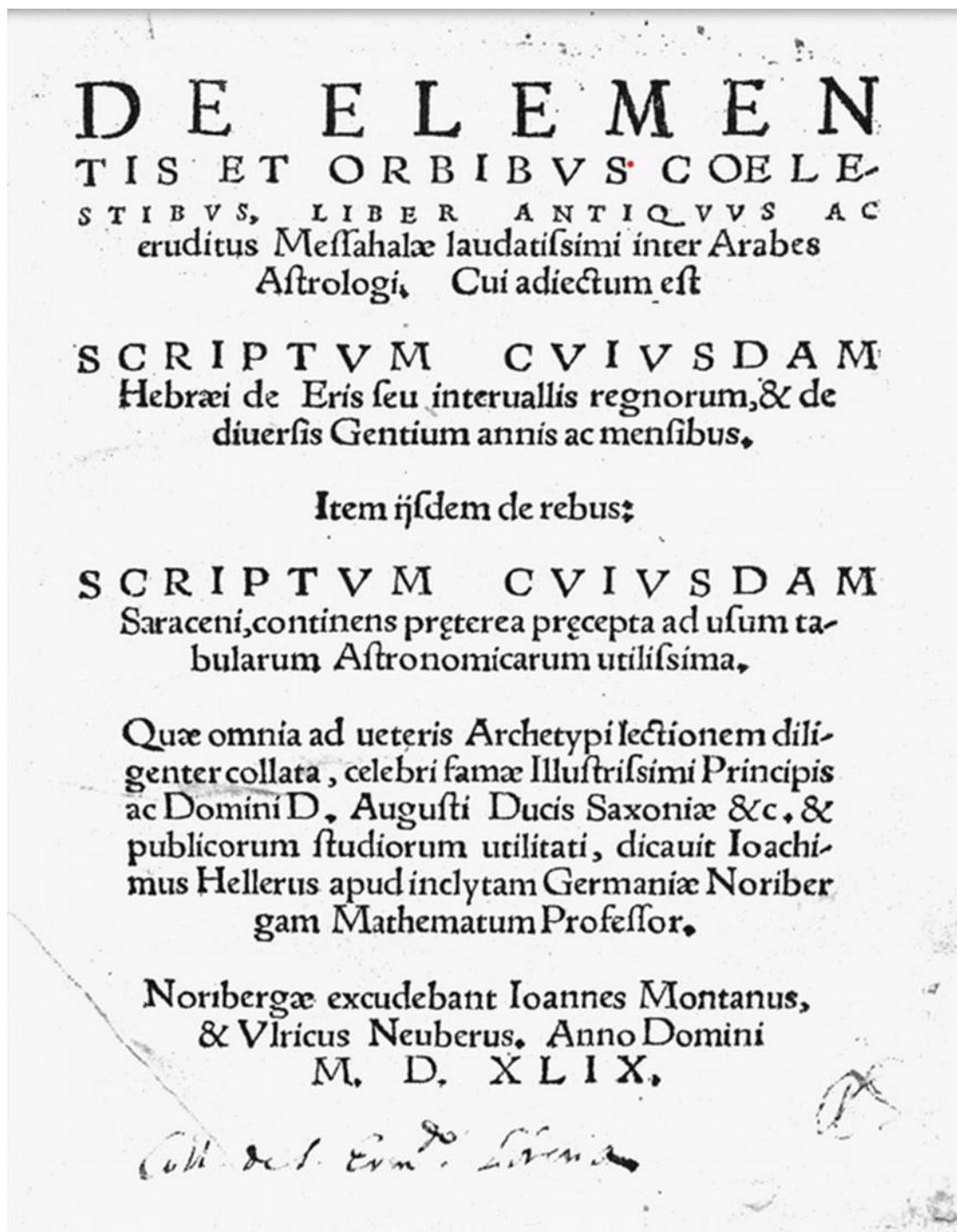
Fonte: Bibliothèque Nationale de France, Paris.<sup>164</sup>

<sup>162</sup> Página no Facebook. Disponível em <<https://bit.ly/3ABz0fv>>. Acesso em 13/10/2021.

<sup>163</sup> Disponível em <[URL http://www.oba.org.br/cursos/astronomia/fundamentoshistastro.htm](http://www.oba.org.br/cursos/astronomia/fundamentoshistastro.htm)>. Acesso em 30 de novembro de 2021.

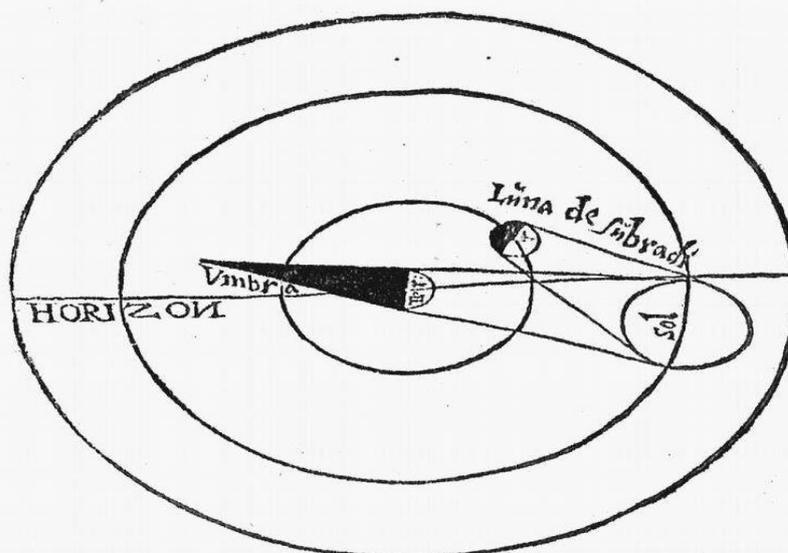
<sup>164</sup> Disponível em <[https://pt.wikipedia.org/wiki/Bartolomeu\\_Velho#/media/Ficheiro:Bartolomeu\\_Velho\\_1568.jpg](https://pt.wikipedia.org/wiki/Bartolomeu_Velho#/media/Ficheiro:Bartolomeu_Velho_1568.jpg)>. Acesso em 30 de novembro de 2021.

De elementis et orbibus coelestibus, liber antiquus ac eruditus Messahalae laudatissimi inter Arabes Astrologi. Cui adiectum est Scriptum cuiusdam Hebraei de eris seu interuallis regnorum, & de diuersis Gentium annis ac mensibus. Item ijsdem de rebus: Scriptum cuiusdam Saraceni, continens praeterea praecepta ad usum tabularum Astronomicarum utilissima. Quae omnia ad ueteris Archetypi lectionem diligenter collata, celebri famae Illustrissimi Principis ac Domini D. Augusti Ducis Saxoniae & c. & publicorum studiorum Ducis Saxoniae & dicauit Ioachimus Hellerus apud inclytam Germaniae Noribergam Mathematicum Professor.



Fonte: Biblioteca Virtual del Patrimonio Bibliográfico.<sup>165</sup>

<sup>165</sup> Disponível em: <<https://bvpb.mcu.es/ca/consulta/registro.do?id=452430>> Acesso em 19 de maio de 2021



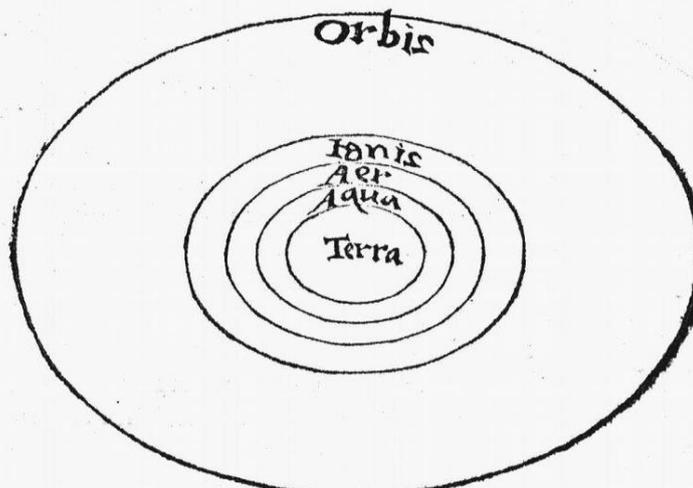
Secunda figura est, quando Luna est in orbe sub medio coeli, & mensis est dies septimus, & apparet hominibus medietas eius lucida, & medietas ipsius tenebrosa, & Sol iam occidit, secundum quod est in hac figura, & hęc sequens figura, est forma illius.

E Tertia

Fonte: IBID

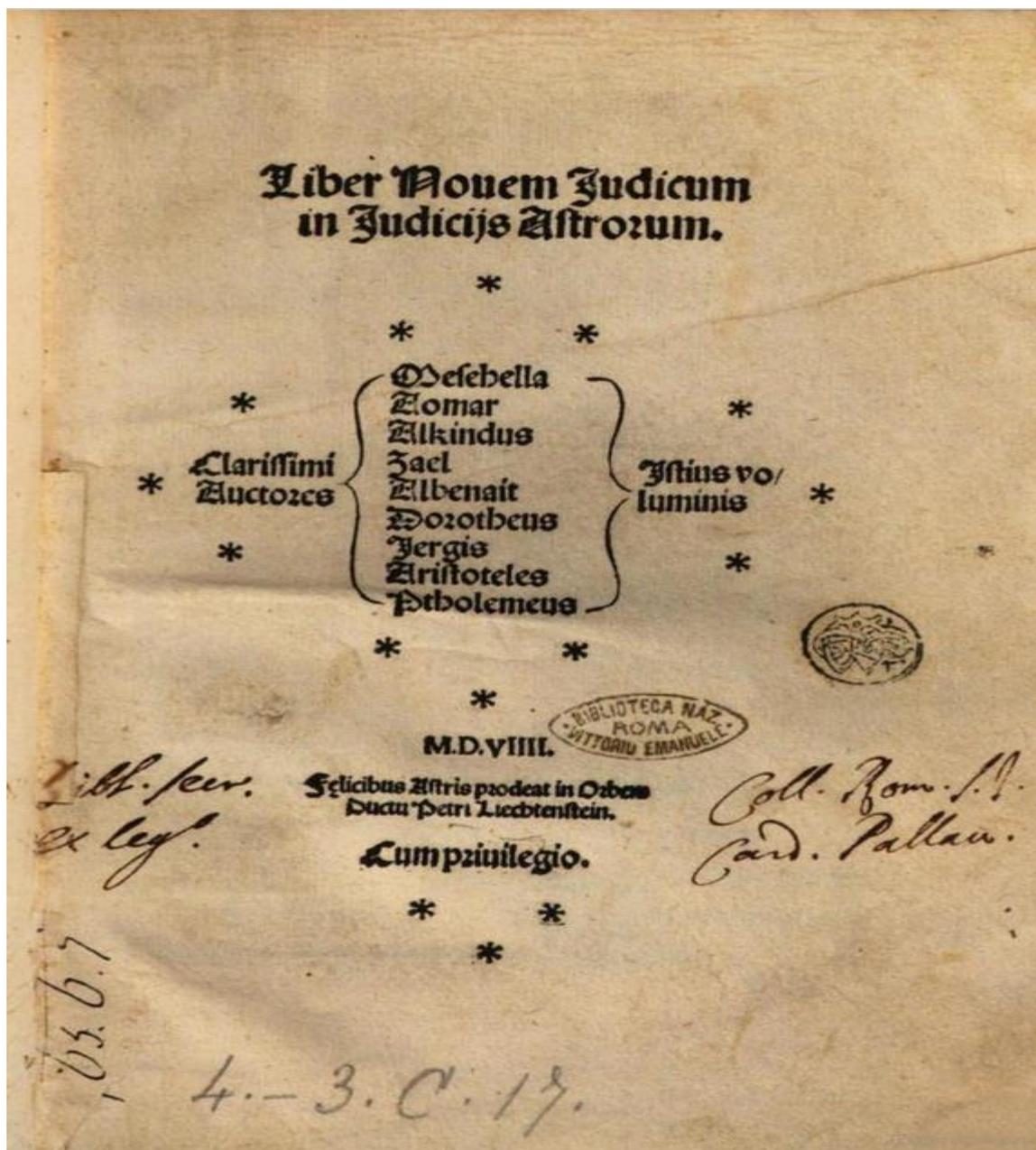
## CAPVT II.

Est sermo in elementis quatuor, quæ sunt Ignis, Aer, Aqua, Terra, & in locis eorum, & qualiter creauit ea creator eorum.



Manuel Rodrigues citou em seu rol que tinha um livro de Haomar ( Aomar). Esse autor árabe é citado em compêndios astrológicos ao lado de outros autores clássicos:

*Liber nouem iudicum in iudicijs astrorum. Clarissimi auctores Mesebella Aomar Alkindus Zael Albenait ... istius voluminis*



Por Liechtenstein, Peter, Gesuiti: Collegio Romano. Publicado por ordem ductu Petri Liechtenstein, 1509<sup>166</sup>

Localização da obra: original Biblioteca Nacional de Roma

Digitalizado em 14 de abril de 2016

Comprimento 96 páginas

<sup>166</sup> Disponível em: <[https://books.google.fi/books?id=AVwPuQT8v0cC&hl=fi&source=gbs\\_navlinks\\_s](https://books.google.fi/books?id=AVwPuQT8v0cC&hl=fi&source=gbs_navlinks_s)>. Acesso em 3 de junho de 2021.

De Interrogationibus ; De Electionibus ; De temporum significatione ad iudicia / Zabel.. De receptione planetarum ; De revolutionibus annorum mundi / Messahalab ; [trad. lat.] Johannes Hispalensis ;

**Zabel**

Inimio: quia vnusquisq; planeta habet orbem lumi-  
nis: et partes singulares: et dimidiū ipaz: partiu ē ate  
ipm plani: et aliud dimidiū post eū quo spacio dū tran-  
sierit pta alius vocatur separatus ab eo.

**¶** Scētia luminū vel orbū ptoz.

¶ Cito q; orbis luminis solis ē 30. graduū: cui<sup>9</sup> me-  
dietas est ante illū. id est. 15. gradus ante ipsū solē  
et 15. gradus retro. Cumq; fuerint inter solem  
et aliquem planetarum gradus ab vno vsq; ad 15. tūc  
pōncit lumen suū super eum et coniungitur et: et lu-  
men lune. i. z. gradus ante et. i. z. retro. et lumen vene-  
ris et mercurij vnusquisq; eorum septem gradus ante  
et septem retro but<sup>9</sup> luminis q̄ritate alter alteri iūgit  
p̄te. lūmē saturni et iouis vnusquisq; eoz. 9. gradus  
ante et 9. retro. Lūmē autē martis ē. 8. gradus ante. et 8.  
retro. Cūq; aspexerit pta aliū et suo lūe p̄cūserit gra-  
dū illius dicit cōiūgi illi: et nisi p̄cūserit cū lūe suo: d̄  
vocat ei cōiunctus: sed vadēs ad cōiunctionē donec  
incipiat iūgi et: et si fuerit pta i sine alicuius signi nemi-  
ni iunctus et p̄cūserit alterū signum lumine suo q̄s  
p̄starū fuerit dignior lumine illo: erit cōiunctus ei is pta  
q; fuerit. i. p̄mo signo nō videat eū.

**¶** Expositio recessiōis vel separatiōis ptoz.

**¶** Expositio recessiōis vel separatiōis ptoz ē vt p̄-  
tereat pta leuior: aliu ponderosior: et incipiat  
b̄e plus gradus t̄a i aspectu q̄i cōiunctione. nā  
aspectus est a signo in signū. Cōiunctio at̄ dicit a gra-  
dū in gradū: et bec scia est mesahalab. i. quem deus vo-  
luit magistrum.

**¶** De trāsfatiōe luminis.

**¶** Trāsfatiō luminis a pta in p̄tam est vt sepa-  
retur pta leuior ab alio ponderosiori et iunga-  
tur alteri: tūc quasi cōiungit eos et defert natu-  
ram p̄mi ad alterū cui iungitur. Lūis rei exēplar ē:  
vt eēt ascendēs virgo: et fiet et interrogatio de piugior:  
et esset luna in. 10. gradu signi geminorum: et mercuri-  
us i octavo gradu leonis. et Juppiter in. 13. gradu  
piscis: erat dominus ascendens qui erat significa-  
tor interrogatiōis nō aspiciēbat iouem q; ē dñs dom<sup>9</sup>  
cōiūgi: q; erat i. 8. signo ab eo. Aspexit ergo lunā quā  
f. inuenit i. 10. gradu geminor: separā a mercurio et iun-  
ctā ioui: deferebat eni iter vt tozq; lumen: et hic signifi-  
cauit effectū rei. i. acceptiōē mulieris p̄ manus lega-  
toz: et inter vt tozq; discutiētū.

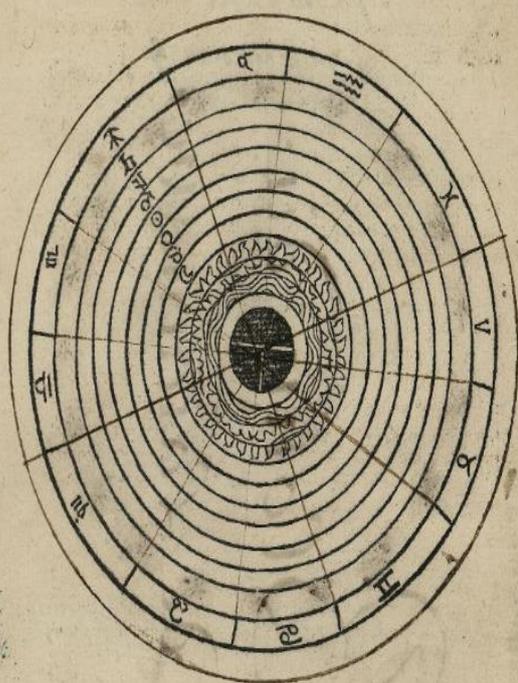
**¶** De cōiunctione luminis ptoz.

**¶** Cōiunctio luminis ē q̄ dñs ascendēs et dñs q;  
sue reiuungit p̄te ponderosiori se: q; iūgat  
eorum fortitudinē atq; lumen: et accipiat eoz  
naturas. v. grā. qdā interrogatio fuit de rege vtrū acq-  
reret regnum an nō: et erat ascendens signū libere: cui<sup>9</sup>  
dñs venus que erat significatrix interrogatiōis f. 10.  
gradu signi arietis: et luna dñs dom<sup>9</sup> regie: q; significat  
regnū in. 12. gradu signi tauri non aspicientes se: et erat  
Iuppiter i. 15. gradu signi cancri in anulo celi i domo  
f. regie et luna atq; venus iungēbantur et: coniunge-  
bat ergo Iuppiter lumen. i. radios sbaz: i loco quēste  
rei. i. in loco regni: et significat acquisitionē regni per ma-  
nus cuiusdā ducis siue epi vel p̄ manus alicuius viri  
dilecti cui ambo p̄te libenter tribuant ascensū.

[ed. Hieronymus Salius]. - Venezia : Boneto Locatello para Ottaviano Scoto, 20 Dezembro 1493. - [2], 1-152 f. : il. ; 2° (30 cm).fl. 123. <sup>167</sup>

<sup>167</sup> Disponível em: <https://purl.pt/32600/2/>. Acesso em 30 de novembro de 2021.

## Tractatus de sphaera de Johannes de Sacro Bosco



NOVIITIS ADOLESCENTIBVS. AD ASTRO  
 nomicā tempu. capeſſendā aſſidū impetrātib⁹: p breui rectoq  
 tramite a vulgari veſtigio ſemoto. Iohānis de ſacro buſto ſphe  
 ricū opuſculū Georgiū Purbachii in motus planetary accurā  
 tiſſ. theorice Necnō cōtra Cremonēſia in eorūde planetary the  
 oricas delirāmēta Iohānis de mōte regio diſputatiōes tā accur  
 ratiff. q̄ vtiliff. dicatū opus vtili ſerie cōtextū inchoat.

Ractacū de ſphera quattuor capitulis diſtinguim⁹  
 Dicturi p̄mo: qd ſit ſphera. qd eius centrū. qd axis  
 ſphere. quid ſit polus mūdi. quot ſunt ſphere. et que  
 ſit forma mūdi. In ſecūdo de circulis ex qb⁹ ſphe  
 ra materialis cōponit. et illa ſupceleftis quā p iſtam imagina  
 mur cōponi intelligit. In tertio de ortu et occaſu ſignoz et  
 diuerſitate diey et noctiū que ſit habitātibus in diuerſis locis.  
 et de diuiſione climatū. In q̄rto de circulis ⁊ motibus pla  
 netary et de cauſis eclipſum. Capitulum primum.

Sphera igit ab Euclide ſic deſcribit. Sphera eſt trāſitus  
 circūferētie dimidiū circuli que fixa diametro quouſ  
 q̄ ad locū ſuū redeat circūducit. id eſt. Sphera eſt ta  
 le rotundū et ſolidū quod deſcribitur ab arcu ſemicirculi circū  
 ducto. Sphera etiā a Theodoſio ſic deſcribitur. Sphera ē ſolida  
 quoddā vna ſupficie cōtēntū in cuius medio pūctū eſt. a quo  
 oēs linee ducte ad circūferētiā ſūt equales. Et ille pūctus dici  
 tur centrū ſphere. Linea vero recta trāſiens p centrū ſphere  
 applicās extremitates ſuas ad circūferētiā ex vtraq̄ pte dicit̄ a  
 xis ſphere. Duo quidē pūcta axem terminātia dicunt̄ poli mū  
 di. Sphera aut̄ dupliciter dimidiū ſm ſubſtātia et tm accidens.  
 Scdm ſubſtātia in ſpheras nouē ſc̄z ſphera nonā. q̄ p̄mus mot⁹  
 ſiue p̄mū mobile dicit̄. et in ſphera ſtellarū fixarū que firmamē  
 tū nūcupat. et in ſeptē ſpheras ſeptē planetary. quarū quedam  
 ſūt maiores quedā minores. ſm q̄ plus accedit vel recedunt a  
 firmamēto Vñ int̄ illas ſphera Saturni maxia ē. Sphera vō lu  
 ne minima. put in p̄cedēti figuratiōe p̄teſ. Secūdu accidēs aut̄  
 didit̄ i ſphera rectā et obliquā. Illi enī dñr habere ſpheram re  
 ctam. qui manēt ſub equinoctiali. ſi aliquis manere poſſit. Et  
 dicitur ei recta quoniam neuter polorū magis altero illis leuat̄  
 Vel quoniam illorū horizon interſecat equinoctiale et interſe  
 catur ab eodem ad angulos rectos ſpherales. Illi vero dñr h̄re

A ii.

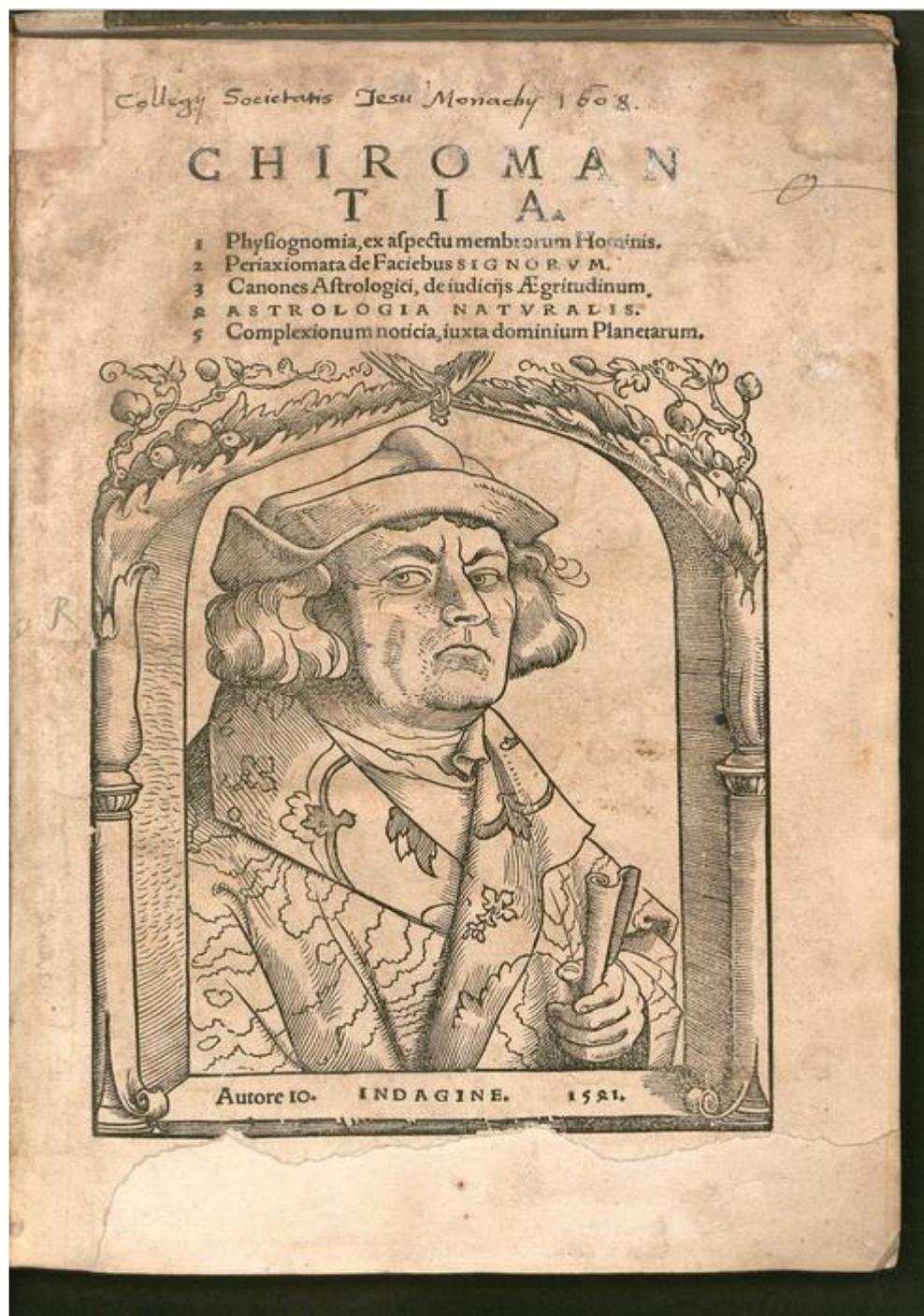
Biblioteca Nacional de España

Wolfgang Hopyl(impressor). Data de publicaoa: Fecha de pub.:1489. Descripción física [14] h. : il.; 4°. Fólío 2

Fonte: Biblioteca Digital Hispánica. <sup>168</sup>

<sup>168</sup> Disponível em: <<http://bdh-rd.bne.es/viewer.vm?id=0000176970&page=1>>. Acesso em 26 de abril de 2021.

Capa do Tratado de *Chiromancia* de Johannes Indagine. A Assinatura no livro mostra que essa obra estava em posse da Companhia de Jesus, 1608



Publicado por 1591. Localização da obra original Biblioteca Nacional da Baviera. Digitalizado em 3 de julho de 2014. Fonte: Google Books<sup>169</sup>.

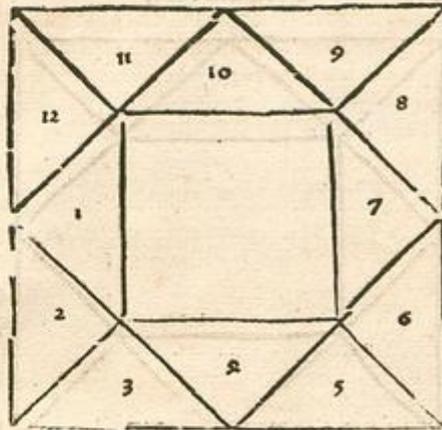
<sup>169</sup> Disponível: <[https://books.google.fi/books?id=BMqAo7YIWTUC&printsec=frontcover&redir\\_esc=y#v=onepage&q&f=false](https://books.google.fi/books?id=BMqAo7YIWTUC&printsec=frontcover&redir_esc=y#v=onepage&q&f=false)> Acesso em 1 de maio de 2021.

Quiromancia (leitura das mãos). Cada linha da palma da mão representa um aspecto de nossas vidas.



Fonte: IBID

- A. A linha da mesa, ou da fortuna
- B. A linha da vida, ou do coração
- C. A linha do pulso da mulher
- D. O Pomel da mão
- E. A linha média natural
- F. A linha do fígado, ou do estômago



Horum interpretatio hæc est.

Prima domus, est domus uitæ, hebraice dicta Bethchai. græce  $\tau\delta\beta\iota\theta$ .

Secunda succedens, facultatum, uel substantiæ. græce  $\alpha\nu\alpha\phi\theta\rho\alpha$ , ab alijs dicta ob loci importunitatem, porta inferni.

Tertia cadens,  $\beta\eta\alpha$ , mansio fratrum.

Quarta profundum cæli, angulus terræ, domus parentum.

Quinta succedens, Gaudium Veneris, græce  $\alpha\gamma\alpha\lambda\alpha$ , domus filiorum.

Sexta cadens, aduersæ fortunæ, fortunæ seruorum, infirmitatis, Gaudium Martis.

Septima respondens ex diametro primo  $\kappa\lambda\iota\sigma\iota\varsigma$ , nuptiarum, inimicorum apertorum.

Octaua succedens, mortis.

Nona cadens  $\beta\epsilon\theta$ , religionis, uel itinerum magnorum, Gaudium Solis.

Decima medium cæli, regnorum, siue magisterij.

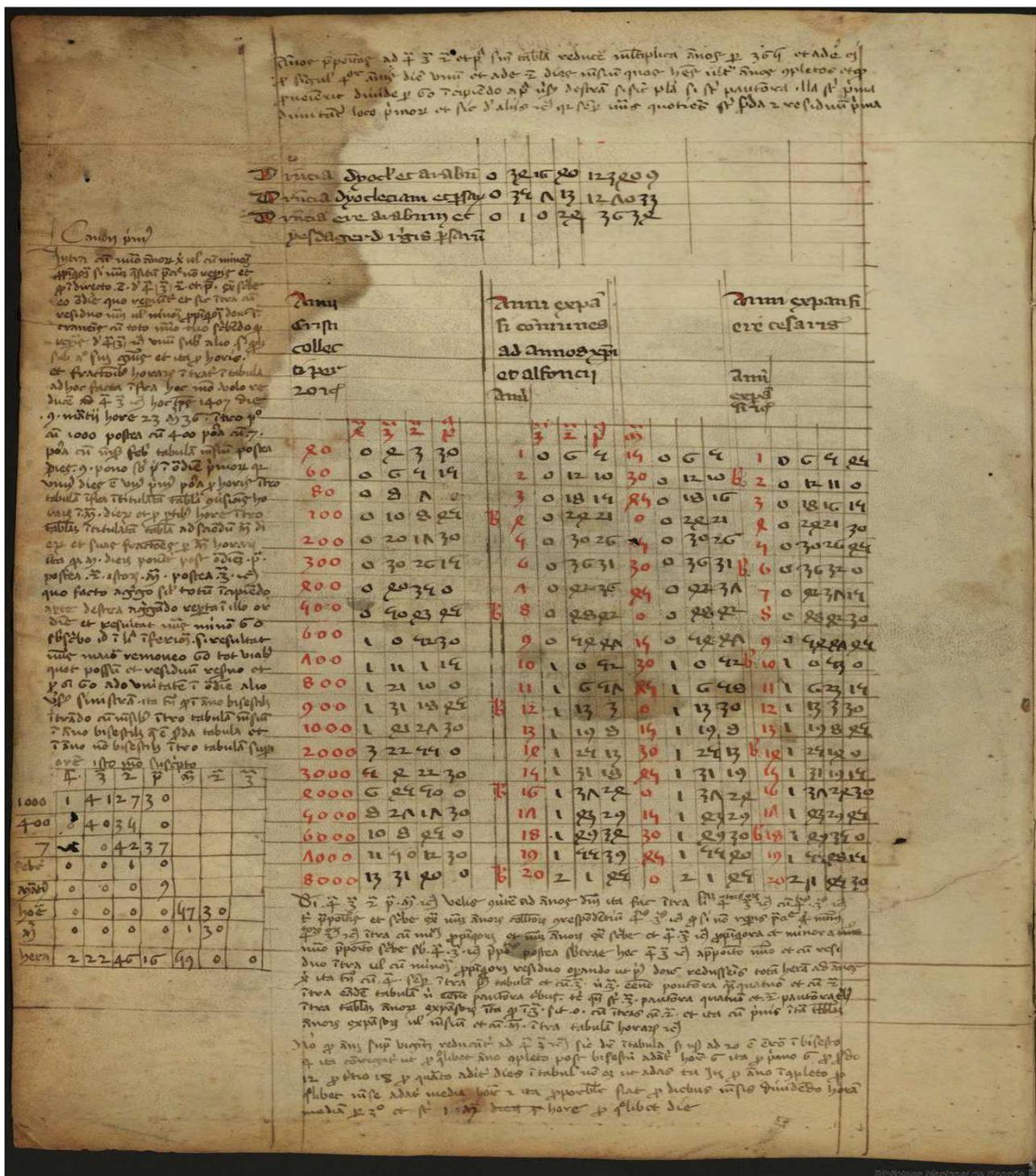
Vndecima succedens, fortunæ maioris. Gaudium Iouis.

Duodecima carceris, Gaudium Saturni, græce  $\kappa\alpha\kappa\omicron\delta\alpha\iota\mu\omicron\rho\iota$ .

¶ Sequitur de Cardinibus cæli.

**E**X his duodecim quædam Cardines cæli uocantur. Prima, Decima, Septima, & Quarta. Primus angulus orientis, ea est domus Arietis, natalitij horoscopus. Secundus medium cæli occupat, domus Capricorni. Tertius occubitus, uel angulus occidentis per diametrum,  $\alpha$ . Quartus, ab Firmico Imum cæli uocatur. In ijs ferè totum iudicium pendet, suntque principales anguli, & Planetæ maiorem in ijs quam in alijs efficiam habentia.

“O manuscrito é da Catedral de Toledo e agora se encontra na Biblioteca Nacional da Espanha. Ele foi propriedade do cardeal Francisco Javier de Zelada, na Itália, e foi trazido para a Espanha pelo cardeal Lorenzana no final do século XVIII”<sup>170</sup>.



Alfonso X, Rey de Castilla. Tabule Alfonsi (h. 1-22 v). Tabule magistri Johannis de Lineriis (h. 23-48 v). Data da publicação: por volta de 1400 a 1483. 48 folhas, pergaminho. 35 x 25 cm. Fólio 2.

Fonte: Biblioteca Digital Hispánica (BNE).

<sup>170</sup> Informações retiradas da Biblioteca Digital Mundial. Disponível em: <<https://www.wdl.org/pt/item/7326/>>. Acesso em 17 de dezembro de 2021.

## Almanach perpetuum

**Zabula perimotna saturni cuius radice 1473**

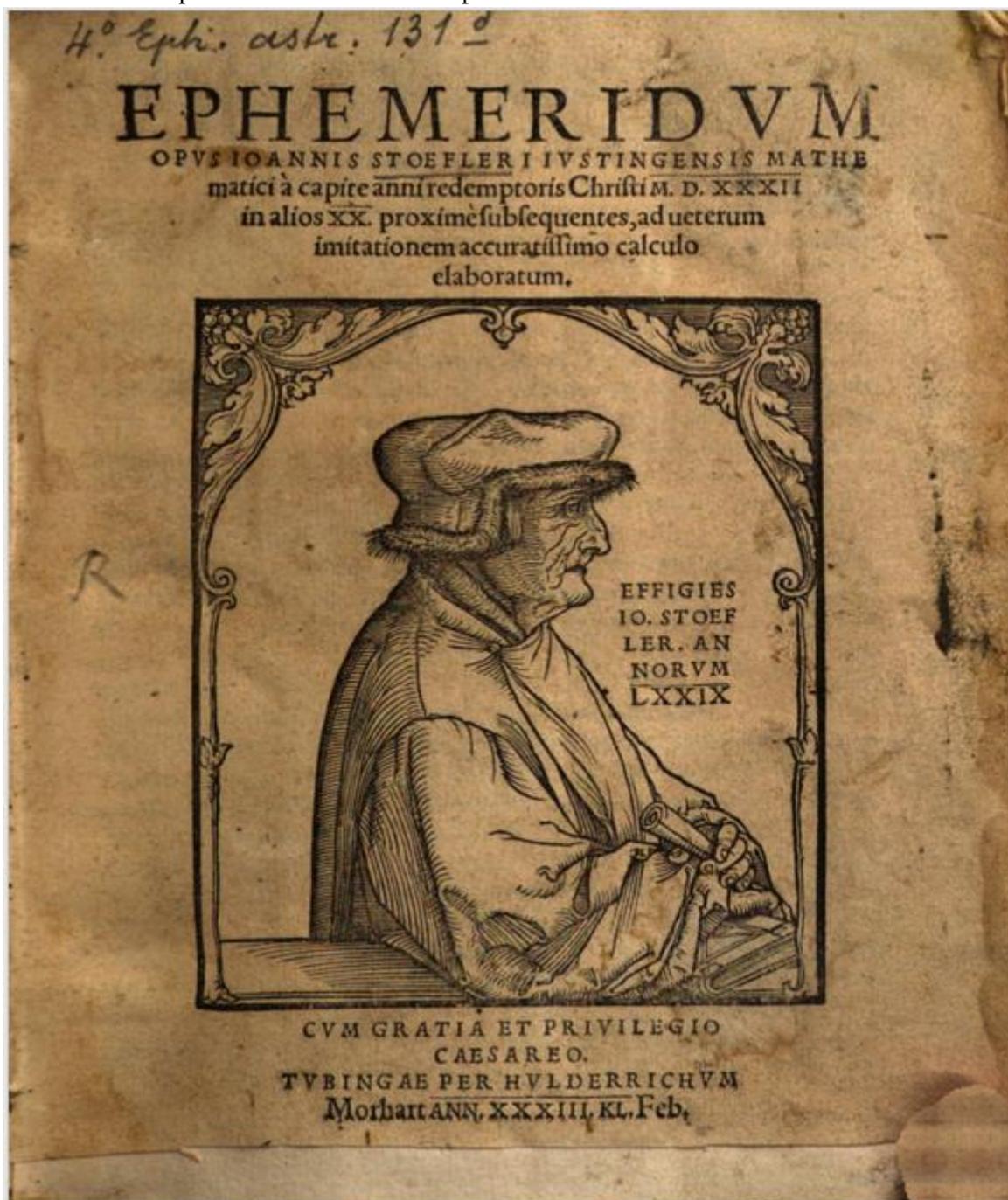
mensis	dieb									
	31	32	33	34	35	36	37	38	39	40
	gemi	câcer	câcer	leo	leo	virgo	virgo	libra	libra	scor
mar	10 28 37	12 26	26 27	10 30	24 32	8 24	22 8	5 40	19 38	1 8
	20 29 2	12 35	26 19	10 7	23 57	7 41	21 21	4 47	17 50	0 28
	31 29 43	13 1	26 26	9 58	23 32	7 3	20 33	3 52	16 58	29 40
apr	10 05 27	13 34	26 45	10 0	23 19	6 37	19 58	3 5	16 10	28 52
	20 1 22	14 10	27 17	10 15	23 17	6 21	19 26	2 30	15 25	29 2
	30 2 23	15 7	27 53	10 40	23 27	6 17	19 9	2 0	14 46	27 18
mai	10 3 31	16 6	28 41	11 14	23 46	6 23	19 0	1 39	14 11	26 30
	20 4 43	17 12	29 37	11 57	24 17	6 39	19 3	1 25	13 46	26 1
	31 6 6	18 30	07 47	12 56	25 1	7 10	19 18	1 26	13 32	25 35
jun	10 7 25	19 42	1 56	13 55	25 50	7 47	19 42	1 37	13 29	25 20
	20 8 47	21 0	3 9	15 2	26 47	8 33	20 16	1 57	13 36	25 15
	30 10 11	22 23	4 26	16 12	27 50	9 20	21 0	2 28	13 53	25 23
jul	10 11 32	23 45	5 44	17 26	29 0	10 29	21 52	3 7	14 21	25 39
	20 12 43	25 6	7 5	18 44	07 10	11 34	22 49	3 53	14 58	26 4
	31 14 9	26 30	8 34	20 10	1 31	12 51	23 58	4 55	15 50	26 44
ago	10 15 19	27 43	9 50	21 29	2 49	14 4	25 7	5 57	16 43	27 28
	20 16 21	28 53	11 3	22 45	4 8	15 20	26 17	7 3	17 41	28 20
	31 17 23	02 6	12 22	24 7	5 33	16 45	27 38	8 18	18 52	29 24
set	10 18 10	1 3	13 26	25 17	6 47	18 2	28 54	9 30	19 58	07 27
	20 18 49	1 54	14 25	26 23	7 57	19 14	02 10	10 44	21 8	1 32
	30 19 19	2 34	15 17	27 26	9 4	20 24	1 23	11 59	22 22	2 41
oct	10 19 36	3 5	16 0	28 20	10 7	21 33	2 34	13 13	23 36	3 54
	20 19 45	3 28	16 34	29 7	11 22	22 35	3 40	14 23	24 48	5 7
	31 19 39	3 40	17 0	29 47	11 56	23 37	4 50	15 36	26 6	6 27
nov	10 19 23	3 37	17 12	02 13	12 35	24 26	5 48	16 40	27 12	7 39
	20 18 54	3 24	17 10	0 31	13 4	25 6	6 39	17 39	28 15	8 45
	30 18 17	3 0	17 3	0 35	13 24	25 38	7 22	18 30	29 14	9 47
dec	10 17 35	2 25	16 41	0 28	13 33	25 59	7 55	19 15	07 7	10 47
	20 16 47	1 46	16 10	0 11	13 31	26 9	8 18	19 49	0 53	11 39
	31 15 49	0 54	15 27	29 40	13 15	26 9	8 32	20 17	1 33	12 28
ian	10 15 0	0 4	14 42	29 4	12 51	25 57	8 33	20 32	2 0	13 5
	20 14 13	29 11	13 52	28 21	12 14	25 35	8 24	20 36	2 15	13 31
	31 13 29	28 19	12 59	27 28	11 32	25 0	8 3	20 29	2 20	13 49
feb	10 12 57	27 38	12 10	26 37	10 45	24 20	7 34	20 12	2 17	13 57
	20 12 35	27 4	11 27	25 48	9 55	23 37	6 57	19 45	2 2	13 54
	28 12 27	26 46	11 0	25 11	9 15	23 0	6 25	19 17	1 43	13 43

ZACUTO, Abraão, ca 1450-ca 1532

Almanach perpetuum / [trad. lat.] José Vizinho. - Leiria : Abraão d'Ortas, 25 Fevereiro 1496. - [168] f. ; 4° (22 cm) . Fólio 74

Fonte: Biblioteca Nacional de Portugal. BND<sup>171</sup><sup>171</sup>Disponível em: <<https://purl.pt/22001>>. Acesso em 30 de novembro de 2021.

Capa do livro das Efemérides para os anos de 1532 a 1551 de Johannes Stöfler

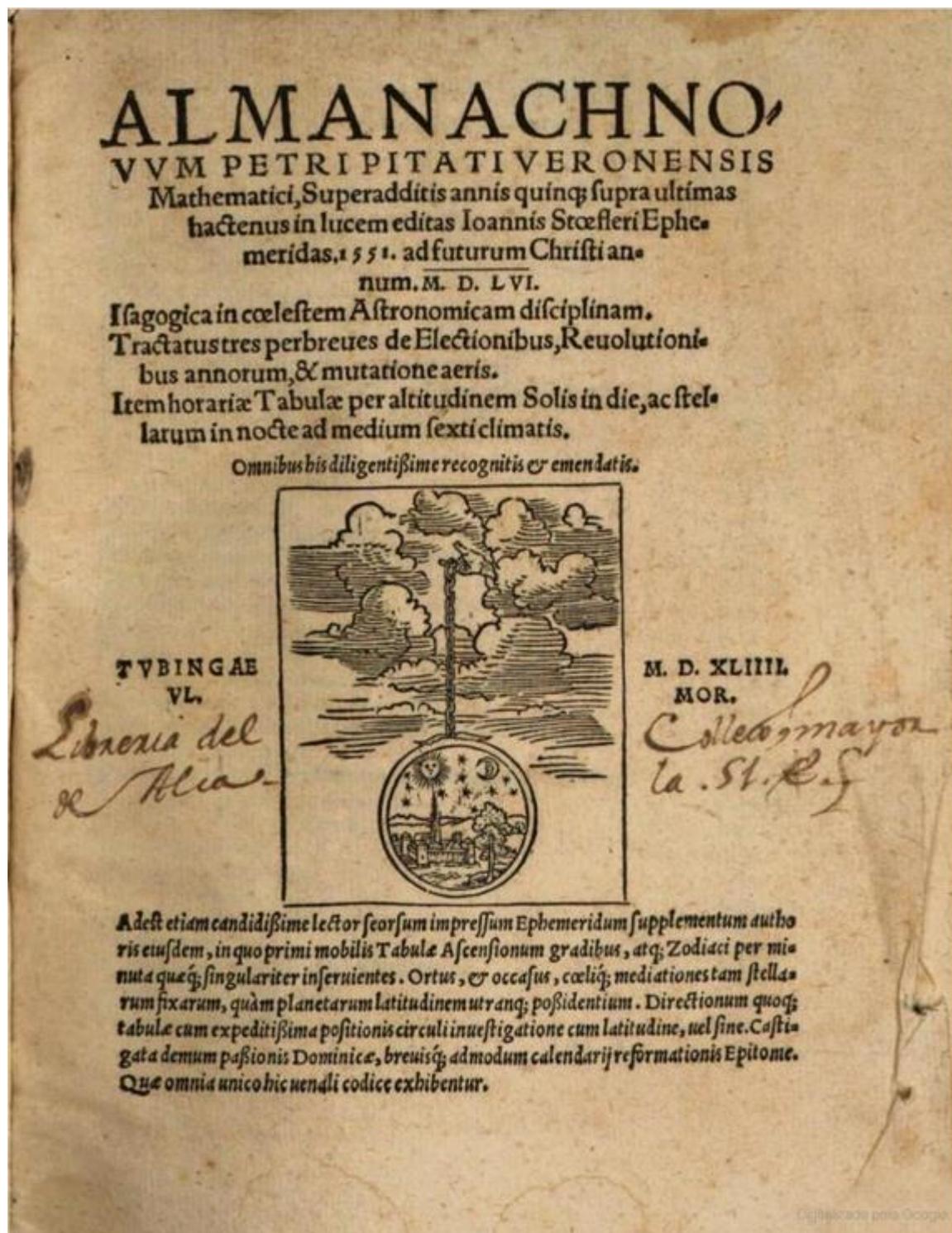


Publicado em 1533, material original da Biblioteca Estadual da Baviera. Digitalizado em 4 set. 2012  
 Fonte: Google Books. <sup>172</sup>

<sup>172</sup> Disponível em: <encurtador.com.br/nBCX8>. Acesso em 17 de dezembro de 2021.



Almanach nouum Petri Pitati ... superadditis annis quinq[ue] supra ultimas hactenus in lucem editas Ioannis Stoeffleri ephemeridas, 1551, ad futurum christi annum MDLVI: isagogica in coelestem astronomicam disciplinam, Tractatus tres perbreues de electionibus, reuolutionibus annorum...



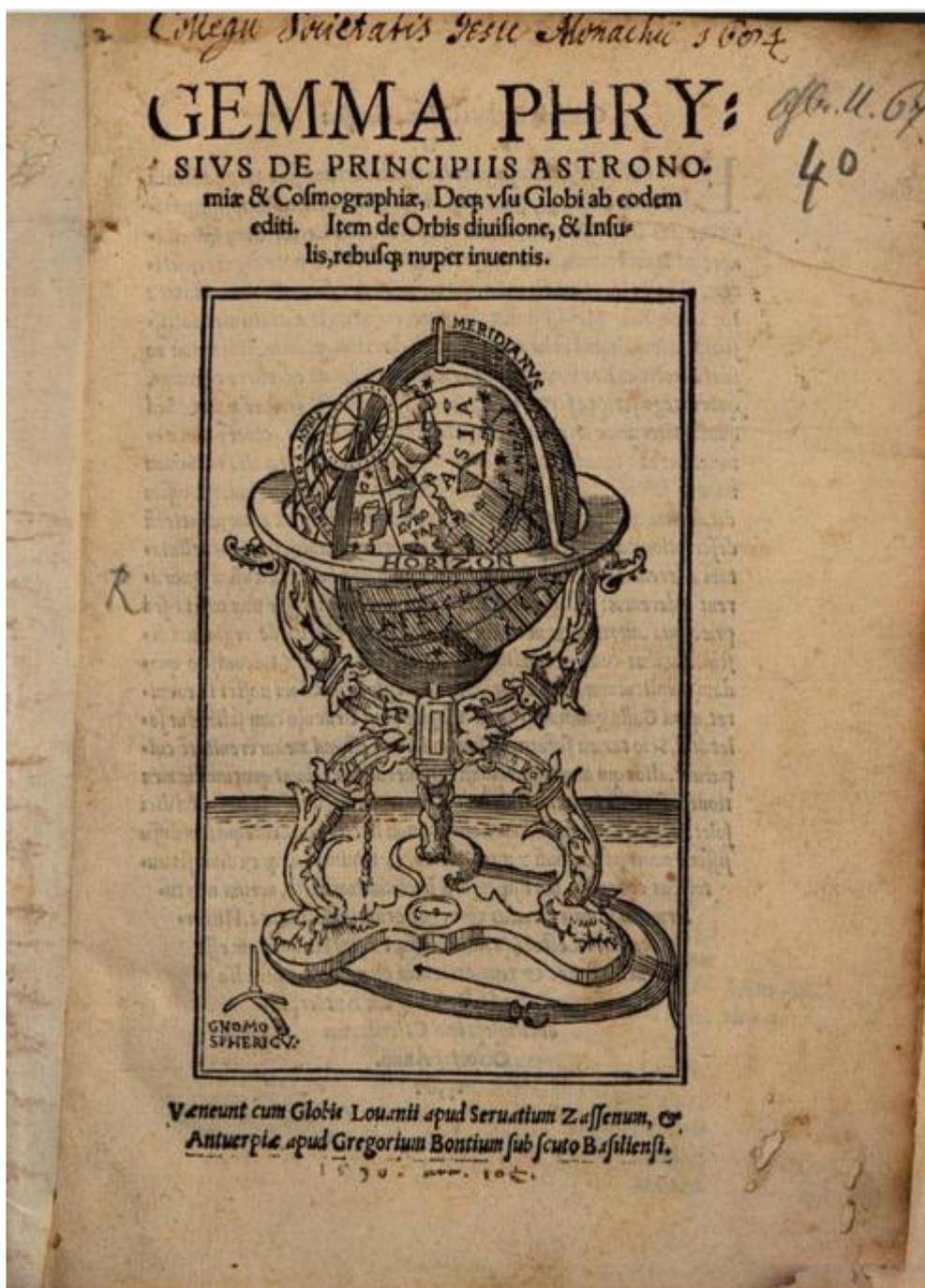
Editora Ul. Mo. [Ulricum Morhardum], 1544

Original de A Universidade Complutense de Madri. Digitalizado em 19 out. 2009. Num. págs. 156 páginas<sup>173</sup>

<sup>173</sup>Disponível em < [https://books.google.fi/books?id=OhJeehpU2pQC&hl=pt-BR&source=gbs\\_navlinks\\_s](https://books.google.fi/books?id=OhJeehpU2pQC&hl=pt-BR&source=gbs_navlinks_s)>. Acesso em 2 de junho de 2021.

*De principiis astronomiae et cosmographiae*

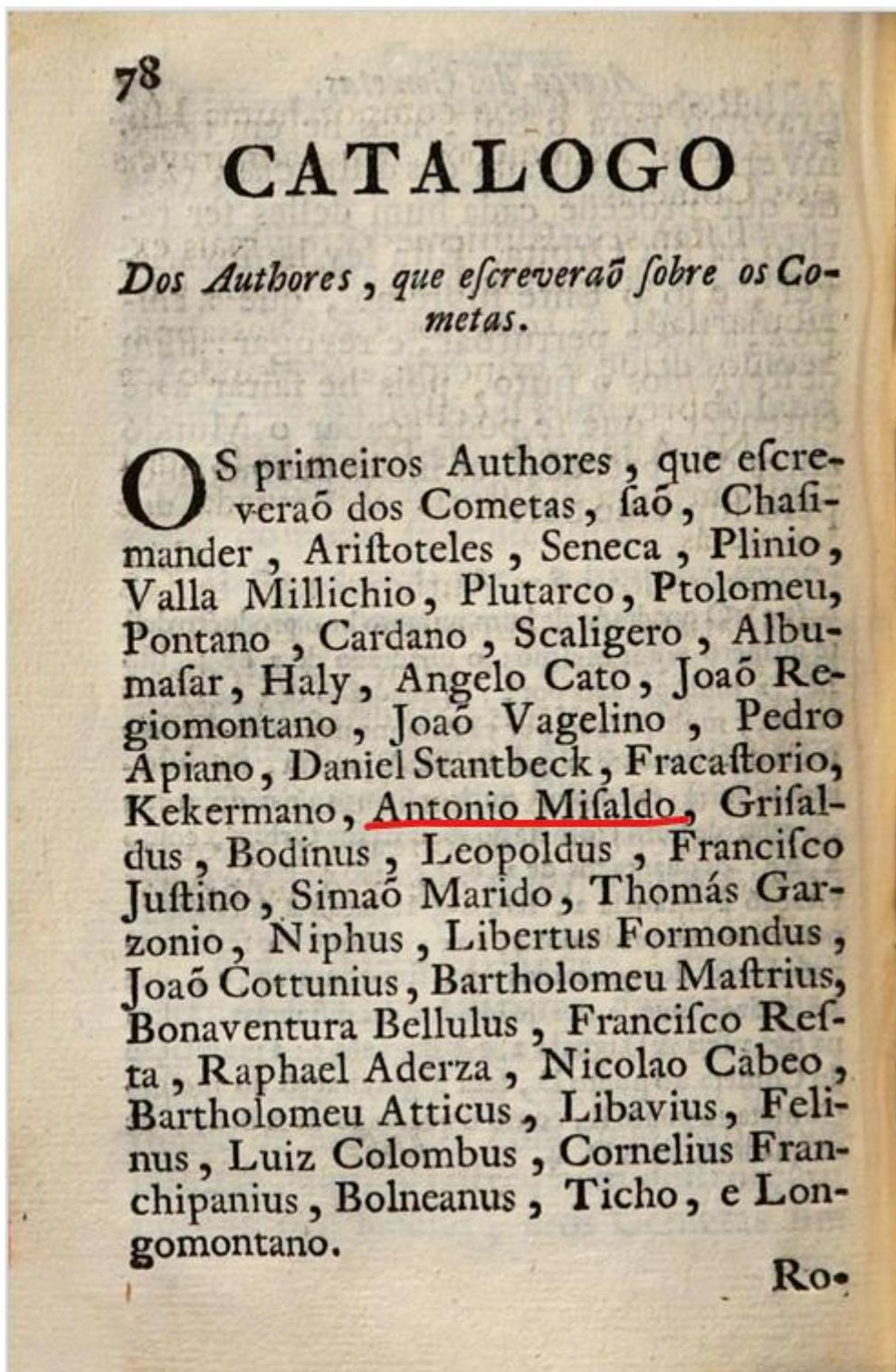
Autor: Rainer Gemma Frisius



Publicado em 1530. Original da Biblioteca Estadual da Baviera. Digitalizado em 24 de maio de 2021.<sup>174</sup>

<sup>174</sup> Disponível em: <[https://books.google.fi/books?id=d19RAAAAcAAJ&hl=pt-BR&source=gbs\\_navlinks\\_s](https://books.google.fi/books?id=d19RAAAAcAAJ&hl=pt-BR&source=gbs_navlinks_s)> Acesso em 25 de abril de 2021.

Conjecturas de varios filosofos a'cerca dos cometas, expostas, e impugnadas  
 Autor: Miguel Tiberio Pedegache



Editora na Officina Patriarcal de Francisco Luiz Ameno, 1757. Original da Biblioteca Britânica. Digitalizado em 5 out. 2015. Num. págs.93 páginas<sup>175</sup>

<sup>175</sup> Disponível em: <[https://books.google.fi/books?id=RZdkAAAacAAJ&dq=Antonio+Misaldo&hl=pt-BR&source=gbs\\_navlinks\\_s](https://books.google.fi/books?id=RZdkAAAacAAJ&dq=Antonio+Misaldo&hl=pt-BR&source=gbs_navlinks_s)>. Acesso em 30 de novembro de 2021.

Efemérides de Giuseppe Moletto, matemático, para 18 anos (1563-1580), calculadas pelo meridiano de Veneza, uma espécie de almanaque ou relatório dos tempos italiano.

L'EFEMERIDI  
 DIM. GIOSEPPE  
 Moletto Matematico.

PER ANNI XVIII.

Lequali cominciano dall' anno corrente di CRISTO Saluatore, 1563. & si terminano alla fine dell'anno 1580. Con ogni diligenza, al Meridiano della Magnifica & Felice CITTA' di VENEZIA calculate.

*Aggiuntoui i Canoni, ò Introduttioni chiarissimamente scritte in lingua Italiana, & diuise in sei libri: ne' quali, oltre il modo di oprare le dette Efemeridi, si trattano tutte le uere Regole della scienza Astrologica, con molte cose non mai trattate nell' altre Efemeridi; come nella tauola seguente si potrà uedere.*

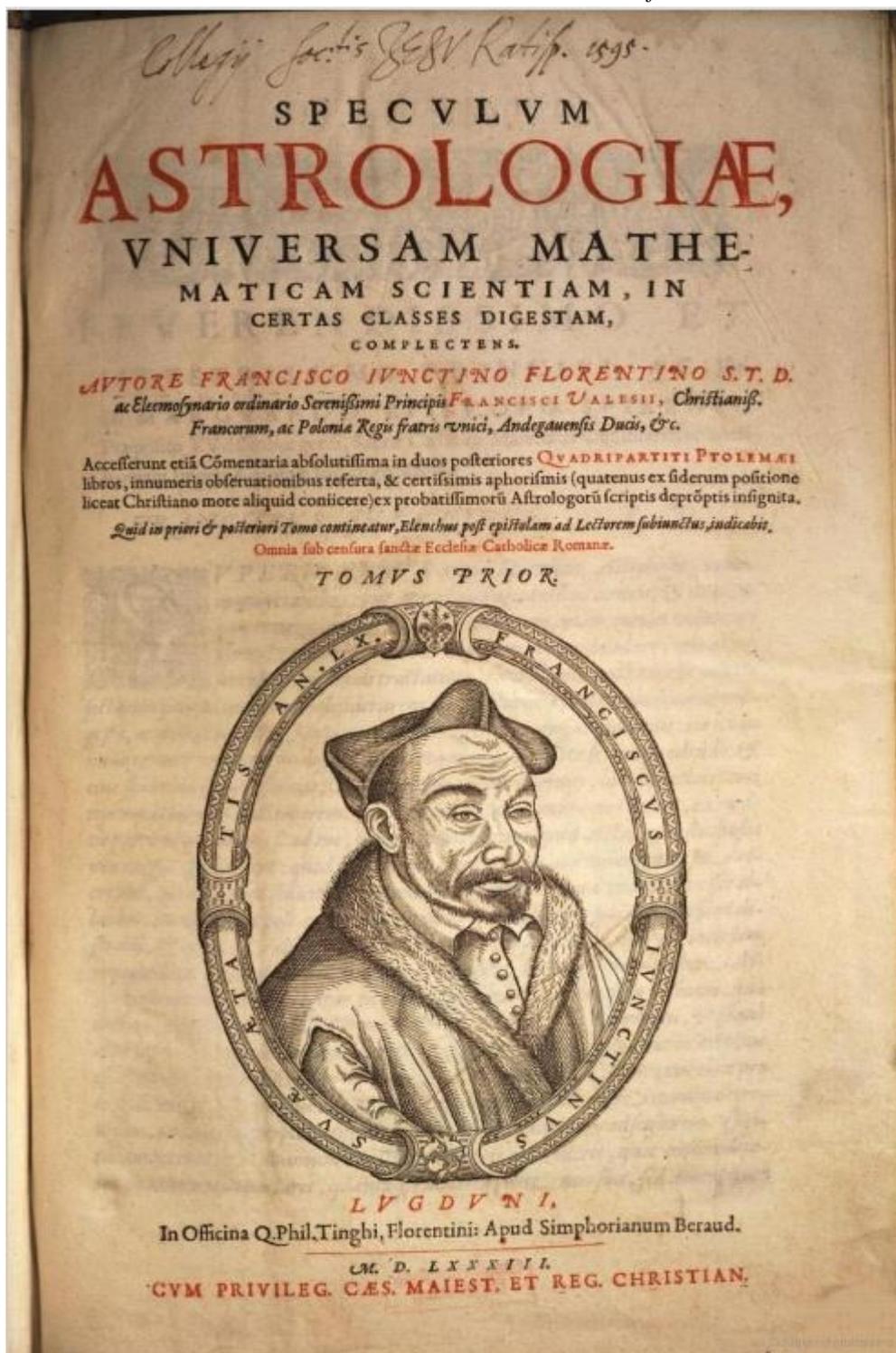
CON PRIVILEGIO.



IN VENETIA,

*Appresso Vincenzo Valgrifio. M. D. LXIII.*

*Speculum astrologiae: universam mathematicam scientiam, in certas classes digestam, complectens.*  
*Autore Francesco Giuntini iunctino florentino*



Publicado por Beraud, 1583. Localização da obra: original Biblioteca Nacional da Baviera (Staatliche Bibliothek Regensburg). Digitalizado em 11 de outubro de 2013

Fonte: Google Books<sup>176</sup>

<sup>176</sup> Disponível em: <[https://books.google.fi/books?id=HD1ZAAAacAAJ&hl=fi&source=gbs\\_navlinks\\_s](https://books.google.fi/books?id=HD1ZAAAacAAJ&hl=fi&source=gbs_navlinks_s)>. Acesso em 17 de dezembro de 2021

Júpiter e Saturno. Prognóstico de Johann Lichtenberger, Quentel, 1526. Um homem decrépito, um homem barbado, um homem coxo. A mão se sustenta com um bordão, a mão esquerda tendo uma foice na mão direita acima do homem, e o boi com seu chifre direito como se para puxá-lo para baixo.

O signo de escorpião está no meio com Saturno



Original de a Biblioteca Estadual da Baviera. Digitalizado 1 jul. 2014 Num. págs. 118 páginas

Fonte: Google Books<sup>177</sup>

<sup>177</sup>Disponível em: < <https://bitly.com/k7Ilj0>>. Acesso em 17 de dezembro de 2021.